Let. 1909

Jul. 1910

1093
26-Setembro-1909

Xaropes

Uma das paginas mais brilhantes da guerra franco-prussiana é, sem duvida, a batalha que foi travada entre as quatro aldeias de Gravelotte, Rezoville, Saint Privat e Jaumont.

Essa guerra de 1870, em que se travaram a França e a Allemanha, assombrou o mundo

De um lado a tenacidade, o saber profundo do prussiano, o furor sanguinario do batavo e do hessonee; de um lado Otto Bismarck, Moltke, Werder, Federico Guilherme, soldados educados na escola de Wallenstein e Frederico, que combateram nos ducados do Elba e em Sadowa; do outro—a impetuosidade do parizense, a teimosia do normando, o heroismo do bretão, Wimpfeu, Mac-Mahon, o vulto gigantes-de Chanzy, os zuavos pontificios, os negros do Sudan, os atiradores de Mostaganem, os veteranos do Mexico, de Magenta, de Sebastopol, e Tien Tsin, os francos atiradores, os garibaldinos Menotti e Richetti, a infantaria de marinha, a guarda-movel; o vulto quasi apagado da Convenção, Mareugo e Desaix as Pyramides e Klebér, os couraceiros de Hugoumont e Kellermann, os lanceiros do Vistula e Poniatowski, os caçadores de Wagran e Lassalle, todas as jornadas gloriosas da Revolução e do Imperio, os Quatro-braços, Waterloo, Ney, a velha guarda e Napoleão; e mais—os principios da democracia espalhados, a America libertada, o Egypto explorado a Italia unida e a Argelia conquistada para a civilisação e para o progresso: lucta de gigantes, choque de duas raças fortes, sabias e valentes—godos e romanos, tedescos e gaulezes, teutões e latinos!

—

Era em Saint Privat. Luctavam nas ruas. Batiam se nas casas. Matavam se no cemiterio.

Rompêra ha muito a manhã.

O sol ia alto já, semelhando um olho immenso a espreitar, por traz do nevoeiro do inverno, porque razão os homens se matavam.

Um tom de luz sepulcral manchava aqui e ali a neve, de espaço a espaço suja de sangue. Ao longe ouvia se o tropear dos uhlanos, a vozeria dos bavaros, carregando á bayonetas, os gritos roucos dos negros do Sudan, combatendo de faca em punho no horror dos recontros parciaes, ao pé das sebes, junto dos muros das herdades.

No silencio do campo, lá para onde o combate não chegára, uivavam cães nos pateos dos casaés, lugubremente.

Na estrada de Jaumont, os caçadores da Baviera tomavam porta e porta, janella e janella as granjas, que os camponezes abandonaram e os zuavos occupavam, massacrando-os sem dó nem piedade.

O exercito francez retirava: curvava se ante a disciplina ferrea do tedesco a coragem ardente do gaulez.

Na sala terrea de uma herdade, á margem da estrada, cinco zuavos e um official defendiam-se valentemente, como outr'ora os seus avós defenderam se dos hannoverianos na granja dos Quatro braços, durante a sanguinolenta batalha de Waterloo

Pelos vidros partidos das janellas faziam um fogo terrivel e certeiro, calmos, costumeiros como eram a defender os fortes dos oazis sahrianos dos ataques de Kabylas e Beduinos.

Descendiam dos "Voluntarios da Carta», de 1830, haviam carregado a bayoneta em Solferino e em Le Sickak, e, sob as ordens do heroico Bosquet, haviam salvo os inglezes em Balaklava.

—Meu tenente, rugiu um veterano da tomada de Constantina, ha duas horas que estamos aqui encurralados, como o urso dos Pyrens na sua tóca em dias de monteria, e não nos apparece um meio de salvação Ao longe sôam os clarins tocando a retirada. Meu tenente vamos morrer lóra ao ar livre Isto aqui abafa, com todos os diabos!

E o soldado riu, engatilhando a carabina.

Na porta resoaram fortemente as coronhadas dos assaltantes: pelos caixilhos das janellas viu se brilhar os pontaes dos capacetes,

Os zuavos correram ás janellas e descarregaram as armas.

O tiroteio de lado a lado recrudesceu.

Voaram hastilhas de madeira, rugiram homens enfurecidos e ricochetaram balas de encontro as paredes.

Tres zuavos cahiram de costas.

Estrugiu, cerrada, nova descarga: os dous homens tombaram; o official encostou-se á parede, ferido na perna.

A porta voou espedaçada a couce de fusil: ruiram os moveis, que a barricavam, a ponta de bayonêta: e, pela brecha, tostados, barbudos, selvagens, os bavaros surgiram, desgrenhados e ferozes, de sabre em punho.

O tenente escorando-se a parede riu, careteando-lhe a face um esgar de sarcasmo, e grunhiu encostando ao ouvido o cano do revolver:

—Os bavaros jamais contarão que aprisionaram um official de zuavos, junto aos corpos dos seus soldados!

Puxou o gatilho Os bavaros correram ao troar da detonação. O tenente estorciase no lagedo, ensanguentado.

Os inimigos cercaram-no.

Um capitão deu-lhe com o pé, brutalmente:

—Está morto!

Riram alvarmente os soldados. De subito, perfilaram-se, levando as mãos em continencia as palas dos capacetes brunidos.

Longe, lá pr'acs lados de St. Privat echoava pelos comoros o rythno pausado do hymno allemão: e ouvia-se o clarim francez, quando o som amortecia, tocando lugubremente a retirada.

JOÃO DO NORTE

1095
29-Setembro-1909

Lerias e Pilherias

—Você já viu, transcriptas, as golfadas *da chaleira*?

—Vi sim: na «Pulga» da Pavuna, no «Bezourinho» desta capital, no "Pat-chú h" da Coréa, no «Samangolè», de Ceylão e aténo «Ichnooskoekakik», da Siberia!

—Pois eu, não. Tenho todos os jornaes de Pernambuco, h quasi todos os do Rio Grande do Sul e nada vi.

—E' verdade, os jornaes de certo vulto não querem se sujar de sangue: *a chaleira* vive a matar huguenotes!

—

Hontem no cinema (não sei se no di Maio, se no de Julio, se no de Mês-i-ann.) ao apparecer um diabo barbudo, saltando, de fraque, todos gritaram:

—Oi! aquelle é o fraque do Arrudão!

—

Um sujeito, hontem, deu um tapa noutro, em plena rua. Rosnaram os circumstantes: Que Fausto!

Juca.

Club 'Netos de Iracema'

Convido, de ordem do exmo sr. Presidente, todos os membros dessa novel sociedade, para a *soirée* dançante, que será realizada á rua... Tará rá chim... bum! bum! n. 000000.

Peço que compareçam.

G. B. E. A. E. P.

Secretario.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
BIBLIOTECA
Patrimônio 63.801
Origem D
Nº Registro 291/2005
GB
AUTORIA
RECORTES
2

Pergunta innocente

Seu Targino, vossê ainda vende bicho?

Se vende não me negue.

Cinema Rio Branco

Hontem foram muito concorridas as sessões deste cinema agradando bastante o novo programma exhibido.

Amanhã será levada a emocionante fita «Le roi s'amuse» tirada do drama de Hugo, que deu origem á opera celebre—O Rigoletto.

Para ella chamamos a attenção do publico.

Só o «Cinema Rio Branco» possue essa fita, portanto é de esperar grande concorrencia.

A projecção será acompanhada por partes da opera, executadas pela orchestra, effeitos scenicos e trechos de Caruso, reproduzidos pelo phonographo

Em o nosso ultimo numero, por erro de revisão, sahiu a noticia referente ao Cinema Rio Branco, com o titulo—Cinema Cearense.

Da involuntaria falta que nos desculpem.

Xaropes

O numero de tolices, que o Casusa, o filho mais bêsta da orgulhosa Aracaty,—a terra dos appellidos, soltou nos dias de sua vida, é «incrivel de se acreditar».

Estas ultimas expressões são da lavra do Segunda-feira Bonifacio.

E' preciso notar que esta é a sua nova assignatura literaria: o pobre rapaz já está cançado de não passar de Domingo.

O Casusa ora mettia-se a musico ora a literato, ora a *conteur*, ora a sonetista. Quando o Pitú foi juiz lá no Aracaty, todo sonet› que publicava, diziam as más linguas:

—Aquillo, meu Deus! Aquillo é do Casusa.

Uma vez o Casusa veio ao Ceará e o seu desembarque coincidiu com uma conferencia que o Jovenço *Manifestação* fez na Phenix; logo os aractayenses, que estavam aqui, no Forte, rosnaram:

—O Casusa fez hontem uma conferencia.

No Aracaty o Casusa fazia parte do «Gremio Estrella de Prata», sociedade dramatica de grandes esperanças, que representava num theatrinho, feito de taboas de pinho, nos fundos do coronel Silveira.

Nunca o presidente do Gremio» teve coragem de entregar o desempenho dum papel ao nosso Casusa, apezar dos reiterados pedidos delle. Mas um dia tanto o Casusa pediu que o pobre homem lhe entregou o papel de soldado em um drama de fancaria.

Numa occasião em que o galã praticava um assassinato, devia entrar o soldado, pôr-lhe a mão no hombro e bradar:—Esteja preso em nome da lei!

Como se vê, era facillimo.

Dous mezes o Casusa levou ensaiando no theatrinho todas as noites até o dia da representação.

No dia o theatro ficou apinhado: vieram os negociantes mais ricos, o delegado, o juiz, o promotor, o supplente federal, o collector, o intendente, as melhores familias, etc.

Desenrolaram-se as scenas; subiu e desceu o panno umas poucas de vezes entre palmas e bravos.

Emfim chegou o terceiro acto: o galã apunhalou um bandido qualquer, o bandido cahiu duro como um prego e o Casusa entrou em scena, vermelho, offegando, suado, o kepi descahido sobre a orelha, a mão no punho do sabre, tombando para um e outro lado.

Antes de começar a scena bebera meia garrafa de cumbe pura, para ter coragem, dissera.

Entrou o Casusa e dirigiu ao galã que esvurmava sanhudo, punhal em punho, arrancando o sabre da bainha e pegando-o pelo gasnete:

Esteje preso, *seu* patife, *seu* filho desta! E toque já *prü* xadrez, senão *baixo*-lhe o *fulandel*..

JOÃO DO NORTE

1096
1º-Outubro-1909

"O Filhote"

Domingo circulará essa novel espirituosa revista fluminense, nascida sob os auspicios da «Careta» e redigida por D. Quixote.

O seu primeiro numero, que temos á vista, traz variado texto, constante de espirituosas pilherias e anecdotas, e de engraçadas caricaturas devidas ao lapis dum habil artista, que se occulta sob o modesto pseudonymo de Hirondelle.

Pergunta innocente

Seu Targino, porque vossê não morre?

Suicide-se, homem.

Cinema Rio Branco

Com enchentes a cunho realizou hontem duas sessões.

O programma constou de três fitas:

«Le roi s'amuse», cujo reclame já está feito e que ainda attrahirá ao cinema grande numero de frequentadôres; «Malicias de Mulher», comica a valer; e «Cliente da Provincia», comica de fazer rir ás bandeiras despregadas.

As duas ultimas fitas comicas foram das melhores que temos visto.

Domingo, ás 8 horas, haverá novo programma, que podemos assegurar, não será inferior aos exhibidos até hoje.

Brevemente «A mão negra» ou os mysterios descobertos pelo policia nº XX, emocionante fita que levará grande numero de amadores ao sympathico cinema RIO BRANCO.

Cinema J. Pinto

Hontem tivemos o prazer de assistir a duas sessões deste apreciada cinema.

O programma exhibido, constando de fitas hontem mesmo desembarcadas do «Pará», não podia ser melhor. Foi o seguinte:

«Regata de botes automoveis», deliciosa fita tirada do natural; «Macacão no baile», comicissima; «O amor vence a vingança», magnifica e emocionante projecção dramatica, que muito recommendamos; «Barba Azul», bellissima «film» representando a conhecida lenda do matador de mulheres; «Exercicios dos bombeiros de de Paris», esplendida fita, nunca vista no Ceará, de bellissimo effeito; e a «Falsa Baronêsa», comica.

Hoje haverá duas sessões, ás 7 1/4 e 8 1/4. E' de esperar grande concorrencia.

Domingo haverá três sessões com novas fitas, ás 7, 8 e 9; e haverá, tambem, Mattinées, de 1 ás 5 da da tarde, 4 sessões.

Brevemente a deliciosa «film» «A Veltas»

Lerías e Pilherias

A chaleira nunca mais falcu nas transcripções das suas chronicas, em todos os jornaes do paiz, com referencias lisongeiras ?

—Nunca mais. Poz uma pedra em cima. Mais depressa se pega um mentiroso do que um côxo.

—

Consta que vae ser erigida uma estatua de miolo de pão mastigado á empafia do dr. Tomate-Tejo.

—

Dá-se um doce a quem responder á seguinte pergunta :

—Porque o dr. Tapona anda na rua tampado com um chapeu ?

—

—Com que o Arthur Cupim engordou no Rio ?

—Com o succo do bico da chaleira.

—

—Quantos combustores tem a illuminação publica da capital ?

—Pergunte ao homem do téjo.

Juca.

1097
4-Outubro-1909

Lerías e Pilherias

—Pra que *a chaleira* fez tantos encomios ao «Paiz».

—Ora ! p'ra vêr se a *chronica* vae transcripta.

—

O *Jaburá* anda atrapalhado com o negocio da casa...

Sua ex não esperava por esta.

—

Me cêda a intelligencia que o Bé a bêsta descobriu no Jovengo, o favado orador do Curú.

—

O Juca gosta de pilherias, mas não gosta de descompor Ainda não descompoz ninguem; somente disse que o TEJO estava gaz e que o TAPONA tinha tampa

E mais nada...

Juca.

Xaropes

Uma historia, que contei 4ª feira ultima, e cuja idéa me deu popular e conhecidissima anedocta, dessas que se passaram com todos e em toda parte, mereceu, pobre de mim ! o qualificativo de plagio do Zé Gallinha do Pimentel.

Ora, me cêda.

Si aproveitar uma anedocta do vulgo e della fazer uma chronica é plagiar, o primeiro plagiario, então, é o Figueiredo Pimentel.

Todos os espirituosos tramites por que elle faz passar o seu caipira elevado a barão são simples anedoctasde almanaque ou do conhecido Pafuncio Semicupio Pechincha.

Sendo necessario posso provar.

Arthur Azevedo, o grande Arthur Azevedo sempre vestiu e burilou as anedoctas populares, sem que isso lhe fizesse mal ; agora o que elle nunca fez foi traduzir biographias do Larousse, nem copiar as revistas francezas.

E se entrarmos em apreciações sobre plagios sae muita cousa

Até Camões imitou Virgilio.

O Minuete, de Gonçalves Crespo, nada mais é do que uma copia formal do bellissimo conto *La cafetiére*, de Gautier.

Olavo Bilac talvez tenha encontrado a idéa do seu afamado *Ouvir Estrellas* na *Nuit de Cleopâtre*, de Gautier, tambem.

E um moderno e grande poeta portuguez escreveu isto :

O vento bate na mansão do vicio,
Como um conviva que deseja entrar

quando Gautier escrevera no *Chevalier Double* :

Le vent bat les vitres comme un importun qui veut entrer.

Além, muito além eu poderia ir.

Accresce mais que nos pseudos contos do Figueiredo Pimentel não existe a anedocta que narrei : o Zé Gallinha disse mu ta asneira no palco, mas não disse aquella. Desafio que provem o contrario.

Chamei pseudos os contos do Pimentel, porque não posso admittir, nem ninguem, poderá que a historia do soldado e do seu embornal, do pequeno pollegar e muitas outras sejam da lavra desse tal dono de todas as anedoctas possiveis e imaginaveis, que se passarem nos palcos,—o Figueiredo Pimentel.

E, tambem, porque esse senhor fez em Jacarépaguá, o theatro Estrella de Ouro, eu não posso fazer, no Aracaty, o theatro Estrella de Prata, quando sempre esses theatrinhos têm nomes identicos quase : Lyra de Ouro, Lyra de Prata, Filhos de Thalma, Netos de Thalma, Bisnetos de Thalma ?

Ora bolas !

Agora vou rumar em outra direcção : copiarei (por hypothese) toda revista que me vier parar ás mãos,—só assim nunca plagiarei.

E quem, porém, os leitores certos duma cousa : o João do Norte aproveitará as anedoctas populares, mas lupes... nunca terá geito para copiar revistas e diccionarios e para falar de historia e de arte, sem dellas conhecer patavina ; pedirá licença ao grande proprietario dos au dacios theatraes—o senhor Figueiredo Pimentel, para contar alguma cousa, que se tenha passado num palco do «Cometa de Ouro» ou do«Cometa de Prata», mas nunca será tão máu que levante falsos testemunhos á Acropole da velha metropole hellena, onde o cinzel de Praxitèles cantou o hymno da Belleza e o martello de Ictinus elevou ao Olympo o cantico da Fórma e da Harmonia !

E provem que eu plagiei o homem do «Binoculo».

JOÃO DO NORTE

Previne-se

(REPRESALIA)

Que a primeira calumnia ejaculada pelos calumniadores de profissão da «Gazúa», responde-se publicando, tim-tim por tim-tim, as seguintes coisinhas:

As fresquidões do téjo nos banhos do açude do padre Pedro ; os mysterios do 3º plano do Passeio Publico ; atraz da Sé ; os 36$500 da Pharmacia ; as contas da barbearia ; as quenturas do dr. tapona em Manaus ; as fresquices dum caixeiro réles atraz do tabique historias decadetes, etc, etc.

E até, se duvidarem, vae gente melhor...

Bibiu.

Portanto, cuidado ! *Quem diz o que quer ouve o que não quer.*

1098
6-Outubro-1909

Pergunta innocente

Seu Targino, que é que vosse fazia deitado num banco da Sete de Setembro, lado oriental ?

Gustavo Doel-Soares — Dez. — Jan. — 1908-1909 — "O Tico-Tico"

O ANNEL MAGICO

O rei *Canuto* XXX era um bom soberano, amado por seus vassallos e respeitado por seus proprios inimigos. No seu castello entrava-se e sahia-se livremente; nunca se ouviu o ranger das correntes da ponte levadiça nem o álerta! - das sentinellas nos caminhos de ronda das muralhas.

Canuto tinha uma filha e um filho, que o faziam completamente feliz.

A princeza *Borboleta* tinha 19 annos, era bella como uma perola de Ormuz e pura como um diamante do Maisur.

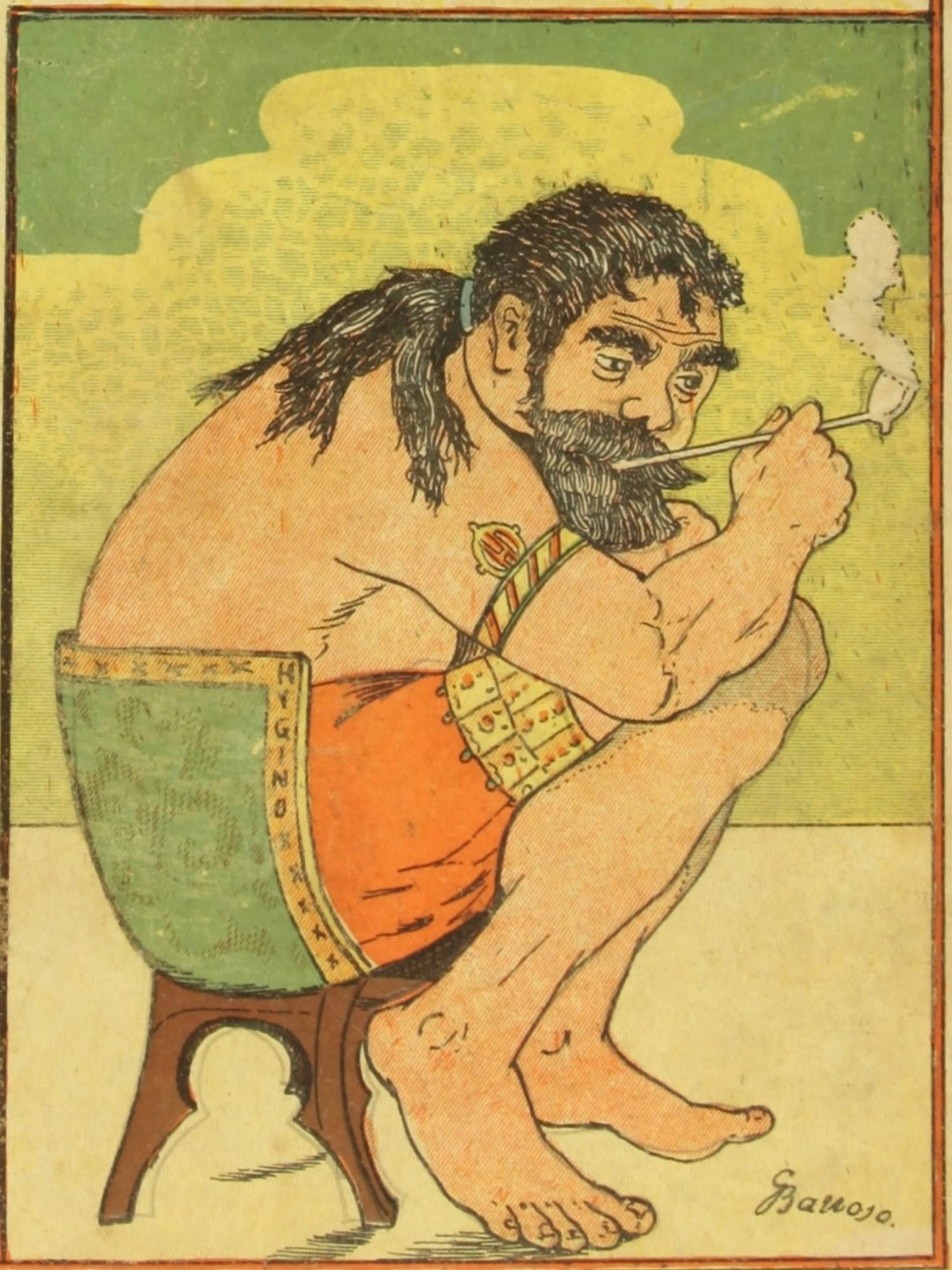
Oscar, o joven principe, era um anno mais moço do que sua irmã; os mosaicos do velho Alcaçar nunca haviam sido pisados por mais bello, bom e amavel principe. Não muito longe da capital do rei *Canuto*, num castello cercado por horrisonas tempestades, habitava um feroz gigante chamado *Hygino*, a quem um cabalistico annel conferia extraordinario poder.

Hygino apaixonou-se por *Borboleta* e, cioso de seu poder e riqueza, exigiu altivamente a entrega da infeliz donzella. *Canuto*, preferindo morrer a entregar sua filha a um monstro authropophago, repelliu a infame exigencia.

Furioso, o gigante convocou uma legião de espiritos maleficos, que lhe obedeciam e, á frente delles, apossou-se do castello, matou o rei e prendeu a donzella numa torre.

Oscar, depois de ter visto cahir ao seu lado o ultimo guarda de seu pai, fugiu para os mattos, louco de dôr.

(*Continúa*).



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 182 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis)

O ANNEL MAGICO

II — *(Continuação)*

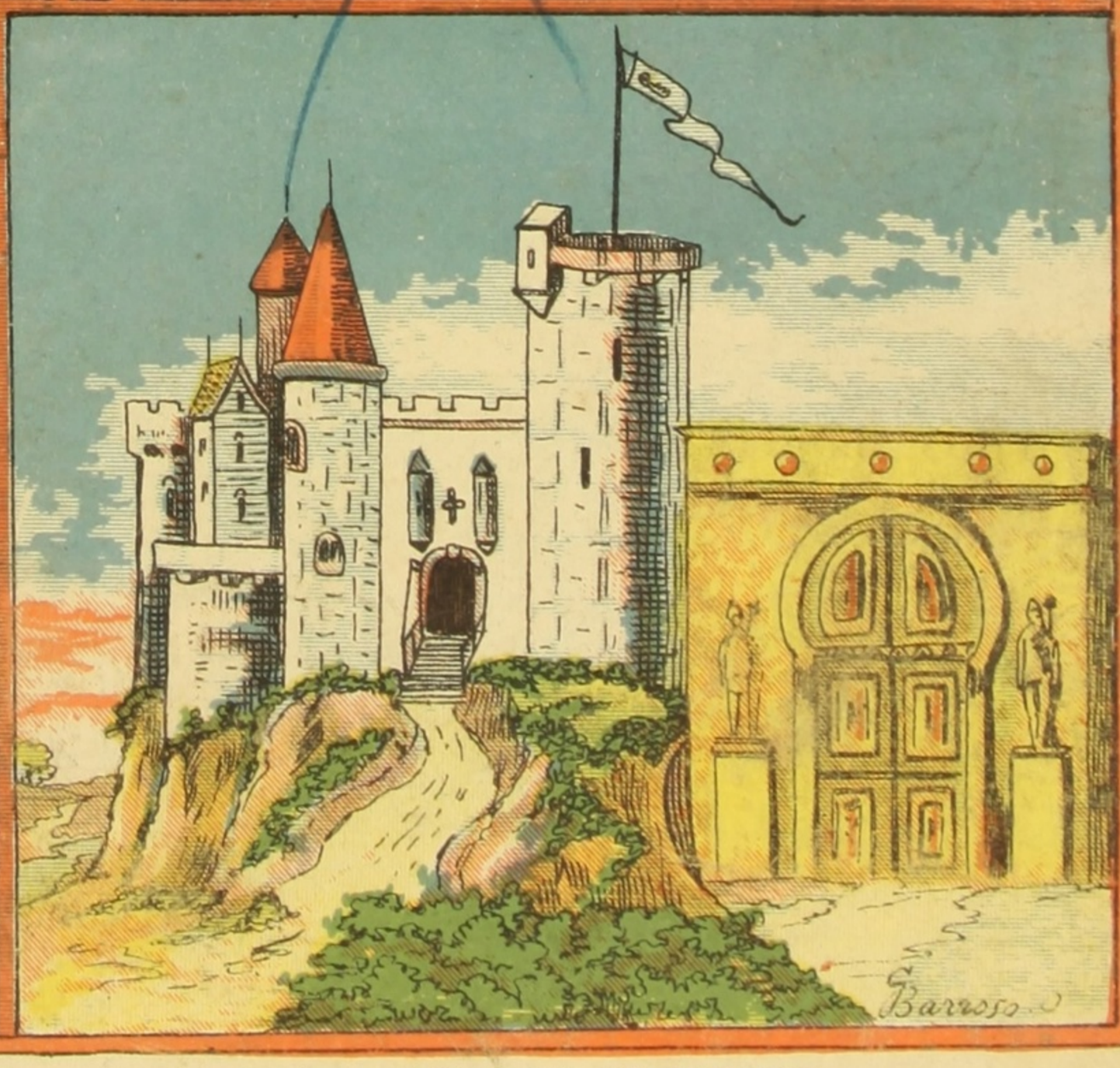
Correu o dia inteiro pela floresta, ferindo-se nos espinhos e nos galhos seccos dos pinheiros, até que a noite o surprehendeu

Temendo os animaes ferozes, cujos urros se faziam ouvir, trepou em um nodoso carvalho e, accommodando-se o melhor possivel, adormeceu. Quando acordou, o sol dourava a côma das arvores, os coelhos brincavam nos capinzaes e os passaros trinavam nos sylvedos; junto a si, uma fada de deslumbrante formosura, com azas douradas, contemplava-o bondosamente:

– «*Oscar*—disse ella—eu sou a fada *Mariposa*, vivo nos calices das flôres, protejo os bons e castigo os máus. Sei tudo quanto te aconteceu e vou te ensinar como has de vingar teu pai e libertar tua irmã; para isso é necessario que te apoderes do annel do *Hygino*. Esse annel se acha guardado no 7.º andar duma torre, situada no cume da montanha de *Zohnomin*, vigiada por um dragão chamado *Pyrogrudos*, que vomita fogo pelas narinas. O meu poder é inferior ao poder do annel, por isso não t'o entrego; vou, porém, dar-te trez coisas que muito te poderão servir: um carbunculo que te fará obedecido, um cavallo que não se alimenta e uma espada, cujo fio não se embota na mais bem temperada couraça de Praga ou de Toledo. Com essas trez coisas, coragem e perseverança, has de triumphar das grandes provações por que tens de passar. No fim desta matta encontrarás a *Porta de Ouro* guardada pelo *Duque da Prata*; mostrar-lhe-ás o talisman, elle te ensinará o resto. Adeus *Oscar*»—disse por fim a fada, e desappareceu.

O menino ergueu-se confiante e admirado, guardando o carbunculo.

(Continúa).



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis)

O ANNEL MAGICO

III — *(Continuação)*

Oscar entrou no vestibulo, onde os soldados da guarda jogavam dados, e, tendo um delles aberto uma larga porta, passou por ella e entrou n'uma vasta galeria, de cujas paredes pendiam armas de todos os tempos e nações: desde a guisarma aragoneza ao kriss de Singapura, desde o martello polaco ao kindjal do Travancore e desde a rapieira do prussiano ao sabre do madgyar.

No fim da galeria encontrou um vasto salão no meio do qual repousava sobre um divan um velho fidalgo, com um vestido de velludo negro de Maestricit sobre o qual se destacava uma gola branca de rendas de Valenciennes.

O Duque, sabendo que o joven era protegido por *Mariposa*, acolheu o magnificamente e deu-lhe: um farnel de mantimentos, uma armadura de rija tempera e uma lança de cavalleiro.

Disse-lhe depois que se elle passasse a Porta de Ouro encontraria a Steppe do Frio no meio da qual havia um palacio, onde morava Cassakoff XII, rei dos cavalleiros bravos.

(Continúa).

Oscar afivellou o talim da espada, montou no cavallo, que alli perto pastava e partiu.

Viajou toda a noite e, quando afinal os gallos já amiudavam os cantos, avistou ao fim de uma alameda de olmeiros, illuminada pelos raios do sol nascente, a famosa Porta de Ouro e junto a ella o castello senhorial do *Duque da Prata*, ostentando suas barbacanas e muralhas creneladas, onde passavam lausquenetes de partazana ao hombro, luzindo ao sol... *Oscar* apeou, prendeu o cavallo e atravessou a ponte levadiça, que estava baixada. Chegando a poterna quiz passar, porém a sentinella terçou a alabarda; o principe abriu a bolsa e mostrou o talisman. A vista do carbunculo o lausquenete perfilou-se, abrindo passagem.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 182—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis, atrazado 300 réis)

O ANNEL MAGICO

(TEXTO E DESENHO DE G. BARROZO)

IV — *(Continuação)*

Esse rei passava o dia na janella de uma alta torre, de onde mandava seus cavalleiros em perseguição dos viajantes, que passassem ao alcance de sua vista.

Apóz a *Steppe do Frio* havia a *Lagôa dos Encantos* governada pela rainha *Batrachia*, que era excellente pessoa; da *Lagôa dos Encantos* a montanha de *Nahnomiu* era perto... O principe despediu-se affectuosamente do velho Duque, passou pela *Porta de Ouro* e enternou-se na *Steppe*.

Depois de ter passado 3 dias e 3 noites correndo perseguido pelos cavalleiros bravos, que não o alcançaram graças ao seu cavallo, avistou a *Lagôa dos Encantos*.

Sentada junto a uma pedra, pensando na sua triste sorte, estava a rainha *Batrachia* quando o principe se lhe apresentou; sabendo da protecção que *Maripoza* lhe dispensava, *Batrachia* facultou-lhe passagem pelo pantano, dando-lhe para cavalgadura o sapo mais possante de todo o reino.

Deposto pelo forte animal do outro lado do pantano *Oscar* poz-se a caminho por um invio bosque, no fim do qual deparou a almejada montanha surgindo imponente no meio de um valle pedregoso e esteril.

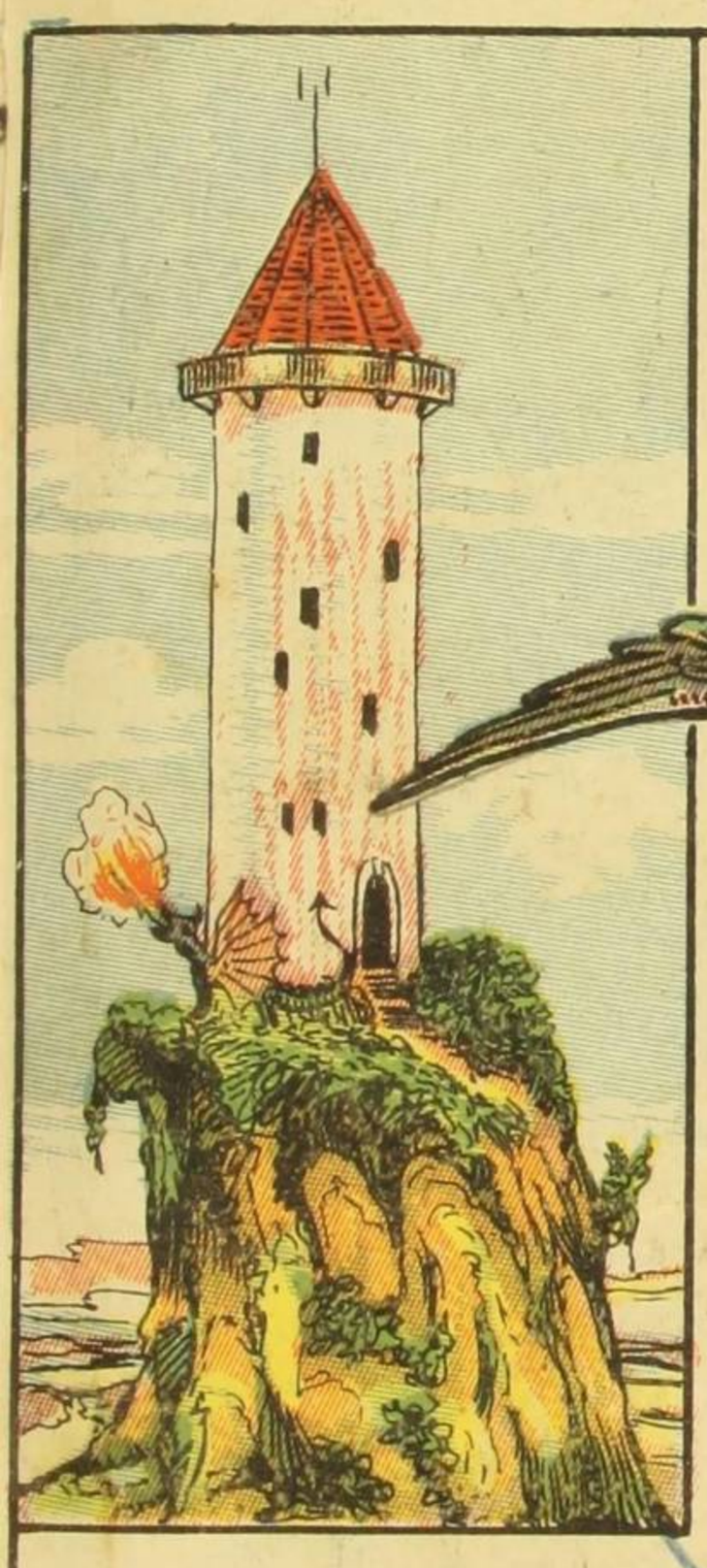
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 182—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis)

O ANNEL MAGICO

(Texto e desenho de G. Barrozo)

V — *(Continuação)*

BALSAMO ORIENT
O MELHOR
anti-Rheumatic



Era impossivel alguem escalar aquelle abrupto e ingreme penhasco, coberto de ortigas e espinheiros, em cujo cimo campeava a branca torre de marmore, guardada pelo dragão.

Oscar extenuou-se procurando escalar o monte; conhecendo que era impossivel cahia desesperado no chão, rangindo os dentes, e alli ficou, immerso em uma dôr terrivel.

No fim da tarde, quando o sol se escondia no rubro e escandecido horizonte, passou voando por sobre o valle a rainha das aguias.

Elle chamou-a e, mostrando-lhe o carbunculo da fada, pedia-lhe que levasse ao cume da penedia.

Volantina, assim se chamava a rainha das aguais respondeu que não o podia fazer porque o sopro ardente do dragão victimava quem delle se approximasse, porém que São Pedro possuia um filtro que annullava os effeitos do sopro do animal.

Então o principe pediu para ser levado ao ceu. A rainha das aguias accedeu e disse-lhe que montasse no seu dorso. *Oscar* montou e ella serenamente elevou-se da terra.

Após 4 dias e outras tantas noites de ascensão ella o depoz na larga soleira da porta do ceu e retirou-se.

(*Continúa*).

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis)

O ANNEL MAGICO

(Texto e desenho de G. Barrozo)

VI — *(Continuação)*

O principe bateu com força, o postigo gradeado abriu-se e a nevada cabeça de *S. Pedro* appareceu.

O Santo o tratou affavelmente, deu-lhe o philtro e entreteve-se conversando com elle emquanto não chegava o rei dos cometas que mandára chamar. Quando o cometa chegou *S. Pedro* ordenou-lhe que conduzisse aquelle joven ao monte *Hahnomim*.

Oscar beijou a mão do Santo e montou no cometa, que partiu com enorme velocidade.

Cinco minutos depois achou-se na montanha, frente a frente com o dragão que babava de raiva e soltava urros formidaveis. O principe só conseguiu matal-o depois de 1 hora de luta. Quando descançou do combate, subiu ao 1º andar da torre: ahi havia um cofre, o principe quebrou-o; dentro do cofre havia uma caixa de ouro, o principe arrombou-a tirou d'ahi o annel e collocou-o no dedo...

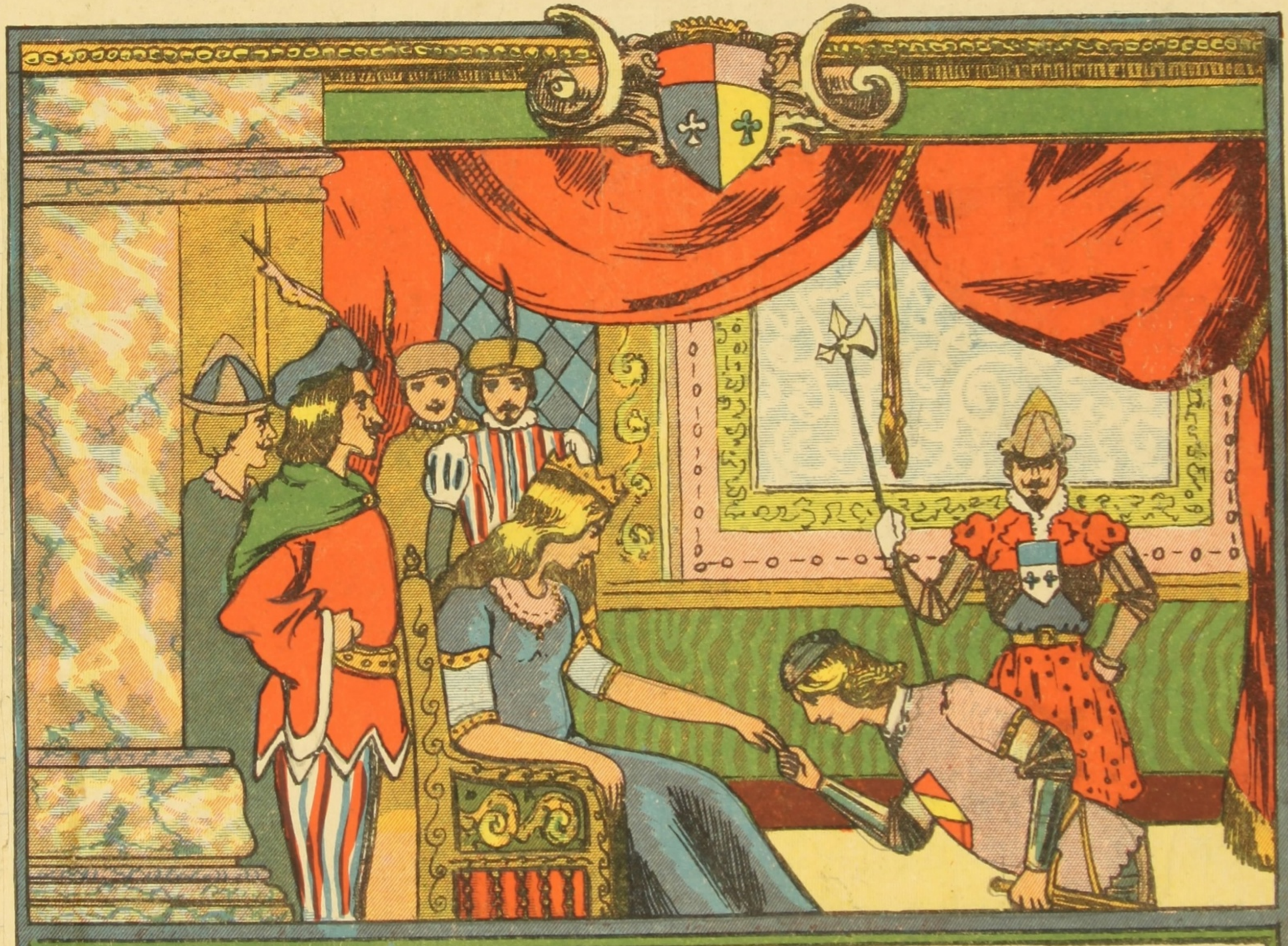
Mas apenas fez isso desmaiou.

Quando tornou a si ficou mudo de surpreza!...

O arido valle fora substituido por fertil campina, onde corriam rios luzindo como aço novo, a ingreme montanha transformára-se em verdejante collina, em cujo cimo se erguia magestoso solar real, de granito e cinzento com telhados vermelhos, e ventoinhas que rangiam soprados pelo nordeste.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 182—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis)

O ANNEL MAGICO



(*Continuação*)

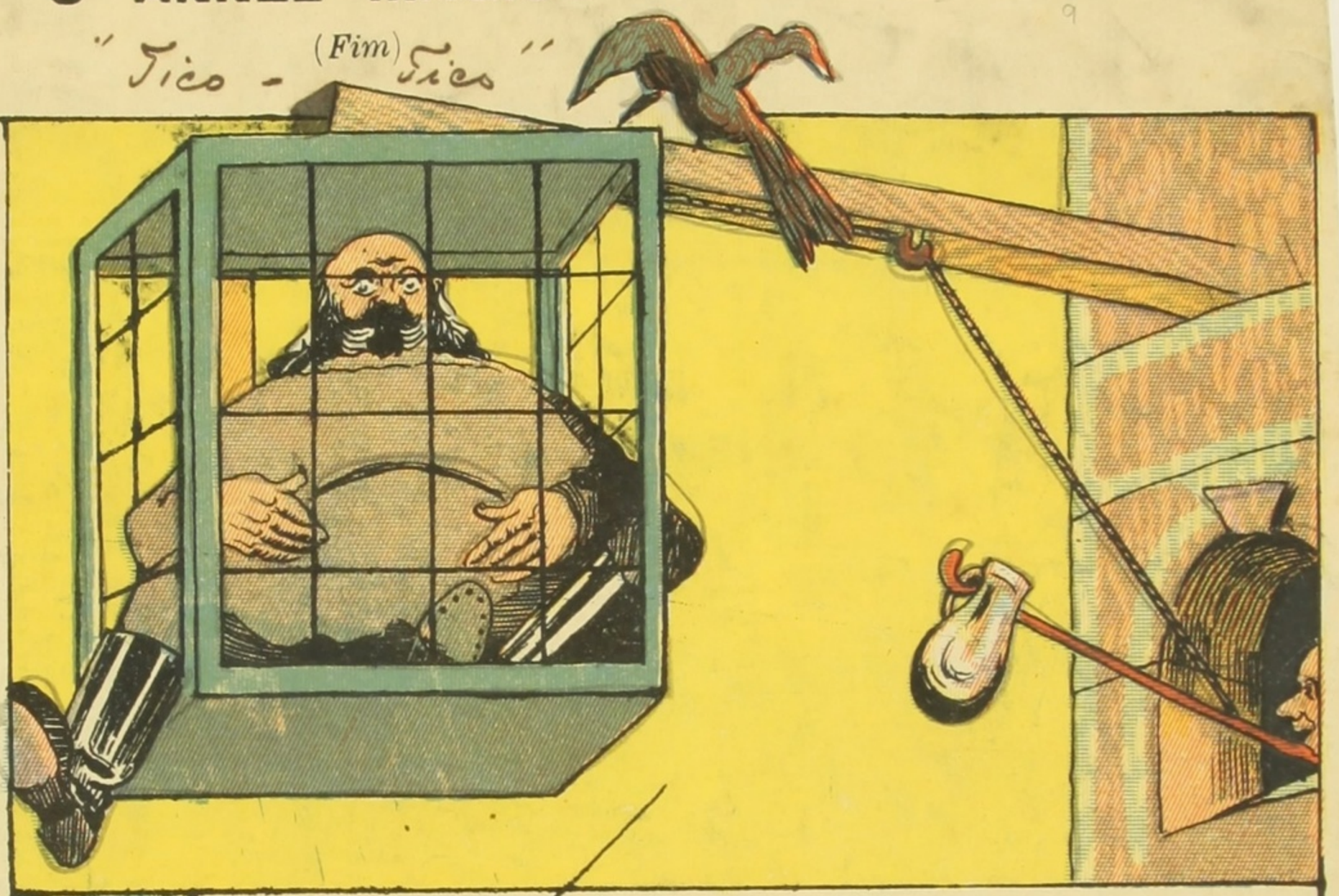
Tres vezes o rei d'armas ergueu o bastão de ebano, trez vezes soou a longa trombeta do passavante e trez vezes o arauto bradou : — «Fidalgos e Pagens, Guardas e Vassalos ! S. M. *Volantina* XV, rainha do paiz de *Zahnomin*, tem a subida honra de receber agora em seu castello o principe *Oscar de Kauntolandia* que a libertou, assim como a seus subditos do encanto que lhes lançára o feroz e malvado gigante *Hygino*. Viva a rainha !»—Depois d'este enphatico pregão os fidalgos rodearam-no e, debaixo de mil acclamações, o levaram ao riquissimo salão onde a rainha o esperava... Duraram as caçadas, festas e torneios trez dias e tres noites ; no quarto dia, posto que bastante enamorado da joven rainha, o principe partiu para o seu paiz, acompanhado por mil cavalleiros. A frente do seu lusidio sequito passou outra vez pelo invio bosque, no fim do qual deparou... não a pantanosa lagôa dos encantos, porém extensa e fertil região no meio da qual alvejavam os muros da riquissima cidade, onde erguiam-se, doura-dos pelo sol, os zimborios prateados dos palacios e as torres ponteagudas das gothicas cathedraes.

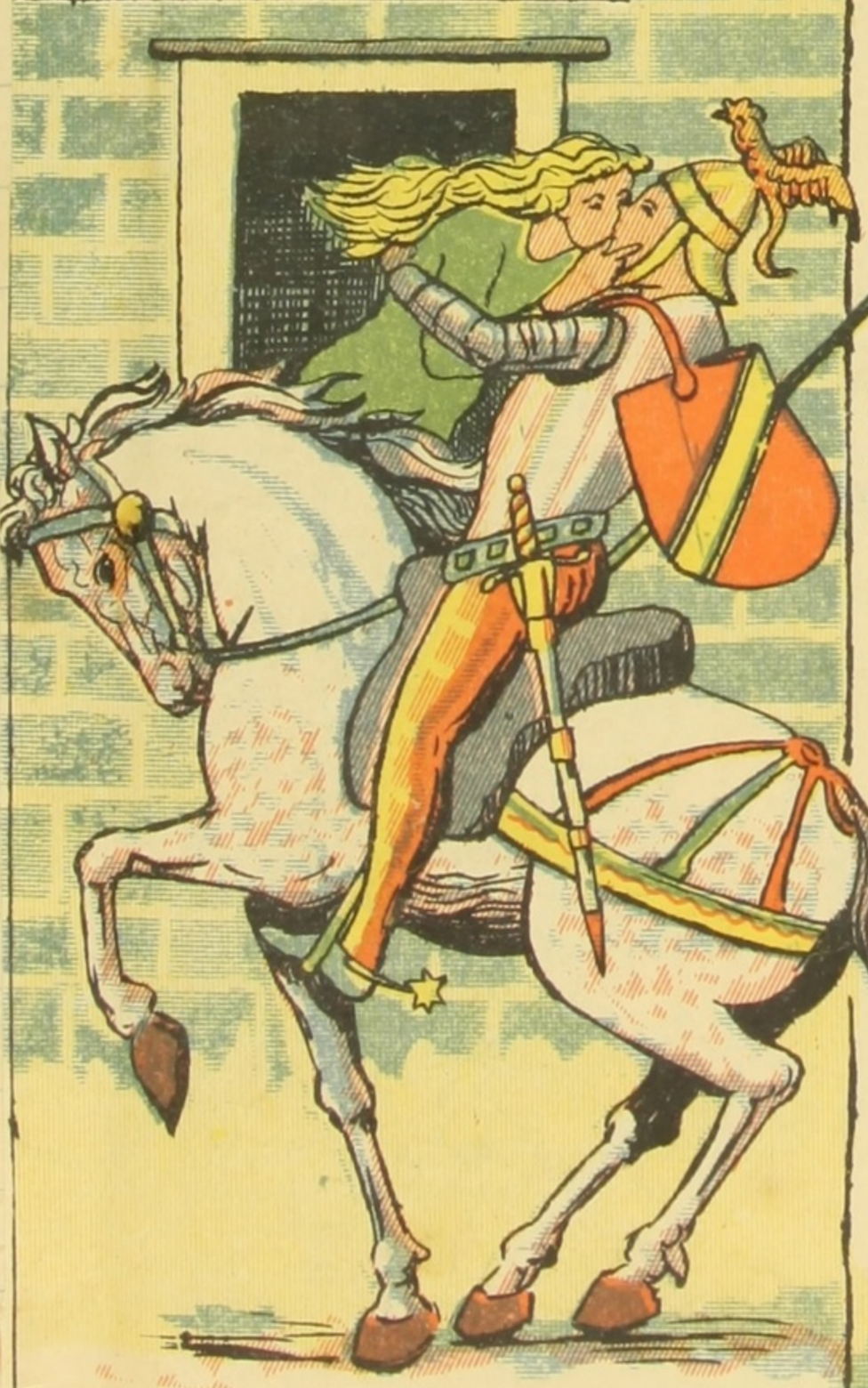
(*Conclue no proximo numero*).

O ANNEL MAGICO

"Tico - (Fim) Tico"

O joven foi festivamente recebido pela rainha *Locateria XXIV* que, agradecido por elle a ter libertado do encanto que o *Hygino* lhe lançara, transformando-a em sapa e mudando-lhe o proprio nome, presenteou-o com uma armadura de ouro e deu-lhe 2 mil cavalleiros. Com a sua escolta augmentada *Oscar* atravessou as terras do rei *Cossakoff* que, liberto do encanto do *Hygino*, era agora um rei pacifico e bom. O principe recebeu trez mil cavalleiros do rei e, despedindo-se d'elle encaminhou-se para a *Porta de Ouro*. Chegando ahi descançou dois dias e soube do *Duque da Prata*, que agora era um homem moço, visto *Hygino* ter perdido o seu poder, que a *Porta de Ouro* tinha-se desmanchado n'um monte de moedas. A *Porta de Ouro* era a riqueza do *Hygino*! com os soldados do Duque e a sua escolta *Oscar* tomou a sua capital, dispersou a legião de espiritos máos,





prendeu o *Hygino* n'uma gaiola de ferro pendurada na barbacan d'uma fortaleza e foi buscar sua irmãsinha na torre em que estava presa.

A monstruosa cabeça do *Pyropulos*, que *Oscar* trouxera comsigo, foi pendurada n'um poste fóra das portas da cidade; os corvos vieram comer lhe os olhos e os anões das montanhas cortaram-lhe a lingua para fazerem correias. Dias depois houve no castello uma festa que durou um mez; a ella concorreram, acompanhados pelos seus sequitos, os reis e potentados da visinhança, as rainhas *Locateria* e *Volantina*, o rei *Cossakoff* e o *Duque da Prata*. O rei dos cometas não veio por se achar muitissimo longe.

S. Pedro veio celebrar os trez casamentos, de *Oscar* com *Volantina*, de *Cossakoff* com *Locateria* e de *Archimbaldo XC*, *Duque da Prata*, com *Borboleta*.

P'ra commemorar estes acontecimentos *Oscar* fundou a ordem do cometa de ouro

1 - Janeiro - 1908

Tudo faz-se sombra.

Ouve-se um como sussurro de azas de anjos que revoassem vagarosamente receiosos de perturbarem a somnolencia do sol.

E a tarde expira triste como tudo que morre.

Os malmequeres inclinam-se nos peciolos e os jasmins brancos desatam as petalas aromaes sobre as latadas, formando grinaldas, corôando a noute.

O louro Apollo reclinado ao seu leito de opalas, espreita, por uma nesguita azul do ceo, a transformação do dia em noite.

Os lyrios como que dormem... As violetas parecem chorar... E a Natureza como que reza!

Tudo desmaia.

Só nos corações crentes a luz é intensa.

Angelus! merencorios Angelus, brilho feito sombra, scintillações do sol que auroraram e agora desfallecem aos deliquios da tarde!...

Candidos crepusculos vespertinos, dia que vos fazeis sombra, claridade a rebentar em estrellas, deliciosa penumbra, veo nupcial da noute!...

O ceo parece uma grande magua.

A Natureza como que soluça sob a impressão de um magno soffrimento!

As cousas têm a expressão de um consolo augusto, uma eloquencia intima que transborda em afago, uns tons da mystica piedade que se asyla no tabernaculo da nossa alma.

Tudo parece adormecer n'uma solemnidade muda que impressiona

A Natureza como que descança—tem a expressão de um allivio.

Tudo n'est'hora domina, tudo respira paz e consolo, tudo falla de uma saudade mysteriosa que se exila no ceu.

A melancolia é a colorista dos crepusculos.

Ella tira das maguas as cambiantes para os seus painéis.

Deu-lhes a expressão do seu olhar maguado, a pallidez do seu tristonho riso, o desalento das suas scismas, as cores tristes das suas vestes, a sensibilidade das suas impressões e o seu véo sombrio de amoroso luto...

Por isto sois tristes, oh! Angelus, pallidos Angelus, véo nupcial da noute!

ROSALIA SANDOVAL.

(Inedito).

Reminiscencias da campanha do Paraguay.

O Sorango

Nos primeiros dias de Março de 1865, nos largos portões dos quarteis, nas esquinas das ruas e praças da bella capital do Ceará, rufavam tambores e resoavam cornetas: era o Brazil, que, pelo estridente som dos bellicos instrumentos, chamava seus filhos ás armas para defenderem o solo sagrado da patria, ameaçado pelos verdugos de Lopez.

A mocidade enthusiasta alistava-se nos batalhões de voluntarios para ir morrer pelo Brazil nas charnecas do Paraguay.

D'envolta com essa rapazeada arrancada ao conchego do lar pela inopinada aggressão inimiga, assentára praça um mestiço, escoria da população.

Era um idiota; vivia constantemente embriagado pelas ruas, dormindo pelas calçadas e respondendo com palavras obscenas ás chufas da garotagem que o appellidára por Sorongo, nome de uma dansa hespanhola, cuja significação, porém a seu respeito não pude achar.

Existiria ainda intacta naquelle embrutecido e atrophiado espirito a fibra do patriotismo ou elle era um inconsciente?...

***

24 de Maio! celebre batalha, inolvidavel triumpho para os filhos do nosso amado torrão brasileiro!...

Renhida era a peleja em Tuyuty: rugia a fusilaria em descargas cerradas, ás vezes dominadas pelas roucas vozes de commando; o troar do canhão ribombava pavorosamente de selva em selva, de pantano em pantano, em gradações infinitas, até calar-se de todo para alem das ~~lomas~~ de Cumbarity; lampejavam com reflexos avermelhados por entre a fumarada as lanças dos gaúchos e as largas folhas dos *cuchilos* paraguayos. O pavilhão auri-verde recuava ou avançava, na planicie, seguindo as alternativas do combate. A bandeira parecia dizer: «Avante soldados! a imagem da vossa patria está á vossa frente; a bandeira não tem medo!...»

lomas

De repente, o official, que a conduzia se viu cercado pelos paraguayos: luctou heroicamente, porem, vencido pelo numero, cahiu abraçando na ultima crispação da morte o symbolo do seu paiz! Foi dormir ao lado dos heróes ignorados, sepultados nas sombrias charnecas do Grão Chaco, tendo como galardão do seu sacrificio uma cruz de madeira tosca plantada pelos piedosos soldados, no chão humido do pantano!...

Um pelotão paraguayo retirava-se da pugna, conduzindo o trophéo conquistado, quando um soldado lhe cortou o caminho. Era o Sorongo que vira a acção do inimigo e como um tigre enraivecido corrêra em sua perseguição.

Com terrivel *moulinet* do sabre derrubou os dous primeiros inimigos que se lhe apresentaram diante e, depois de breve e encarniçada lucta corpo a corpo, retomou o estandarte e o atirou ao meio de um pelotão brasileiro que avançava a passo de carga.

Um instante ainda debateu-se entre os inimigos e depois tombou de costa sobre um montão de cadaveres . . . . . .

***

"O Regenerador" Nº 1
22-2-08

Depois da batalha, era horrivel o espectaculo. Intermina procissão de padiolas entrava e sahia do hospital de sangue; as que entravam levavam feridos, as que sahiam traziam mortos e os despejavam na valla que os sapadores abriam, suarentos e esfalfados, patinhando n'um sólo coberto de lama e sangue... Sangue havia por toda a parte: no solo, nos farrapos de uniformes, nas rodas das carretas!

Montões de cadaveres, horrivelmente contorcidos e cobertos de moscas estavam alinhados em perspectiva na vastidão infinda da planicie...

Cahido de costas sobre um monte de cadaveres, com uma das mãos apertando ainda o punho do sabre sumido até as guardas no peito d'um official inimigo, jazia o Sorongo, horrivelmente mutilado pelos fanaticos soldados do tyranno paraguayo!...

Sublime e ~~abnegada~~ inconscien cia transformada pelo enthusiasmo patriotico do momento na coragem abnegada do heróe!...

***

Esta historia contou-me um veterano do Paraguay, não nesta linguagem despida de attractivos, porem, na phrase singéla e rude, cheia de comparações simples e reaes d'um velho militar, que o meu fraco talento não pode reproduzir.

Para ganhar o pão o velho voluntario da Patria se fizera pescador e contou-me este facto uma noute na porta de sua cabana, á luz do luar, emquanto o vento gemia na folhagem dos coqueiros e o mar soluçava ao longe na praia branca, muito branca do meu patrio Ceará...

E elle murmurou limpando as lagrimas:

Pobre Sorongo!...

Fortaleza.

Gustavo Barroso.

Ainda o Principe D. Luís

« Da discussão nasce a luz ».

Levando o fio do pensamento prêso áquela belíssima expressão do imortal Goethe, comprazo-me no ardôr da luta intelectual, da discussão, sempre que nela encontro o lance da lealdade, e no contendôr a posse de bem intencionadas ideias.

E assim, para a luta gloriosa da ideia, eis-me, em posição definida, na liça da imprensa. Antes, porém, de começar de ferir o ponto capital da questão, impendo-me o devêr de saudar cordialmente o meu adversario.

Co
houve
alguns
obstad
á orien
em par
baixo
Pr
Co
ção ao
Princi
sidera
«
tuição
Is
tivo p
Re
viment
olhar
Bo
ignora
não é
carater
ro. Nã
desemb
legalid
move
D
simples
siderou
Dezem
da Co
pecial
In
do meu
é lidim
Andrad
Constit
nimento
que ba
Familia
Nã

Levantem o vôo,

«E' preciso lançar por terra este espantalho que ha seis mil annos quasi assobra a humanidade,» disse Guerra Junqueiro e repetimos nós; é preciso derrubar os ultimos baluartes da hypocrisia fradesca; é preciso expulsar da sociedade as cogulas dos monges, esse defraudadores da religião sublime de Crísto, que vivem a custa do corpo do martyr do Calvario!

Pobre sedicioso da Galilea nunca pensastes que os dogmos sublimes da tua moral servissem de refugio a bandidos vestidos de burel!

Hoje que o sol da ciencia varre da sociedade as nuvens de ignorancia, hoje que a eletricidade dá as leis ao mundo, hoje que o nosso Deus è a Natureza, hoje que os nossos santos são Darwin e Comte, Edison e Haekel, querem elles ainda prezar, incutir no animo das mulheres e das creanças crenças absurdas duma religião que agonisa, dogmas impenetraveis que não tem mais razão de ser.

Querem elles, expulsos dos paizes civilisados como inuteis e prejudiciaes a sociedade, abrir em nossa terra escolas onde fanatisem e ensinen o servilismo torpe e ignobil aos nossos filhos. Pois bem não ensinarão...

«-E' tempo de por um dique a essa invasão de abutres famintos e corvos agoureiros. Hoje em dia Jehovah é a sombra da tyrania e o papa nenhum poder mais tem em suas mãos.

Ja não ha Inquisição e as fogueiras que devoraram Giordano Bruno não mais se accenderão.

Embora lancem elles agora o manto sangrento da Inquisição sob as costas de Felige II essa palavra sera sempre na fronte dos vigarios de Cristo o sello da ignominia

No Ceará podem ficar certos os frades que não abrirão escolas dominicaes....

Levantem o vôo, v .o pousar noutra parte.

Alexis Michailow

rtigo que
expendi
mbarque
em como
tivo, foi,
Lima de-
em rela-
arque do
rias con-
da insti-
um mo-
facto.
er o mo-
o ter um
gando-me
rece que
não é de
brasilei-
ei-me do
cêr a sua
o qual se
o Brasil,
nte con-
le 21 de
art. 72
caso es-
o de vêr
seu § 10,
plicaram
tas; ou a
o de ba-
decreto
enissima
io omis-
politico.

Casos importantes como o de banimento a lei suprema do país não poderia deixar de prevêr. Isto é que é intuitivo e de bom assentimento. Demais, o decreto

"A Republica" - Ceará - 11 de Outubro de 1906 e
"O Regenerador" - Ceará - Nº 1 de 22 - 2 - 08 -

Sobre a descoberta da America

~~(CAS. DELAVIGUE)~~

Terre! sécriait-on, terre! terre!..... La terre! ô doux spectacle! ô transports! ô merveille!

(Cas. Delavigne).

Terra! Terra! Pela alheta de estibordo bradou o gageiro de quarto, do cesto de gavea da capitanea.

Terra! Terra! Repetio a marinhagem, e uma sombra pardacenta escureceu a fimbria longinqua do horizonte. Rasgara-se o véo que encobria, aos avidos olhos do mundo civilisado, o prodigioso continente americano.

Tomando-se isoladamente esse grande feito, parece que elle foi devido unicamente aos esforços e a energia de Colombo; porem analysando-se detalhadamente, vê se que foi natural consequencia da expansão maritima dos latinos do sul da Europa, e estava amadurecido, ha muito tempo.

Uma antiga tradição medieval relatava, que, havia além dos mares, do lado do occaso, um vasto continente, habitado por povos chegados a um adiantado gráo de civilisação: a imperfeição da arte naval, porem, não permittia aos navegantes aventurarem-se em mares desconhecidos.

E anterior a isso: vagas informações de antigos historiadores fazem suppor, que os carthaginezes, esses dignos successores dos marinheiros phenicios, houvessem visitado uma grande e riquissima terra, do outro lado do oceano.

O Senado e os Suffetas de Carthago receiando uma emigração, que despovoasse a republica, sob pena de morte, impuzeram silencio aos ousados descobridores.

O certo é, que no anno 600, da era christã, piratas norueguezes e dinamarquezes, affastados da costa por uma tempestade, abordaram a Groenlandia, que denominaram Winland, (paiz do vinho) porque encontraram uvas selvagens; ahi fundaram estabelecimentos que duraram até 1368, quando uma epidemia os destruio.

Em 1369, um inverno excepcional cortou as communicações entre o Winland e a Europa, e durante o decorrer da Edade-Media, ninguem mais falou da terra descoberta.

Após a quéda do Imperio Bysantino, a idéa de uma nova terra, idéa apoiada pelas velhas tradicções, occupou todos os espiritos.

Esse problematico continente era denominado Antilha.

Brunelleschi e seu discipulo Toscanelli, mathematicos florentinos, desenvolveram muitas vezes, na presença de um *joven Gonovez*, que pensava em descobrir novo caminho para as Indias, a idéa da existencia de outro hemispherio.

Antes da descoberta da America, ja tinham sido revelados ao mundo os archipelagos africanos, e a pseudo-invenção de Flavio Gioja d'Amalfi, permittia aos navegantes afastarem-se das costas.

Rezam as chronicas, que durante sua estada na Madeira, Colombo recolheu um piloto, escapo de um naufragio, e esse piloto, lhe fizera entrega de um manuscripto, estando para morrer.

E' tambem conhecida a lenda da estatua, que os portuguezes encontraram na mesma ilha, apontando com o dedo na direcção do sol, quando se põe.

As grandes descobertas e os grandes fastos da humanidade são preparados pela collaboração collectiva.

Os grandes homens são productos de elaboração da sua epoca, ou do meio em que vivem.

Muitos attribuem á influucia do Rei-Sol, os feitos militares e maritimos e a evolução literaria do seculo 17.

Denominam esse seculo seculo de Luiz 14.

Luiz 14 não foi um grande homem foi um despota intelligente, e nada mais.

Colombo não descobrio a America por um esforço de seu genio: a fructa estava madura, e elle conseguio colhêl-a.

E' preciso notar, que essa descoberta estava em condições de ser feita por elle ou outro qualquer navegante de seu tempo.

Mais de um seculo antes d'elle os navegadores se expandiam pelo oeste-Attantico.

Não resta duvida, que Colombo foi um homem de ferrea energia e profundos conhecimentos; a gloria de ter aberto novo campo à expansão europea lhe pertence, porém não exclusivamente.

Nautilus

Vae victis!

Na face da Terra transformada pelo incessante trabalhar do homem este incansavel lutador que sonda os abismos do oceano, prescuta o segredo das estrelas e devassa os arcanos da natureza, passa hoje um sopro ardente de liberdade.

O edificio da velha sociedade estala nos seus fundamentos seculares e os reis tremem e os satrapas vacilam e o papa empalidece.....

Ha milhões de annos que o guante de aço do homem darmas e o cetro do rei oprimen o coração do povo; e a batina do sacerdote, negra como a treva, escurece o horizonte dos proletarios e os engoda fanatisando-os com a ilusão da vida eterna.
Bandidos!

Se algumas vezes os vermes da miseria, os parias, aproveitando uma ocasião, saem das aguas furtadas, onde não tinham ar, onde não tinhão luz e bradam pela liberdade, e suplicam um ganha pão, tiritando de frio, gemendo de fome, a gordurosa burguezia, os odientoos satrapas apelidamnos de *petroleiros* mandamnos fusilar nos becos das vilas ou varrelos dos *Boulevards* a pata de cavalo a gume de espada.
Bandidos!

Bandidos que dévoram o fruto da arvore do trabalho, regada pelo sangue e pelo suor do povo.

No começo da idade media, quando o aguilhão da cubiça incitava á rapinagem os ricos homens, que a frente de suas hostes e mesnadas saqueavam a cabana e o moinho do servo e a casinhola do vassalo, homen livre embryão do burguez, o povo ergueu-se, como impelido por secreta mola, e avançou contra o castello do fidalgo, contra os batalhões do rei, levando na ponta das ascumas e chuças, no fio das guisarmas:

Liberdade das comunas!

A pasiguaram se os animos, após terem corrido rios de sangue, o servo camponez voltou ao seu campo, escravo como dantes; porem as communas ficaram livres, obtendo unicamente foros de liberdade, privilegios municipaes os burgezes, que por cousa alguma tinham combatido.

E assim a primeira rebeldia do povo aproveitou á burguezia.

Seculos passaram esbatendo no crepusculo do passado os fantasmas sangrentos, as recordações pungentes dos transes dolorosos; a humanidade evoluiu e por muitas vezes procurou subtrahir-se ao jugo, esmagar seus opressores

Era cedo. Os desejos mal contidos de liberdade eram afogados em sangue.

Liberdade de crença, liberdade de pensamento, desejos afogados por muitas gerações, ol quantas victimas tendes feito! Lutero, Guilherme o Taciturno, Calvino, os Albigenses, a Jaqueria, prenuncios duma tempestade formidavel fisestes no decorrer dalguns seculos, por vezes, estremecer a tiara dos papas e o trono dos reis!

A tempestade emfim rebentou

O canhão da Bastilha acordou a trovoada de de 1793.

Ao som da Marselhesa por entre os relampagos das descargas de Valmy numa explosão de sangue, a guilhotina mostrou seu negro perfil; Marat gargalhou cinicamente; Danton, da tribuna da convenção — esse pincaro da Historia, desafiou as nações do velho continente, com seu rugido de tigre enfurecido; e em resposta ao manifesto do duque de Brunsuick a cabeça de Luiz rolou no cadafalso!

Tudo desabou ao sopro do furacão; as baionetas dos voluntarios parisienses ameaçaram o peito dos reis; porem, dentre a fumarada de Marengo surgio Bonaparte, que das estrellas da liberdade fez as rosetas das suas esporas

Tropeçando aqui e ali, detendo-se, por instantes, deante das barreiras mais fortes, a humanidade não para e caminha sempre na estrada do Progresso, do occaso da escravidão para o nascente da liberdade.

A humanidade caminha sempre e se algumas vezes obstaculos poderosos lhe tolhem o passo esse obstaculos são eliminados pelo punhal do anarquista e pela bomba de dinamite do nihilista.

Desde a civilisação da India Vedica até esta data as doutrinas socialistas tem achado guarida nos cerebros dos homens de genio e de coração; não no espirito do povo, que para comprehende las ainda é pouco instruido.

Ja o progresso do socialismo se acentua em toda a parte, as greves se amiudam e o povo acorda, especialmente na França — a eterna mestra da humanidade.

Lamentavelmente falta a Instrução; porem o tempo passa e cedo virá o dia da reinviudicação.

Nesse dia, quando a instrução não mais for privilegio dalguns, quando a sublimidade do socialimo for comprehendida por todos, quando o rei e o padre não tiverem mais nenhum prestigio, ai dos vencidos.

Vae Victis!

"Jornal do Ceará" 15 e 17 de Fevereiro de 1909 - 997-998

Ligeiras Narrativas

I

O Delegado de Policia

Era triste, muito triste mesmo, a scena que se passava na Delagacia de Policia, naquella manhã fria e chuvosa de Maio.

No meio da pequena sala, sentado á secretária, o delegado escrevia, num grande livro em branco, termos de prisões, inqueritos policiaes.

Fóra a chuva gottejava monotona; de quando em vez uma lufada de ar frio enregelava a sala.

Passados momentos o delegado ergueu a cabeça, pousou a penna sobre o tinteiro, estendeu a mão calosa e rubra, e fez soar o timpano.

Dlin, dlin, dlin...

O vulto dum policial assomou á porta.

—Prompto, grunhiu.

—Cabo, mande trazer o preso de hontem á tarde, fallou a autoridade.

O soldado rodou sobre os calcanhares.

Emquanto esperava, o delegado tamboreava com o cabo da canêta sobre a mesa.

Dous minutos depois chegou o preso. Dous soldados o guardavam, segurando-o pelos braços; terceiro policia seguia-os trazendo na mão tres ou quatro gallinhas dependuradas pelos pés.

—Está aqui o homem, disse um dos quadrilheiros.

O delegado fitou o, por traz dos vidros azues dos oculos, com os olhinhos glaucos, vividos, prescutadores.

O preso era um homem alto, magro e pallido.

Os ossos da cara pareciam querer furar-lhe a pelle, os olhos amortecidos, envergonhados fitavam o chão.

Vestia calça e blusa de algodão grosso; esta tão rôta estava pelas costas que pendia do collarinho sustida por tiras; aquella tão remendada era que difficilmente saber-se-ia a fazenda de que fora feita.

Era um miseravel.

O peito arfava-lhe oppresso, como se não podesse respirar; e as lagrimas rolavam-lhe pelas faces engilhadas e sujas.

Nas mãos tremulas, ossudas e pallidas, sustinha o chapéo, um velho penante immundo, escalavrado.

O delegado aprumou o busto, estufou o peito largo, conchegou os oculos ao nariz purpureo e rosnou//:

Como se chama?

Em tom sumido, timido o preso murmurou:

—Senhor delegado, ouça-me e tenha piedade de mim...

A autoridade rispidamente o interrompeu//:

—Não quero ouvir lamurias, pergunto como se chama.

—Martim da Costa, soluçou o réo.

O representante da lei retomou a palavra:

—Confessa que furtou estas gallinhas com as quaes foi preso hontem no mercado?

—Senhor delegado, fui eu quem as furtou. Confesso o crime, porém torno a pedir-lhe que me ouça.

—Falle!

—Ha tres dias procurava trabalho sem o encontrar em parte alguma. Dous filhinhos que tenho, choravam com fome; a mulher doente gemia a um canto. Sahi á rua como louco e fiz o que nunca havia feito: estendi a mão e pedi uma esmola.

Negaram-m'a e atiraram-me em rosto que eu não queria trabalhar e sim beber cachaça, que era, em fim, um vadio.

Traguei o insulto; mas, que havia de fazer?... Andei a manhã inteira vagando pelas ruas.

Já era meio dia e ainda não havia tomado uma chicara de café. Pensava nos ricos que, áquella hora, já haviam almoçado a fartar e interrogava a Deus porque era tão infeliz...

Num canto de muro, em logar deserto, vi estas gallinhas; roçou me a tentação do crime e peguei-as. Depois, corei do que havia feito. Logo, porém, reflecti: os ricos roubam sem fome e sem necessidade, eu roubo com fome, Deus me perdoará.

Aos meus olhos appareceram, então, as imagens dos meus pobres filhinhos chorando com fome.

Isto decidiu-me. Fui vender as gallinhas; alguem as conheceu e denunciou-me. Fui preso. Que posso fazer? Chorar, somente, ao lembrar-me dos meus filhinhos.

Furtei, não nego; porém furtei, porque não me socorreram, porque não me deram trabalho...

Os soluços embargaram-lhe a véz Os soldados limpavam com os canhões das fardas as lagrimas que lhe perolavam as faces rudes.

Fóra a chuva fustigava, com força, os vidros das janellas.

O delegado, emfim, depois de haver contrahido os labios grossos num sorriso ironico, rugiu: //

—Todos vossês sabem estas labias, bem os conheço; porém commigo não pregam.

Ladrões! E, virando-se para os soldados, ordenou:

—Mettam-no no xadrez tres dias. Baixou a cabeça, pegou da penna e continuou a escrever. Os policias sahiram quase que arrastando o miseravel.

Quando sahiram, o soldado, que conduzia as gallinhas, fallou:

—Que quer que eu faça destas gallinhas, *seu* delegado?

O delegado não levantou a cabeça, parou de escrever, o nariz purpureou-se ainda mais e elle murmurou em tom que mal se fazia ouvir:

—Mande deixar lá em casa...

Fort. MCMVIII.

João do Norte.

Ligeiras Narrativas

II

O Tabellião

Era meio dia; doze badaladas haviam pingado no relogio grande da matriz. O calôr abafava a villa sertaneja; dos muros, das paredes, dos telhados, do sólo argilloso vermelho, evolava-se um bafo quente. Ao longe tilintavam os *chocalhos* dum comboio. Pouca gente transitava pelas ruas.

No interior do cartorio, junto á mesa, repimpado na cadeira, uma das mãos, rubra, grossa, callosa, a colhar o longo e alourado cavaignac, o tabellião modorrava quase, tropicalmente preguicento naquella hora abafadiça do dia, quando não tinha uma certidão que passar, um alvará que archivar, ou o juiz para conversar sobre politica, batendo as pedras ao gamão.

De repente um menino, que vinha a correr pela rua em fóra, irrompeu no cartorio afogueado, vermelho, quase gaguejando:—*Seu* escrivão, o papae mandou dizer que fosse lá em casa depressa, que a titia está morrendo, e quer fazer o testamento.

Sabe onde é?

—Sei, sei, meu bem; já vou, já vou, rosnou apressado e contente o tabellião, erguendo-se, vestindo o casacão pardo, pondo á cabeça a cartolla velha, de pellos arripiados, e sobraçando o guarda-sol e o livro.

E foi...

Quando entrou na casa, os herdeiros, sobrinhos e primos rodeavam o leito onde pallida, muito pallida, os olhos baços, vitreos, hirta, a velha D. F... jazia estirada, a cabeça alta encostada aos travesseiros.

O tabellião lançou os olhinhos indagadôres á pseudo-moribunda e conheceu a farça.

Baixinho murmurou:

—Já é com Deus e ha muito tempo.

Todavia dispôs sobre uma mêsa o livro e os utensilios para escrever que os herdeir/

"Jornal do Ceará 17-19 e 22 de Dez.º de 1909 - 998-999-1000-

trouxeram pressurosos, os olhos vermelhos, inchados, friccionados pelos lenços.

O tabellião, piscando os olhos, sentou-se e, pausadamente, disse:

—Senhores, estou prompto.

Um dos herdeiros, então, encostou-se mais á cabeceira da cama, junto a cabeça da morta e suspirou:

—Pobre titia, não pode mais quase fallar.

Perguntando-se poderá responder.

Ironico o notario grunhio:

—Pois pergunte.

Todos os herdeiros formaram um semicirculo em torno da cama de modo que a cabeça da velha ficasse em frente do escrivão.

Ahi o sobrinho começou em tom choroso:

Deixa ao seu sobrinho—Fulano (eu) dez contos de reis em dinheiro, toda a baixella de prata, a casa da rua ..., da villa de... e a fazenda Boa-Sorte com todos os animaes, gados e bemfeitorias. Não é, titia? E mettendo a mão por sob a cabeça da velha, entre os travesseiros fe-la oscillar de baixo para cima, affirmando o legado, e murmurou:

—Pobre titia, não póde mais quase fallar.

O tabellião escreveu, a cabeça baixa, após ter olhado o movimento da velha, um riso acido vincando-lhe o rosto rugoso.

O herdeiro continuou:

—Deixa ao seu sobrinho Beltrano a fazenda Taperassú, o sitio Muricy com todas as bemfeitorias e vinte cabeças de gado no logar Pitombeira, freguesia do Riacho do Sangue.

E de novo a velha affirmou com a cabeça.

O notario escreveu.

Seguio-se terceiro legado seguido de terceiro abalo de cabeça.

Depois de ter escripto, o tabellião ergueu-se, curvou-se para a mesa como quem ia escrever e fallou:

—Dª Fulana deixa a Fulano de tal, tabellião do civel desta villa, a quantia de dez contos em dinheiro, o cavallo de sella que foi do finado coronel M... e a casa em que funcciona o cartorio do dito tabellião?

Quedou esperando.

Os herdeiros olharam-se attonitos, desconfiados.

O sobrinho retirou a mão dos travesseiros, e a cabeça da velha ficou immovel.

O tabellião esperou mais algum tempo, a physionomia turvada por esgares de sarcasmo.

A velha não se bolia.

Então o notario tulo de raiva, o rosto injectado de sangue, quebrou com um murro a canêta sobre a mesa e urrou:

—Velha do Diabo, ou tu abalas com a cabeça p'ra mim, ou não abalas mais p'ra semvergonha nenhum...

Fort. 1909.

JOÃO DO NORTE.

Ligeiras Narrativas

III

O MATUTO

Em tres questões, que tivera o José Ignacio da Purificação Sacramento com a firma Boris, o tribunal da Relação havia dado o laudo favoravel á dita firma.

Por isso é que o José Ignacio odiava tanto o Boris e os doutores do tribunal.

Perdêra, com as demandas todas, as suas terras e roçados de maniçoba na serra do Machado.

A' tardinha sentava-se no alpendre da sua casinha, edificada em terra d'outrem no limite das terras, onde seus antepassados e elle proprio luctaram contra as sêccas, e que agora o estrangeiro tomara.

Sentado no tosco banco do alpendre rodeado pelos vizinhos, a face amargamente crispada dizia sempre:

—Só si eu não conhecesse aquelles *carcaminos*, aquelles Boris, desde os tempos em que elles vinham aqui pelo sertão vendendo ouro francez que só tinha de ouro a casca e por dentro era só breu; vendendo e trocando pelos ouros velhos de lei dos nossos avós!...

Só si eu não conhecesse aquella canalha! Mas, deixem estar que pode ser que um dia eu pegue por aqui um daquelles doutores do tribunal... e estendia o braço para sua terra que o estrangeiro possuia, cahindo-lhe na face rugosa uma lagrima quente, que escorria pelo rosto abixo como uma gotta dagua pela folha sêcca dum Coarú.

Todas as tardes, no meio dos matutos o José Ignacio desafogava.

Um dia teve necessidade e veio á capital.

Andava na rua já desoccupado quando passou pela porta do edificio da Relação. Deu-lhe na cabeça entrar e entrou.

Subio e foi sentar-se mudo e quedo num dos bancos reservados ao publico, que, áquella hora, estavam quase cheios de espectadôres.

Decidia-se um pleito.

Envoltos nas togas, as physionomias affectando gravidade e sisudez, os dezembargadôres discutiam, folheando autos e papeis.

Com o queixo encostado ao cabo do guarda chuva o matuto quedou alli muito tempo a olha-los, o semblante ironico, desdenhoso, mordaz.

Por fim correu os olhos pela sala e parou-os, fitando insistentemente a figura de Themis, a deusa da Justiça, os olhos vendados, a balança e a espada na mão, collocada por sobre a cadeira do presidente.

O matuto crispou sarcasticamente os cantos dos labios, o rosto turvado numa expressão ferina. tocou no hombro dum espectador e fallou em voz alta, chamando a attenção:

Seu moço, oh, seu moço!...

O espectador voltou-se, rosnando:

—Que é?

Então o José Ignacio, apontando com o indicador a deusa da Justiça, indagou, fingindo ingenuidade:

—Aquella é que é a mãe de *seu* Boris?...

Fort. 1909.

JOÃO DO NORTE.

Ligeiras Narrativas

IV

MISERIA..

Ha muito tempo o conhecia. Via-o sempre de minha janella, quando tomava frêsco, á tardinha, pallido, andrajoso, pequenino, magro, estendendo a mão transparente, miudinha, á indifferença dos transeuntes e murmurando:

Meu *sinhôsinho*, me dê um tostão.

E repetia plangentemente aquella phrase com a vozinha fraca, chorosa, correndo atraz dos passantes, aperreando-os.

Fazia-me pena aquillo. Incommodava-me aquella scena diaria, aquelle pedir plangente duma creança sob a espóra da fome, quiçá da exploração d'alguem que o mandava.

Doia-me o soffrimento daquelle infeliz que, creado naquella escóla, perderia, forçosamente, todas as qualidades, que porventura possuisse, e adquiriria todos os vicios, ficando, ao em vez dum homem puro, são, um farrapo de materia organisada, viven-

"Jornal do Ceará" 22-26 de Fev.º e 1º de Março de 1909

— 1000 - 10002 e 10003 —

do pela necessidade bestial, physiologica, atolado no lodo negro, viscoso, ignobil da infamia, e que as prisões acabariam de apodrecer e os hospitaes de digerir.

E porque da paz indifferente da humanidade, mantida pelo sabre do pretoriano, porque desse acervo de classes que se detestam e não se dilaceram por causa das pontas frias das bayonetas, nenhum braço se estirava para dar vida, luz, pão áquella creança?...

Talvez seu pae fosse um rico burguez que houvesse atirado sua mãe, com o filho ao ventre, á lama da rua, como o carôço duma fructa cuja pôlpa se roeu.

Um dia interroguei-o.

Disse-me, como o seu tom de voz repassado de ingenuidade, que só possuia mãe e que ella dizia que seu pae era o coronel Porciuncula, e ajuntou ainda mais ingenuo:—aquelle homem barrigudo, que mora num sobrado.

Muito tempo passou sem que o visse, e quase o havia esquecido já. Uma vez, porém, o encontrei num bêcco, a conversar com outro fedêlhozinho.

Escurecia.

Parei á sombra duma casa procurando cuvir o que diziam.

Impellia-me um sentimento de curiosidade, de piedade, tambem, que não podia conter.

Elle estava gordinho, córado, mais bem vestido, a physionomia alegre.

Com as mãozinhas miudas, com que outr'ora esmolava na rua, fazia um cigarro amarello, e dizia assim ao outro, arrastando a vozinha ainda fraca.

—Fulano, agora là em casa é bom! A gente come duas vezes no dia; a mamãe tem muito dicheiro, e eu tenho duas roupas novas.

O outro então indagou:

—Quem é que dá tudo isto, *bichinho*?

—Não sei, disse elle, o tom repassado de ingenuidade, lá em casa é só entrando e sahindo gente...,

As lagrimas espocaram-me aos olhos, e parti por alli, a esmo, sem destino, mordendo os labios com furia.

Ao dobrar duma esquina esbarrei na barriga dum burguez, seguido da familia, com brilhantes nos dêdos grossos, na camisa, na cadeia, nas orelhas das filhas.

Então puxei os cabellos, apontei o punho fechado, terrivel á brutalidade esmagadôra do infinito e gani lá para as alturas trevosas do firmamento, pingado de estrellas:

—«Deus, oh Deus, onde estás que não respondes?...

E solucei baixinho:

Mas.... porque a sciencia te matou?...

Fort. 1909.

JOÃO DO NORTE.

Ligeiras Narrativas

V

O CAPITÃO

O capitão X...era vaidoso, gostava da ostentação e sempre tivera quéda para ser um d'aquelles officiaes de Napoleão o pequeno, que, nos salões do bairro de S. Germano, estufavam os peitos trançados de alamares, fallando em ir a Berlim como quem diz que vae a Arronches.

Tinha arreganhos militares, espalhafatosos, nas menores ninharias.

Gostava de bons cavallos, de bellos uniformes e melhores charutos.

Na rua marchava erecto, elegante, orgulhoso mesmo, como quem tem o rei dentro da barriga, ou a chave do céo debaixo do braço.

Julgo até mesmo que ao olhar os galões do punho, —tres sómente, a sua phantasia mudava os em estrellas de general.

A' frente dos seus soldados, bem montado e de espada em punho, tomava ares theatraes, ostensivos, orgulhosos de um Murat commandando os esquadrões de Eylau, de um Duque de ferro á frente dos dragões de Posomby.

Um dia sentou-se no «Café do Commercio», á praça do Ferreira.

Emquanto esperava a partida de um bond, engraxava as botas: mas, sentado na cadeira, na posição pacifica de quem engraxa as botas, mantinha sempre a mesma attitude vaidosa, cheio de si, estufando o largo peito, aprumando o busto, as mãos nos quadris.

N'essa occasião passava pela calçada fronteira ao café onde em grupos, rapazes conversavam, o Quincas do Tabuleiro-grande, plantadôr de feijão e criadôr de gado na ribeira do Quixeramobim, matuto intelligente, possuindo em alto grão o bom senso e a philosophia rustica do sertanejo.

Aos olhos avidos, astutos, do camponio não passou desapercebida a figura imponente, marcial, do capitão.

O sertanejo parou e curioso indagou mansamente de um dos rapazes quem era o typo.

—E' o capitão X...Não o conhece? respondeu o interpellado.

—Não, *seu* moço, tornou o matuto, e concluiu, dirigindo-se ao rapaz, em tom mais baixo:

—Eu só queria ser o que aquelle homem pensa que é...

Fort. 1909.

JOÃO DO NORTE.

Ligeiras Narrativas

VI

COITADO!...

Elle fôra alumno da Escola militar e, tendo sido jubilado, rodou para o batalhão, como soem dizer os tarimbeiros.

Fez-se, então, na escóla ociosa, viciada da caserna, o que hoje ainda é.

Alli jogava no salão da companhia, e *abiscoutava* a merenda dos companheiros e as goiabas e bananas da visinhança.

"Jornal do Ceará - 7 - 3 e 5 de Março de 1909
- 1003 - 1004 e 1005 -

13

Depois, dera baixa e muito tempo vagou pelo sul do Brazil, exercendo não sei lá que casta de profissão

Emfim veio parar ao Ceará, refugio de todos os aventureiros que, por ahi em fóra, não encontram quem lhes atire uma codea de pão, e que vêm se abrigar sob o bodsão esvoaçante da politicagem.

E tanto adulou, e tanto curvou a azeitada espinha dorsal,— costumeira a curvar se já ante os lentes do Collegio Militar, quando fôra continuo, que lhe arranjaram um osso para roer.

Então comprou um frack e todos o viram a passear pelas ruas, meio desconfiado, soerguendo-lhe á corcundinha, feita á custa de tantas *curvaturas* o dorso do frack fazendo as abas se divorciarem das canellas.

Fez preparatorios, com explosões de bombas, pernadas de asnaticos e de cartões pelo meio.

Matriculou-se na Academia ; e lá servio sempre de reporter da 4ª pagina da « Gazua », levando-lhe deturpadas noticias dos acontecimentos de onze de Agosto.

Começou, então, á sombra da *politiquice*, elle, estranho ás cousas de nossa terra, aventureiro que, em parte alguma, jamais fôra algo, vivendo á nossa custa, pisando o nosso sólo, sem eira nem beira, nem ramo de figueira, nem precedentes rem nada, a escrevinhar contra os nossos rapazes, filhos das mais respeitaveis familias, com antecedentes, com honra, com dignidade...

Porém, nem mais um osso lhe atiraram os magnatas do poder.

Pobre rafeiro !...

E ahi ficou num canto, desprezivel, só, a lamber a fimbria do manto daquelles que o fizeram baixar de nivel moral tendo procurado aluir a reputação dos outros e conseguido somente ultimar a sua.

A's vezes, á noute, passo pela escola nocturna que elle dirige, e o coração se me confrange ao vêlo tão abandonado, tão sem valôr, a ensinar aos meninos a cantilena chorosa do b— a, bá.

Ninguem faz caso delle : os mandões desprezam-no, porque delle não precisam, os collegas desprezam-no, porque verrinou, tambem, a collegas seus.

Coitado !...

Quando morrer, grave-lhe o seguinte epitaphio mão piedosa que o peço eu :

« Aqui jáz Fulano de tal dos Anzoes Carapuça, professor primario, reporter da « Gazua. »

Dizem por ahi que descance em paz...

Fort. 1909.

JOÃO DO NORTE.

Ligeiras Narrativas

VII

O BESTEIRA

Contam do Besteira cousas de truz, capazes de fazer rir a um frade de pédra....

E quem nesta geometrica Fortaleza não conhece as anecdotas impagaveis desse a quem tambem appellidam— Bellotinha ?

Durante a molestia do «venerando chefe» andava elle pelas casas particulares e commerciaes, com o livro em que as visitas assignavam, sob o braço, a dizer a todos que não era preciso ir visitar o presidente, não, bastava assignar aquelle livro. Era só; encarregar-se-ia de dizer que elles lá haviam ido.

E tanto pedia, tanto instava que assignavam. Sahia, então, muito ufano, emquanto os que haviam assignado, olhavam uns para os outros, sorrindo e murmurando :

— Ora, que *besteira* !...

Mas esta anecdota não vale nada ante os milhares dellas que *dizem por ahi*...

Quando nesta capital appareceu a *defunta* «Gavêta da Tarde», *requiescat in pace*, seja dicto de passagem, foi elle um dos seus *reporters plus déguerpis*, como diz o francez.

Mal sabia lêr e já era jornalista; razão de sobra, portanto, bem tivera um seu irmão, quando dissera :

«Fulano é menino de talento»!

A sua tarefa era esperar na «Estação Central» os matutos, vindos do interior, para lhes indagar dos nomes e ao outro dia noticiar as suas chegadas pela «Gavêta».

Todos o viam, a esse tempo, no pateo da «Estação», acima e abaixo, de carteira e lapis em punho, vexadinho, suorento, a roupinha verde, os sapatos empoeirados.

Um dia o Caetano das Quebradas, sertanejo duma figa, desembarcava, vindo do Uruquê, o sacco da roupa na mão, quando o *reporter* o abordou, fallando appressado:

—Coronel, coronel !

O Caetano parou, rosnando:

—O que é, moço ?

—Como se chama o senhor, interrogou o Besteira, o lapis, e a carteirinha em punho.

—*Quá*, seu moço, retorquio o matuto ironicamente, eu já *pissuo* hospedaria !

E *quondo ocorrá* só me hospedo no *cumpade* Zé da Hora...

Fort. 1909.

JOÃO DO NORTE.

Ligeiras Narrativas

VIII

O EXAME

« Estamos em pleno exame », em pleno exame de Geographia e Chorographia do Brasil.

Em torno da banca de cedro envernizado os examinadôres, repimpados nas cadeiras, pernas traçadas, cigarro ao canto dos labios, cravam os olhares investigadôres no examinando, um pobre rapaz alourado, tremulo, perfil lombrosiano de doente psychologico, côr de banana de S. Thomé, quando madura.

A's perguntas dos lentes empallidece, súa, treme, olha para os espectadôres e não associa duas idéas.

"Jornal do Ceará" 5 - e 10 de Março de 1909 — 1005 e 1007

Bondosamente um dos examinadôres diz:

—O senhor quer, certamente, dizer isto assim... assim...não é?

E elle mal balbucia:

E'..., doutor.

Um dos examinadôres endireita os oculos, cofia o negro cavaignac nazareno e rosna:

—O seu ponto é — Argentina, rios da Europa, bacia do Amazonas, montanhas do Ceará.

Ora, vamos lá: quaes são as producções da Republica Argentina?

—O examinando súa frio e nada diz.

Um collega *sopra*, um pouco de longe:

—Muito matte.

Ao receber o inesperado socorro o coitado volta-se para o lente e responde em tom mais seguro:

—Tomate, doutor, muito tomate

A mais estrondosa gargalhada, que jamais bôccas humanas soltaram, echôa pelo salão.

Mas os examinadôres logo voltam á postura dantes ao lembrar-se que lhes enchem os bolsos veneraveis e bojudos *pistolões*.

Interrogam-no, então, sobre todos os rios da Europa; parece que nunca lhes ouvio os nomes.

Afinal um diz baixinho para o outro:

—Va lá esta pergunta ultima; não é crivel que não responda; e, assim, ao menos salva o final desta porcaria.

Então um delles fala:

—*Seu* Fulano, o senhor responda-nos a pergunta que lhe vou fazer, que ficaremos satisfeitos, e pergunta;

—O que é o Tejo?

O examinando estremece, queda um momento scismando, aparvalhado, e, em voz sumida, balbuciada, responde:

—O Tejo?...O Tejo, doutôr, é o grande oceano que banha Paris...

Fort. 1909.

JOÃO DO NORTE.

Ligeiras Narrativas

IX

O LADRÃO DE CÔCOS

Era mesmo uma verdadeira cafifa, o não poder apanhar um côco no seu extenso coqueiral, que perseguia o Trajaninho de Arronches.

Demanhã ia o Trajaninho ao coqueiral e nem um côco mais achava dos que na vespera havia deixado pendurados aos coqueiros.

Mas, quem era o ladrão?

Não o havia ainda podido descobrir.

Punha os escravos de sentinella noutes e dias durante semanas, quinzenas até; e durante esse tempo nenhum côco desapparecia, nem o ladrão vinha á colheita...

Lá um dia esqueciam-se os escravos de montar guarda ao coqueiral: o gatuno limpava-o.

E essa lucta durou annos. Si naquelle tempo houvesse já neurasthenia, o Trajaninho ficaria neurasthenico; ora se ficava..

Doente ficou sempre um pouco, pois era lá para menos uma perseguição daquellas, uma cafifa de trezentos mil diabos?

E o Trajaninho ruminava

dias e dias lá com seus botões, procurando adivinhar quem seria o astuto e impalpavel ladrão.

Um dia foram os negros ao cannavial, e elle ficou só em casa a encabar um chícote.

Quando era já prompto o serviço, ouve o som do bater dum machado ou terçado e de pencas de côco cahindo dos coqueiros.

O Trajaninho exultou. Era, com certeza, o ladrão, o miseravel que o *atubibava* a tanto tempo. Ia cevar, emfim, a sua raiva concentrada, seu furor recolhido. Sahio de casa, correndo em direcção ao coqueiral, com o chicote em punho, rubro, enfurecido.

Agachado por traz das moutas, ao chegar perto dos coqueiros, rosnava:

—Ah, canalha, ladrão!...

Num dos mais bellos coqueiros estava um negrinho trepado, calmo, a cortar com o terçado as pencas de côcos que vinham cahir aos pés do Trajaninho furioso, a espera que o moleque descesse.

Emfim o negro desceu, apanhou os côcos, pô-los em um sacco; mas, quando se dispunha a partir, salta-lhe o Trajaninho de uma mouta, affogueado, raivoso, e segura-o fortemente pela gola da blusa, alçando na outra mão o chicote de relho encebado num gesto epileptico de colera terrivel.

Porém, antes de saudar á chicotada, quiz desabafar a raiva que o estonteava e explodiu:

—Ladrão, bandido, canalha, patife!...Como-te já de rêlho, gatuno duma figa, grandississimo larapio; pois este desgraçado não me acabava os coqueiros! Miseravel!.. e desembestou por ahi em fóra.

O moleque escutava-o calmamente, a cabeça baixa, um risinho ao canto dos labios grossos e vermelhos.

Quando o Trajaninho parou meio suffocado de raiva, o moleque fallou cynicamente.

Stá'hi, por isto é que eu gosto do seu Trajaninho. E' um homem direito, quando tem de dizer uma cousa da gente, diz assim nas ventas e não por detraz.

O Trajano quedou attonito, a bocca escancarada, o chicote pendido para o chão; e o moleque apanhando os côcos foi se embora, vagoroso, ainda falando da cerca:

—*Inté* mais logo *seu* Trajaninho...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

"Jornal do Ceará" 12 e 15 de Março de 1909

- 1008 e 7009 -

Ligeiras Narrativas

X

O CRIME FEDERAL

Noite de luar. O mar, esbravejante, convulso, epileptico, vinha atirar ao rosto branco da praia flocos mais brancos de espuma que o choque e o vento pulverizavam.

As dunas prateadas como dormitavam na calma azul, longinqua do horizonte; e o luar, chispando scentelhas de prata no dorso negro das ondas, osculava o perfil esbatido da ponta do Mucuripe, silenciosa, branca, escutando o marulhoso que xume do Atlantico...

Pela praia, á luz da lua, caminhavam, juntinhos, lado a lado, dous vultos. Eram um homem e uma mulher.

Eu que os lobrigára da ponte metallica, desde que haviam atravessado o aterro da Alfandega, pouco e pouco me approximei.

Jesus! murmurei ao conhecer o coronel Zé Mathias; é incrivel...

Mas, qual... era elle, elle em carne e osso.

Os dous vultos acobertaram-se por tras da negra e lugubre barraca de banhos que o lugubre e negro Lacroix mandára levantar, e eu fiquei sentado na ribanceira da praia, ruminando cá com meus botões a presença do coronel Zé Mathias, naquella celica noite de luar, acobertando-se por tras das barracas.

—Será elle? me interrogava eu e a mim mesmo respondia:—é, mas quem tal supporia dum homem tão serio...

De repente surge-me um policia ao lado indagando!

—Moço, vossê não vio por aqui um sujeito mais uma typa?

Fiquei surpreso e meio atarantado, sem pensar quase, respondi:

—Acho que vi, sim, alli... para as bandas daquella barraca.

O policial foi-se na carreira, segurando na bainha do sabre e eu, instinctivamente quase, o segui.

Ao chegar do guarda os dous appareceram meio enver. gonhados; dahi a pouco, porém, o coronel fallou em tom um pouco aspero:

—O que e que vossê quer?

A' sombra duma barraca, cosido com o tabique, não perdia a minima particularidade da scena e, interiormente, ria-me da critica posição do coronel.

Com o tom do coronel o policia ficou um pouco desnorteado, retomando, porém, nova coragem, trovejou:

—*Estêje* preso, seu patife!

O coronel não estava por isso e procurou escapulir-se.

—Camarada, vossê não me póde prender, eu sou official da Guarda Nacional.

—Quá o que, tornou o aspero quadrilheiro, pode ser *inté* do *inzerço*, está a paizana e eu só conheço páu pela casca.

O Zé Mathias ficou desnorteado e, após ter revolvido o *bestunto* um momento, retorquio:

—Camarada, vossê não me póde prender, a praia é territorio federal; eu estou, portanto, em territorio federal e torno a lhe repetir: estou em territorio federal e vossê é soldado estadual.

Julgando ter esmagado o adversario com o argumento, soltou um suspiro de allivio.

O soldado, com effeito, ignorante até o extremo, ficou desconcertado, mas ainda insistiu:

—Porém vossê foi preso em lagrante, quando praticava um crime.

—Sim, voltou o coronel, e que tem vossê com isso?

Nada, sabe, nada.

Pratiquei o crime em territorio federal, comprehende, em territorio federal, logo, grandississimo burro, o crime é um crime federal...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

E' de fazer chegar água no bico.

Como lavadeira ninguem a iguala; põe um lerçol alvo que parece gomma sem um *tico* de anil.

O engommado della é uma delicia, é um gosto que regala o peito.

Qual, como a Florencia ninguem tem uma creada.

Aqui, no Forte, ninguem tem não.

E a Dª Gertrudes, fungando no lenço, resmungava:

—Lá isso é, lá isso é, Dª Marica.

A velha, então, desembuchava uma tirada de louvores, de elogios ao asseio, ao comportamento da Florencia.

—Ella não é mulher de *avenidas*, nem de passeios, Dª Gertrudes; só sae de casa p'ra benção no Coração de Jesus e de lá volta direitinho; nem anda com mexericos e nem falla do proximo.

E' quem me faz todo o serviço de casa. Lava, engomma p'ra mim e pr'a o Manezinho, cozinha, lava pratos, faz a *limpeza*, a *limpeza*, Dª Gertrudes, que muita creada tem quizilia de fazer.

A Florencia, quando ouvia essas cousas de sob o postigo, ou quando sabia por outrem, babava-se toda de prazer.

Era uma toupeira, coitada, que servia de *peteca* aos gracejos dos meninos da vizinhança, e nada mais a gabada creada de Dª Marica.

Contavam della até bôas anedoctas. Lá vae a melhor que sei:

Um dia havia visitas em casa de Dª Marica dos Cachos e uma dellas lembrase de pedir um copo dagua.

Immediamente Dª Marica grita lá para dentro:

—Florencia, oh! Florencia, traz um copo d'agua.

E a Florencia gane, lá da cozinha:

"Jornal do Ceará" 15-17 e 20 de Março de 1909

-1009-1010 e 1011-

Não posso levar não, *madinha*, porque estou com as mãos sujas de *limpeza*...

Fort.—1909

JOÃO DO NORTE.

BILONTRAGENS

Amigo Guilherme Rocha,
De nossa terra intendente
Engordar minhas gallinhas,
No «Parque» X, vossê consente?

Nem vaccas, cabras ou bódes
Fazem lá dentro algum mal?
O «Parque da Liberdade»
Foi transformado em quintal...

Bibi-Bilontra

Ligeiras Narrativas

XII

A CARREIRA

Aos primeiros tiros de revolver, partidos das janellas, o grupo debandou em todas as direcções.

Era de causar riso aquella scena.

Esquentados pela cerveja da «Maison», furiosos com o que os jornaes tinham publicado, haviam vindo, armados, vociferando, tomar cabal satisfação.

Mas uma satisfação, exigida às 9 horas da noite, por um grupo de rapazes armados de revolver, em uma casa de familia, só podia ser recebida á bala.

E assim foi: as janellas se illuminaram aos clarões fulvos das detonações, as balas sibilaram, e os «valientes»... deram ás de villa Diogo, na mais ridicula e desordenada fuga que imaginar se possa.

A elles bem se podia applicar o adagio, mais que acertado da arraia — miúda:

—*Quem não póde com o pote não segura na rodilha.*

Correram todos como gansos, tresfolegando, rasgando as estreitas pantalonas na violencia do *movimento fugitivo*, as abas dos fracks ao vento, os cabellos arripiados...

Dous pararam, já sem folego n'uma esquina, olharam se a um tempo, lavados em suor, a respiração oppressa, murmuraram, tremendo:-bala de "riffle" chega até aqui!... e desataram em mais vertiginosa carreira.

Nem um automovel os pegaria: nem mesmo uma bala de "riffle" os alcançaria.

Outro, de folego mais curto, vinha a toda força das suas finas perninhas, sem chapéo, cabellos em desalinho.

Outro, ao abrir a bôcca, para tomar um pouco de ar, com a violencia do esforço, a dentadura desguarnece-lhe as mandibulas e cae sobre as lagens, com uma pancada sêcca.

O mêdo era tanto que o infeliz soltou unicamente um grito estertorado:

—Jesus! Uma bala!...

Mais um corria esbaforido, medroso qual uma lebre, e meia hora depois appareceu vestido em nova calça. Que succedeu com a primeira? Certamente se *prejudicou* de qualquer maneira.

Ainda outros dous vinham na carreira pela rua em fóra. Um na frente; o outro mais atraz.

O de traz gauhou um pouco mais de terreno, e lançou as mãos ás abas do frack do companheiro, que açoutavam o ar.

Julgava, talvez, que o collega era uma locomotiva e elle wagon de nova especie.

Porém o companheiro, medroso até ali, não esteve pelos autos, julgou que alguem, algum inimigo, porventura, o *abecava*, e ganio, um suor frio a untar-lhe os membros fatigados:

—Me largue que eu só fui espiar!...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

BILONTRAGENS

Nossa hygiene favada
Anda com oc'los de couro:
Nunca sabe o que se passa
Lá dentro do Matadouro.

Bibi-Bilontra.

Ligeiras Narrativas

XIII

O POETA

Manhã de inverno, cinzenta e triste.

A chuva gotteja monotonamente nas lagens. Uma caligem acinzentada, fria envolve tudo. Pela rua passam raras carroças, rodando com som cavo e lugubre; vultos embuçados atravessam celeremente as vias.

No seu gabinete, forrado de papel azul claro com ramagens d'ouro, estantes encostadas aos claros das janellas, livros em desalinho para cima da banca de trabalho, passeia vagaroso o dr. P., de um lado para outro.

Por vezes chega até uma das janellas, fita os olhinhos vivos no firmamento coberto de nimbus, atravez dos vidros.

Outras passeia agitado, piparoteia febrilmente a cinza do bréva, some uma das mãos no bolso da larga pantalona de brim claro, ou leva-a num gesto repentino á fronte, e aperta-a com força entre os dedos roseos, nervosos, ou, senão ainda, levanta-a até o pescoço roliço, vermelho, cortado em linha recta, e coça os raros cabellinhos ruivos que lhe enfeitam a nuca, abaixo da caréca luzidia, onde a pallida luz do dia reflecte um brilho fraco.

Senta se á mesa, péga da penna e escreve umas duas linhas; depois lê-as em tom declamativo:

—Visão cerulea que me enche o peito!
Como te quero e te adoro, santa!

Pára, coça com a unha a caréca luzidia, vermelha como um queijo londrino, e murmura:

—Agora uma rima para santa.

Vae a uma estante, folheia um diccionario, volta á mesa, escreve e continúa, depois, a recitar:

Visão cerulea que me enche o peito!
Como te quero e te adoro, santa!
Tua beldade me obumbra de respeito!
Fico a tremer como no matto uma [santa...

E ainda continúa, o gesto de inspirado, as mãos descrevendo assombros pelo ar:

Quando te vejo e te pilho a geito
Tenho vontade de te beijar a planta...

Pára e de novo continúa, tremulo de emoção:

-Do pé eburneo, a esmagar-me affeito,
Quando o amôr neste meu peito can- [ta.

Faz nova pausa, solta um ah! de profundo allivio, senta-se á mesa, morde a canêta, escreve, risca, escreve de novo algumas linhas, levanta-se febril, passeia pelo

"Jornal do Ceará" 20 - 22 e 24 de Março de 1909

- 1011 - 1012 - e - 1013 —

15

quarto, para ao meio, toma uma posição theatral, a mão aberta sobre o peito e recita enthusiasmado:

—Visão cerulea que me enche o pei-
[to!
Como te quero e te adoro, santa!
Tua beldade me obumbra de respei-
[to,
Fico a tremer, como no matto uma
[santa...

—Quando te vejo e te pilho a geito,
Tenho vontade de te beijar a planta
Do pé eburneo, e esmagar-me affeito,
Quando o amôr neste meu peito can-
[ta...

Mulher, tu és, na saturnal da vida,
Uma cyclopica convulsão de sonho!
Mulher, tu és, oh visão querida!

O que me torna este viver bisonho,
Com a alma toda ralada e ferida,
E o coração que de tristeza enfro-
[nho...

Ergue o peito num hausto de allivio, ri e rosna, levando a mão á fronte:

—Que triumpho! meu Deus, que triumpho! Que monumento de gloria poetica! Qual Heredia, qual Bilac, qual Alberto de Oliveira, qual nada!... Sonetista sou eu; eu!

E não me apreciam, porque não podem comprehender a poesia *aristocratica*! Não chega para todos; chega lá o que... Nisto a caseira chega á porta e brada:

Seu dotô, o di comê tá botado.

Elle vae á sala de jantar, balbuciando:

Mulher, tu és, na saturnal da vida,
Uma cyclopica convulsão de sonho!

E da porta ainda gane:

—Heredia, Zamacoïsi, Richepin! Corja de imbecis!

Qual poetas, qual sonetistas, qual Bonifacio, qual «Carro de Bois», qual nada!... Sonetos são os meus..

Poeta sou eu, «eu tão somente!»

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

BILONTRAGENS

Su intendente só bebe
Agua de chuva fervida,
Da que junta nos buracos
Do cimento da "Avenida"..

Bibi-Bilontra.

Ligeiras Narrativas

XIV

O « CONTEUR »

Naquella manhã eu passeava com o meu compadre Onofre da Paixão, moradôr na Varzea da Côxa, na freguezia da Barra da Conceição do Pentecostes.

Perambulando pelas ruas e praças explicava ao diabo do matuto, perguntadôr como um frade, tudo o que se nos apresentava á vista.

Ora era um typo que passava, uma casa de melhor apparencia, que eu tinha de explicar quem era, ou á quem pertencia, etc.

—Mas, quem é aquelle sujeito que vae por acolá? indagou elle.

Olhei e perguntei:—qual?

—Aquelle, *home* de Deus, aquelle que vae bem alli, magrinho, os cabellos de sal e pimenta, cara de fuinha, de palitot de *ápaca*, *home*!

Ah! sim, tornei, já sei quem é. E' o dr. Bonifacio; é poeta e «conteur».

—*Cuma* é, *cumpade*, essa historia de *conté*?

—*Conté*, não, *conteur*, isto é, um individuo que escreve contos, historias...

—Historia de trancôso, tambem?

—Não, historietas simples, faceis, bem escriptas.

—Agora é que me *alembro*, *cumpadim* da minh'alma; aquelle *home* é um que publicou na « Republica » uma tal historia duma *muié*, que comeu castanhola e *gumitou* goiaba?

E', sim.

O meu sertanejo cahio na gargalhada.

—*Cumpade*, me disse, por essas e outras é que eu gósto de ler as *imprensas*; é só *pr'a mode* vêr as besteiras desses *marçonos*.

E, então, eu gargalhei tambem ao lembrar-me da conferencia sobre a « Mulher », e do «Carro de Bois», que rodava chiando estrada em fóra, de eixo forte, de roda forte e mesa forte...

E aquella *guloseima* litteraria havia sido publicada sob o pomposo titulo de « Escrinio Poetico. »

Quanta ironia, quanta malvadez tinha aquella gente da « Republica »?!

E ao chegar em casa o matuto ainda me gargalhou ao ouvido:

—*Cumpadim* da minh'alma, onde foi que já se viu uma *muié* comer castanhola e *gumitar* goiaba?...

Aquelle tal do *doutô*. *Bonifaço* é das Arabias...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

BILONTRAGENS

Lá na rampa do «Passeio»
Gato pôdre é o páo que ha;
Mas, infelizmente p'ra nós,
Os fiscaes não passam lá.

Botam cisco, bicho morto,
Bem da calçada no meio:
Foi convertida em despejo
A descida do «Passeio».

Bibi-Bilontra.

Ligeiras Narrativas

XV

ME LARGA DIABO!...

Corria alacre e ruidosa a festa em honra ao padroeiro da localidade, áquella tarde. Ia confuso fervilhar de visitantes e romeiros pelas ruas e praças da pequena cidade, e de hora a hora mais gente despejavam os trens de recreio que vinham da capital. Anoitecia já

Como a pouco se acabara a novena o povo reunia-se numa pequena praça de alamedas cimentadas, cercada de arame farpado, illuminada a acetylene.

"Jornal do Ceará 24 e 26 de Março de 1909

— 1013 — e — 1014 —

a qual era chamada pomposamente de « Avenida ».

O ultimo vibrar dos sinos em alegre repicar ia morrer ecoando nas penedias da altorosa serra, que se erguia ao occaso da cidade barrando-lhe como immensa muralha a vista para o poente. Evolava-se da multidão um surdo borborinho e das casas illuminadas festivamente vinham sons de pianos, preludiando walsas.

Ao redor da « avenida », á luz fumosa das lampadas de kerozene suspensas a poste de madeira, emmoldurando os botequins coberto de palha de coqueiro, abarrotados de consumidores, começavam a *chiar* os classicos *jurús*.

Principiava a jogatina e com ella as querellas e pugilatos. Alguns policias, quase bebedos, approximavam-se ás mesas dos jogadores com o bonet descahido sobre a orelha, a mão no punho reluzente do sabre, atirando chufas provocadoras aos grupos dos roceiros timoratos.

Na « avenida » pavoneava-se a rapazeada vinda da capital, ostentando os fatos de cachemira bem talhados e elegantes aos olhares requebrados das moçoilas e invejosos dos moços da terra, mal acommodados nas roupas desageitadas com colarinhos e punhos descommunaes.

No fundo claro dos grupos graciosos do bello-sexo, que se todo vestido de branco, destacava-se profundamente a mancha negra da batina dum sacerdote moço e vivaz, que passeava a sua pessôa pela «avenida» chalaceando aqui e alli com os rapazes e raparigas.

De subito, chamando a attenção, partiram vozes altas, fortes e avinhadas dum « café »: era uma altercação entre rapazes da terra e da capital por causa de ninharias. Os da capital fanfarrões e esquentados pela cerveja descompunham os matutos e repelliam toda e qualquer acommodação que procurava fazer o tasquista, um burguez obeso que, pelo empenho que mostrava em pacificar os dous grupos, parecia ter estado na "conferencia da Haya". Em fim passaram das palavras aos bofetões e com pouco engalfinharam-se enraivecidos, atirando a esmo, louças, bancas, garrafas e cadeiras.

Ninguem ousava intervir e amedrontada a multidão quedava contemplando o pugilo. De repente um delles saca dum revolver e a detonação dum cartucho abala o ar. Dos labios das mulheres medrosas e assombradas parte um grito de terror e, aterrorizado pelo grito e pelo tiro o povoléu debanda em todas as direcções.

As mulheres gritavam, outras desmaiavam, os homens fugiam e as creanças, quase abandonadas, num espasmo de terror, soluçavam tremendo....

O povo aglomerava se nos estreitos portões difficultando a fuga, emquanto os rapazes e as moças mais timidas saltavam a cerca dilacerando nas farpas as abas dos fraques e as rendas dos vestidos....

Tudo era horror e confusão!

Pisando brutalmente a multidão que procurava sahir por um dos portões a força de policia penetrou, correndo, na « avenida », de sabres desfolhados rebrilhando á luz das tochas. Já dentro o sargento rugio: *baixa o fande nessa canaia*!!....

O panico cresceu, assumiu proporções horriveis! E, de todo, esvasiou-se a praça ao atroar de mais três ou quatro tiros ficando somente aqui e ali um curioso á sombra duma parede...

O padre manteve-se calmo a um canto até a chegada dos policias: o rugir dos soldados, o brilhar dos sabres, o troar das detonações, o ullular das mulheres, emfim, aterrorizavam no: fugiu!

Quiz sahir por um dos portões; não pode: quiz retroceder; outros tiros soaram á sua frente. Perdeu, então, a cabeça e atirou-se por sobre a cerca. Ao saltar, porém, a batina prendeu-se a uma farpa. Fez força; o panno resistiu... O padre empallideceu, um suor frio untou lhe o corpo, um espasmo de terror convulsionou-lhe os membros e elle soltou um rugido inexprimivel:

Me larga diabo!!....

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

BILONTRAGENS

Do nosso "Passeio Publico"
Um plano foi convertido
Em deposito de bicho,
Quer ande solto ou fugido.

Um caso deu-se outro dia,
A' vista de muita gente,
E até, si eu não me engano,
Do nosso caro intendente:

Defronte da "Caio Prado",
(La vae a cousa afinal)
Praticaram dous jumentos
Novo crime federal...

Bibi-Bilontra.

Ligeiras Narrativas

XVI

A REORGANIZAÇÃO DO EXERCITO

Pafuncio Polycarpo é meu intimo amigo. Nossa ligação data dos bancos do collégio. Juntos estudámos a geographia do Sobreira, conjugámos verbos latinos pela grammatica do padre Pereira, decorámos os Lusiadas e gazeámos frequentes vezes, para nos banharmos no açude do padre Pedro, na praça de S. Sebastião.

O Pafuncio sempre teve queda, e muita, para as cousas de Marte.

Quando menino commandava batalhões compostos dos moleques da sua casa e da vizinhança; e ia, chibata de pequiá em punho, esperar os *cabras* da rua do Sampaio na praça da Sé, ou os *canguleiros* do «Porto das Jangadas» no morro da antiga fabrica de cimento das obras do porto.

Daquelles combates muitos sahiam na carreira, outros com as ventas pingando sangue, outros com a cabeça quebrada, outros, emfim, eram pegados pela policia; e o Sampaio, por castigo, lhes mandava raspar a cabeça, resmugando:—E' p'ra crear vergonha, seu patife!

Rapaz, o Pafuncio quiz ir para a escóla militar; mas o ministro da guerra trancou a matricula.

Ficou o meu amigo, então, com o unico consolo de assistir aos exercicios militares, de conversar com os soldados, de pagar uma *pinga* aos sargentos e de ler as façanhas dos outros na «Guerra do Paraguay», de Jourdan, unico livro que lê.

Sempre, ao conversar commigo, dizia-me o Pafuncio:

"Jornal do Ceará 25 e 29 de Março de 1909

-1014-e-1015

16

—Olha, esse nosso exercito é muito mal organizado, muito mal vestido, muito mal commandado. As armas não têm subdivisões; é a eterna chapa: infantaria, cavallaria e artilharia...

Não tem dragões, não tem caçadores, não tem lanceiros.

Um dia me disse alegre e satisfeito:

Camarada, o Hermes é o *bicho*! Deu um plano de uniformes de *papôco*. Encontrei agora na rua um official, todo de branco, um boné de modelo differente dos antigos, os golões na platina, no hombro.

Felizmente, homem, felizmente acabaram aquelles estupidos galões no braço. Aquillo era indecente. Agora não, um official com aquelle uniforme é um official ~~nosso~~, sem tirar nem pôr.

E o Pafuncio esfregava as mãos de satisfeito.

Passados dias o encontro no «Passeio publico.» na avenida Moróró, sorumbatico, aborrecido.

—O que tens, Pafuncio? perguntei.

Ora o que hei de ter?! Raiva, homem, raiva como o diabo!

Avançou para mim e disse:

—Olha, já te conto. Desgraçaram o exercito brasileiro com a tal reorganização! Esphacelaram-no! sabes? Antigamente todos os soldados conhecidos que eu encontrava tinham no gorro o numero 9; todos eram do nono batalhão de infantaria.

Ha dias para cá comecei a encontrar os meus conhecidos com um numero differente, cada qual. Vi que era cousa da reorganização e comecei a perguntar:

—Fulano, a que corpo pertences?

—Ao terceiro batalhão do quarto regimento da nona brigada de infantaria da segunda divisão mixta da decima inspecção militar.

—Jesus! E tu, beltrano?

—A' quarta companhia isolada da oitava brigada da quinta divisão.

—Virgem! E tu, cicrano?

—A' segunda companhia de caçadores a pé da infantaria ligeira, da quarta inspecção.

—Fiquei assombrado e a todos que encontrava só fazia perguntar:

—E tu?

E elles me respondiam:

—Sou da quinta companhia de atiradores da quarta brigada da reserva territorial.

—Sou do decimo primeiro esquadrão de caçadores a cavallo do vigesimo regimento.

—Sou voluntario especial de manobras com caderneta, passado para o serviço de reserva.

—Sou 4º sargento rebaixado por falta de vaga, esperando exames para ser transferido p'ra o corpo de intendentes.

—Sou da terceira bateria montada do quarto regimento de artilharia a cavallo da segunda brigada de artilharia mixta de sitio, fortaleza, montanha e obuzes.

Só faltei ficar doudo, meu amigo. Que balburdia, que horror!

Mas tu não querias, Pafuncio, lanceiros, caçadores e dragões; obtemperei um pouco sardonico.

—Sim, meu amigo, me tornou elle, as lagrimas nos olhos; queria, sim, queria, mas não assim, mas não dessa maneira!... E sahio por alli cabisbaixo, resmungando, scismando na reorganização desorganizada do nosso exercito.

JOÃO DO NORTE.

BILONTRAGENS

Mucunzá come o intendente
No almoço, jantar ou ceia,
Feito com o milho somente
Da rampa lá da cadeia.

Bibi-Bilontra.

Ligeiras Narrativas

XVII

O AUTOMOVEL

«Chegou, chegou, chegou!
Agora, agora, agora!
Chegou a bocadinho,
Ainda não a meia hora!»

—Chegou o que, Paroára? perguntei.

—O *atomove seu* João, me respondeu o garoto.

Então desci pela Major Facundo a baixo em direcção a uma mó de gente, que estacionava, frente ao "Palhabote", cercando o nunca visto automovel.

Era de vêr a curiosidade do povoléu e de ouvir os commentarios.

Até o Domingos tinha largado o balcão e, de charuto no canto dos labios, a bocca escancarada, apreciava o *bruto*.

O Zé Eloy dizia para o Amorim dos *bichos*, que da varanda do sobradinho saboreava a vista completa do nunca visto e pyramidal machinismo:

—Olha, sabes? Vou mandá pintar naquella caixa verde da frente, em lettras brancas, um annuncio da Epidermina. Oh! será um annuncio de arromba!

Embora custe um conto de reis hei de fazer alli um annuncio da Epidermina!

E o Amorim grunhio:

—Tem razão, coronel, tem razão.

O Pollegada, o João Dodo, o Papae-Grande, todos tinham vindo vêr aquella novidade.

E os disparates se choccavam.

—Isto é movido a gaz, dizia um.

—E' o que! E' a electricidade, respondia outro.

—Qual, aquillo é movido pelas ondas hertzianas, acudia terceiro.

Depois vieram as tafularias e pilherias acerca do automovel.

—Qual, alli não cabe a barriga do Domingos, não! Cabe lá o que!

—Vão pregar na trazeira uma malla feita pelo John Petter, p'ra carregar gelo do Julio e pão do Siqueira.

—Debaixo do banco do chauffeur tem duas caixas. P'ra que serão?

"Jornal do Ceará" 29 de Março de 1909

- 1075 -

—Ora, uma p'ra carregar botões de Epidermol e outra p'ra carregar de Epidermina.

—Então é um automovel *mascate*?

—E'; vae vendendo pelas estradas tudo o que for preciso, até mosaicos da "Plastica".

—E' mais ligeiro que um *carro de bois* e de *eixo* e *mesa* mais *forte*.

Aborrecido, farto de vêr, sahi pela rua em fóra pensando, ruminando cá com os meus botões p'ra que o Julio queria aquelle automovel.

—Será p'ra trazer queijo do sertão p'ra o Joaquim Gago?

Será p'ra carregar tijollo e telha da Lagôa dos Cachorros?

Será p'ra isto? será p'ráquillo? me interrogava eu, sem poder atinar com o fim a que era destinado o *bicho*.

Então pensei: —servirá p'ra levar, talvez, passageiros e romeiros a Canindé?

E pensei tristemente nos pobres bois e cavallos da ribeira do Ceará que haviam de fugir pelas varzeas em fóra, urrando e nitrindo de terror, ante aquelle monstro desconhecido, que bufava, os olhos de fogo dos pharolins acêsos, o chauffeur curvado sobre a manivella, voando, com a velocidade de cem kilometros por hora, na fita sinuosa da estrada.

Talvez que aquelle diabo fosse matar os bacurinhos que eu havia dado á commadre Maria Peroba, p'ra criar de meia, e cuja casa ficava bem na orla da estrada ao pé do serrote da Passagem Franca.

Podia ser muito bem que aquella *engenhóca* me fosse prejudicar, cortando pelo meio alguns dos pintos que eu déra, p'ra tomar conta, á mulher do Zé da Matta, que tinha o costume de crear gallinhas no terreiro da casa, por onde passava a estrada, ao entrar da povoação da Cruz.

Ruminava os meios de impedir esses provaveis prejuízos, já que a "Aachen und Munich" não põe no seguro nem pintos nem bacurinhos, julgando-os talvez materias inflamaveis mais perigosas do que *maravalha*.

A' noute perambulava rua Formosa em fóra ainda pensando em mandar ás minhas comadres umas cartas nestes termos:

Comadre Fulana.

Guarde no chiqueiro os bacurinhos (ou os pintos) de modo que não possam sahir.

Si a cerca tiver buracos tape os com umas varas de marmeleiro.

Recommendo isto, porque agora chegou aqui, no Forte, um bicho das *estranjas*, chamado «automovel» e que é danado p'ra comer gallinhas e matar bacurinhos, cortando-os pelo meio; o *cujo dito* bicho vae qualquer dia destes p'ra Canindé. Tome cuidado.

Abrace ao compadre e beije ao afilhado pelo seu compadre que a estima:

João do Norte.

E pensava no espanto da roceira tapando os buracos da casa, pondo os meninos atraz dos pintos pelos mattos e grunhindo atemorizada para o marido ou o filho:

Fulano, *arrepara* ahi na estrada si o *tá* de *ótomove* já vem, *pru mode nois fechá* a porta, *home*.

Aquillo é *pió qui* o cão côxo e diz o *cumpade* João *qui* é *mais pió qui* os *cabelludo* e os *marçano quondo* correrem p'ra baixo!..

Pensava eu assim distrahidamente, quando passa por mim um vulto negro lançado a toda velocidade.

Fon Fon! Fon Fon! Fon!

Era o automovel.

Tremendo de medo cosi-me com uma parede; e o *bicho* passou.

Defronte do «Club Iracema» o monstro parou.

Fiquei em pé na esquina.

Muita gente correu para vêr. Eu é que lá não fui. Só se estivesse doudo me encostaria naquelle bicho e ainda mais com o Jonh Petter dentro! Credo! O filho de meu pae é que não cahia nessa nunca.

Fiquei na esquina a esperar que o *bicho* voltasse. Nada, não sahia do logar. De vez em quando os moleques vaiavam:

Fiaú! Fiaú! Fiaú!

Quedei esperando muito tempo, uma hora talvez.

Já me aborrecia e muito.

Emfim, eis que o bicho se bóle e caminha em minha direcção.

Jesus! Que vejo!..

« Oh! que não sei de nojo como o conte!... »

O automovel vinha andando, andando... puxado por um jumento!..,

Tinham desmantelado o machinismo.

E então todo o meu receio acerca dos meus bacurinhos se transformou numa sarcastica e mephistophelica gargalhada que não poude conter e que os garôtos acompanharam:

Oi! Oi! Oi! Fiaú! Fiaú! Fóra o *ótomove*! Fóra o jumento!

Me dá um tostão que eu empurro!...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

FOLHETIM (1)

Original para o JORNAL DO CEARA'

HISTORIA RUSSA

"Nadia Walowski"

POR

Gustavo Barroso

A "Perspectiva Newski," sobertа por branca e espessa camada de neve, as altas e negras casas recortadas no fundo cinzento dum céo de inverno, era triste e silenciosa naquella manhã fria de Dezembro.

Quem já a houvesse visto na primavera ou no verão, quando ainda as patas dos cavallos da guarda imperial se não haviam molhado no sangue do povo; quem a houvesse visto com as lojas abertas, os cafés frequentados, embandeirada, regorgitando de povo, no meio do qual se via desde a dama da côrte a costureira da Livonia, desde o fidalgo do paço ao boyardo da Curlandia desde o ajudante do czar ao georgiano da escolta, desde o estudante polaco ao operario de Perm, desde o marinheiro de Cronstad ao pescador de Arkangelsk; quem assim a houvesse visto, certamente que a não conheceria.

Agora os cafés quedavam fechados a falta de consumidôres, porque estes não queriam ser, de subito, obrigados, por meia duzia de policias, a mostrar os seus papeis, a dar explicações de procedencia e destino.

As ruas, a avenida principalmente, continuavam desertas, porque, tambem, ninguem gostava de ser, em cada bêco, sob o olhar duro dum official, corrido e rebuscado por um cossaco feroz.

Apressados passavam, unicamente raros grupos de operarios e operarias em silencio, dirigindo-se

"Jornal do Ceará" 29 e 31 de Março de 1909

-1075-1076-

fabricas, touristas inglezes, com a machina photographica de promptidão; e em cada esquina uma patrulha vistoriava os bolsos dos operarios

e exigia dos touristas que mostrassem o passaporte da legação.

Por vezes passavam patrulhas de cavallaria a passo.

Os cossacos, hirtos nas sellas, moviam o olhar investigadôr de um lado para outro, as barbas ruivas lhes varrendo os largos peitos, os pelludos bonés pretos carregados sobre o cenho feroz, salpicados de neve, e a clavina engatilhada segura de encontro a côxa. Ao lado marchavam os sargentos, com as mãos nas coronhas dos rewolvers, as agulhêtas pratendas luzindo sobre o couro de bufalo das cartucheiras.

A revolução tinha vindo ajuntar novos horrores áquella vida de escravos do povo moscowita.

O general Estrakenz, governador de Petesrburgo, envolto na sua ampla pellissa, vinha pelo meio da «Perspectiva», com o seu inseparavel ajudante de ordens, conde Iouri Ignatief, tenente dos ferozes cossacos do Don.

Seguia-os a certa distancia um granadeiro, embuçado tambem, salpicado de neve, a carabina, com a bayoneta armada, rebrilhando sobre o hombro.

Familiarmente dizia o general ao ajudante, ora piparoteando a cinza do charuto, o a cofiando os longos bigodes, ora piscando os glaucos olhinhos significativamente:

—Sabes, Ignatief, estou completamente apaixonado por aquella costureirita que me passou hontem pela frente e que repellio, com um safanão de carreteiro do caes, a minha mão acariadôra.

Mas, que bello talhe, que rosto lindo o daquella pequena!

Fez-me chegar agua no bico.

Aquelle petisco, Ignatief, é da Polonia; o olhar ardente denuncia. Uma moscovita não repelle nunca a caricia dum general. Uma polaca é capaz de esbofetear o propio czar se lhe faltar ao respeito.

Na Russia não ha aquelle cabello, aquelle olhar de fogo, aquella face pallida; tudo é louro, azul e côr de rosa.

E que ademanes de mulher deliciosa, e que quadris, Ignatief!...

O velho militar parou, piscou ao official, mais significativamente, os glaucos olhinhos, curvou-se todo, como a reprmir um espasmo de sensualidade, que lhe sacudio todo o corpo nervoso e magro, e continuou em tom mais baixo, mais familiar, mais confidencial:

—Ella já me tem repellido com a brutalidade dum marujo de Viborg, umas poucas de vezes, em plena rua.

Hontem me enraiveci e, por Deus, estive a mandar o gramadeiro acaricia-la com o couce d'arma.

Mas com bôas maneiras vence-se tudo e com astucia chega-se a qualquer fim.

Vê bem, conde, aquella mulher ha de pertencer me que t'o juro eu!

E quando Estrakenz jura, faz!

Por varias vezes me has dado inconcussas provas de que és um rapaz esperto e apto para galgar os maiores cumes num paiz como a Russia...

O tenente interrompeu, curvando-se, a mão espalmada na frente do boné, grunindo satisfeito:

—Bondade vossa, general.

Estrakenz passou-lhe o braço em volta do pescoço e disse-lhe quase ao ouvido:

—Que dirias si a tua passadeira fosse enfeitada com mais um galão, si o teu «colback» de cossaco se transformasse no capacete dourado aos couraceiros da guarda e se no teu peito brilhasse a cruz de St.º André? Que dirias de tudo isso, Ignetief?

O ajudante fitou-o tendo nos olhos a interrogação de quem duvida, de quem não pode crer no que lhe prometteu.

—Um general russo que foi ajudante de campo do grão duque Sergio, que fez parte da commissão dos fornecimentos, que é governador militar de Petersburgo, que é, em summa, conselheiro privado do czar, ciciou o general, tem muito poder e ... muito segredo em suas mãos...

A esse tempo vinha em direcção contraria aos dous uma rapariga do povo, meio occulta sob o capote escuro, o passo appressado.

Pelo rosto pouco encoberto podia-se avaliar a sua belleza e idade.

(Continúa)

Ao lobriga-la Ignatief tocou com o cotovello o flanco de Estrackenz.

—A costureira, disse.

O governadôr voltou-se, o riso nos labios, mas nada pôde dizer tão rapida, appressada e indifferente passou a costureira.

O general, então, quedou a contemplar-lhe o vulto appetitoso que mais e mais se distanciava, embevecido, alheio a tudo.

Nesse interim o tenente chamava o granadeiro.

—Ferko, segue-me aquella rapariga até descobrires onde mora, como e com quem. Tens as fitas de cabo si te sahires bem.

Vae!

A ordenança partiu, emquanto o tenente, conde Ignatief, monologava satisfeito, esfregando as mãos mettidas em grossas luvas de couro de renna da Laponia:

—Já comecei a pregar na passadeira o galão de capitão.

Na Santa-Russia só assim se sôbe... P'ra que quer honra uma mulher do povo si as duquezas mercadejam a sua aos cortezãos de Peterhoff, si as proprias czarinas por vezes têm descido até a tarimba dos cossacos da guarda; pois não era o maior gosto de Catharina, a grande imperatriz, o experimentar a rudeza, a sensualidade selvagem desses cavalleiros barbaros do Terk, do Volga e do Dou?

Não desceram tambem as grandduquezas, filhas de Fedôr, aos grabatos dos Strelitz, desses janizaros dos czares de outr'ora?

Na Russia não existem felizmente crimes de ordem privada: são, quando muito, faltas veniaes.

Nunca ouvi dizer que fosse alguem para a Siberia, porque roubou a honra duma mulher bonita, porque matou o seu inimigo, porque assassinou para roubar; nunca. E' verdade que d'uma feita Alexandre III, que Deus guarde, condemnou a trinta annos de prisão um mujik que furtara uma gallinha .... das capoeiras do grão duque Constantino.

O conde tinha na voz a ironia do homem que conhece os erros, mas que delles sabe se aproveitar para subir.

—Quanto aos crimes de ordem politica o caso muda de figura. Por crimes politicos estão cheios os presidios de Tobolsk, de Iakustk e da ilha Sackhaline. Estão atufados de homens, mulheres e creanças que bem vi quando fui sub-tenente na 1ª brigada do Littoral.

(Continúa)

FOLHETIM (2)

Original para o JORNAL DO CEARA'

HISTORIA RUSSA

"Nadia Walowski"

POR

Gustavo Barroso

Podia ter, quando muito, vinte annos; era esvelta, desembaraçada e bella como uma zingara do Danubio, ou como uma montanheza dos Carpathos.

Tinha o rosto oval, o nariz perfeito, olhos negros de intenso fulgor, face pallida e limpida como o gêlo das planicies do Niemen e do Vistula.

BILONTRAGENS

Responda *seu* intendente
Ao que lhe vou perguntar:
—O "Beco do Maceió",
Porque o mandou cercar?

Vae plantar milho acolá,
Ou fazer um bananal?
Nunca vi ser uma rua
Assim mudada em quintal...

Bibi-Bilontra.

"Jornal do Ceará" 29 de Março e 2 de Abril de 1909

1016 - e - 1017

Ligeiras Narrativas

XVIII

O RIO GRAVATA

Em uma das vastas salas do edificio do "Lyceu" tinha logar o exame de Geographia do 3º anno do curso integral.

Trez professores compunham a banca examinadôra.

Um delles desafiou a minha attenção de espectadôr despreccupado.

Era um individuo de estatura regular ensaccado, posso dizer, num velho sutambaque que se assemelhava um pouco com um *croisé*. A cara era, como vulgarmente se diz, de mamão-macho e, pelo modo que tinha de pôr a mão em concha por sobre o bem crescido pavilhão auditivo, quando fallavam, parecia ser mouco

Sentado em frente dos trez o examinando, rapazêllo de pouco mais ou menos doze annos, embaraçado, confuso, mal respondia ás perguntas que um dos lentes, em tom rude, lhe fazia.

Interrogavam o estudante sobre o Amazonas.

A muito custo havia elle dito onde nascia o rio-mar e qual o seu curso.

Agora ennumerava, coitadinho, suando, pallido, os seus principaes affluentes:

—O Madeira... o Xingú... o... Javary... o Tapajós...

E calou-se muito enfiado, coçando a cabeça, procurando na memoria mais algum rio, as associações de idéas interrompidas por aquella superexcitação do systhema nervoso.

Um dos professôres, em tom bondôso, com a affabilidade que se desprendia do seu todo sympathico, veio em auxilio do examinando:

—Meu filho, qual é o rio que banha a cidade de Manáos, o mais conhecido, póde-se dizer, de todos os affluentes do Amazonas? Qual é? disse apontando com o dêdo, distrahidamente, a gravata de sêda negra, muito negra.

O pequeno atrapalhou-se.

Viu o gesto, mas não comprehendeu, e coçou a cabeça enleiado, triste.

—Lembre-se duma côr, meu filho, tornou o bondoso professor sempre apontando a gravata.

O menino, cada vez mais alheiado, não respondeu.

Já o presidente da banca se aborrecia, se impacientava.

Nisto o tal sujeito do sutambaque, assumindo um ar doutrinario, diz:

—Não é possivel que o snr. não conheça o rio que banha Manáos, portanto, diga logo que não podemos perder tempo

Emquanto fallava os seus olhinhos de elephante não perdiam o gesto do professor que apontava a gravata.

Vozes *sopravam* do auditorio:

—O Negro. O Negro.

O menino não ouvia e, á increpação do sujeito do sutambaque, balbuciou:

—Não me lembro.

O sujeito pôs a mão ao ouvido e ganio:

—Falle mais alto, que eu não ouço.

O pequeno bradou:

—Não me lembro.

O examinadôr olhou de novo o gesto do outro, que apontava a gravata preta, e fallou, o tom de voz falso, quase fanhoso, antipatnico.

—Ora, com que então o snr não sabe qual o rio que banha Manáos?

Fez uma pausa como a esperar resposta e assumindo um ar de importancia, disse:

—O rio que banha Manáos é o rio..., o snr. não sabe?!

Olhou de novo o professor que ficára com o dêdo esquecido a apontar a gravata e ganio:

—E' o rio Gravata, homem!

Assistentes, examidadôres e o proprio examinando cahiram na gargalhada...

Puz o lenço á bocca para abafar o riso e sahi, quase correndo, da sala.

Na porta topei o dr Bacorinho.

Parei e, apontando a figura irrisoria do homem do sutambaque, indaguei:

—Dr., quem é aquelle typo?

—E' o dr. Môcuim, me respondeu.

Ah! já sei, grunhi espocando de riso: é o Môcuim da Logica...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

Ligeiras Narrativas

XIX

A LAGÔA DO GARROTE

Confrange-se o coração ante qualquer ruina, ante tudo o que mostra decadencia: é que a ruina vem avivar recordações que se esbatiam já no crepusculo da saudade; é que a morte das obras do homem é tão triste quanto a morte do proprio homem, como já o disse alguem.

Scismava eu assim sob uma frondosa morgubeira do decrepito e abandonado parque da Liberdade, em cujo enorme tanque de cimento apodrecem hoje as aguas lamacentas da antiga lagôa do Garrote; scismava sobre a decadencia daquelle bello logradouro, na tristeza angelica duma tarde fresca, em que o sol, com preguiça de abandonar a terra, deixava os seus ultimos e pallidos raios acariciarem os capuchos de nuvens que rolavam pelo azul; scismava sobre tudo isso, sob o peso de evocações distantes, nostalgicas, quando a voz dum guarda, um velho, uma ruina de homem, me chamou á realidade:

—Moço, eu quero fechar a grade.

Voltei-me para o homem e disse-lhe:

—Espere um pouco; deixe-me appreciar alguns momentos este velho passeio; faz muito pouco tempo que entrei.

—Sim, murmurou o velho e sentou-se em um banco que me ficava perto, cravando em mim os seus bondosos e indagores olhos.

Li no olhar delle a pergunta que me fazia, certamente admirado de vêr um moço quedar contemplando aquella ruinaria, aquella decrepitude e fallei:

—Não se admire, meu velho, que eu goste deste logar. Aqui, quando menino, passei as melhores horas de minha vida; aqui vinha brincar com os meus collegas, homens, hoje, distanciados já de mim: uns descançam na gelidez da sepultura, outros para longe foram, outros jazem atolados nesse lôdo gelatinoso da corrupção moral...

Podia dar livre curso aos meus sentimentos, o logar instigava-me, mas aquelle ho-

"Jornal do Ceará" 2 e 5 de Abril de 1909

1017 - e - 1018

mem era um estranho e forçoso me foi, portanto, o mudar de conversação.

—Meu velho, perguntei, de quem é aquillo ? e apontei um jumento que pastava, a certa distancia, ao meio dum capinzal.

—E' do major João Pedro, me respondeu.

—E aquelle outro ?

—E' do seu Vicente.

—E aqui é logar de se engordar jumentos? interroguei admirado.

—Ora, si fosse jumento só era bom, me tornou o velho. Aqui se engorda tudo. Quase todos os mezes *seu* João compra aos matutos, no mercado, um cavallo magro, cançado, por vinte mil reis, bota aqui e; quando o bicho está gordo' vende-o por um dinheirão!

O velho, então, deu a lingua e continuou meio confidencial:

—'Stá vendo, esses dous jumentos carregam agua todo o santo dia, trabalham como o diabo. Anda com elles um moléque que todo o dia vem buscar capim p'rás vaccas de *seu* Vicente. Olhe, e apontava com o braço, aquella ninhada de pintos é do *seu* João; aquella de capotes de *seu* Fulano, aquelles bacuribos da mulher de *seu* Beltrano, aquelles bodêtes gordos são do filho de seu Cicrano....

E aquelle encanamento, que sae da caixa d'agua e vae alli pelo chão, para onde vae ? interrompi.

—Vae p'ra praça do Ferreira, *seu* moço, mas alli na esquina sae outro que vae p'ra cosinha de *seu* Fulaninho e outro que vae p'ra vaccaria de *seu* Vicente.

Anoutecia já. Despedi-me do guarda e sahi, ruminando cá com meus botões que não havia nada melhor do que ser empregado da Intendencia : tinha-se tudo por obras de Santa Engracia.

Pobre parque da Liberdade, sitio do João Pedro é o que és!

Ao outro dia lia, commodamente refastelado na minha *chaise-longue*, o almanach do Ceará, quando deparei com o seguinte na descripção da capital:

Logradouros publicos:
Passeio Publico
Avenida Sor. Nogueira Accioly
« « 7 de Setembro
« « Dr. Pedro Borges
Parque da Liberdade

Um riso ironico, acido, amargo vincou me os labios e lembrei me da historia do senhor que apregoava um escravo para vender, cantando :

—Quem compra este negro,
Que não bebe vinho,
Nem come toucinho,
Nem prova aguardente ?

E o negro resmungava atraz:

—Jesus ! Como mente !

Assim tambem rosnei aborrecido :

Jesus ! Como mente !...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

FOLHETIM (3)

Original para o JORNAL DO CEARA'

HISTORIA RUSSA

"Nadia Walowski"

POR

Gustavo Barroso

E o que valem essas costureiras da Polonia, essas lavadeiras da Lithuania, essas operarias de Varsovia ? Corja de nihilistas é o que são. Corja de revolucionarias, torno a dizer.

Ora adeus, que sempre, com os rublos de minha renda particular, com o soldo de capitão do Imperador e com a propina de cavalleiro de S.º André, poderei ir de dous em dous annos, pelo menos, ás corridas de Epsom ou Auteil, jogar com o grão duque Alexis em Vichy, e perambular com uma actriz da Opera ao lado pelo boulevard de S. Germano e dos Italianos.

Safa que isto já custava !

Que venha e depressa novo negocio. Estou me babando já pelo galão de major e pela cruz de S. Jorge...

Dimitri Estrakenz apaixona-te de novo!

II

Na manhã seguinte áquella em que Ignatief mandara seguir a costureira polaca, numa pequena casa dum arrabalde de Petersbugo, estavam reunidas três pessôas. Eram a costureira, Nadia Walowski, seu irmão Sacha e seu pae, Wassili, que fôra voluntario na revolução de Kosciusko e tombara ferido sob os golpes dos cossacos na batalha de Maciejowice.

Sacha era bateleiro do porto; Nadia era costureira numa casa de modas.

O velho, doente, entrevado a um canto, nada podia fazer.

Passava os dias sentado ao pé do fogão, emquanto os filhos estavam no trabalho, e, quando estes chegavam á noitinha, contava-lhes o que fizéra na sua mocidade, as desgraças da Polonia, o heroismo de seus filhos; e os seus olhos enchiam-se de lagrimas quando fallava em Kosciusko, quando lhe fitava o retrato, uma velha lithographia a côres, pregada a parede, por sobre a chaminé, onde o heróe de Maciejowice apparecia envolto na pellissa agaloada, braços cruzados, o olhar dominadôr, as pontas da gravata de velludo negro esvoçando ao sopro rijo dos combates.

Nessa manhã, Nadia traçava já o chale para sahir com Sacha, quando bateram a porta e uma voz rude exclamou:

Abram em nome do czar !

Sacha e o velho nem sequer estremeceram. Eram costumeiras aquellas irrupções bruscas da policia Ha dous dias, porventura, não haviam rebuscado sua casa ?

E o que podiam encontrar ?

Não eram nihilistas, não eram revolucionarios, nunca haviam saudado a bandeira vermelha dos estudantes da Universidade, nunca tinham ido ullular queixas, explodir cóleras na praça do « Palacio de inverno », nem, muito menos, pertenciam á famosa e terrivel sociedade da «Organização do combate».

Adoravam Kosciusko e a Polonia, mas isto no amago do coração.

Conformavam-se com a escravidão, porque não podiam ir de encontro ao poder da autocracia.

Que tinham, portanto, a temer ?

Nada, certamente.

Por isso foi com o riso nos labios que Sacha abrio a porta ao conde Ignatief e a quatro barbudos cossacos do Don.

Nadia, sem que podesse explicar porque, sentira-se afflicta quando bateram a porta; agora, que no tenente reconhecera o ajudante do general que, por diversas veses, a havia perseguido na rua, ficára mais morta que viva e o seu espirito comprehendeu pelo olhar do conde qual o fim da visita.

Teve, porém, imperio sobre si mesma, e o seu rosto não trahio na sua limpidez de jaspe a minima commoção.

O tenente parou ao meio da sala, emquanto os cossacos davam busca na casa, abrindo bahús, lendo papeis folheanndo livros, rebuscando gavêtas, remechendo o enchimento dos colchões e a propria cinza do fogão.

O velho e o moço encostados a parede olhavam um pouco constrangidos para aquella scena.

Quando os rostos mostravam constrangimento é que a raiva lhes mordia o coração.

Finda a busca, disseram os soldados :

—Nada, tenente.

"Jornal do Ceará" 5 e 7 de Abril de 1909

- 1018 - e - 1019 -

Ignatief circulou então o olhar pela sala, como se procurasse alguma cousa, e disse fitando o retrato de Kosciusko, lançando ao mesmo tempo sobre Nadia um olhar de triumpho:

—Prendam-nos! São revolucionarios! Então não viram, imbecis, pregado a parede o retrato desse infame bandido polaco, desse miseravel rebelde de Varsovia. Levem á fortaleza essa corja de nihilistas!

Os soldados empurraram brutalmente para a rua os tres infelizes.

A um aceno do tenente um voltou-se e com a ponta da lança rasgou a velha litrographia colorida, onde apparecia o retrato do heróe polaco, envolto na pelissa bordada, braços cruzados sobre o peito robusto, as pontas da gravata de velludo negro esvoaçando ao vento rijo dos combates.

Os farrapos da lithographia vieram ao chão e o cossaco calcou-os aos s grunhindo:

—Cão de polaco!

III

O general Dimitri Estrakenz Danilovitch estava no seu gabinete, ampla sala forrada de azul, a secretaria ao centro, armarios slavos aos cantos, photographias de generaes e grão-duques nas paredes, panoplias cheias de sabres cossacos, de punhaes kirghizes, tartaros e circassianos no alto das portas, um quadro da batalha de Geok-Tepé, com a figura guerreira de Skobeleff ao centro, ladeado por bandeiras moscovitas, tomando o fundo da quadra, por sobre um largo divan de escarlata, franjado de ouro.

(Continúa)

Ligeiras Narrativas

XX

A ESTATUA

Com grande estardalhaço havia o jornal official annunciado a chegada, pelo proximo paquete, duma bellissima estatua, presente do governo de Manáos, capital do reino de *Cocagne*, á governança desta terra de botocudos, penhor de grande amizade e maior consideração.

Dahi a azafama e preparativos em toda a cidade para a condigna recepção de tão magno presente.

Magno, portentoso devia ser; era isto o que se deprehendia do espalhafatoso annuncio do orgão official.

O Julinho da Intendencia disse na conhecida e immutavel *róla* do lado oriental da praça do Ferreira que a tal estatua devia ser mesmo cousa admiravel.

Talvez fosse, aventou, semelhante a da Liberdade, pharol do porto de New-York, obra ingente de Bartholdi, presente da França ao astuto e forte Tio Sam, havia até a analogia; ou, pelo menos, imponente como a de Bartolomeo Colleoni, que o cinzel de Verocchio esculpio para maior gaudio dos venezianos.

Phantaziou-a aos olhos ávidos do Carneiro, do Tavares, do Miranda, abysmados ante tanta erudição, num arroto de profunda sapiencia mais bella, por ventura, que o Jupiter Olympico, de linhas mais puras que o Moysés de Miguel-Angelo, arrebatadôra, como da Diana de Goujon, divina qual a Venus Borghése devida, quem o poderia saber? a um cirzel igual ao de Guilherme de Paris.

Desenrolou uma enfiada de nomes de esculptôres celebres e de esculpturas mais celebres ainda; citou trechos latinos e recitou farrapos dos Luziadas; dissertou sobre o variegado symbolismo da mythologia grega; fallou nas imagens dos quinhentos deuses que Roma abrigava, *intra muros*, no monstruoso vulto do "Sacré Cœur" de Paris e até nos broncos idolos de madeira dos papuás e dos samoyêdas; e acabou provando que o esperado colosso seria... incontestavelmente mais perfeito que a estatua do General Sampaio,— vigia marmorea da lenha do Pollegada,

—Pois não! Pois não! grunhiram os d'assembléa boquiabertos ante tanta erudição expellida por um presente que ainda vinha em caminho; e creram, portanto, que a cousa seria mesmo de *papôco*.

—Um presente que um governo manda a outro, especialmente o duma terra rica qual Manãos, só póde ser muito bom! concluiram.

Então o Julinho, aproveitando a occasião poz as manguinhas de fóra e a lista dos presentes que nações e reis tem enviado a outras nações e a outros reis foi interminavel; veio a baila até o relogio que Al-Raschid, califa de Bagdad, enviou a Karl, o magno, vencedor dos saxões.

Na rua era assim: o Julinho nas suas rodas arrotava toda a leitura que lhe atufava o cerebro, com aquelle pretexto; os que não eram eruditos trocavam pelos bêccos chalaças, indagações, disputas.

—Deve ser a estatua de José de Alencar, opinava um.

Ao Ceará só se deve presentear com a imagem desse vulto.

—Qual, tornava outro, é um indio, Pery.

—Pery o que, tolo! E' Iracema, intercalava terceiro.

—Qual Iracema! gargalhava um mais folgazão: é a avó do Boris.

Um até lembrou:

—Si não é, devia ser uma apotheóse ao "jogo dos bichos". Isso sim.

Por vezes num grupo, numa esquina, a discussão terminava em cousa mais azêda.

Um dia o philosopho-alcoolico Antonio Mathias, ao passar por um desses grupos de teimosos, rosnou:

—Credo! P'ra que tanta cousa?

P'ra que tanto *furdunço pru mode* um *calunga*...

Nas casas havia o diabo.

As mulheres atormentavam os maridos por vestidos e chapéos; porque, diziam, ia muita gente ao desembarque, ia a mulher de fulano, a de cicrano, e ellas não queriam ir esmolambadas.

Muito marido, que andava na *pindahybite*, se vio doudo com a tal de estatua e mil vezes amaldiçoou a lembrança do governadôr do Amazonas.

Filhas *atubibavam* aos paes irmãs aos irmãos, para obter um vestido da moda, um par de *mitaines*, um calçado novo.

A' tarde conversavam das janellas:

—Fulana, vossê vae?

—Vou. Fulaninha tambem vae.

Mandou fazer um vestido que é uma lindeza.

—Olhe a filha do dr. F. é quem vae mais bem vestida; fez um vestido de *pongeé*, a cousa mais bonita deste mundo.

—Sabes? eu vou com um cinto branco; toda de azul.

—Fica! Eu estou preparando uma saia de prégas, conforme o ultimo figurino da «Rainha da Moda».

—Olhe, Fulaninho me disse que ia, hein?

Crescia com a approximação do dia da chegada do presente a azafama do *pessoal*.

Emfim chegou o grande dia.

O vapor do norte lançou ferro no porto. O povo agglome-

"Jornal do Ceará" 7 e 10 de Abril de 1909

-1019-e-1020-

rou-se desde a Alfandega até a ponte de desembarque.

Era um formigar immenso de povo: Homens e mulheres, meninos e meninas, rapazes e raparigas, brancos e pretos, mulatos e cafuzos, curibocas e mamelucos, caboclos e cabras iam, vinham, se misturavam, galrando, rindo, suados, cançados e alegres.

Por sobre a multidão, a praia, o mar, os edificios; por sobre as cousas vivas e por sobre as mortas; por sobre tudo, em summa, o olho refulgente dum sol sem raios, encalhado entre um amontoado de nuvens pesadas, cinzentas cuspinhava uma ironia, um sarcasmo de luz.

Emfim, após muito suar e muito esperar da multidão, appareceu a estatua, o presente, em cima dum *trolley*, empurrado por trabalhadores vindo da ponte.

As mulheres viraram o rosto desdenhosamente, a rapazeada cahiu na gargalhada, os *homens serios* taparam os olhos com os lenços e a garotagem desenfreada, voltairesna desandou uma chuva de pedras, *corbeilles* d'areia e assobios, para cima do *portentoso* presente do governador do reino de *Cocagne*:

—Fiau! Fiau! Fiau! Fiau!

A estatua era o *calunga* mais feio que imaginar se possa. Um verdadeiro Quasimodo da estatuaria.

Imagine-se um monstro de ferro, chato por traz para ser encostado a uma parede, nas seguintes condições:

Pernas enormissimas e finas como as do Pilombêta do Rôla, terminadas por enormes pés com dêdos monstruosamente grandes e malfeitos.

Corpo curto como o do Pollegada e chôcho como o do Palhêta.

Cabeça enorme com cinco enormes pontas ao redor, semelhando chifres, com pretenções, porém, a ser estrellas!

Ao lado dum dos braços trazia um objecto sem forma definida que disse o porta-orador telegraphista Art. Rocha ser a lyra da poesia erotica-nephelibata, sua muito conhecida. Era a estatua de Apollo.

E foi esse bicho de ferro enferrujado, que numa praça de Manáos, servira já de mictorio publico, o presente que o governo de *Cocagne* mandou á governança dos botocudos, e que fez o Julinho gastara sua erudição e o povo ir á praia sem proveito.

—Fiaú! Fiaú! Fiaú! Fiaú! gritavam os moleques, emquanto a multidão voltava aos penates, tendo na face a tristeza da menina a quem um ricaço da terra, cuja afilhada era, promettera um presente e dera... uma caixa de charutos vazia.

Sómente o Antonio Mathias grunhia:

—Isto é povo bêsta! bêsta como *aruá*!

Muito tempo esteve o *presente* na praia, depois trouxeram-no e collocaram-no frente ao palacio do governo.

Ahi tornou ao que era:—mictorio publico. Os cambeiros vinham em romaria apreciar o gigante encantado como chamavam o presente do reino de *Cocagne*.

Mas o cheiro de ammoniaco que começou a se evolar do Apollo fez com que o removessem para o sitio dos empregados da Intendencia, quero dizer, para o «Parque da Liberdade».

Hoje lá está deitado de costas no barro do chão, olhando a concha azul do firmamento, os *chifres* desatarrachados do craneo pelos garotos, os braços soltos do corpo, roidos de ferrugem.

Pobre e infeliz Ceará só desses presentes recebes, engeitado da sorte!

E quanto sarcasmo, quanto insulto, quanta lama mesmo atirada na face do Ceará não representa o tosco Quasimodo de ferro, o mictorio publico de Manáos, com que fomos presenteados?!...

Botocudos somos nós cearenses, porque não devolvemos ao lôrpa que nol-o mandou aquelle calunga acompanhado por um *vergalho* de *chupeta*, signal do que temos para dar aos typos de sua láia!

Mas, no Leão doente, moribundo até o burro vem dar seu couce...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

1127
17-Dez°-1909

Gustavo Barroso

Em viagem de recreio, segue amanhã para Buturité, o nosso talentoso companheiro de redacção, academico Gustavo Barroso.

Acompanham-n'o os votos que fazemos para que seja bem succedido no passeio e volte brevemente ao nosso meio.

FOLHETIM (4)

Original para o JORNAL DO CEARA'

HISTORIA RUSSA

"Nadia Walowski"

POR

Gustavo Barroso

Um cossaco, com o sabre desembainhado, cartucheiras douradas sobre o peito, passeava pelo lado de dentro da sala.

O governadôr escrevia.

Passados momentos ergueu-se, virou-se para o soldado e fez um gesto.

O cossaco sahio.

Então bateu três pancadas no gongo de prata da escrivaninha.

Appareceu Ignatief.

Meu caro capitão dos couraceiros da guarda, faça-a entrar, rosnou tisonho Dimitri Danilowitch.

O conde sahio e dentro em pouco a polaca foi introduzida.

Estava pallida, muito pallida, a physionomia augustiada.

Reconhecendo o general não poude reter um sobresalto.

Dominou-se logo.

Estrakanz envolveu-a com um olhar lubrico, sentou-se e affectando um tom rude, inquirio:

—O teu nome?

—Nadia Walowski, senhor.

—Nadia Walowski, polaca, revolucionaria, nihilista, gunhio o general.

—E' falso! explodio a rapariga, apunhalando-o com um olhar.

—Com que então é falso, minha bella? gargalhou o governador.

Tenha a bondade de me explicar porque tinha na sala o retrato do revolucionario terrivel de Sandomir?

—Porque? Porque meu pae foi saldado desse homem, quero dizer, general, desse semi-deus!

—Então, tornou cynicamente o general, vingera desse modo o miseravel rebelde de Vasorvia, o infame polaco que um granadeiro da guarda atirou com uma bofetada abaixo do cavallo nessa jornada sangrenta de Maciejowice? Bravos, minha senhora!

Nadia tornou-se mais branca, muito mais branca que a virgem de Kazan.

Todo o amôr que seu velho pae lhe incutira pelo heróe polaco se revoltou, juntando-se ao odio atavico pelos russos, contra quem assim insultava aquelle que proferira a phrase eternamente celebre:

—«Finis Poloniae!»

Escarrou na cara do general sublime de desdem e indignação todo seu fel;

—O senhor é mais do que cobarde!

"Jornal do Ceará" 10 e 12 de Abril de 1909

— 1020 - e - 1021 —

Insulta a memoria de Kosciusko em frente duma filha dessa raça infeliz, que os vossos cossacos pisam aos pés, em frente duma mulher indefêsa, cercado de esbirros, de quadrilheiros, de soldados!

O senhor é mais do que cobarde!

Emfim o senhor é um general russo!

—Estrakenz tornou, o tom ironico, cortante:

—Perdôo de bôamente as injurias que proferir, minha querida e adoravel nihilista; mas pelo vosso grande amôr a esse heróe dos campos nevados do Vistula, o vosso papá irá apodrecer na ilha Sackhaline. Confesse que é explendido logar?

O vosso irmãosinho irá trabalhar nas minas de cobre dos Uraes, onde se trabalha sob o knut dum cossaco e se come uma broa de aveia por dia... E vossê, minha querido, será recolhida ao hospicio das mulheres...

—Basta! senhor, interrompeu a costureira, tremula de horror.

—Não ha leis, que nos protejam?

Na Russia não existim proventura tribunaes?

La não poderei provar que os meus são innocentes, que vós sois um infame que me fizeste prender para...

Meu Deus! Meu Deus! o que hei de eu fazer....Ah! monstro!...

—Acalme-se, coração de marmore, retorquio o governador de Petersbugo, ironico, como que saboreando aquella grande dor.

Na Russia não existem mais tribunaes nesta epocha de revolução. Foi decretado o estado de sitio. Supprimiram-se por tanto, todas as garantias. O governador de Petersburgo tem poderes illimitados. Pôde mandar quem bem entender dentro duma carreta fechada, rodeada por cossacos, estrada da Siberia em fóra, sem que um reporter ouse approximarse della, buscando desvendar o segredo, sem que um jornal se atreva a denunciar o caso, embora o saiba.

Além disto ainda existem entre os esbirros da policia circassianos ferózes, kurdos da Armenia, turcomanos do Caspio, tartaros de Samarkand aptos para fazerem desapparecer um preso, por qualquer meio, nas profundêzas silenciosas desses subterraneos, onde poreja da abobada a agua gelada do Neva.

Nadia comprehendeu, então, em que mãos se achava, qual a immensidade do poder que a esmagava.

Cahio de joelhos ao pé de Estrakenz que se levantara e supplicou rorejada de lagrimas:

—Perdão, senhor, perdão!... Perdoae ao meu infeliz e velho pae, perdoae ao meu pobre e inoffensivo irmão! Perdoae-lhes que vos abençoaremos, que rogaremos ao céo por vós, que daremos todo o nosso sangue para vos defender! Perdoae-nos que nunca vos fizemos, senhor, o menor mal!

A costureira soluçava, o corpo flexivel, divino, estremecendo aos espasmos dos soluços.

A'quelle aspecto a hydra do desejo cravou fundo ás garras no peito do militar.

E, rangendo os dentes como um tigre, o general tentou levantala passando-lhe o braço em torno a cintura.

—Perdoar-lhes-ei se consentires em ser minha, rugío.

A rapariga ergueu-se só, indignada, repellindo-lhe o braço.

—Oh! nunca, bandido, nunca!

Ah! então não queres? gargalhou o general, pois bem, mandarte-ei á noite para o corpo da guarda do scossacos... Lá elles não te supplicarão, nem terão para ti palavras deamôr.

Lançar-se-ão a ti como féras da steppa que o são. E no outro dia partirá a carreta fechada para os Uraes e um turcomano do Caspio descerá, punhal em punho, aos subterraneos do Neva...

(Continúa)

Ligeiras Narrativas

XXI

COMO ME CONTARAM, ASSIM VAE.

O Lucas Pinhão havia ido para o Amazonas, impellido por essa occulta força que, producto do meio envolvente, de todas as condições physicas moraes, intellectuaes, faz com que todo cearense busque fóra da patria tudo o que esta lhe nega.

Emigrar é a sorte do cearense:—com Moacyr o primeiro filho desta terra, mestiço de caboclo e portuguez. Martins Soares abandonou a praia branca, onde escabujam ainda hoje as vagas verdes do Atlantico, na jangada aventureira.

Uns partem, porque a intolerancia dos magnatas caricatos, dos regulêtes administrativos os força a ir procurar em sólo estranho o que o seu brio e hombridade impedio de achar na terra da patria, repugnando-lhes curvar a espinha, que o oxydo da dignidade ankylosou.

A outros obrigam perspectivas melhores esmaecidas num céo roseo de illusões, uma quase nostalgia de cousas advinhadas pelas sensações possiveis de sensações, um certo phrenesi do desconhecido, um desejo do ignoto, que o lençol verde do oceano, a estreiteza do horizonte lhe esconde, á avidez.

Outros, emfim, vão pela carencia dos meios de vida.

E, assim, atufando vapôres e vapôres, vão milhares e milhares desses desherdados povoar, ao preço da vida, os pantanos sombrios da Amazonia, escravos nas senzalas dos seringaes, degredados da Siberia no serviço brutal, no labor incessante, pesadissimo de cada dia, deixando quase sempre o cadaver no recesso da matta, para pasto aos corvos, um membro na fauce avida do Jacaré, a honra e o ganho nas mãos do seringueiro,—traficante moderno da nova escravidão...

Mas, voltemos á vacca fria, como se diz vulgarmente, isto é, ao Lucas Pinhão.

O Lucas era empregado.

Demittiram no. Ficando sem meios de subsistencia embarcou para o Amazonas, deixando a mulher, pobre moça com quem casára havia dous mezes, quase abandonada, sem um vintem, tendo sómente as quatro cadeiras da sala e a machina de costura para empenhar, si não encontrasse trabalho, ou uma dextra carinhosa que lhe estendesse um naco de pão.

Paes, parentes, ella não os possuia.

Nada tambem, podia elle deixar; a muito custo lhe haviam dado por um relogio o preço da passagem.

Tinha de ser assim e assim mesmo.

Quatro mezes se passaram sem que noticias do Lucas chegassem a casa de Maria, da mulher.

Esta vivêra, como quem lá diz, aos trancos e barrancos, costurando para fóra, lavando e engommando, o que lhe rendia o estricto necessario para comer *baião de dois* uma vez por dia, extenuando-a, enfraquecendo-a aos poucos

Ao findar os quatro mezes, quando perdida era quase toda a esperança, para a Maria de receber novas do Lucas, julgando-o morto já nas selvas do Acre, veio morar junto a sua casa, na rua de S. Luiz, lá no Outeiro, o Quincas Vianna, funccionario estadual, burguez até alli, celibatario duma figa.

"Jornal do Ceará" 12 de Abril de 1909

— 1021 —

O Quincas gostava de mulheres e especialmente de conquista las.

Deu-lhe no gôto a sympathica v zinha e desejou consola la da saudade que a pungia.

Offereceu-lhe serviços, fez-lhe uma visita, mandou-lhe presentinhos...

Assim, de grão em grão, *piano p ano*, chamou a si a amizade da mulher do Pinhão.

O Lucas, em Manáos, se havia empregado na Intendencia e por completo olvidara a mulher, rodeado como vivia por meia duzia de hungaras lisboetas e andaluzas que lhes afagavam as faces e os bolsos.

Então agastada por aquelle procedimento que lhe chegara emfim aos ouvidos, roida pela miseria, a Maria entregou-se ao Quincas Vianna, que se lhe installou em casa, cobrio a de mimos, de momices e de fartura sobre todos os pontos de vista

Cinco annos decorreram, com o Quincas definitivamente installado com a Maria, de camisa, ceroulas e piúgas de lã, repoteando no alpendre, até a hora do expediente da repartição.

Paga de tantos carinhos, premio de tanto amor, ella a ninhada de petizes, cinco, que galravam e pintavam o sete pela casa, em t ambolhões e brincadeiras.

O Lucas resolveu-se por esse tempo a vir espairecer no Ceará.

Ei lo que desembarca, maléta na mão, guarda-sol sob o braço, chapéo do chile, fato de cachemira azul, sapatos amarellos, correntão de ouro no collete.

Desembarca, indaga pela Maria e, sabendo que ainda móra na mesma casa, encaminha-se para lá.

Ninguem lhe havia dito que o seu lugar era occupado.

Pelo caminho ruminava a surpreza que ella iria ter, o modo como o receberia.

Não esc evera, não mandára um vintem ; mas que tinha isso? Dir-lhe-ia que estivera doente, que andara nas brenhas do Perú, que escrevera, que mandára dinheiro mesmo ; tudo ella desculparia.

Era costumeiro em forjar bôas desculpas.

E então que boa cousa ter, emquanto estivesse no Ceará, uma mulhersinha nova e bonita por pouco preço ?...

Ella acreditaria forçosamente o que dissesse : tinha certeza

Fôra um pouco safado, lá isso fôra ; mas que se havia de fazer ?

Chegou emfim a casa da rua de S. Luiz, não bateu, não chamou; familiarmente, como dono da casa, como marido, foi entrando.

Admirou se daquelles meninos que o olhavam no corredor, chuchando o dêdo, gordinhos, bem tratados.

Talvez sejam d'alguma amiga, pensou.

Na sala de jantar topou a Maria, que soltou no chão de espanto um prato, que traz a, e juntamente um grito.

—Que é isso, Maria ? gruahio elle. Não me conheces ?

A voz presa na garganta, muda de assombro pelo inesperado da visita a Maria se apoiava a mesa de jantar, pallida transtornada, os olhos fóra das orbitas.

Num relance o Lucas Pinhão comprehendeu tudo.

Vio mobilia na casa, louças, meninos ; facil lhe foi advinhar o resto.

Todo o seu zelo de homem, de marido, embora ruim, lhe subio ao cerebro, estonteando-o de raiva, de ciume.

Nisto o Quincas Vianna desperto pela bulha do prato, que se fragmentára no chão, acodia pressuroso, meio espantado sungando as ceroulas.

A vista delle o Lucas sacou o Smith-Wesson da algibeira, num gesto de colera terrivel.

A Maria, ao ver o rewolver, atira-se, estorcendo as mãos postas, entre o Pinhão rubro de colera, terrivel de ameaça e o Vianna assombrado de medo; e brada, os olhos marejados de lagrimas fitos no Lucas, convulsionada de soluços, quase louca de pavor :

—Desgraçado não mates o pae dos teus filhos!...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

1114-12-11-1909

Com a Intendencia

Pedimos á Intendencia que mande logo substituir as placas da rua Barão do Rio Branco, que estão muito *desbotadas* e indecentes sempre foram, fazendo aquella bella rua ficar assim um pouco parecida com as das cidades do centro.

FOLHETIM (5)

Original para o JORNAL DO CEARA'

HISTORIA RUSSA

"Nadia Walowski"

POR

Gustavo Barroso

A infeliz vencida, arfando de angustia, estertorada de soluços bramio :

—Infame !

Estrakenz approximou-se, passou-lhe o braço em torno a cintura e arrastou-a para si vagarosamente.

Unicamente ella murmurou, abandonando-se como que indifferente :

—E' por ti, meu pae ! E' por ti, meu irmão, meu Sacha !

O governador apertou-a sobre o largo peito, coberto de medalhas, e atirou-a pallida, muito pallida sobre o divan de escariata...

IV

E' noute. O temporal brame em turbilhões de neve de encontro as fachadas das casas.

Uma sentinella ao longe, sobre os muros da fortaleza, soluça esganiçada :

—Alerta !

No interior da pequena casa do arrabalde os três infelizes, que os cossacos puzeram em liberdade, olham-se em silencio, tristes, cabisbaixos, aquentando os membros regelados no lume fraco do fogão.

Sacha rompe o silencio :

—Nadia, o que te disse o general, quando te mandou chamar ?

Conta-nos.

—Disse que os mandaria soltar, porque, pelas minhas palavras, pelo meu todo, via que eram verdadeiras as declarações que fiz e que eramos innocentes...

Só, mais nada, asseverou a joven, reprimindo um suspiro.

— O velho caminhou para ella e, pondo-lhe as mãos nos hombros, interrogou, a voz angustiada ;

—Filha, diz a verdade... Porque soluças, porque choras desde a prisão até aqui ? Falla, minha Nadia !

Por nada, meu pae, isto é, pela emoção, pelo susto.

—Não, minha filha, procuras illudir-me. Soffres ; estás pallida.

Tu nunca fostes assim ; sempre tivestes coragem.

O velho parou, cofiou a longa barba branca, o rosto tomado de subita angustia, o olhar desvairado, e rugio, tremendo :

— Ah ! já sei ! já comprehendo !..

Mas, meu Deus, isto é horrivel !

"Jornal do Ceará" 13 e 14 de Abril de 1909

— 1021-e-1022 —

Sim... Eu vi o olhar daquelle tenente... Nadia tú te entregastes aquelle official?.. Nadia tú és indigna de mim!...

A rapariga suffocou um grito e parou esgazeando os olhos ante a figura chammejante de Wassili Walowski.

Sacha accorreu e, passando-lhe o braço pela cintura, disse:

- Falla, minha irmã!

—Sim meu pae, eu me entreguei. Não áquelle official, mas ao general Estrakenz! explodio a moça.

Entreguei-me para vos salvar das minas de cobre dos Uraes, dos presidios infectos da ilha Sackhaline!

Sim, entreguei-me áquelle monstro, áquelle infame!

Não me obrigueis, vos peço, a relatar o que se passou entre mim e elle!..

A moça arfava, os olhos faiscando, as mãos a comprimirem o seio lindo.

Conteve-se, acalmou-se por um esforço supremo e disse, a voz faiscante, retinindo uma ironia amarga, um desdem cruel:

—A minha corôa de virgem, o unico thesouro que possuia, foi o preço pelo qual comprei a redempção de quem só tinha o crime de ser pae duma mulher, que um escravo do czar desejou posuir! A minha belleza comprou a liberdade de quem só era criminoso em possuir uma irmã que agradou ao olhar cupido dum satellite da autocracia, dum famulo agaloado do palacio!

Sim, meu pae, confesso: na occasião em que nos esmagava o poder immenso dos roubadôres do povo, dos algozes de nossa patria, dei a minha honra para que vós, um pobre velho, não fosseis apodrecer nos confins da Siberia, para que vós, Sacha, um moço cheio de vida e saúde não fosseis apunhalado por um esbirro nos subterraneos do Neva, ou não morresseis a mingua nos Uraes, sob o latego dum cossaco!

O velho ergueu-se, deu dous passos tremulos, o olhar tresvariado, palpitando angustia e cahio de costas fulminado sobre o sólo, balbuciando:

—Nadia ... minha... filha!...

Os dous se olharam com a mudez do assombro e, sem uma lagrima nas faces cadavericas, se abraçaram murmurando:

--Por Deus, pela Santa Virgem de Kiew, que nos havemos de vingar!...

V

O sol triste do inverno morria no horizonte.

Um nevoeiro pesado erguia-se do mar.

O caés estava quase deserto. Na bruma, ao longe, esbatiam-se perfis de couraçados.

Junto ao molhe, sentado a prôa duma barca, um marinheiro moço, a face, porém, encovada, cheia de rugas, murmurava:

--Ha já três dias que te partistes, meu pae, e ainda não nos vingamos!...Oh! meu Deus! Só vòs sabeis quanto temos soffrido, ella mais do que eu! Pobre creança!

Mas o irmão de Nadia Walowski saberá...

—Olá, marinheiro dorminhôco! interrompeu uma vòz rude, lá de cima do caés.

O bateleiro ergueu a cabeça.

Descia a escada um capitão dos couraceiros da guarda, de farda branca debruada de negro, capacete dourado com uma agulha por cimeira.

Sacha, mordeu os labios, reconhecendo Ignatief.

—Prompto, meu capitão, grunhio, disfarçando um gesto de colera.

--Atreves te a levar-me a Cronstad em duos tempos?

Tenho urgencia.

--E' já, meu capitão, retorquio o bateleiro, desamarrnando a barca, pondo o capote sobre o banco onde o official sentou-se. Depois pegou dos remos e partio.

(Continúa)

FOLHETIM (5)

Original para o JORNAL DO CEARA'

HISTORIA RUSSA

"Nadia Walowski"

POR

Gustavo Barroso

A bahia de Petersbugo estava deserta como o caés.

Ao meio della Sacha, sem deixar os remos, fallou, como si se dirigisse a si mesmo.

—Mas, que paiz triste é essa Russia!

O official, que o longo trajecto aborrecia, aproveitou o ensejo para travar conversação e interrogou!

—Então não és russo, meu bravo?

—Não, sou polaco.

—E achas a tua Polonia mais bella que a Russia?

—Sim. Os nossos Carpathos são mais bellas que os vossos Valdai; os nossos plainos são mais bellos que as vossas steppas; o nosso Vistula é mais impetuoso que o vosso Neva.

Temos mais flôres na primavera, mais camponezas bonitas nas ceifas, mais fogo nos olhos e no peito de nossas mulheres.

—Pôde ser, tornou o militar, coçando o bigode, mas não tem cantos tão suaves como os dos pescadôres de Riga, lendas tão formosas como as dos lenhadores de Kola, as historias tão terrivelmente bellas como a dos caçadôres do Spitzberg.

—Temos lendas, historias mai terriveis, meu capitão, voltou o bateleiro, mordendo de novo os labios, o ar triste de quem evoca recordações.

Muitas sei eu.

— Ora, vamos lá, disse o official, desenfastia-me, conta-me uma dessas historias.

O bateleiro começou sem deixar os remos:

—Era uma vêz numa grande cidade um velho que tinha um filho e uma filha.

Um general apaixona-se pela donzella e, sendo repellido (nisto Sacha crava o olhar no vulto do official), manda que um seu famulo, um infame official, prenda a familia da infeliz, porque tinha na sala o retrato de Kosciusko. O infame...

O couraceiro ergueu-se tremulo, livido, olhou o barqueiro e rugio, a mão no punho da espada, meia tirada da bainha:

—Meutes, villão!

Sacha abandonou os remos e de um salto segurou com uma mão o braço do militar, e com a outra encostou-lhe ao peito a ponta dumpunhal.

--De joelhos, bandido, porque vaes morrer! trovejou.

O capitão soltou o punho da espada, que o barqueiro, com um safanão, arrancou do talim, atirando nagua, e grunhio, a voz tremula de medo:

--Agora reconheço-te!..E's o irmão da costureira!

--Sim, miseravel, o irmão da costureira cuja honra o teu amo roubou, ajudado por ti!

(Continúa)

Barão do Rio Branco

artigo de fundo

No scenario politico da nação, onde campeiam por vezes figuras pequeninas, impõe se, distinguindo-se sobre todos os pontos de vista, a figura sympathica e nobre do nosso chanceller Barão do Rio Branco.

Agora que todo o paiz lhe vai manifestar a estima em que o tem pelos seus relevantes serviços a essa terra do Brazil tão desprezada, tão aviltada por muitos de seus indignos filhos, é nosso dever de jornalistas, associarmo-nos a essa justa manifestação devida ao homem publico, que, nestes momentos em que se escabujam no lôdo alguns proceres da nação, se mantem puro e illibado.

Foi o Barão do Rio Branco quem, oppondo sua assignatura

"Jornal do Ceará 14 e 19 de Abril de 1909

1022-e-1023

no tratado de Petropolis, nos deu mais algumas geiras de terra, com rico rendimento, que um vizinho gato puxava qual sardinha para sua escudella, embora tivessemos que despender uns poucos de contos de réis dinheiro esse, porém, que a renda do territorio saldou em pouco tempo.

Com correcção e pericia tem-se portado nos mais difficeis transes, galhardamente desempenhando o seu arduo papel de diplomata nos tratados do Amapá, das Missões, no esmagar a Zeballos, nesse negocio do celebre telegramma n· 9, dirigido a Domicio da Gama, que fez a diplomacia argentina se ver confundida pelo peso da verdade, e Figueirôa Alcorta e o ministro portenho do exterior se escapulirem do circulo de ferro em que os poz pela tangente da incapacidade de jurisdicção.

Pelos seus incontestaveis e reaes serviços á nação, a projectada manifestação nada mais é do que um acto de just agradecimento ao vulto sympathico e morecedor do Barão do Rio Branco.

Ligeiras Narrativas

XXII

O CHICOTE DO AR

Rita Maria do Espirito Santo era minha comadre. Deus lhe falle nalma, pois já passou desta para melhor.

A Rita possuia a philosophia pratica da gente do povo, dosada por um pouco de ironia, que lhe déram os dias passados sem comer, na humidade do casebre, no beiral do farto solar do rico.

Por vezes tinha bôas, a minha pobre e infeliz comadre.

Um dia me disse, os olhinhos vivos amargamente ironicos, a face engilhada, funda, crispada por um riso sardonico :

«*Cumpade*, Deus nosso *sinhô jzú* Christo *devêra botá* no mundo um *chicote do ar*, invisivel, que quando um individuo mentisse elle açoitasse *inté* umas horas Era bom *cumpade* !

Quando os mentirosos estivessem conversando e pregando suas pêtas, o chicote era só: léps ! léps ! e o sujeito só se *trocendo* e gritando.

Ai ! cumpade, era um gosto de *arregalá* !»

Então, cá com os meus botões phantaziei a existencia real de tão bôa cousa, que o cerebro da minha rude e espirituosa comadre imaginára.

Si existisse esse santo chicote ! ah ! si elle existisse !

Si elle existisse, pobres generaes e demais agaloados das aguerridas tropas da Potoca, nunca mais poderieis dizer que o cruzeiro da Sé chorou na sêcca de setenta e sete, que as rapadúras de Goyanninha tiram fogo pelo atrito !

Estava ahi o chicote, estavam todos a apanhar e a ganir, sem poder concluir o começado.

Só assim se acabava essa alluvião de *patentes*, esse diluvio de *galões* que innunda o Ceará...

Infelizes aduladôres dos guguinhamas da terra, quando curvasseis a flexivel espinha, a bocca despejando lisonjas mentirosas ante o throno dos regulêtes, duas ou trez bôas *lapadas* do *chicote do ar* vos fariam escabujar sobre os tapetes, urrando perdão ! ..

Desgraçados escrevinhadores de jornaes desbriados quando pegasseis da penna para rabiscar torpezas e infamias, estaria o invisivel vigia á espreita, castigando-vos as costas de vime, rasgando a lategos furiosos as vossas faces vis !

Canalhas, farçantes, histriões, torpes politiqueiros dae graças aos deuses por ter existido sómente esse implacavel chicote na imaginação, estonteada pela miseria, duma infeliz mulher do povo, que os vermes ora digerem em paz na gelidez da sepultura !

Agradecei aos deuses, corja de farçantes !

Que não seria o mundo si elle existisse, o implacavel defensor da verdade, o inexoravel castigador dos mentirosos, calumniadores e vis ?...

Um céo ! Um paraiso !

A verdade surgiria sempre de todos os actos humanos. Ninguem gostaria de passar a vida a se estorcer, a escabujar, sob a dôr pungente de pos santes chicotadas.

Hoje, sempre que me pregam alguma pêta, já não faço como fazia antigamente (pôr a mão em continencia e bradar : está preso á ordem do marechal Zé R....), não ; digo assim :

— Ah ! si *o chicote do ar* existisse !...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

"O Malho" 3-4-08 - nº 342

(anno VIII)

NOTA DE UM CEARENCE

Imagem politica de um Estado com o seu oligarcha... (*Si non é vero é bene trovallo*... e serve para outros Estados visinhos...)

FOLHETIM (6)

Original para o JORNAL DO CEARA'

HISTORIA RUSSA

"Nadia Walowski"

POR

Gustavo Barroso

Sacha, sem largar-lhe o punho, fê-lo ajoelhar, a ponta do punhal sobre o peito, e onde brilhava a cruz de Stº André, pulsava um coração de lama.

— De joelhos, canalha, que eu sou um homem de bem ! estrugio.

O capitão ajoelhado no fundo da barca, seguro pelo barqueiro, lançou o olhar em roda, em busca dum soccorro. A bahia estava deserta, plumblea, tetrica. Então, com as lagrimas nos olhos, o conde supplicou !

—Perdão ! Perdão que te cumularei de dinheiro, que te encherei de beneficios...

—Cala-te, cobarde ! Preciso acaso do teu dinheiro, necessito porventura dos teus beneficios ? Serei infame como és ? relampeou o irmão de Nadia, e continuou, explodindo toda a colera que lhe fervia no peito mo-

"Jornal do Ceará" 19 de Abril de 1909

— 1024 —

brudo, crispando os labios, estonteado de raiva e dôr:

Pedes perdão, cobarde?! Acaso tiveste-o para uma infeliz que no mundo sò possuia a sua honra, quando os miseraveis possuem milhões?! Acaso tiveste-o quando ella pedio que não lhe arrancasses aquelle unico dom que era seu?!

Julgastes, miseravel, que a honra duma costureira polaca era igual a duma czarina ou gran-duqueza da Russia que os cossacos da guarda já aborreceram?!...

Pedes misericordia, bandido?!

E não a tiveste para um pobre velho que, sem patria já só possuia a honra de sua filha que tirastes e o retrato do defensor do seu paiz que um teu creado rasgou!...

Vaes morrer, porque eu preciso lavar com o teu sangue a honra de minha irmã; porque eu preciso vingar em ti o cadaver de meu velho pai!

— Mas, não fui eu, barqueiro! foi o general, supplicou o capitão, a voz tremula de pavor.

—Foi o general, canalha?! retorquio ironico o polaco. Sim; foi o general quem a desshonrou, mas fostes tu que, para ganhares um galão e essa medalha que te enfeita o peito, levaste-a a presença do lobo de Petersburgo, cynicamente, como um lacaio cumpridor de ordens que o é!

Fostes tú quem mandou rasgar o retrato de Kosciusko, porque te assustava o punhal frio daquelle olhar de homem de bem ao praticares a unica acção digna de ti!...

Perdão! Perdão soluçou o russo.

E o bateleiro gargalhou acidamente, enterrando-lhe três vezes o punhal no peito, lançando o corpo ensanguentado, pela borda, nagua gelada da bahia:

—Valente servidor dos czares da Moscovia, Satanaz te guie!

Virando-se, então, para o lado de Petersburgo, cujas luzes estrellavam o horizonte, onde na bruma se esbatiam perfis de couraçados, lançou estas palavras:

—Estrakenz, as tuas horas estão contadas!

E' grande, muito grande o vosso poder, algozes da Liberdade! porém maior, muito maior é o odio dum polaco!...

VI

O campo de manobras de Tsarkoé-selo estendia a sua vastidão nevada sob o primeiro osculo do sol.

Alinhadadas em extensa fila, as tropas de cavallaria da guarnição de Petersburgo esperavam que o governador lhes viesse passar em revista.

Na frente dos regimentos os porta-bandeiras sustinham os estandartes desdobrados, farfalhando a brisa gelada do inverno.

Nuns dominava a cruz ripia dos slavos, n'outros o urso da Siberia, n'outros a aguia bicephala, n'outros a cruz de St.º André, n'outros ainda o icono de S. Jorge: cada bandeira tinha a sua insignia; cada estandarte o symbolo de sua provincia; cada galão era o farrapo dum paiz.

Estavam alli, em linha, os melhores cossacos do Imperio.

Eram os da guarda, com as vestes côr de salmão, as barretinas conicas de pello de Astrakan; os do Don, com fardetas azues, divisas escarlates, barretinas de couro de cão; os do Terk, com as longas lanças em punho, as clavinas presas ás sellas; os do Volga, de fardas azues claras paramentadas de branco; os do Kouban, todos de verde e os de Nertchine de cinzento; todos barbudos, fortes e selvagens.

Aos raios fracos do sol brilhavam os capacetes dos couraceiros da guarda, os penachos negros dos granadeiros a cavallo, os «czaspkas» dos lanceiros do czar.

No extremo da fila, fitavam o nosso olhar na cordilheira distante dos Valdai, cujos picos azulavam no horizonte, os barbaros e valentes cavalleiros do Caucaso:—georgianos da escolta, circassianos do sequito, lesghianos da guarda, os sabres nús, as cartucheiras no peito.

Soaram os clarins, retinio o hymno nacional, os cossacos perfilaram as lanças, e o general Dimitri Estrakenz appareceu a cavallo, rodeado pelo estado-maior, no extremo da extensa fila.

Vinha de branco, o peito coberto de condecorações, as suissas fulvas salpicadas por frocos de neve, o ar affavel.

Passou a trote, na frente dos ajudantes, pela frente dos batalhões.

Na frente de cada regimento saúdava o estandarte; e, depois, virando-se para os soldados que perfilavam as lanças, grunhia em tom satisfeito:

Zdorovo, (bom dia) cossacos do Don.

Zdorovo, cossacos de Nertchine.

Camponezas que iam ao mercado, operarios que passavam, paravam, approximando-se para ver os cossacos.

Na frente dum desses grupos uma mulher do povo, completamente embuçada, estremecia por vezes, os olhos negros brilhando com fulgor intenso.

A mulher olhava os pelotões de couraceiros, que, de sabre desfolhado, fardas brancas debruadas de preto, capacetes luzindo ao sol da manhã, estavam a sua frente, como se procurasse alguem, e murmurava entre dentes:

—Sabiamos que elle tinha de ir hontem a Cronstadt. Sacha deve ter feito o seu dever.

Nisto os couraceiros saudaram com os sabres, num tinir d'armas, o vulto de Estrakenz.

O general parou em frente ao coronel do regimento e, circulando o olhar pelas fileiras, perguntou:

—Coronel, onde está o conde Ignatief?

Antes que o coronel respondesse bramio uma voz:

—Matou-o, o meu irmão!

Estrakenz voltou com um safanão brusco de redeas o cavallo.

Em frente delle estava Nadia, o rosto descoberto, um revolwer em punho, transfigurada, as negras madeixas esvoaçando, a face pallida, mais pallida que a da virgem de Kazan.

Estrakenz assombrado grunhio!

—Nadia!

—Sim, Nadia, bandido! Nadia que vem pedir-te contas de sua honra! Nadia, infame, que vem mostrar-te que os desherdados da sorte tambem tem odio, tambem tem dignidade!

E Nadia desfechou o revolwer sobre o governador de Petersburgo.

Officiaes e soldados apavorados, surprezos correram sus ao general.

Estrakenz cahio do cavallo, sobre a neve, coberto de sangue. A bala lhe varara o coração.

Então um mesmo susurro passou pelas fileiras dos cossacos dum extremo ao outro da linha, de esquadrão em esquadrão, de bôcca em bôcca:

—Mataram o general! FIM!

Ligeiras Narrativas

XXIII

DECRETO N. 1

Considerando que lhe prometteram uma bôa tunda; que podem e são capazes de pôr em pratica a promessa; que já não é a primeira; que em certos casos fugir é vencer; que com os amos não se deve jogar as pêras; que neste ponto é profunda a sabedoria popular; que liberdade é conversa fiada, léria, cousa p'ra inglez vêr; que a esfarrapada Constituição só permitte as liberdades de...estar quieto e calado; que a força é tudo e o direito nada; que garantias não hão; que em bocca fechada não entra môscas; que assim mesmo ás vezes póde entrar; que esta historia de lei é uma *potóca* na qual não se acredita mais; que não se amarra mais cachorro com linguiças; que o tempo dos *bêstas* já passou; que emquanto correr seu pae tem filho; que pancada dada com força dóe mais do que dada de vagar; que quem fôr bêsta que morra triste, peça a Deus que

"Jornal do Ceará" 19, 21 e 23 de Abril de 1909

— 1024 - 7025 - e 1026 —

22

o mate e ao diabo que o carregue; que quem com muitas pédras bóle uma lhe dá na cabeça; que esta já está páu; que, finalmente, é toleima dar murros em ponta de faca resolve suspender esta inofensiva secção até. ... o proximo numero, si não chover e si não se quebrar a *geringonça* do prélo ..

Revoga as disposições em contrario.

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

Ligeiras Narrativas

XXIII

A MANIFESTAÇÃO

Nunca jamais, em tempo algum vi cousa mais ridicula do que a manifestação feita hontem ao vulto sem macula do Barão do Rio Branco.

Ridicula foi, vergonhosa mesmo ante o que a nação deve ao chanceller.

Da vergonheira, porém, salvou da *rata* o Ceará a palavra fluente do Quintino.

Da porta da Faculdade de direito, onde parou o prestito que viéra da Praça do Ferreira, pedio a palavra um sujeito moreno, cangalha ao nariz, cara de academico.

Atrapalhado, com a gesticulação *desinfeliz*, começou:

—O Visconde do Rio Branco, o nosso ministro, o nosso chan... chan...celler é merecedor de muito mais...

O Barão do Rio Branco é...é um diplomata...

O Visconde do Rio Branco é um... um grande homem...

O Barão do Rio Branco é... é um homem muito grande.

Um garôto, o Paroára talvez, estrugio:

—*Seu Jovenço* cale a bôca!

Mas o tal sujeito, suando frio, cada vez mais *encabulado* continuou, tremulo, emocionado:

—O Barão do Rio Branco é uma... duma...

—*Aiguia* gritou *seu Montezumba*, um sujeito que ninguem vira até alli de braço com sinh'aninha.

Explodio homerica gargalhada e o *orador* sumio-se.

Si não fôra a seriedade do acto, a mais estrondosa e merecida vaia seria a pega de cousa tão ruim.

Mas, afinal de contas, o homem é *destimido*...

Seguio-se-lhe com a palavra o snr. *Montezumba*, creatura desconhecida, que ninguem sabe donde veio nem para onde vae.

Fallou pouco e mal, sendo *chufado* pelos garôtos, cuspinhando tolices mil, fazendo todos estourarem de riso.

O tal de *seu* Jovencio, a um canto, pallido e tremulo, só faltava choramingar e grunhir:

—Olhem, reparem que este typo é mais besta do que eu!

O *seu Montezumba* foi applaudido por si e pelas pessôas auzentes.

O publico franzia a cara aborrecido e já a Maria dos Carangueijos havia dito p'ra o Xico Jacumim:

—*Cumpade, vamo bòra qui isto è uma peiqueira.*

Foi então que começou a fallar o Quintino.

Felizmente as palavras sahiram-lhe em catadupas dos labios, em arroubos de eloquencia, em figuras poeticamente bellas, fazendo toda a geographia da nossa alma ficar extatica, como elle mesmo o disse; felizmente, aventei, porque o Quintino mostrou aos lôrpas, aos toupeiras de nossa terra que no Ceará ha e houve quem lhe honre o nome, embora se intromettam em sua frente *Jovenços e Montizumbas*.

Bravos! portanto, ao Quintino e foi isso mesmo o que lhe deram em profusão até mesmo a infima ralé.

O *homem do Tejo* lá estava boquiaberto, admirado que um indivíduo fallasse tanto como o Quintino, quando elle que é *formado* não baboja patavina...

Na occasião em que a musica encaminhou se para a rua Formosa seguida pelo povo o Besteira genio na ponta dos pés, desenterrando o cadaver putrefacto do club academico:

—Viva o club-academico!

E ninguem respondeu; um moleque, de longe, chilreou; Fiau! au! au!

No prestito organisado pelos taes promotores da manifestação ia a Maria dos Carangueijos de braço com o Xico Jacumim, a Mucuma com o Tonho Beija-Fulô, a Theodora com o Mané pé de bicho, o Saculêjo com o Papae-grande e o João-doudo tocando gaita...

E dizem que houve um delirio de atriotismo!

Os patriotas eram em casa ou alheios a festança, o coração cheio de jubilo e gratidão ao illustre brasileiro, sinceros e alegres, porém sem exhibição ridiculas e espalhatosas de parvos e toupeiras.

A' rua Formosa mudaram as placas antigas por novas, onde se estampava o nome do chancheller.

Infelismente que a sovinagem da edilidade mandou fabricar chapas dignas duma rua de aldeia e não duma capital de sessenta mil almas, embora muitas de porco, outras de lama e outras de cortiça, porém que votam...

Na Avenida sete de Setembro terminou a cousa, com nova vaia no snr. *Montezumba*, guinchos de instrumentos militares, namoricos e piscadellas d'olhos.

Amanhã telegrammas funambulescos serão passados para o Rio e noticias *bodéjas* serão publicadas no orgão *besteirense* e *tejano*; mas assim que se escreve a historia.

Não existe o chicote do ar, portanto mintam *á la volonté*. Si elle existisse, hontem se havia quebrado de tanto açoitar...

E ao vulto illibado do Barão do Rio Branco, digno de ser encarado pelas aguias, ridicula manifestação fizeram os vermes....

Axi purcaria!...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

Ligeiras Narrativas

O PINDÓBA

XXV

O Xico Pindóba era casado com a Joanna, tambem Pindóba, e morava numa casa de palha para as bandas do Bemfica no sitio que os *engenheiros* da commissão contra as sêccas esfuracaram a cata dagua.

Tinha o costume de se embriagar á tarde, pelo caminho, quando voltava do serviço, que era fazer descargas na praia.

Chegava sempre em casa de braço com sinh'aninha, com a gata férrada ou o gato amarrado.

O salseiro então era feio.

A Joanna esperava-o, gaforina eriçada, mãos nos quadris, e era um Deus nos acuda de nomes feios.

—*Bëbo*! semvergonha! *canaia*! estrugia a cabocla e o Pindóba roncava:

Muié, muié! Tu deixa de bulir com eu!

A Joanna não se importava; sempre o recebia assim. As vezes ia-lhe até á bitacola ou mandava-lhe o cabo da vassoura na frontaria do *quengo*.

O Xico não se emendava: nem promessas, nem ameaças conseguiam nada.

Um dia chegou mais *quente* que de costume, trazendo ainda um resto da furia que não podera arrotar toda contra um companheiro na taverna do João Toucinho.

A mulher foi com o estardalhaço do costume ao seu encontro na porta do terreiro.

—Cadello! safado! semvergonha!

O Pindóba não a deixou proseguir e rosnou:

"Jornal do Ceará" 23 e 26 de Abril de 1909

- 1026-e-1027

Muié, muié!...

Qual *muié*, qual nada, trovejou a mestiça, é melhor que vá curtir a *canna*, cachorro!

O Pindóba não se conteve: rubro de colera, crispando os punhos estrugio:

—*S'á* Joanna! *S'á* Joanna! nós hoje se *desmantela*!

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

—

NOTAS.

O *seu Montezumba* a quem se refere a ultima chronica não é o sr. Idalino Montezuma de Menezes e sim um individuo que appareceu algures no dia da manifestação.

Esta tem por fim evitar que algumas pessôas mal informadas continuem a julgar que se trata do mesmo senhor.

—

Peço aos leitores do "Jornal" que desculpem os erros que me escaparam na revisão da chronica passada.

Por engano sahiu a mesma chronica com o numero XXIII ao em vez de XXIV, como devia ser.

———

Escrevem-nos:

—O trouxa que rabisca as "Entrelinhas" da "Gazúa" julga que no Ceará não ha quem saiba historia e anda a impingir nos mentiras descabelladas.

Fez de Tiradentes um chefe de revolução, quando elle nada mais foi do que um cumplice heroico, franco, intemerato, confessando aos juizes o que era e o que pensava, quando os companheiros negavam covardemente e procuravam se desculpar o mais possivel.

Mas isto não é nada; a cousa é a seguinte:

Onde, em que historia do Brasil, em que alfarrabio encontrou o téxugo desfraldamentos de bandeiras e embargos feitos, em imaginario combate, pelas tropas do rei ou da rainha?..

Lê a historia, lôrpa, e presta attenção que à conjuração foi dado o nome de "Inconfidencia", porque a houve. Si não te basta vae ao dicionario.

Chuviscos e neblinas

No forno crematorio que ora vem das *estranjas* serão queimadas diversas *maravalh s*, das que existem no Ceará, em honra e para maior realce da inauguração.

Em primeiro logar será queimado a casacão *baratoso* do Pedro Rocha, depois as impagaveis botas dos *guardas cis-cos* e emfim uma edição da "Gazúa».

Felizmente que será lixo de menos...

Ligeiras Narrativas

PARA OS DE HONTEM;
E NÃO PARA OS DE HOJE

XXVI

Isto se deu ao terminar da guerra do Lopez, como diz o povo, da guerra do Paraguay, como dizemos nós.

Voltavam aos lares, após cinco longos annos de lucta sangrenta os cançados batalhões de heroés que haviam nos banhados do chaco defendido a honra do Brazil, e que o gabinete Furtado appellidara,— sublime inspiração, "Voluntarios da Patria".

Aportára ao Ceará o lendario vinte seis cujas bayonetas haviam luzido com desusado brilho em Tuiuty, cujos soldados haviam trepado ás muralhas do Estabelecimento e atravessado a passo de carga, musica tocando, bandeira desfraldada, sob o olhar d'aguia de Osorio a ponte famosa de Itororó, que a valarosidade do velho e bravo Caxias deixára em poder de hostes paraguayas.

Fôra commandado pelo bravo Figueira de Mello e pelo heroico Sebastião Chrisostomo de Mello Tamborim, que morreu batendo-se com um troço de espada, no meio dos cadaveres dos de sua escolta, salteado d'improvizo num reconhecimento, sob a abobada impenetravel duma selva, rodeado pelas fardas vermelhas dos féros inimigos!

Depositarios dessa gloria ainda o são alguns de seus velhos officiaes que vivem ainda no Ceará e fóra delle; e que nem sequer pôem ao peito as condecorações, provas de sua bravura, para não terem o desgosto de passar por um soldado de hoje e este perguntar:

—*Xentes*! masque é aquillo? Esses hão de se lembrar das noutes que passaram após os combates, deitados de costas no chão do acampamento, os membros lassos, o estomago vazio, a cabeça nos cópos da espada, olhando as estrellas que bocejavam na profundeza negra do céo paraguayo, ouvindo ao longe relincharem os cavallos dos gaúchos do Rio Grande, desses caçadores de Andrade Neves que iam golpear a lançaços os quadrados paraguayos; hão de se lembrar das pugnas ardentissimas em que entraram, acutilando o inimigo, sujos de sangue, sabre em punho, bradando ordens á soldadesca, os olhos fitos na bandeira da patria estralejando de encontro a haste, esfuracada pelos pelouros, pelos cacos das bombardas.

Ahi estão elles no olvido dos de hoje, amados, porém, e respeitados por aquelles que ainda tiveram paes que lhes incutissem o amor á Patria, o respeito aos seus defensores, o desprezo aos vis e aos degenerados.

Ainda vivem: José Martiniano de Alencar que salvou o guião do vinte seis na jornada sangrenta de vinte e quatro de Maio; Antonio Leal de Miranda que cortou as correntes do portão do reducto do Estabelecimento; Israel Bezerra; Antonio Barbosa, companheiro heroico de Tamborim; Francisco Pedro e muitos outros.

A vós, cearenses da geração d'outrora, respingados de sangue paraguayo nos campos de peleja, sem um pingo de lama no caracter, a nossa admiração!

Quando desembarcou no Ceará essa legião de bravos houve immensa manifestação de regosijo e o mutilado e heroico batalhão recebeu mais flores e salves! que de batalhas havia visto o seu pendão.

Mas houve sempre um lado comico em toda essa imponencia e seriedade de manifestação, como o ha sempre em tudo.

Contam bôas anedoctas os desse bom e velho tempo, desde a da senhora que, perorando um discurso, bradára:— Viva o dia 1º de abril, ao envez de 1º de Março até a do negociante portuguez que de cada lettra do nome de Lopez fez a inicial dum de féra ou de criminoso, até mesmo a do capitalista que com arroubos de enthusiasmo rememorou a bravura de Washinguiton (Washington).

Duma das janellas da actual Intendencia, outr'ora Camara municipal, tomou a palavra para fallar ás massas e ao ba-

"Jornal Ceara" 26 e 30 de Abril de 1909

-1027- 1029

talhão que formava lá em baixo, entre chapelinas de senhoras e cartolla de burguezes, o Moura— Defuntinho como o chamavam, que a exemplo de certos *oradores* de h je queria fallar em toda parte.

Enthusiasmado o Moura deu a tréla, soltou o verbo por sobre a multidão percorrida por calefrios de enthusiasmo.

Enquanto fallava o Conrado do Manoel Benedicto,— *Montezumba* daquella epoca se apoiava a um combustor da illuminação, *meio lá, meio cá.*

O Moura perorava:

—Ante a imprudencia dos inimigos, ante os perigos da guerra, ante o heroismo dos brazileiros—erga-se alto, muito alto o pendão auriverde Erga-se o auriverde pendão!

E o Conrado estendendo o braço lá para a janella estrugio esganiçado:

—Não se erga! seu Moura...não se erga!

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

Ligeiras Narrativas

XXVII

O DIPLODOCUS

Os estudos paleontologicos são hoje preoccupação constante de muitos scientistas.

Por elles se ha reconstruido uma bôa parte da vida dos animaes nos tempos prehistoricos e mesmo do proprio homem.

Excavações feitas na França têm dado bons resultados e numa feita em Java foi achado um femur de pithecantropos com o qual um naturalista hollandez reconstruio a figura scientificamente perfeita desse homem primitivo.

Em salas dos grandes museus do Velho mundo os esqueletos de megatherios, dinosaunos, beatosaurios, mammouths, hipparions e quejandos monstrengos occupam grande logar, no tamanho da sala e na admiração dos visitantes.

Carnegie, millionario americano, adquiriu por bom preço na Europa o esqueleto dum diplodoccus e com elle presenteou o museu de New York.

Deu-me na venêta intervistar esse esqueleto e o intervistei por meio desta genial invenção de Marconi que appellidam telegrapho sem fio.

Intervistei o esqueleto, não riam, intervistei o e lhe encontrei mais juizo, mais senso do que em muita gente bôa aqui da terra.

A primeira pergunta que lhe fiz foi:

De que vossê morreu?

De tedio, me respondeu, de tedio, porque fiquei só ultimo de minha raça que fôra poderosa e governára de pais a filhos, hereditariamente, embora fossemos todos partidarios da democracia, um grande territorio que o Diluvio alagou. Nesse tempo ainda não havia a « Maison », nem o cinematographo *entupido* do Di Junho: morri de tedio e tambem de amôr.

Era ainda muito moço: tinha somente novecentos annos e media da cabeça á cauda trinta metros.

Era até um rapaz bonito.

Elegante como o Gadelha, quando andou por aqui, e tinha a côrsinha fusca, *sentada* como a do Zé-pinto.

Minha familia era muito grande e viviamos felizes, visto como ainda se não conhecia o monopolio das carnes, nem o automovel do Julio.

Quando brincavamos de esconder tropeçavamos nas arvores das florestas; mas não vá pensando que isto seja historia do Z. R. não.

Felismente que no meu tempo não haviam pattentes, nem da G. N. e nem o Zé da Hora e o Ponciano

Quando tinha 467 annos era vegetariano.

A terra se transformava, se remexia, se alagava; os terremotos de hoje são sacudidellas.

Ficou tudo amedrontado.

Então reuni a bicharia e fiz um discurso encorajador, vomitando grunhidos de eloquencia. Escusado é dizer que não foi sem senso como os do Arthur, nem engasgado como o do *Jovenço*, nem mesmo *transcendente* e *rescendente* como o de *seu Montezumba*.

—E a respeito de seu amor.

Não houve idillio, perguntei.

—Sim, murmurou estremecendo, os ossos a chocalhar.

Houve. Amava uma serpente do mar que me vinha contar na praia historias fabulosas do reino de Caramba, do paiz da locanha, do rei Tico-Tico e do pachá do Seára.

Ao cabo de cincoenta ou sessenta annos de *flirt* vimos que não estavamos feitos um para outro e para evitar um divorcio tardio... ella desappareceu nas ondas...e eu fiquei só...e morri de neurasthenia que já era molestia da moda; não houve *choque* do *doutô* Cadaval que me salvasse.

E ainda hoje ando pelos museus cumprindo o meu fadario, obrigado a vêr a degeneração, embora de longe, do povo e das instituições do reino de Caramba, que foi minha terra antes do Diluvio, governada hoje pelo mesquinho rei Tico-Tico...

—Pobre terra!

E eu murmurei terminando o *interwiew*;

—Pobre bicho!

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

"Jornal do Ceará" 3e7de Maio de 1909

— 1030 — e — 1032 —

Ligeiras Narrativas

XXVIII

Historia de Trancôso

(*Para os netinhos ?...*)

Quando sua magestade el-rei do reino de Yvetot resolveu crear uma universidade na sua real cidade de Salamanca, na camara dos pares se levantaram vehementes protestos que a grita do Zé povinho auxiliou.

E tinham razão de ser essas manifestações contrarias, pois a presumpção era que aquillo daria em pautana, como os factos posteriores vieram provar.

Mas o Barão das Bajulancias em brilhantissimos discursos provou que aquelle projecto era de real merito, porque encheria a terra de doutores, licenciados e jurisconsultos, especialmente para as familias patricias, desejozas de formar filhos, e que por obra e graça do espirito-santo possuiam a terra.

A universidade de Salamanca foi fundada.

Para professores vieram os sabios que viviam modestamente nos templos sagrados da Pavuna e administravam a justiça aos povos, *póvas* e povoações da provincia do Cocó.

Eram summidades intellectuaes reconhecidas como tal em todo o orbe e da mais rigida contextura moral.

Um era afamado pela sua sapiencia em relação a tudo que se entendesse com a sciencia da administração, mórmente em abocanhar o melhor bocado que soltassem as mãos ávidas dos administradôres ; era o Barão, o santissimo defensor da idéa.

Outro era um portento : havia levado quarenta annos a decorar os quesitos necessarios para que se desse a occupação militar em face do Direito Internacional ; e a respeito desse complicado e controvertido ponto de direito fizéra até uma memoria que na conferencia internacional de Caracoles produzira profunda sensação de...somno.

Outro levara trinta annos a estudar e conseguira, após tão pouco tempo de trabalho, definir o *Jus persequendi*.

Alguns tinham tal especialidade; eram provectos nisto ou naquillo.

Excepção havia de um que professava idéas alevandas e douro que compulsava os juristas romanos que não eram tidos como deviam, porque no reino de Yvetot só eram sabios os que professassem certas idéas : mas, embora assim, eram os unicos de valôr.

Para que a universidade se abrisse era preciso um certo numero de frequentadores.

Não bastando para isso os funccionarios do reino, recrutaram o Sacolêjo, o Garrote e até o João Cabelludo.

Nesse tempo se deu um caso interessante.

O P. era continuo duma repartição, mal sabia ler e escrever, nunca fizéra um preparatorio.

Arrolaram-no na lista dos ouvintes das aulas para fazer numero.

E então era um gosto se vêr o P. todo o dia de frack pela rua, indo para a universidade.

D'uma feita encontrou-o em caminho, frack ao vênto, charuto na bôcca, meia cartola, o director da repartição.

—Fulano, perguntou admirado ao continuo, onde vaes ?

E o outro sem dignar-se de lhe favorecer um olhar rosnou, meio aborrecido :

—A' aula, doutor, á aula...

De muitas partes vieram aventureiros para a futrica ; do seio delles partiram questões que dividiram os frequentadores.

Por causa dessas questões foram rareando os alumnos até que um dia a futrica fechou-se a falta de gente.

Nesse dia formou-se o ultimo filho do Barão das Bajulancias.

Fort.—1909.

João do Norte.

Ligeiras Narrativas

XXIX

O Casaca de Urubú

Quem, nesta cidade, não conhece o infeliz e epileptico continuo do tribunal da Relação que os garotos tanto apupam nas ruas — emquanto os policiaes riem alvarmente, como se não fosse dever seu pôr cobro ás vaias da canalha ?

Quem não conhece as suas impagaveis anedoctas ?

Quase ninguem.

Os garôtos do Ceará, ou melhor — todos os cearenses têm predilecção pelas alcunhas que de perto toquem ao modo de trajar.

A um empregado d'um circo, que usava nos espectaculos um casaco de belbute pardo, apellidaram — casaca de abafar sapoty... E mesmo alguns rapazes que fundaram o jornal critico a «Thesoura» se appellidavam —casaca de bronze, frack de brim, etc.

E' vicio do cearense ridicularisar sempre o modo de vestir de quem quer que seja.

Alguem que saia á rua com um chapéo de abas largas ouvirá logo bradar de qualquer esquina :

—Chapéo grande, come elle !

"Jornal do Ceará 7 e 12 de Maio de 1909

- 1032-e-1038 -

Si um matuto penetra na cidade com o seu inseparavel chapéo de couro, gritam-lhe os moléques:

—Chapéo de couro, dá um estouro!

Sebastião de Campos foi vaiado pelo seu original modo de vestir; felizmente merecia a vaia!

Ha poucos dias um taifeiro do Lloyd desembarcou, trazendo aberto um enorme guarda-sol japonez e cahio na asneira de ir ao mercado.

Deram-lhe tremenda vaia os garotos: e o infeliz olhando para um lado e outro só fazia murmurar, muito encabulado;

—Quem sabe, vê que é japonez e quem não sabe *inguinóra*...

A um estudante que usava cabelleira, perseguiu o molécorio com este apodo:

—Vae para feira comprar miúdo, corta o cabello, oh! cabelludo!...

O desgraçado, continuo do tribunal, um dia resolveu ir á missa com um croisé que lhe haviam dado.

E zás! cahem-lhe os moléques em cima a berrar:

—Casaca de Urubú! bú! bú!

Desde esse dia nunca mais o deixaram de mão.

Duma vez que o enfureceram demasiado no calçamento de Mecejana, fazendo-o atirar pedras a esmo, a policia prendeu-o e trouxe-o debaixo do chanfalho, ensanguentado, até o posto da praça do Ferreira...

Quando termina o expediente da Relação, elle emprega-se em cobrar contas perdidas e vender dôce de goiaba.

Cobrador mais terrivel não ha: é de endoudecer, dizem os que já o soffreram.

Vendendo dôce é interessantissimo o seu modo de fazer reclamos, os dedos minimo e pollegar esticados descrevendo circos de circulo pelo ar, o guarda chuva sob o braço:

—O meu dôce é das bôas especies de goiabas da Aratanha e do bom Maranguape, e não das especies desses que os calungas de botica vendem por ahi, pelas portas a seis tostões...Dessas especies, credo! voute! diz elle, freneticamente.

O Seixas, negociante em grosso e a retalho, pos uia uma conta dum individuo conhecido por pessimo pagador, duro de rôer, na importancia de trinta mil réis, e que até alli ninguem conseguira receber.

Antes por capricho do que por necessidade de recebe-la o Seixas chamou o Casaca de Urubú, entregou-lhe a conta e disse-lhe, na porta do armazem, charuto na bôcca, as mãos na cava do collete:

—Olhe, veja lá! são quinze mil réis para vossê e quinze para mim.

—E o Casaca resmungou:

—Ora deixa te estar que elle paga. Credo! *Ta* bom!...

Foi-se.

Passaram-se alguns dias e tanto o cobrador perseguio o sujeito que este para se ver livre deu-lhe por conta quinze mil réis, a metade.

Com os cobres no bolso foi o Casaca á loja do Seixas, e lá, atirando a conta no balcão, rosnou:

—'Stá ahi *seu* Seixas a sua conta. O bicho é duro que é damnado!

—Eu já recebi meus bons quinze mil réis, agora o senhor mande receber os seus...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

1113-10-11-1909

Ao C. R.

Generoso mortal, que tanto estimo!
E que me poupas chacotas e diterios,
Recebe aqui, da paz dos cemiterios,
Um abraço de mimo.

Teu do coração
Teudi'ho.

Ligeiras Narrativas

XXX

A BEATA

O João Pelludo era sacristão da egreja de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro.

O Pelludo era vêsgo e, portanto, levado do capêta.

A padroeira da egreja, com o menino Deus nos braços, envolta no manto negro, na sua mudez de imagem entre flôres, no altar mór, tinha fama de muito milagrosa: e milagres citavam-nos aos centos.

Portanto sempre estava o templo pela tardinha, após os officios, repleto de beatas ajoelhadas junto a grade do altar-mór, balbuciando preces, os rosarios correndo entre os dêdos emmagrecidos, as physionomias pallidas, tristes, abatidas, tocadas por tons de luz lividos que entravam pelos vidros esverdeados das ogivas.

O João Pelludo conhecia-as todas, uma por uma; e a custadas gorgêtas que lhes petiscava com labias engenhosas é que comprára um fato novo para as solemnidades, pois o minguado ordenado e os réles proventos de sachristão ião-se todos com a alimentação.

O Pelludo era comedor: si apostasse, para saber quem mais comia, com o Dantas da Bibliotheca vencia com certeza...

Uma daquellas beatas ficava sempre na egreja depois que as outras sahiam e só se ia embora, quando o sacristão lhe vinha dizer:

—Eu quero fechar a porta.

Era D. Benedicta da Silva, solteirona de trinta para mais, rezadôra de quatro costados, beata d'uma figa, que tinha especial devoção pela Virgem do Socorro-perpetuo, e ficava sempre toda lamecha por tudo que

Transcripção feita pelo "Diario de Natal"

"Jornal do Ceara" 12 de Maio de 1909

"Ephemeris" - Outubro - 1910.

cheirasse a frades e capellas.

Um dia o Pelludo surprehendeu-a com essa oração a fugir-lhe dos labios:

—Minha Nossa Senhora permitti que eu ache um bom casamento; fazei com que eu case com o Joaquim Limão, aquelle empregado publico que móra defronte lá de casa, aquelle, minha Santa Virgem, que tem um signal na face direita...

Oh! Senhora do Perpetuo Soccorro!...

E todo o dia, desde então, o Pelludo ouvia sempre a mesma oração.

—A beata anda damnada p'ra se casar, resmungava o rato de egreja, quando a avistava, mas eu lhe faço uma... Ora, já se vio que semvergonheza uma sujeita andar pedindo marido aos santos na egreja.

E além disso: um diabo que nunca me deu um derreis.

Faço-lhe uma, ora si faço!

O Menino-Jesus que a Virgem segurava nos braços tinha no pescoço uma junta, uma tarracha.

O sacristão descobrio isso, um dia em que andou limpando as imagens, e resolveu com aquella cabeça movel pregar uma peça a importuna beata.

Amarrou a ponta dum cordel na cabeça do Jesusinho e com a outra segura da dextra se escondeu no varandim das tribunas.

Quando todas as beatas sahiram, conforme o costume, a solteirona approxima-se do altar e faz a supplica costumeira.

Zás! o sachristão puxa o cordel e o menino-Deus abala a cabeça, fazendo que não.

A beata teve um sobre salto e pondo-se de pé, ficando um pouco mais calma, disse, o tom zangado:

—Eu não estou pedindo a vos ê não, corninho: estou pedindo a sua mãe que

e mulher e sabe as necessidades...

Fort.—1909.

JOÃO DO NORTE.

3-2-1910

"Grupo Amor Perfeito"

Tendo a dignissima familia Jesuino Lopes feito a gentileza e a subida honra de offerecer hoje uma brilhante "soirée" ao "Grupo Amor Perfeito," e para que essa festa se revista do maior realce possivel, a directoria do "Grupo," captivada por tamanha delicadeza, tem o prazer de convidar a V. Exc. e a Exm. familia para nella tomarem parte.

Certo da vossa fidalga acquiescencia subscrevo-me summamente grato.

Conferencia

Terça-feira, 12 do corrente, tivemos o prazer de assistir uma das mais bellas conferencias que se têm feito em nosso meio e cujo thema foi—a descoberta da America.

A «Phenix Caixeiral», que tão bôas conferencias nos tem dado da sua serie, a ultima, em que o conferencista foi o nosso talentoso amigo Gustavo Barroso, provou mais uma vez a sua bôa escolha, confiando a este um assumpto de tão magna importancia, e sobre o qual o intelligente moço fallou por espaço de uma hora, com a sua reconhecida competencia, tendo preso á sua fluente palavra um selecto auditorio.

Damos sinceros parabens ao digno e talentoso conferencista pelo successo alcançado.

1910 Carnaval

Club da Lapiação

«6 DE FEVEREIRO»

O grandioso, funambulesco e poderosissimo **Zumby 94,** *soberano da* FOLIA, *rei dos paizes imaginarios e das supernas regiões da* PHANTASIA, *commandante em chefe das heroicas phalanges dos bravos, denodados e nunca vencidos foliões da tradicional e gloriosa* LAPIAÇÃO, *intima a todos os seus subditos para, na noite de 6 de* FEVEREIRO, *comparecerem no palacio da* AGUIA DE PRATA, *seu alcandorado e inexpugnavel baluarte, e ahi receberem condigna e magestosamente o velho e immortal* DEUS MOMO, *que, ritualmente, derramará sobre todos a excelsa cornucopia da* FELICIDADE, *das* GRAÇAS, *do* RISO *e das* ILLUSÕES.

Para que essa momentosa e esplendida ceremonia se revista do maior brilhantismo possivel, ORDENA *que* VOSSA EXCELLENCIA *e a* EXMA. FAMILIA *a ella compareçam, sob pena de para sempre serem mergulhados nos pantanaes da* TRISTEZA!!

Esperando que sabereis cumprir esta sua formal e imperiosa intimação, e para que um só de seus fieis vassallos não falte a chamada, manda que esta seja assignada pelo seu rutilante e invencivel ESTADO MAIOR, *e distribuida a quem de direito.*

Na certeza de que fielmente serão cumpridas as suas ordens, faz votos para que o grandiosissimo DEUS MOMO *vos envolva nas tenues gazes da* ALEGRIA *e derrame sobre vós os dons excelsos da* FELICIDADE *e do* PRAZER!

Ao Ex.mo Snr. José [illegible]

José Moreira.
Augusto Lopes.
Virgilio Bezerra.
Joaquim B. de Hollanda Cavalcante.
Sebastião Sá.
Joaquim Jorge Vieira.
Francisco Vieira Sobrinho.
Arthur Themotheo.
Gustavo Barrozo.
Alvaro de Castro Correia.
Affonso Moraes.

Ceará - 2ª Questão Claudemiro - 28 - Março - 1910

BOLETIM
DA
CLASSE ESTUDANTAL

III

Mocidade estudiosa não vos deixeis dominar um só instante pelo desfallecimento!

Sêde forte e digna como sempre o haveis sido, escudada na integridade do vosso brio, na fortaleza de vossa honra!

Por maiores que sejam as ameaças, por mais tyrannico que seja o poder que vos tenta esmagar, nada temaes! Levantai bem alto a fronte, orgulhosamente arrostando todos os perigos, todos os despotismos, repellindo todos os insultos, que a vossa alma sahirá cada vez mais retemperada do cadinho das provações!

Sustentai a vossa honrosa posição em face dos que vos querem ludibriar, como já a sustentastes brilhantemente! Sêde nobre e digna, forte, unida e cheia de esperança, que jamais sereis vencida! Ao vosso lado estão a opinião publica e a força magestosa do Direito, da Honra e do Dever!

—Hoje começa a *greve* e perdurará até que seja retirada a injuria que vos querem fazer com a imposição da suja personalidade de *Claudemiro Figueira!*

Mostremos que a mocidade estudiosa do Ceará ainda não esqueceu as suas gloriosas tradições, repellindo com todos os meios ao vosso alcance o deslavado professor!

Avante mocidade unida e forte pelo caminho da Honra que a Victoria vos sorrirá!

1133
27-Dez.-1909

Gustavo Barroso

De sen passeio á Serra de Baturité, regressou no horario de ante-hontem, o nosso talentoso e destemido companheiro de lutas, Gustavo Barroso, a quem mui affectuosamente saudamos.

1149
2-2-1910

Sócóflóles quando recebeu o telegramma de Pariz, que noticiava a enchente do Sena, foi perguntar ao Zé Queixo se tinha sido mesmo o Sena ou o Tejo que inundava Pariz.

* * *

1151
7-2-910

O Arthur Rocha, cupim muito *embaraçado*, chamou o sexo forte de *sexo feio* e o coração de thermometro dos sentimentos.

Cabôclo velho nephelibata e *nephelibesta*.

Sae diabo!

"Jornal do Ceará" - 30 - Agosto - 1909 - 1081

"Careta" - Rio

Ao chaleirista da "Gazùa"

(celeberrimo passador de NOBRES telegrammas)

ALMA DE PORCO, chupa a chaleira,
Pois chupar foi sempre móda tua:
Chaleirar é a vida do toupeira
—Chaleirista pifio da "Gazùa"—Y

ETA 1910

O XICOTE DO BABÁU

Era um casal desgraçado aquelle que morava num infecto casebre, vivendo como gato com cachorro, ali na rua de S. Luiz no pauperrimo bairro do Oiteiro. Passavam dias com fome o marido, a mulher e seus oito filhos, dos quaes o mais velho tinha nove annos. Uma miseria! O marido, o Xico Dutra, fôra marceneiro, porem depois que tivera um ameaço de congestão dera para preguiçar e para beber; tornára-se tambem, em casa, um verdadeiro demonio. Por dá cá aquella palha, pela mais leve alteração mettia o cabo de vassoura na mulher, a pobre da Mathilde, pallida, escaveirada, triste como um vestido preto, sempre a moirejar curvada sobre a machina de costura, e ás vezes a pensar saudosamente no tempo em que o Dutra era bom e trabalhava trazendo para casa um pouco de abastança, dando-lhe tambem um pouco de amor.

Quando elle, o infeliz ebrio, adquiria por um pequeno serviço ou por pedidos na rua alguns nickeis, comprava comida, cozinhava-a elle proprio e comia sozinho, sem que se apiedasse dos filhos a soluçar de insoffrimento, sem que sentisse compaixão pela esposa que não bebia por vezes uma chicara de café pára que os filhos tivessem mais — sempre heroica e sempre abnegada.

E á menor observação que ella cahisse na asneira de fazer-lhe batia-lhe a valer, sahindo após para a rua e deixando-a a chorar de dôr, de raiva e de indignação.

Elle era o villipendio em pessôa: que lhe importava villipendiar os outros?

Perto delles tinha uma venda o Babáu — um que fizera fortuna na Amazonia; era quem nos dias mais negros, áa vezes, supria *per misericordiam Dei* áquella pobre familia. O Babáu gostava de passeiar a cavallo todas as tardes, de branco, esporas de prata, sustendo orgulhoso as guias do freio, de sola ingleza, que lhe custaram ahi, uns doze mil reis.

Um dia, ao recolher-se á noitinha, o cavallo espantou-se rente a um velho muro, defronte do casebre do Xico Dutra, atirando-o ao chão. Motivaram aquillo uns meninos que a brincar *manja* corriam por entre o matapasto, que ali era viçoso e crescido.

O Babáu conseguiu pegar a sua assustada cavalgadura; e partiu a limpar a areia e o pó que lhe manchavam a roupa e as faces, praguejando; esquecera, porem, o seu rebenque de estimação, solto da corrente do pulso na violencia da queda, — chicote feito na terra pelos presos da Cadeia, de sola trançada, do comprimento de um metro, forte e flexivel como uma vergasta de baleia.

Pela manhã do outro dia, ao passar por ali achou-o o Xico Dutra, e levou-o para casa. Dependurou-o num prego, na sala de jantar; e ao perguntar-lhe a mulher por que não o madava entregar ao dono tornou-lhe aspero, estremunhado:

— Porque preciso delle para o teu lombo, jararáca, lingua de sogra, pedaço de mau caminho!

E ella curvando a cabeça sobre a costura deixou que as lagrimas lhe rolassem aos pares pelas faces emmurchecidas, triste como uma roupa de dó.

O Dutra sahiu para a rua: e durante o dia ella pensou na rudeza daquelle homem que já amára, resolveu armar-se de energia, acabar com aquelle inferno logo duma vez. Tiraram-lhe todos os receios os saudaveis conselhos duma visinha e comadre, a quem recorria nas quadras afflictivas.

A' tardinha o Dutra chegou, na chuva como de costume, e ao entrar foi logo suscitando uma questão a proposito de ninharias, com os olhos avidos para o xicote: ameaçou-a.

Mas antes que delle lançasse mão, a Mathilde dum salto empunhou-o e sem palavrões prefaciadores, sem ameaças nem hesitações, fustigou-lhe o focinho deslavado, o peito, as costas, as nadegas e tudo o que o rebenque alcançou furiosamente manejado pelos seus braços magros.

O Xico encolheu-se para um canto, assustado, tremulo, sob o peso da impressão inesperadissima daquelle diluvio de fortes, seguras e pouco inoffensivas lambadas, perdida a energia e a força moral ante aquella resolução intempestiva da qual nunca a julgára capaz, completamente acobardado.

Ali ficou, quedo e mudo, emquanto ella limpava o suor, a tresfolegar de cançasso e de emoção.

Depois, ella affectando sobranceria dependurou o rebenque, e simplesmente disse-lhe numa ostentação de calma e de desprezo:

— Agora torne-me com desaforos que ahi está, guardado para o seu lombo!

Os meninos espreitavam das portas, medrosos, rindo-se a socapa.

Então o Xico Dutra, recompondo as feições, fazendo-se de arrogante e autoritario, ordenau para o mais velho num tom indiscutivel:

— Carlos, vá deixar lá na venda o xicote alheio! Entregue-o ao *seu* Babáu...

E só assim o tendeiro tornaria a ver o seu querido rebenque de correias trançadas, feito na terra pelos presos publicos, do comprimento dum metro forte e flexivel como uma vergasta de baleia. Que o dissesse o Xico Dutra si não era...

Fortaleza-Ceará.

JOÃO DO NORTE

"O Malho." Rio. 1908

CORRESPONDENCIA DO CEARA'

ZÈ CEARENSE (*monologando com os seus botões*) : — Com um milhão de raios ! Pois não é que me esqueci de felicitar *O Malho* no dia do seu anniversario natalicio ! ? Esta minha *filosofia* !...

(N. R. —Publicamos este desenho, não por causa da legenda, a que, aliás, ficamos gratos; mas simplesmente para mostrar a figura desconsolada e remendada em que o desenhista cearense encarnou o elemento popular da sua terra.

Tal como o vêdes, o Zé da terra do Sr. Accioly nada tem que invejar ao Zé da capital da União. Este ainda é mais Zé... caipora, por ter de apparentar um *luxo* incompativel com as suas algibeiras inveteradamente vasias e cheias... de cotão...)

"Unitario"
Ceará
1910
Abril
14

Gustavo Barroso

Embarca amanhã para a Capital Federal esse academico, nosso amigo, de portentoso talento e adeantado cultivo intellectual.

Auguramos-lhe risonho futuro e dizemos-lhe adeus.

O TONÍCO

O Tonico, que muito conheci, gostava de pregar suas pêtas com aquella voz de falsête, hesitante e humilde ao mesmo tempo, que era o seu melhor caracteristico.

Essas historias sempre versavam sobre caçadas, passaros de estimação e cães de caça ; invariavelmente tinham um heróe ou heroina : — uma raposa de manhas inacreditaveis, surgindo a uivar pelas encruzilhadas em êrmas horas, tetricamente, o ventre pregado ao espinhaço, esfaimada, olhos phosphorescentes ; um pintasilgo de canto harmonioso e arrebatador, attrahindo a poisar no peitoril da janella os canarios bravios, côr de oiro ; ou um lebréu de fôlego terrivel e faro nunca visto, costumeiro a pegar pelo gasnete os guaxinins raivosos e a pendurar-se ao nariz dos asperos novilhos.

Um dia pregou-me esta :

— *Seu* compadre, eu andava de viagem pelo sertão montado numa *bêstinha* ruça e estradeira, que *foi* do finado Misaél, do Sacco da Velha.

Já o sol ia alto quando passei por uma *crôa* fechada, onde havia, abeirando a verêda, uma porção de *paús-brancos* seccos.

Lá em cima de um dos *paús* havia um buraco, um *ôco*, e dentro remexia uma coisa. Calculei que fosse um ninho de papagaios. Apeei-me, deixei a *bêstinha* sôlta e marinhei pelo *paú* arriba. Era, com effeito, um ninho : e dentro estavam dois papagainhos ainda pelladinhos da Silva, — um machinho e uma fêminha.

Caixeta Rio 1910

Peguei o machinho, desci e pul-o no chão, bem perto da minha eguinha, que estava pastando. Quando subia de novo pelo *paú*, para buscar a fêminha, ouvi uma vozinha fanhosa e fraca dizer por aqui assim :

— Meu sinhôzinho, tire a *bêstinha* daqui, senão ella me piza!

Olhei admirado. Era o papagainho quem estava falando.

A fêminha morreu logo, mas o machinho durou muito e ficou um papagaio bom, falador de fama. Sabia toda a ladainha de Nossa Senhora e o responso de Santo Antonio de cór. Era meus pés e minhas mãos no arranjo da casa. Servia tambem de *chama*.

Attrahia, gritando e chamando, os bandos de papagaios que passavam — rumo do sertão, no inverno, — buscando as praias, no verão.

Botava-o sempre nas arvores do quintal. Quando o bando de papagaios sentava-se chamado por elle, zaz ! traz ! papocava fogo : tres, quatro comiam terra. Escolhia os mais gordos. Eram a *janta* ou a ceia.

Uma vez ia passando um bando : botei o bichinho no cajueiro. Elle chamou e os outros, meio desconfiados, poisavam, muito chegadinhos a elle de modo que eu quasi não podia atirar, temendo feril-o. Estava hesitante, arma em punho, procurando um geito, um modo melhor, quando elle gritou-me, o meu bichinho :

— Atira, Toníco, senão elles vão embora! Grande custo, homem !

Não tive duvidas, mandei chumbo num casal de papagaios gordos, mais distanciados. Ambos cahiram ; mas... coitadinho !... (As lagrimas rebentavam-lhe dos olhos) um caroço de chumbo *variado* pegou no meu papagainho, que cahiu tambem... Corri para o meu bichinho, agonizante no chão : e, quando me abaixei para pegal-o, elle botou a mãozinha no peito cheio de sangue ; com os olhinhos razos d'agua me disse :

— Mataste-me, Toníco, sem querer... mas eu te perdôo a minha morte...

E o Tonico soluçava.

JOÃO DO NORTE

Conferencia

Da distincta sociedade "Phenix Caixeiral" recebemos o convite que a seguir publicamos e pelo qual nos confessamos agradecidos :

Illm° Exm° Snr. Redactor do "Jornal do Ceará".

Em nome desta Sociedade tenho a honra de convidar-vos para a conferencia que no dia 31 do corrente, ás 7 1|2 horas da noite effectuará na séde social o talentoso e distincto academico de direito snr Gustavo Dodt Barroso.

Penhorado pelo bom acolhimento que vos dignardes dispensar a este convite, subscrevo-me com respeitoso apreço.

De V. Exc.ª
Cr° att° e obr°
João Guilherme da Silva
1° Secretario

L' HUMANITÉ
PARIS — 16. Rue du Croissant — PARIS
M. Jornal do Commercio RV
Rio de Janeiro —
Republique Argentine

MEU PROFESSOR

Meu professor ao tempo da infancia, quando eu ainda estudava o segundo livro do Hilario Ribeiro e a taboada de multiplicar, era um barbaças amacacado, com o nariz vermelho de fungar rapé. Vivia sempre de férula em punho a dar bôlos impiedosamente pela mais pequena falta, sectario orthodoxal do mofento aphorismo latino — *litera sine sangue non entrant.*

A sua escola era temida pela petizada do tempo; a sua palmatoria amiga intima de quanta mão de menino houvesse na terra.

Era um monstro disciplinador e feroz, apparecendo a nós, discipulos, em sonhos pela noite além — como um grande e phantastico orango-tango, a esgazear as pupillas vermelhaças, luzindo torvas entre arrepelladas grenhas. De resto, um ignorantão chapado em tudo o que rezassem livros e cartilhas, passando horas a roer as unhas ante uma mesquinha conta de dividir.

Fazia medo á criançada a esvurmar na aula, explicando pontos obscuros da doutrina christã, interrogando sobre o descobrimento de Cabral, ou dissertando a respeito das regras nebulosas da Prosodia, da Orthographia e da Syntaxe, das quaes entendia os palavrões philologicos muito menos do que nós, pobres e innocentes cordeirinhos... Cordeirinhos éramos quando medrosamente encolhidos entre os lençóes viamol-o em sonhos, quando quêdos não perseguiamos um qualquer a vaias e a pedradas...

Era um sábio, o meu professor, fazendo-nos pasmar ante as suas explicações scientificas.

Explicava a redondeza da terra pelo arqueamento azul do céo e pelo abaúlado das ruas empedradas; as nuvens como o conglobamento de todas as fumaças do mundo, desde a das altas chaminés das fabricas até a dos fogões domesticos. E assim não havia quem fumasse um havano, quem lançasse fogo a um lixo, quem riscasse um phosphoro que não contribuisse á fabricação dos cirrus, dos cumulos e dos nimbus...

Em grammatica era um portento. Um dia mandou-me á venda buscar um pacóte de vélas de estearina, com um bilhete nestes termos:

Seu Manuel

Mande 1 pacoti de véllas de esprema 7.

Felizmente o vendeiro entendeu.

Em latim, quando se nos antolhava uma difficuldade costumava grasnar: *Hoc opus pipocus est.*

Deste modo iamos aprendendo...

Uma feita ante a meninada de pé, submissa, arguia a taboada de multiplicar. Tudo foi muito bem até a casa de nove.

— Nove vezes um, Martinho?

— Nove! — estrugiu o pequeno.

— Nove vezes dois, Macedo?

— Dezoito!

— Nove vezes tres, João?

Santo Deus, era a mim!

Tremi, suei e bradei:

— Vinte e sete!

Teria errado? Pelos seus olhos passára um clarão de duvida. Trovejou:

— Adiante, Couto?

Fiquei a tremelicar: si houvesse errado, eram seis bolos na certa.

Felicidade! O Couto respondera:

— Vinte e sete.

— Adiante, Onofre?

— Vinte e sete!

Duvidava ainda e esforçava-me por sommar os nove. Contava pelos dedos sem achar resultado.

— Adiante, Olavo?

— Vinte e sete, professor!

E assim correu toda a aula até o ultimo: e o ultimo respondeu: Vinte e sete!

Olhou-nos de frente, meio desconfiado e indeciso, a bater pestanas; e abrindo a taboada rosnou:

— Está direito... E'... Esperem ahi, deixem-me ver si é mesmo!...

JOÃO DO NORTE

1910

QUE CHEIRO BOM...

Almanach Annaronal "Vicente Araujo"

AO SOARES BULCÃO.

Marchavam rumo de Assumpção as tropas brasileiras, já com uma certa segurança, pois que a infantaria de Caxias varrêra a planicie de Angustura e a cavallaria de Andrade Neves esmoera os soldados escolhidos de Caballero, em Avahy.

Explorando o terreno, na dianteira, para lá da estrada de Villeta, ia uma forte columna de infantaria ligeira, composta de soldados do 26 de voluntarios, que foi o heroico batalhão do Ceará, celebre na mortifera campanha.

Eram duas horas da tarde; o aspero calôr do dia esmorecia a pouco e pouco.

No azul do céu passavam revoadas de urubús, seguindo o seu fornecedor, que era o exercito, cevados já nas pilhas de cadaveres, que as balas e bayonêtas haviam deixado no chão sangrento das Lomas Valentinas.

Perlongando os banhados estendiam-se immensos laranjáes em flôr, communs no selvatico paiz das missões jesuiticas, e que á distancia embalsamavam o ar.

A soldadesca daquella guarda avançada marchava unida, cabisbaixa e murcha: relembrava saudosamente os *quandús* em flôr, cobertos de *melão*, nas varzeas do Jaguaribe, as *crôas* fechadas do Caxitoré, a palhoça dos pais, os amôres com a filha do visinho ao pé da cacimba do gado, na doçura inebriante das tardes estiváes...

A'quella nostalgica tristeza de rudes militares juntavam-se o grito triste e longinquo do *quero-quero* á margem dos *potreiros* e a falta absoluta da mulher (que ha tres annos não viam), com o seu olhar e o seu riso, alegrando os acampamentos êrmos de amôr, ensopados de sangue, juncados de paraguayos insepultos, ainda sinistros nas suas fardêtas de baeta encarnada.

Acercaram-se dum laranjal; tinham de passar por baixo. Sumiram-se os tambores no escuro bosquesito com as caixas presas ás costas; sumiu-se o major, a cavallo, farripas de barba esvoaçando: entrou, emfim, sob a folhagem a soldadesca.

Rescendia o bosquesito uma fragancia celestial; a doçura da sua sombra tinha a tristeza das coisas ermas e cheias de paz: mais tristes e mais calados marcharam os soldados.

De subito um cabo, sopesando a Minié, numa postura comica, arrebitando o nariz como a farejar, estrugiu:

—Oh, que cheiro bom de paraguaya fêmea, meu Deus!

E a soldadesca cahiu na gargalhada; e, lá na vanguarda, junto aos tambores, o major, cahido sobre o pescoço do cavallo, ria-se a perder, silenciosamente.

JOÃO DO NORTE.

Carci - Carnaval - 1910

×CLUB×
DA
LAPIAÇÃO

O poderosissimo, meplistophelitico e zabumbatico **Zumby 94**, soberano dos antros e cavernas, rei das terras hyberboreas e dos mundos imaginarios, senhor dos paizes desconhecidos e dos cumes das montanhas, chefe dos Esquimáos, samoyêdas e patagões — proclama pelas mil trombêtas da Fama e pela voz dos arautos que se approximam os renhidos prelios da Folia, os combates terriveis de Momo; e ordena que se aprestem para os recontros todos os seus subditos, todos os seus valentes vassalos, visiveis e invisiveis, palpaveis e inpalpaveis, phantasticos e incognosciveis, cavalleiros, dragões, gnomos, bruxos, duendes, avantesmas, genios e espiritos malignos!!!

Outrosim, exige o seu comparecimento para a assembléa a realisar-se amanhã, 25 do corrente, na furna do costume, no antro das suas sinistras deliberações,

Frei Tigéla

SECRETARIO

Zumby 93 - João Salgado
" " 94 - Mac-Donell
Zumby-mirim - Vicente Royer
Frei Tigéla - Gust. Barroso.

1151
7-2-1910

1154
14-2-1910

G. BARROSO

A passeio de recreio retira-se amanhã para o interior do Estado o nosso talentoso companheiro de redacção Gustavo Barroso.

Bôa viagem.

O Arthur (cupim da litteratura, caixão do Chagas da Poesia) diz que o coração é o thermometro dos sentimentos, o barometro das emoções e o cinematographo das sensações!...

Cabôclo velho cheio de circumloquios e adverbios!

JACY.

Leiras e Silhérias

Povoamento do Solo

(Com vistas ao Calmon)

Ha grande propaganda no extrangeiro
Para se encher o nosso campo e serra
De *gente limpa* que não traz dinheiro
Para comer emquanto cava a terra ;

Empoleirado n'um corcel ligeiro,
Alem do sol que toda luz encerra
Corre veloz pelo universo inteiro
E o nosso *luxo* aos quatro ventos berra.

E isto já produziu um grande effeito:
Hoje se vê em cada villa um frade
--Contraste de Jesus, de cruz ao peito.

E se o povoamento não é um dolo
Deixem de propaganda . . . que a irmandade
Nos chega para povoar o solo !

AS CALÇAS HYDROPHOBAS...

O meu amigo Tonico tinha umas velhas e bonitas calças cinzentas, de casemira ingleza, que haviam sido de seu finado avó — Gargantua duma figa, morto de uma indigestão após succulento e nababesco jantar.

Naquellas calças cinzentas, já com fundilhos, andava elle mettido todo o santo dia; dellas não se separava de modo algum. Tinha-lhe profunda amizade. Aquillo, diziam, já passava a mania.

Domingo extranhamente encontrei-o com outras calças novas e decentes. Inquiri, curioso, após o classico aperto de mão :

— Olá, meu Tonico, que novidade é esta? Tu com outras calças que não as avoengas! Salvaram-se certamente para ahi umas cem almas no velho Purgatorio ! S. Pedro, entre duas pitadas de rapé, está a murmurar maldições sobre ti, maganão ! E bati-lhe muito amigavelmente no magro costado.

A physionomia do Tonico turvou-se immediatamente como a limpida superficie de tranquilla agua que uma aza feriu :

— Matei-as ! respondeu-me em voz sumida.

Até hoje ainda não ouvira falar que se matassem calças de casemira como se matam homens, codornas, frangos e baratas... Arregalei os olhos, abri a bocca, estendi a lingua. Não pude articular o som. O infeliz Tonico ensandecera ! Só assim... Mas matar calças ?...

Armei-me de coragem e pedi-lhe que me contasse tão extranho e pyramidal acontecimento :

Elle desembuchou .

— Quinta-feira, a noitinha, ao sahir dum cinematographo, um cão fulvo e arrepellado passara-lhe rente e abocanhára-o numa perna. Felizmente que não o fisgára ; simplesmente dilacerara-lhe as queridas e ancestráes pantalonas. Chegando á casa pendurara-as ao cabide, para que de manhan cedo a mulher lh'as sergisse. Dormira bem, sem apprehensões e sem cuidados. Mas ao acordar, pelas sete e meia, quasi morrera de susto e de assombro. As calças sem que alguem as movesse, sozinhas, faziam desesperados esforços para se desprenderem do cabide. Esperneavam doidamente, furiosamente. Emfim soltaram-se e atiraram-se pelo quarto aos galões e saltos, elevando-se a altura de metros, rastejando pelo assoalho, esperneando, correndo, torcendo-se, damnando-se e quasi me ~~desgostando~~ e urrando !...

— Ao principio quiz-me esconder debaixo da cama, mas pensei na segurança da familia. Fiz o signal da cruz e tirei o revólver de sob o travesseiro. Felizmente atinei logo com a *assombração* : as infelizes, as minhas calcinhas cinzentas estavam hydrophobas ; hydrophobo era certamente aquelle cão fulvo e arrepellado que as rasgara nos dentes raivosos, por não poder rasgar as minhas muito amadas gambias. Perdi o medo todo. Apontei a arma. Pum! pum ! pum!... os cinco tiros partiram. Cahiram ainda a remecherem-se. A quinta bala lhes pegára na virilha — em lugar mortal !... Acabei-as ás cacetadas. E fitou-me offegante e avermelhado como se ali mesmo acabasse o terrivel combate.

Passava um bonde perto. Abalei...

JOÃO DO NORTE

A Derrocapa...

O governo da nação, de olhos vendados, na cegueira das intrigas politicas, dá com a cabeça nas paredes.

Derrocam-se todas as instituições da nacionalidade, e os homens de bem fitam o olhar angustiado no horizonte trevoso, nu prenhe de nuvens negras, prenunciando a borrasca.

A actividade economica, —esse phenomeno tão importante que nelle Thering assentou a sua doutrina, adoece, as crises climatericas, em certos logares, a pouca densidade de população, a inferioridade da raça, a má direcção na lavoura, enfraquecendo-a, os impostos suffocando todas as manifestações do commercio.

Nullificadas por effeitos diversos todas as condições do phenomeno economico perde elle toda a sua importancia, depaupera-se, e derroca-se estes tornando o paiz com a pobreza de meios, a exiguidade de recursos, consequencias immediatas de sua decadencia.

Dahi toda essa falta de vida, de movimento, que nos asphixia, o bandidismo que nos assola, transformando-nos o sertão numa Calabria, numa nova Sierra-Morena, e a nervose de crimes e suicidios que nos intoxica.

Todas as classes sociaes sentem o esporar da desgraça: e nas altas cumiadas dos poderes publicos sopra o vento dos desmandos...

Esses desmandas do poder central deixam correr á solta, sem freio, escabujando por ahi em fóra, o corcel bravio das ambições desregradas, immoderades pela falta de moralidade do poder coercitivo, pelo ostracismo em que vive a Lei, reduzida ao papel de escravo dos tyramnêtes olygarchas, calcando aos pés os sagrados principios constitucionaes, conspurcando todos os dictames da moral.

A moralidade da nação em geral tambem baqueia na derrocada completa sociedade.

Só se cuida em abocanhar sinecuras, em puxar a sardinha p'ra seu prato, em inventar novos meios de lisongear, novas fórmas de adulação, e em azeitar o espinhaço, curvo já, bastas vezes, por atavissimo e hereditariedade: os propios moços, pelo exemplo continuado pela educação mesmo, perdem a altivez que sempre caracterizou a mocidade, e se afundam no lôdo ignobil da infamia...

Incentivo não ha: a inveja tomou o logar da emulação em todos os actos possiveis.

A Arte morre de anemia; a Instrucção publica é uma vergonheira.

O homem publico, na maior parte das vezes, mal sabe ler, é um nullo, desconhecedor de seus deveres, locupletando-se com os dinheiros publicos, porque ignora o que é uma nação, o que são direitos, quanto tem custado essa pseudaliberdade de hoje, e só conhece, e só sabe, e só comprehende—o que é e o que quer o seu estomago, unico orgão cuja significação a sua educação lhe permitte o conhecimento...

Senadores ha que se prestam por sua nullidade ás mais escarnihas ridicularias dos jornaes.

A classe média, matilha gananciosa, baiúla, o homem publico lambendo as migalhas que elle deita cahir e ladrando furiosamente a quem se appropinque, ou tenha a velleidade não quer ser lebréu.

A ralé se deixa espoliar na santa ignorancia do que lhe é devido e de sua propia força: oitenta por cento da população não sabe lêr!

Na ignorancia, porem, de seus direitos sente o vergasto da necessidade e córam suas faces de vencidos ás bofetadas da prepotencia.

Os aventureiros de todos os paizes, vestidos quase sempre de burel, se apossam do paiz inteiro, esteiados no fanatismo boçal, inconscieute da arraia miúda, e no carolismo piégas dos *papa-missas* proceres da nação...

Os emprestimos se succedem aos emprestimos, com exorbitancia de juros e pouca esperança de prompto pagamento: emprestimos são levantados para a União, para os Estados, com sua garantia, e até para as prefeituras municipaes; e, si um choque social não pôr termo a isso, irão parar ás garras do estrangeiro hypothecadas as rendas das alfandegas, e, com ellas, a honra e o credito do Brazil...

A situação do paiz é pessima: rola já pela borda do precipicio!

A derrocada da nação se accentua dia a dia; o descalabro do paiz é palpavel a todos.

A razão de tudo isso está na nossa organisação politica, na nossa dogmatica e plagiada constituição: e mesmo até na falta do baptismo purificador de sangue, que ha de produzir muita dor e muita afflicção, mas que será o pollen fecundante, que regenerará a sociedade brazileira, produzindo uma geração nova e austera que vio as barricadas nas ruas, as poças fumegantes do sangue dos recontros e luctou, fuzil em punho, em defesa de seus direitos postergados!...

Dessa explosão surgirá o que nos é preciso,—um homem de contextura granitica, ferreo e honrado, tendo no peito entranhado amor a terra do berço, no rosto o desprezo profundo do estrangeiro, que se apoie na bruteza fria da espada, e que leve a pontapés e a chicote a nação inteira estrada do Progresso em fóra, embóra nella deixe rastos de sangue, que de envolta com a lama lhe salpique o cento, pois o juizo imparcial dos posteros, ha de lava-los com a agua limpida dos beneficios que deixar.

---

envolta com a lama lhe salpique o cento, pois o juizo imparcial dos posteros, ha de lava-los com a agua limpida dos beneficios que deixar.

Alterações do Satyro.

A situação ~~do paiz~~ é pessima: rola já pela borda do precipicio!

A derrocada da nação se accentua dia a dia; o descalabro do paiz é palpavel ~~a todos.~~

A razão de tudo isso está na nossa organisação politica, na nossa dogmatica e plagiada constituição ~~e mesmo até~~ na falta do baptismo purificador de sangue, que ha de produzir muita dor e muita afflicção, mas que será o pollen fecundante, que regenerará a sociedade brazileira, produzindo uma geração nova e austera que ~~vio as~~ barricadas nas ruas, ~~as~~ poças fumegantes do sangue dos recontros e luctou, fuzil em punho, em defesa de seus direitos postergados!...

~~Dessa explosão surgirá o que nos é preciso,—um ho~~, mem de contextura granitica, ferreo e honrado, tendo no peito entranhado amor a terra do berço, ~~no rosto o desprezo profundo do estrangeiro,~~ que se apoie na ~~bruteza fria da~~ espada, ~~e que leve a pontapés e a~~ chicote a ~~nação inteira estrada do Progresso em fóra~~, embóra nella deixe rastos de sangue, que de envolta com a lama lhe salpique o cento, pois o juizo imparcial dos posteros, ha de lava-los com a agua limpida dos beneficios que deixar.

Falta-nos um homem de contextura granitica, ferreo e honrado, que tenha no peito entranhado amor á terra do berço, mas este já surge na pessoa do Marechal Hermes da Fonseca o que ha de arrancar-nos do pantano.

Dez. 15 = 1908

Attenção !

Prevenção às Famílias

Anda nesta cidade desde hontem um « songa-monga », muito magro e muito feio, vindo da capital e que procura fazer espirito ridicularisando o Baturité.

Desde a hora em que chegou esse typo anda procurando moças bonitas e casas ricas onde possa dansar e passar bem.

O bicho acha que o Baturité é immundo, os moços são sujos, as senhoras são horriveis...

Previmos as famiiias que se acautellem contra o « chico-tripa », que se diz academico e não passa d'um papandola.

Rapazes, levemos o bicho ao pau de sebo hoje, sem falta, a trote largo !

A rapaziada de Baturité

"Jornal do Ceará"
1017
2-Abril-1909

"Jornal do Ceará"
1014
26-Março-1909

Historia Russa

"Nadia Walowski"

No proximo numero em diante iniciaremos a publicação de uma interessante novella, cujo nome é o supramencinado, da penna fluente do nosso amigo e talentoso academico de direito, Gustavo Barroso.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para essa leitura agradavel, leve e desenfastidiosa.

1057
5-Julho-1909

Novella Sertaneja

"O JOÃO FERREIRA"

Em nossa edição de sexta feira iniciaremos a publicação duma interessante novella, com o titulo supra, escripta especialmente para o "Jornal do Ceará", pelo nosso companheiro Gustavo Barroso. Para ella chamamos a attenção de nossos amaveis leitores.

Prevenção

Consta me que rosnam algures, a meu respeito, o seguinte aleive :

Dizem que eu me fui retractar a uma grande e poderosa personagem, dizendo lhe que escrevia no «Jornal do Ceará» as *Ligeiras Narrativas*, sem o menor intuito politico e como simples passatempo litterario

E' falso !

Nunca me retractei a pessôa alguma, porque não tenho de que me retractar e porque acho que não tenho contas a dar de meus intuitos a alguem, por mais poderoso que seja.

Portanto, em bem da verdade, appareça em publico essa grande e para mim desconhecida personagem provar o contrario do que assevero.

Fortaleza, 2 de Abril de 1909.

Gustavo Barrozo.

1112
8-Nov.º-1909

NICOLÁU I

O nosso brilhante collega «Diario do Natal», na sua edição de 28 de Outubro ultimo, nº 3812, trancreve o bellissimo conto historico, que, sob o titulo supra, o nosso querido companheiro Gustavo Barroso pubicou em nossas columnas.

Pela merecida distincção que lhe fez o brioso orgam opposicionista do vizinho Estado, os nossos parabens.

1112
8-Nov.º-1909

Meeting

Hontem, ás 6 horas da tarde, perante grande massa popular, junto á Maison Art Nouveau, falou o bacharelando Quintino Cunha em prol da autonomia do Acre.

De manhã haviam sido distribuidos boletins convidando o povo para esse comicio.

OS DOIS IRMÃOS NA GUERRA (*)

Foi uma selvagem e cruenta guerra essa que conflagrou em meiados do seculo passado a grande federação americana,—a maior das que narra a historia dos modernos póvos. Contenda formidavel de irmãos contra irmãos, invadindo todas as classes, destruindo todas as affeições, immiscuindo-se no proprio sacrario do lar!

Guerra civil que se tornou domestica!

Custou vinte e cinco billiões de francos; arrazou provincias; devastou regiões inteiras; ateou um incendio que lavrou dos pantanos da Florida aos confins do Dakota. Foi mais dispendiosa que todas as campanhas napoleonicas reunidas; mais cara vinte e quatro vezes que a do Paraguay.

Originou-se nas questões de escravatura dos estados do norte com os do sul, estes partidarios da escravidão, aquelles liberaes, anti-esclavagistas.

Terminou pela victoria dos do norte, capitulando os generaes sudistas Lee e Jonhston ante os nortistas—Shermann e Grant.

Os sudistas, por se haverem confederado na liga de Mont-gommery, eram chamados confederados; os do norte, por manterem o pacto fundamental de Whashington, appelidavam-se federaes e unionistas. Essa guerra é conhecida na historia por guerra da SECCESSÃO—porque os estados do sul queriam a separação completa do gigantesco paiz americano.

Os acontecimentos que, ao alcance de nosso mesquinho engenho, vamos procurar narrar, passaram-se nesse tempo épico e sangrento.

***

Era cheia de paz e felicidade a vida da familia Austin, escôando-se calmamente na doçura do lar, no amanho laborioso dos campos, naquella agasalhadôra vivenda, de «Blackstone», perto de Greensburgo, no Kentucky.

O casal Austin tinha dois unicos filhos: Jonh, o mais velho; Patrick, o mais moço. Eram ambos fortes, valorosos e decididos, costumeiros á vida aventurosa das savannas, a caçar bisontes, a luctar em astucia nas armadilhas com os ratos almiscarados e a repellir á bala as cabildas de salteadores indianos.

Pelo findar do anno de 1860 agitaram-se numerosamente as questões de escravidão: degladiaram-se os jornaes em discussões infindaveis; surgiram pamphletos de propaganda á eleição de Abraham Liucoln: e emfim separou-se da federação a Carolina do sul sob a presidencia de Jefferson Davis.

Apezar da vida campesina que levavam os dois moços, estavam a par dos movimentos separatistas: liam os jornaes, seguiam ardorosamente a marcha das discussões. Imbuiram-se, portanto, das idéas ardentemente prégadas e calorosamente discutidas, infelizmente cada qual com rumo diverso. E as suas almas jovens e cheias de seiva ficaram eivadas de todos aquelles preconceitos e de todas aquellas opiniões. Tinham por vezes discussões azedissimas degenerando em doestos, impedindo-lhes, porém, o explodir das coleras subitaneas um resquicio de amizade fraternal e o respeito e acato á mansão familiar.

A posição geographica do Kentucky favorecia áquella scisão, collocado como estava entre os estados federaes e o Tennessee, que adheria a liga de Mont-gommery.

Os dois iamãos estavão um dia a lêr, pela fresca manhã, na sala clara da estancia, emquanto a sua velha mãe costurava á janella: o velho Austin entrou com jornaes, vindos de Greensburgo, e, liberal até a raiz dos cabellos, contou as ultimas novidades, ardentemente como se fallasse num meeting anti-esclavagista, por entre revolvers entrevistos, facas meio puxadas, cacêtes rodopiantes, no furor das multi-

(*) Conto premiado pelo sr. Director, no concurso aberto para descripção do *film* historico exhibido no Cinema Di Maio.

---

uma cartilagem desligada pela chuva e o sol...

No sertão, o *cachorro* é o maior competidor do *carcará* e do *urubu'*.

Abre luta com elles. Junta-se a outros e os enxota de sobre a carniça.

Ao *carcará* faz competencia após a *queima* das roçadas, procurando os animalejos que o fogo grelhou.

Elle não só come os animaes mortos: farta-se e depois enterra em logar seguro uma boa provisão. E' previdente. Este facto milhares de vezes o testemunhámos.

O sertanejo sabe da scena ou apologo seguinte, enquadrado no scenario lugubre de uma varjota, onde um *urubu'* farto, descança em um galho e um *cachorro* famelico fareja um bezerro morto coberto de moscardos:

Cachorro humilde:
— Boa tarde, sen *doutô*?
Como vae a senhoria?
Pela sua cortezia,
Deixa-me roer um osso?
Urubu' entufado:
— Com licença do *doutô*
Póde comer sem *sobroço*!
O cachorro encheu o bandalho; e depois, mal agradecido xingando o *urubu'*:
— Foi cousa qu'eu nunca'
Negro de chapéo de sé'
Para que esse tição
Se resguardando do sol?
Rosnou-lhe o *urubu'*:
— Vá s'embora maleriado.
Cabra sem educação,
Bem entendido é o ditado:
Cachorro não tem *rezão*!

Bastas vezes tivemos occasião de ver enxotar e nós mesmos enxotámos *cachorros* da casa da fazenda por empestarem o ambiente com o fedor da carniça.

Embora faminto e desgraçado o cachorro sertanejo é intelligente, dedicado e agradecido.

Quando em 1907 estivemos na fazenda "Condado", em Quixeramobim, dávamos comida e agradavamos a um pobre cachor-

ro vermelhaço e esperto—o Leão. Quando partimos acompanhou-nos, lingua fóra, dez leguas ao sol ardente. E ficou na plataforma da estação de Floriano Peixoto a uivar de saudade, quando o comboio partiu, seguro de uma corda á mão robusta do cargueiro para não embarafustar de vagão a dentro.

Um dia sahimos ao campo com o vaqueiro. O encoirado trotava na frente, firme na sella rigido na sua roupa de couro; nós mais atraz. Aos lados caminhava o cão de gado, grandes orelhas murchas, calmamente.

A estrada tinha curvas bruscas. Em uma dessas curvas o cão perdeu o amo de vista. Quando lá chegou elle já se havia mettido por um dos dous caminhos de uma encruzilhada. O cachorro não viu qual fôra. Farejou um. Nada sentiu. Não farejou mais o outro, mettendo-se por elle resolutamente. Nós que vinhamos atraz apreciávamos tudo. O animal comprehendera que só havendo dous caminhos e o amo, não tendo seguido por um, forçosamente seguira pelo outro.

Têm nomes interessantes esses magricellas, valentes e lutadores famelicos. Chamam-se Rompe-nuvem e Rompe-ferro; Negro, Gigante, Leão, Tigre, Ruivo, Canivete, Pé-Preto, Cagalume. Outros têm nomes de *empuiar* a quem pergunta: Tennome, Põe-p'ra-ti, Como-se-chama?

Quando o dono é um matuto mais lettrado que já conhece o "Carlos Magno" e a "Imperatriz Porcina" o cachorro chama-se Ferrabraz ou Roldão.

Ha-os tambem com nomes de postos e empregos — ironia sertaneja: Delegado, Tenente, Governador, Capitão.

Quando se assemelham a alguem levam o nome dessa pessoa: conhecemos o Theotonio e o João Socó.

Ao lado dos famelicos e desherdados ha felizardos cahidos nas graças dos meninos, moradores em casas ricas, mimos de seus donos. Esses são gorduchos e dorminhocos como nababos hindu's...

A proporção desses é de um para cem, o que nada deve agradar á raça canina constrangida a viver na aridez dos sertões, onde tudo passa fome desde o homem á cascavel, quando a seca aperta...

Se na secca é o homem pobre obrigado para se sustentar a comer *xique-xique* assado ás brazas, porque não roubará um esfaimado lebréu os cabrestos ensebados dos *cambit*
percatas postas a s
dos fornos das c
nha ?

No emtanto elle
mem em tudo o
lente, submisso e
provações.

Tão reconhecida
rabilidade que o
nejo rosna:

— Vida de *c*
baixo !

A unica cousa
mos aos nossos in
tivéramos ferozes e
ça se aninhasse em
era esta: Deus ou
sorte de *cachorro*

Pensamos que t
cos vingadores de
dramas ficariam sa

Se pudessemos,
interrogariamos o *B*
ge de Cistér, Hamle
de Banquo no banq
de Macbeth, ou m
quelles mediévos e
dores do Tribunal
Westphalia, que iar
nos seus castellos
da Ordem Teutonica

Gustav

dões americanas que um vento de politica começa a agitar.

A guerra rebentára. O forte Summer, em frente a Charleston, defendido pelo valente Anderson, fôra atacado pelos bandidos do sul. O inepto Beauregard ameaçava a União, á frente das tropas sudistas. O velho Scott assumira o commando das tropas federaes. Os estaleiros de Gosport e o arsenal Norfolk haviam sido tomados pelos esclavagistas.

O Maryland era ameaçado e Whashisgton via-se em risco de ser assediada. Os indios começavam a rumorejar em coxixos de rebeldia nos arraiaes das savanas longinquas, nos *wigwams* dos Alleghanys. Por todo o norte inflammava-se como a palha duma meda o furor da vingança: levantaram-se tropas: e a mocidade corria a alistar-se sob a sombra esvoaçante das bandeiras.

Terminou num arroto de patriotismo:—que os filhos tambem deviam ir morrer pela patria!

Os dois irmãos ergueram-se a se olhar rancorosamente — como si entre elles devesse existir guerra de morte e já houvesse encanecido odio de velhos inimigos.

E entre as lagrimas da pobre mãe e a agonia profunda do pae nesse mesmo dia se fôram, paladinos de idéas antagonicas, levando n'alma o amargor da colera e da inimizade e deixando na outr'ôra pacifica e alegre vivenda dos Austin a dôr e a saudade...

Passou-se o tempo: e o mez de Junho de 1862 raiou feliz para a inepcia dos candilhos sudistas, até então quasi sempre derrotados. Beauregard venceu em Bull-Run as tropas de Scott. Mac-Clellan e os unionistas, apezar da victoria de Butter no cabo Hatteras, retiraram-se destroçados de Yorktown.

O famoso exercito nortista do Potomac era quasi dissolvido. Jackson flanqueava as tropas federaes em Rapahannock e derrotava-as novamente em Bull-Run. Lee ameaçava Baltimore e a Pensylvania inteira. Somente Farragut, o corsario feroz, erguia bem alto a honra e o valor das tropas do norte.

Depois a guerra continuou selvagem e féra, em alternativas: ora a victoria era de uns, ora de outros.

Em quasi todos esses recontros se achavam os dois irmãos. Um era sargento da infantaria heroica de Mac-Clellan; era Jonh, o fervoroso defensor da bandeira da União com o seu canto de céo semeado de estrellas. O outro era gerrilheiro, pertencia a esses troços de soldados sudistas affeitos ás emboscadas, a combater aproveitando a menor moita e a mais pequena grota, atiradores emeritos, gente indomavel, cheia de expedientes, que vencida não pedia perdão e que vencedora não o sabia dar; era Patrick, o paladino dos senhores escravos, guarda duma bandeira sombria, com duas faxas em X, picadas de estrellas.

Ambos firmes em suas crenças oppostas, sem hesitações, decididos e valentes.

Após a grande batalha de Antietára, Lee se viu obrigado a retirar, batido em toda a linha, e foi acampar nos primeiros contrafortes das montanhas do Kentucky.

Ali, como o lobo acossado, esperou o ataque.

Uma coisa o enchia de cuidados: as suas communicações com Jackson haviam sido cortadas.

Era preciso um guerrilheiro audacioso e robusto, conhecedor do paiz, que, forçando as linhas inimigas, fôsse levar a Jackson planos e relatorios e trazer instrucções, das quaes dependiam, senão a salvação, pelo menos a segurança do exercito por algum tempo.

O ajudante de ordens, encarregado pelo general de escolher um homem que preenchesse taes requisitos, escolheu Patrick.

De farda desabotoada, cinturão desapertado, no desalinho do acampamento, Lee surgiu á porta da barraca, sob a sombra esvoaçante da bandeira confederada, erguida no mastro da tenda. O ajudante, militarmente levan-

---

Aeroplano

Hontem fizeram subir no 2º
plano do Passeio Publico um
grande papagaio de madapo-
ão com barrafos de madeira,
la especie que os meninos cha-
am papagaio de caixa e que
ra destinado a fazer reclame
duma casa de diversão desta
capital e de productos pharma-
euticos do Sul.

Foi baptizado, nos annuncios
istribuidos, com o pomposo
ome de aeroplano...

A certa altura partiu-se o ca-
o que o prendia ao solo e a
al zanguzarra foi cahir no
inital da Santa Casa, assus-
ando os doentes, que á essa
ora passeavam ali e lembran-
o-lhes ao mesmo tempo que
asseem os remedios annuncia-
os.

Trouxeram-no para a rua
eio desmantelado.

Então a molecagem desem-
reada desta terra, que a poli-
ia nunca procurou conter, ca-
iu sobre a inoffensiva arma-
ão e *lynchou-a* ferozmente.

Foi comico o espectaculo.

Rasgaram o madapolão,
uebraram as madeiras, berra-
am, urraram, empurraram os
arregadores e derrubaram os
aboleiros das velhas, que por
li vendiam guloseimas e que
ugiram choramingando.

Foi um espalhafato de todos
s diabos. Do mesmo modo no
io lyncharam Pedro *Mulati-*
ho e do mesmo modo esse po-
o lyncharia sem piedade os
acciolys.

Se na secca é o homem pobre obrigado para se sustentar a comer *xique-xique* assado ás brazas, porque não roubará um esfaimado lebréu os cabrestos ensebados dos *cambitos,* ou as alpercatas postas a seccar á beira dos fornos das casas de farinha ?

No emtanto elle auxilia o hõmem em tudo o que póde, valente, submisso e resignado ás provações.

Tão reconhecida é a sua miserabilidade que o proprio sertanejo rosna:

— Vida de *cachorro* p'ra baixo !

A unica cousa que desejariamos aos nossos inimigos, se os tivéramos ferozes e se a vingança se aninhasse em nosso sentir, era esta: Deus ou o Diabo te dê sorte de *cachorro* no sertão !...

Pensamos que todos os classicos vingadores de romances e dramas ficariam satisfeitos.

Se pudessemos, a esse respeito interrogariamos o *Bóbo* e o *Monge de Cistér, Hamlet* e a sombra de Banquo no banquete faustoso de Macbeth, ou mesmo um daquelles mediévos e féros vingadores do Tribunal Secreto da Westphalia, que iam apunhalar nos seus castellos os Komthurs da Ordem Teutonica...

Gustavo Barroso.

do a mão ao chapéu desabado, sentou-lhe o guerrilheiro.

O caudilho olhou-o detidamente nuciosamente estudando-lhe a fac daz e os olhos a negrejar sob as so celhas densas.

—Conheces o terreno? rosnou

—Sou do Kentucky, meu ger Cacei ursos na montanha, bufalo planicie, e cavalguei em pós o gad las savanas em féra !

A energia da resposta e o todo luto do confederado agradaram neral.

Pouco depois Patrick partia le os papeis de Jackson cosidos ao da blusa.

Ia com o uniforme das tropas raes, farda azul, kepi de couro d tro, para melhor escapar á vigil das vedêtas.

Era perigosa e difficil a sua m Atravessou charnecas, paúes e gulhos, galgou, ligeiro, asperos tís approximando-se mais e ma Preensburgo, por onde demor quartel-general da confederação

Ao escalar dum cerro, por ing encosta onde carcavaram-se mo arbustos, quedou, encolhida e m samente por entre as ramas, sus das mãos a arbustos frageis, quas raizados, os pés amparando-se a ro da ribanceira.

Lá em cima, no viro do cerro, arvores, de pé, numa pedra, um do das tropas federaes, apoiando rabina, espreitava a planicie banhada de claridade até os conf horizonte: e uma réstea de sol vessando os ramos folhudos, brin lhe no rosto selvagem e rude e na ta afiada da baioneta.

Ali quedou, attentamente esp do uma occasião propicia, pen em como havia de passar sem farejasse aquelle cão de fila.

E já ia a escorregar, sorrateiro ta de melhor rumo, quando sur do matto tres soldados e um sarg

Vinham render a sentinella.

Nisto os pés lhe falsearam na la da escarpa, as mãos doridas

"Jornal do teiro Geral"
1112
8-Mar.º-1905

Aeroplano

Hontem fizeram subir no 2º plano do Passeio Publico um grande papagaio de madapolão com barrafos de madeira, la especie que os meninos chamam papagaio de caixa e que era destinado a fazer reclame duma casa de diversão desta capital e de productos pharmaceuticos do Sul.

Foi baptizado, nos annuncios distribuidos, com o pomposo nome de aeroplano...

A certa altura partiu-se o cabo que o prendia ao solo e a al zangarra foi cahir no quintal da Santa Casa, assustando os doentes, que á essa hora passeavam ali e lembrando-lhes ao mesmo tempo que nasssem os remedios annuncia-los.

Trouxeram-no para a rua meio desmantelado.

Então a molecagem desenfreada desta terra, que a policia nunca procurou conter, caiu sobre a inoffensiva armação e *lynchou-a* ferozmente.

Foi comico o espectaculo.

Rasgaram o madapolão, quebraram as madeiras, berraram, urraram, empurraram os carregadores e derrubaram os aboleiros das velhas, que por ali vendiam guloseimas e que ugiram choramingando.

Foi um espalhafato de todos s diabos. Do mesmo modo no rio lyncharam Pedro *Mulatinho* e do mesmo modo esse povo lyncharia sem piedade os acciolys.

do a mão ao chapéu desabado, apresentou-lhe o guerrilheiro.

O caudilho olhou-o detidamente, minuciosamente estudando-lhe a face audaz e os olhos a negrejar sob as sobrancelhas densas.

—Conheces o terreno? rosnou.

—Sou do Kentucky, meu general. Cacei ursos na montanha, bufalos na planicie, e cavalguei em pós o gado pelas savanas em fóra!

A energia da resposta e o todo resoluto do confederado agradaram ao general.

Pouco depois Patrick partia levando os papeis de Jackson cosidos ao fôrro da blusa.

Ia com o uniforme das tropas federaes, farda azul, kepi de couro de lustro, para melhor escapar á vigilancia das vedêtas.

Era perigosa e difficil a sua missão. Atravessou charnecas, paúes e pedregulhos, galgou, ligeiro, asperos alcantís approximando-se mais e mais de Preensburgo, por onde demorava o quartel-general da confederação.

Ao escalar dum cerro, por ingreme encosta onde carcavaram-se moitas e arbustos, quedou, encolhida e medrosamente por entre as ramas, suspenso das mãos a arbustos frageis, quasi desraizados, os pés amparando-se ao barro da ribanceira.

Lá em cima, no viro do cerro, entre arvores, de pé, numa pedra, um soldado das tropas federaes, apoiando a carabina, espreitava a planicie vasta, banhada de claridade até os confins do horizonte: e uma réstea de sol atravessando os ramos folhudos, brincava-lhe no rosto selvagem e rude e na ponta afiada da baioneta.

Ali quedou, attentamente esperando uma occasião propicia, pensando em como havia de passar sem que o farejasse aquelle cão de fila.

E já ia a escorregar, sorrateiro, a cata de melhor rumo, quando surgiram do matto tres soldados e um sargento.

Vinham render a sentinella.

Nisto os pés lhe falsearam na argilla da escarpa, as mãos doridas e cançadas se lhe desprenderam dos arbustos e elle resvalou por ali abaixo, machucando as hervanças, espantando os passaros, contundindo-se de encontro aos seixos pontudos.

Ao insolito rumor os soldados abeiraram-se á ribanceira e dispararam a um tempo as espingardas sobre aquelle vulto suspeito, que fugia com o uniforme do exercito federal. Depois despenharam-se-lhe em seguida pelos carcavões abaixo.

Na planicie o perseguido ganhou terreno dobrando atalhos e rompendo macégas.

Mas sempre—como rafeiros e alões na pista—seguiam-no os federados a disparar as carabinas de quando em quando, a dar gritos como de quem persegue javardos.

Numa azinhaga deserta o sudista parou, poz o joêlho em terra e apontou o revolver.

A fôrça surgiu ao canto duma sebe. Fez fôgo. Entre as folhas seccas, avermelhando-as mais com o seu sangue, um federado cahiu á escabujar.

(Continúa). GUSTAVO BARROZO.

LIÇÕES DE GEOGRAPHIA

POR UM PROFESSOR DO INSTITUTO

(Continuação)

Distancia média da Terra ao Sol—37 milhões de leguas ou 148 milhões de Km.

Distancia da Terra á Lua—96000 leguas ou 384000 Kil.

Circumferencia média da Terra—10000 leguas ou 40000 Km.

Superficie externa—510 milhões de Km. quadrados.

Diametro—12733 Km.

Raio—6365 Km.

Volume—1000 milhares de Km. cub.

Densidade da Terra em relação á d'agua—5,50.

Achatamento dos polos—21 Km. para cada um delles ou $\frac{1}{300}$ do raio terrestre.

Até o seculo XVI, pode-se dizer, que a humanidade não conhecia as

"Tiradentes" 1112
8 - Nov. - 1909

Cinemas

RIO BRANCO. Teve hontem grande concorrencia em todas as sessões.

Na de oito horas houve mudança do programma a exhibir-se até quinta-feira, é o melhor possivel, encerra novissimas e explendidas fitas.

Obteve collossal successo a magnifica Fita «A Dama de Companhia.»

J. PINTO. Nada deixou a desejar, mesmo aos mais exigentes, o programma de hontem. Consta de fitas modernas e bem escolhidas de Helios, Lines e Ganmort.

Hontem foi grande a frequencia.

Desenho do prisma e do cubo.

OS DOIS IRMÃOS NA GUERRA (*)

(Conclusão)

Porém mais adiante, ao escapulir-se por entre arvoredos que orlavam um bosque, surgiu-lhe á frente um soldado do norte, baioneta calada, dedo no gatilho.

—Rende-se ou morre!

Era impossivel resistir: deixou cahir o revolver e baixou de desespero e impotencia a cabeça sobre o peito. A força cercou-o a tresfolegar, armas apontadas.

Reconhecendo Jonh no sargento que famintamente o rebuscava á cata de papeis, o confederado rugiu:

—Meu irmão!

O outro estremeceu; conteve-se num retezamento dos musculos faciaes e ordenou:

—Cuidado com o preso! Ordinario, marche!

Romperam de novo, a passo, armas engatilhadas, as selvas sombrias e tristes onde rangiam galhos ao vento e docemente cantavam os arroios num silencio dormente de paz e beatitude.

Atravessaram um riacho veloz, espumante, roncando fortemente de encontro ás pedras. Ao meio, sobre um lagêdo, o prisioneiro supplicou que o deixassem desalterar-se. Consentiram.

Abaixou-se; e de bruços sorveu a agua, avidamente, quasi a engasgar-se, sedento como vinha daquella carreira exhaustiva. Cançados como estavam, os soldados tambem se debruçaram a beber agua.

Até o sargento. Só um ficou de pé, meio curvado, sustendo-o pelo cinto para que não cahisse.

Uma inspiração atravessou o cerebro do mensageiro. De subito ergueu-se num repellão, com um empurrão atirou o guarda nagua, e fugiu.

Quando os federaes se ergueram, já ia longe; deitaram-se a correr no piso do fugitivo.

(*) Conto premiado pelo sr. Director, no concurso aberto para discripção do *film* historico exhibido no Cinema Di Maio.

ainda hoje o são, em menor escala, refugio de piratas audaciosos e sinistros, que pilhavam á vista de Pulo Condor, perto do Pulo Pinang, no golfo de Bengala, no estreito e junto de Java os galeões que vinham do Cathayo e do Cipango, de Macáo e da Coréa, que subiam das Celebes e das Molucas, levando á Europa sêdas e porcelanas, oiro e especiarias, hasteando na pôpa a corôa de Castella, o leão das provincias Unidas, o leopardo inglez ou as quinas lusitanas.

Pilharam esses galeões do seculo XVII, pilharam as naús e as fragatas do XVIII e pilham as galeras do XIX e os «steamers» de cabotagem, que ousarem ancorar nas enseadas suspeitas.

As costas de Coromandel, do Malabar todas essas ilhas do oceano Indico—Socotora, Bourbon, Mauricia, Almirantas e Seychelas foram propicias tambem aos ninhos dos piratas e dos corsarios, que sob o pavilhão francez, no começo do seculo XVIII e fins do XVII, tanto mal fizeram á marinha mercante da Gran-Bretanha.

Os corsarios do Golfo de Bengala ainda hoje são lembrados.

Surcouf, Roberto Surcouf, foi o rei dessas paragens, tomando a abordagem os navios inglezes, saltando de machado em punho duma lancha no convez duma náu de guerra.

Hoje não se repetem mais [illegible] que a historia re

General

Faz hoje ju
ceu em Paris,
do Governo, o
um dos mais
cto brasileiro,
viços ao seu p
marcações de
norte e no ex
missões. Alliav
finas qualidade
tro do Exterio
xou um livro
cias da Campa
Sua morte
Brasil perdeu
filhos.

D.C.-1112-8-11-09

Cinemas

RIO BRANCO. Teve hontem grande concorrencia em todas as sessões.

Na de oito horas houve mudança do programma a exhibir-se até quinta-feira, é o melhor possivel, encerra novissimas e explendidas fitas.

Obteve collossal successo a magnifica Fita «A Dama de Companhia.»

J. PINTO. Nada deixou a desejar, mesmo aos mais exigentes, o programma de hontem. Consta de fitas modernas e bem escolhidas de Helios, Lines e Ganmort.

Hontem foi grande a frequencia.

Desenho do prisma e do cubo.

GEOGRAPHIA DO BRASIL

Situação, superficie, limites, aspecto geral, bahias, portos, ilhas e cabos; cadeias de montanhas.

COSMOGRAPHIA

Representação da terra, globos e cartas. Circulos e linhas da esphera.

HISTORIA DO BRASIL

Primeiros mezes da regencia de D. Pedro desde o dia do *Fico* até o grito do Ypiranga.

DIREITOS E DEVERES

Do poder executivo, do Presidente e do Vice-Presidente. Da eleição do Presidente e do Vice-Presidente.

ENSINO OBJECTIVO

Classificação dos animaes: vertebrados, annelados, molluscos, zoophytos ou radiados.

OS DOIS IRMÃOS NA GUERRA (*)

(Conclusão)

Porém mais adiante, ao escapulir-se por entre arvoredos que orlavam um bosque, surgiu-lhe á frente um soldado do norte, baioneta calada, dedo no gatilho.

—Rende-se ou morre!

Era impossivel resistir: deixou cahir o revolver e baixou de desespero e impotencia a cabeça sobre o peito. A força cercou-o a tresfolegar, armas apontadas.

Reconhecendo Jonh no sargento que famintamente o rebuscava á cata de papeis, o confederado rugiu:

—Meu irmão!

O outro estremeceu; conteve-se num retezamento dos musculos faciaes e ordenou:

—Cuidado com o preso! Ordinario, marche!

Romperam de novo, a passo, armas engatilhadas, as selvas sombrias e tristes onde rangiam galhos ao vento e docemente cantavam os arroios num silencio dormente de paz e beatitude.

Atravessaram um riacho veloz, espumante, roncando fortemente de encontro ás pedras. Ao meio, sobre um lagêdo, o prisioneiro supplicou que o deixassem desalterar-se. Consentiram.

Abaixou-se; e de bruços sorveu a agua, avidamente, quasi a engasgar-se, sedento como vinha daquella carreira exhaustiva. Cançados como estavam, os soldados tambem se debruçaram a beber agua.

Até o sargento. Só um ficou de pé, meio curvado, sustendo-o pelo cinto para que não cahisse.

Uma inspiração atravessou o cerebro do mensageiro. De subito ergueu-se num repellão, com um empurrão atirou o guarda nagua, e fugiu.

Quando os federaes se ergueram, já ia longe; deitaram-se a correr no piso do fugitivo.

(*) Conto premiado pelo sr. Director, no concurso aberto para discripção do *film* historico exhibido no Cinema Di Maio.

General Dionysio Cerqueira

Faz hoje justamente um anno que falleceu em Paris, onde estava em commissão do Governo, o General Dionysio Cerqueira, um dos mais distinctos militares do Exercto brasileiro, coberto de inestimaveis serviços ao seu paiz. Foi elle quem fez as demarcações de limites do Brasil no extremo norte e no extremo sul, no territorio das missões. Alliava ás qualidades militares as finas qualidades de diplomata. Fôra Ministro do Exterior. Dedicava-se ás letras. Deixou um livro magnifico — "Reminiscencias da Campanha do Paraguay".

Sua morte tem feito grande falta; o Brasil perdeu nelle um dos mais dedicados filhos.

A surpreza do feito deu-lhe vantagem: galgou o bosque fronteiro. A' sombra das primeiras arvores uma bala assobiou-lhe ás orelhas: os inimigos vinham-lhe no encalço: eram gente que não desanimava.

Correu muito, aos saltos prodigiosos, apezar de fatigado, com ligeirezas inacreditaveis e curvas subtis—como de gamo bravio que os galgos perseguem.

Dava-lhe forças novas a esperança renascida ao vêr que pisava terrenos conhecidos, perambulados da menice até a adolescencia, diariamente.

Apezar da vertiginosidade da carreira, do vento que lhe sussurrava aos ouvidos, dos arvoredos verde-negros que lhe fugiam aos lados como elephantes fugindo, as suas idéas, bruscamente associando-se, reconheciam as terras de seu pai, a fazenda dos Austin. Nas suas costas zuniam balas e resoava lugubremente o estalar dos gravetos sob o tacão veloz dos perseguidores.

Na lombada duma eminencia despida de vegetação, sorriu-lhe a fachada branca da vivenda dos Austin, da casa de seus pais, que raivoso abondonára um dia.

No peito lhe pulsou mais forte o coração. E foi num impeto que enfiou pela sala a dentro, batendo a porta.

Cahiu de joelhos, morto de cançaço, apoiando-se a uma mesa.

A'quelle rumor, o velho Austin ergue-se da poltrona onde lia e, reconhecendo o filho, com um gesto rispido, apontou-lhe a porta.

O seu espirito fervorosamente abraçára as idéas de Lincoln, era liberalista ferrenho e intolerante como um senhor de escravos. Advinhava mais ou menos o acontecido, vendo o filho sudista com o fardamento do norte. Só isto era uma indignidade e não uma astucia de guerra.

Sudista, não era belligerante: era rebelde. Que lhe importava um filho indigno?

Quem se mettesse com canalhas e donos de senzalas, lá se ficasse!

O confederado teve um gesto sobranceiro e nobre: dirigindo-se á porta, pôz a mão no fecho. Mas a velha mãe, sempre cheia de bondade e cheia de perdão, surgiu na sala, e rorejada de lagrimas, passou-lhe o braço em volta da cintura, levando-o para o interior, quasi á força.

No seu quaro, tmetteu-o na cama sob os lençóes; desfez os cabellos, desatou o roupão e deitou-se a um lado do leito, recostada aos travesseiros como si estivesse só, desalinhadamente.

O velho cahiu numa cadeira, lá na sala, o queixo sumido na alta gravata.

A arfar, enlameados e rotos, entraram em borbotão pela sala os soldados da União.

Ao meio o sargento estacou.

—O espião entrou aqui, que todos vimos! Onde está? rugiu.

O velho calmamente circulou o olhar por aquellas baionetas luzentas e afiadas e rostos sinistros. Nada respondeu.

O official inferior deu uma ordem: e pela casa começou a pesquisa. Abriram armarios, metteram as baionetas por sob os moveis. Nada encontraram.

Na alcôva penetrou o sargento.

Um olhar da mãe, reprehensivo e austero, pregou-o junto á porta.

Emfim articulou:

—O espião?

A velha ergueu um revolver á altura da tempora e disse:

—Está; mas si dás uma palavra, si chamas um soldado, mato-me! E nos seus olhos rebrilhava uma resolução spartana.

O federado levou as mãos á cabeça, arrepelando a grenha e sahiu rangendo os dentes

Na porta duramente empurrou um soldado que ia entrar.

—Já revistei este quarto! Não ha niuguem! O miseravel evadiu-se!...

A' noite o guerrilheiro do Kentucky entregava ao general Jackson as communicações de Lee.

***

Feita a paz, recolheram aos lares, vencidos e vencedores.

Tortuga, os filibu teiros das Antilhas hespanholas: contem lhe os feitos a historia de Panamá e de Maracaibo.

Os frisões eram piratas ao tempo de Cesar.

Os caraibas foram piratas tambem: nas suas pirogas atacavam os vizinhos da mesma ou de outra raça.

O corsario não è o ladrão o mar: é o marinheiro que unido duma patente official á caça aos navios mercantes a nação inimiga em tempo de uerra, para fazer mal ao seu ommercio.

Os corsarios são João Bart, ugay y Troin, Surcouf, os *Gueux e la mer*, Tromp e Canaris,—nos nes illustres de homens mais ilustres ainda.

Os piratas chamam se bucaneiros e filibusteiros, Barbarossa e Sacratif.

O pirata è ladrão, mas è o adrão que arrosta os perigos, s ondas, a tempestade e a abordagem, não è o ladrão da gaùa, nem o ladrão dos papeis ns fiedos.

E' barbaro feroz, selvagem è mesmo sinistro; mas è vaente.

Resta-lhe esta virtude, que eza um ladrão é até de mais.

João do Norte.

"JORNAL DO CEARA"

8-Novembro-1909

NUM. 1112

Xaropes

14

UM dos ultimos numeros do «Correio da Manhã», que tenho á mão, noticía que forças francezas de Saigon derrotaram um bando desses ferozes piratas malaios, tonkinezes e chinezes das lamacentas costas dessa peninsula que a Geographia appellida—Indo China.

A França é senhora de grande parte dessa região.

Pertencem-lhe: a Cochinchina, no extremo sul do Cambodge, o paiz onde, contam as lendas do Oriente, se reuniam num certo dio do anno todos os magicos, feiticeiros e nigromantes do universo, para deliberação de grande e sinistra importancia; o Cambodge, reino que Norodom, timido e impotente, collocou sob as garras do protectorado francez: o Tonkin, que custou mais sange do que produz em arroz, onde brilhou esse grande homem que foi Francisco Garnier, a terra sinistra dos «Pavilhões Negros», que iam matar ás lançadas as sentinellas perdidas dos acampamentos do almirante Charner, e de Rigault de Genouily; o Annam, cedido por Tu-Duc á França; os 267000 kilometros quadrados do territorio pantanoso do Laos, que a Pallegoix Monhot e Pavie tanto custou explorar; o reino de Luang Prabang, coberto de arrozaes, onde serpeia encachoado o Mekong, que Camões cita e que corta a peninsula de norte a sul; e emfim o territorio de Kuang-Tchéu, que a China alugou á França.

Todas essas costas baixas e pantanosas, desde o Pegú até Singapura, até essa ponta esguia da peninsula de Malaca, que guarda o estreito e da qual os inglezes se apossaram, tirando-lhe do nome o sabor malaio e denominando-a na brusca brevidade do seu idioma — Straits Settlments (Estabelecimento do estreito), até o cabo Cambodge, na peninsula de Camão, até o Hainan, á enseada de Ngai-Tchéu, foram e

ctoria; o outro, farroupilha e triste, o pendão desbotado dos vencidos, que o vento dos combates esbofeteára e as balas esfuracaram raivosamente no descampado das savanas, nas confusões dolorosas das derrotas.

GUSTAVO BARROSO.

PELO MARCONI...

Fortaleza, 2. — O octagesimo oitavo neto do Accyoly foi nomeado para lente do Lyceu, professor da Academia, engenheiro da intendencia, empregado da Fazenda e advogado da Camara.

Fortaleza 2. — O velho Accioly promette uma gorgeta a quem disser qual é o mais bonito objecto; si a cabeça do Jaburú, seu dezcentesimo filho, si o queixo do Zé Gorgeta, centesimo nono.

Fortaleza 3. — Um dos muitos filhos do Accioly foi nomeado *professora* por ja se acharem tomados todos os lugares de professores.

Lisboa 3.— Assassinaram no Terreiro do Paço o Rei d. Carlos I. Viva a Pepublica!

Vienna 3. — Degolaram hoje ao palacio de Schönbrunn uma gallinha para fazer uma canja para o almoço de S. M. Francisco José.

Belgrado, 3. Continuam quietos nos seus tumulos o rei e a rainha Draga.

Berlin 3. (urgente). S. M. Guilherme II passou *hongroise* no bigode, torceu-o, depois poz a barretina n. 12, a calça n. 127, o dolman 330 e a espada 46, e sahiu a passeio.

Telegraphista.

guarda com os outros astros, e ainda mais os meios de represental-a para melhor ser estudada.

A Geographia physica ou natural estuda a Terra como a natureza a fez, isto é, o solo com os seus multiplos aspectos, as aguas nelle espalhadas, a distribuição das plantas, dos animaes e mineraes. Em synthese, o meio em que vivem os homens.

A Geographia atmosphero-meteorologica estuda o involucro gazoso que circumda a Terra em todas as direcções e sentidos, bem como os principaes phenomenos que neste mesmo involucro se passam.

A Geographia geologica se incumbe de estudar as revoluções physicas por que passou a sua superficie.

A Geographia politica ou humana considera a Terra como um theatro em que os homens se acham grupados e reunidos pelos laços moraes de linguas, religiões, costumes e leis. Em synthese, estuda a Terra com a pintura feita pelos homens que a habitam, a sua organisação social, o seu agrupamento em sociedade.

A Geographia economica estuda os productos creados pela collaboração fecunda e synergica das forças da natureza e do trabalho do homem. Em synthese, o espirito do partido que se retira das fontes que ella, a Terra, nos offerece, isto é, o resultado da acção do homem sobre a natureza, que é um repositorio riquissimo e inexgotavel.

Como se vê, a Geographia tem um programma vastissimo, podendo ainda ser elle desdobrado por fórmas diversas.

Assim quando ella se incumbe das producções naturaes, da harmonia dos tres reinos da natureza; os mineraes e sua classificação; os vegetaes, classificação e distribuição geographica na Terra; os animaes, sua classificação e habitat, se decora respectivamente com os nomes de Geographia mineralogica, botanica e zoologica.

Quando estuda as regiões pelo seu clima, latitude, longitude e altitude e a influencia que exercem estas condi-

que bradarei então cheio de enthusiasmo:
e Viva a Republica!

João do Norte.

bradava. Pensavamos então nos dias em que um passageiro sensivel alli não comesse com os roceiros. Que fome não curtia! Que supplicio de Tantalo vêllos os donos comer!

E no emtanto o faminto e fiel animal ao seu ménor aceno estava prompto a bater as estradas, o ventre prégado ao espinhaço, ajudando-o a conduzir as boiadas e a caçar pelos contrafortes abruptos dos serrotes, lutando dentro dos folhiços com os maracajás feridos que se não reudessem.

Nunca mais nos sahirão do espirito aquelles cães esqueleticos sentados tristemente sobre as patas trazeiras *acerando a janta* ou vendo o vaqueiro esfolar uma rez.

Muita vez, dous ou tres desses desgraçados *cavando* juntos a *vida* pelas *catingas* acuam uma onça em uma quebrada de serra. Se é uma *maçaroca* molina ou uma *sussuarana* medrosa, quedase á espera de olhos em fogo no seu ultimo refugio. Mas, se é uma *preta* ligeira ou uma *pintada* ferocissima, um lá fica a escalujar no chão com os intestinos de fóra ou a cabeça espatifada por uma tapona formidanda.

E o dono, juntando companheiros ao uivar longinquo dos cães, lá se vae de terçado e clavinote matar a sangradora malvada dos bodetes transviados. Heroicidade de famintos! E após, pela *ribeira* corre a voz: Fulano de tal é o bicho! Matou uma onça!

A's vezes o dono rouba-os.

Um rapazelho que morava á orla de uma mata, contando-nos um dia as suas miserias, fallou-nos assim:

— Ha dias, como hontem, em que, graças a Deus, eu como. A minha cachorrinha vae á mata, pega um preá e vem comel-o no terreiro. Eu tomo o bichinho, cozinho e como.

— E a cachorrinha? perguntámos.

— A cachorrinha... a cachorrinha... ellla róe os ossos ou vae atraz de outra cousa.

O dono era mais miseravel e mais infeliz que a magra cachorrinha... Quantas horas ella não passava a espreitar os preás na *vereda* e quantos saltos não perdia para pegar um? E depois o preguiçoso roubava-lhe o fructo do seu trabalho...

Durante mezes que morámos o anno passado, na fazenda "Agua-Bôa", na *Ribeira* do Ceará, iamos todas as tardes passeiar a cavallo.

O caminho cortava uma pequena varzea á margem do rio, a varzea do Farias. Junto a orla do mato, entre o junco alto e verde, havia a ossada de uma vacca que a inanição derrubara ali, um anno antes.

Já ao escurecer, um dia, avistámos um animal agachado por entre os ossos, que fugiu á nossa approximação. Curvamo-nos sobre o pescoço do cavallo a perscrutar o *carrasco*. Nada vimos. Ao outro dia voltámos á pé, de espingarda, á espreita do tal bicharôco, uma raposa, talvez.

Elle lá estava agachado, a roer...

Era um cachorro do visinho Vinha enganar a fome roendo uma borda amollecida de rotula

"Jornal do C... 15-Nov.º-1909

NUM. 1115

ctoria; o outro, farroupilha e triste, o pendão desbotado dos vencidos, que o vento dos combates esbofeteára e as balas esfuracaram raivosamente no descampado das savanas, nas confusões dolorosas das derrotas.

GUSTAVO BARROSO.

PELO MARCONI...

Fortaleza, 2. — O octagesimo oitavo neto do Accyoly foi nomeado para lente do Lyceu, professor da Academia, engenheiro da intendencia, empregado da Fazenda e advogado da Camara.

Fortaleza 2. — O velho Accioly promette uma gorgeta a quem disser qual é o mais bonito objecto; si a cabeça do Jaburú, seu dezcentesimo filho, si o queixo do Zé Gorgeta, centesimo nono.

Fortaleza 3. — Um dos muitos filhos do Accioly foi nomeado *professora* por ja se acharem tomados todos os lugares de professores.

Lisboa 3.— Assassinaram no Terreiro do Paço o Rei d. Carlos I. Viva a Pepublica!

Vienna 3. — Degolaram hoje ao palacio de Schönbrunn uma gallinha para fazer uma canja para o almoço de S. M. Francisco José.

Belgrado, 3. Continuam quietos nos seus tumulos o rei e a rainha Draga.

Berlin 3. (urgente). S. M. Guilherme II passou *hongroise* no bigode, torceu-o, depois poz a barretina n. 12, a calça n. 127, o dolman 330 e a espada 46, e sahiu a passeio.

Telegraphista.

Xaropes

Passa hoje o anniversario da proclamação da Republica Brasileira.

Vinte annos hoje se completam que a ingratidão dos brasileiros atirou ao exilio esse grande homem e maior pai, que se chamou na ordem de nossos soberanos D. Pedro 2º, que tanto amou á sua terra, embora mais cuidasse dos livros que da publica administração, por capricho de erudito, que manteve illeso o nosso credito no estrangeiro e que ainda hoje è o mais popular dos brasileiros.

Foi esse velho, nobre e sympathico, virtuoso e bom, que sentava-se no instituto de França e desembarcava em Londres com a malêta de viagem na mão, que um troço de soldados metteu no b jo do «Alagôas» e mandou atirar nas praias do exilio pobre e doente.

E, no emtanto, em signal de respeito áquellas cans e ao amor que nos tinha, deveriam tel-o deixadò fechar os olhos entre o seu povo, na sua patria que tanto amava.

Deveriam tel-o deixado morrer ouvindo o echo das ondas que rugissem ao longe nas praias da bella e magestosa Guanabara e os suspiros do vento curvando as copas das palmeiras

Deixassem-no saltar o derradeiro alento em terras do Brasil e depois proclamassem essa Republica, que tanto mal nos ha feito e que se impunha por condições de meio, de raça, de educação e de exemplo ou imitação, que è a grande lei sociologica de Gabriel Tarde.

Os acontecimentos são preparados em lenta evolução pela collaboração collectiva.

Os factos têm leis que os regem como as têm os astros, que caminham no espaço.

Mas, ás vezes, o cerebro estonteado dum cabocilha muda um pouco o rumo dos acontecimentos.

Numa machina, que trabalha, uma engrenagem que se desmantele, que se mova mais depressa trará disturbios ás outras peças do machinismo; ás vezes modifica a marcha das rodas, outras pára-as. Assim acontece na sociedade.

Em 15 de Novembro deu-se este facto.

A sedição mudou a ordem de cousas estabelecidas, porque um tresloucado mudou-lhe o rumo.

A' antiga centralisação substituiu a descentralisação, a fragmentação do paiz, que ainda não estava, nem o está, hoje capaz de comprehender a mais perfeita forma da hodierna democracia.

Dahi a degeneração das instituições democraticas e o apparecimento das olygarchias.

D. João II, em Portugal, e Luiz XI, em França, conquistaram aos barões feudaes palmo a palmo a centralisação monarchica, que me hores proventos daria á nação fragmentada e fraca sob o guante dos suzeranos.

O Brasil, que, embora na epoca moderna, como as nações desse tempo, devia ter um governo central, foi dividido bruscamente.

Os perniciosos resultados disto vamos colhendo.

Ha povos civilisados e povos cultos.

Entre esses dois pontos existe differença radical.

O Brasil é um paiz civilisado, mas não é um paiz culto.

De civilisado a culto vai grande distancia.

Que fome não curtia! Que supplicio de Tantalo vendo os donos comer!

E no emtanto o faminto e fiel animal ao seu menor aceno estava prompto a bater as estradas, o ventre prégado ao espinhaço, ajudando-o a conduzir as boiadas e a caçar pelos contrafortes abruptos dos serrotes, lutando dentro dos folhiços com os maracajás feridos que se não rendessem.

Nunca mais nos sahirão do espirito aquelles cães esqueleticos sentados tristemente sobre as patas trazeiras *acerando a janta* ou vendo o vaqueiro esfolar uma rez.

Muita vez, dous ou tres desses desgraçados *cavando* juntos a *vida* pelas *catingas* acuam uma onça em uma quebrada de serra. Se é uma *maçaroca* molhada ou uma *sussuarana* medrosa, quedase á espera de olhos em fogo no seu ultimo refugio. Mas, se é uma *preta* ligeira ou uma *pintada* ferocissima, um lá fica a escalujar no chão com os intestinos de fóra ou a cabeça espatifada por uma tapona fornidanda.

E o dono, juntando companheiros ao uivar longinquo dos cães, lá se vae de terçado e clavinote matar a sangradora malvada dos bodetes transviados. Heroicidade de famintos! E após, pela *ribeira* corre a voz: Fulano de tal é o bicho! Matou uma onça!

A's vezes o dono rouba-os.

Um rapazelho que morava á orla de uma mata, contando-nos um dia as suas miserias, fallou-nos assim:

— Ha dias, como hontem, em que, graças a Deus, eu como. A' minha cachorrinha vae á mata, pega um preá e vem comel-o no terreiro. Eu tomo o bichinho, cozinho e como.

— E a cachorrinha? perguntámos.

— A cachorrinha... a cachorrinha... ellla róe os ossos ou vae atraz de outra cousa.

O dono era mais miseravel e mais infeliz que a magra cachorrinha... Quantas horas ella não passava a espreitar os preás na *vereda* e quantos saltos não perdia para pegar um? E depois o preguiçoso roubava-lhe o fructo do seu trabalho...

Durante mezes que morámos o anno passado, na fazenda "Agua-Bôa", na *Ribeira* do Ceará, iamos todas as tardes passeiar a cavallo.

O caminho cortava uma pequena varzea á margem do rio, a varzea do Farias. Junto a orla do mato, entre o junco alto e verde, havia a ossada de uma vacca que a inanição derrubara ali, um anno antes.

Já ao escurecer, um dia, avistámos um animal agachado por entre os ossos, que fugiu á nossa approximação. Curvamo-nos sobre o pescoço do cavallo a perscrutar o *carrasco*. Nada vimos. Ao outro dia voltámos á pé, de espingarda, á espreita do tal bicharôco, uma raposa, talvez.

Elle lá estava agachado, a roer...

Era um cachorro do visinho Vinha enganar a fome rocando uma horda amollecida de rotula

"Jornal do Brasil" - Rio de Janeiro - 19-Junho-1910

ESTUDOS SERTANEJOS

I

O CACHORRO

Ha muitas particularidades interessantes na vida aspera e rude dos sertões do norte, especialmente do interior do Ceará, descuradas por completo pelos que se têm occupado em descrever costumes sertanejos.

Essas particularidades são dignas de reparo e descripção, pois, como nos doutrina Schopenhauer, a tarefa do escriptor é tornar interessantes as cousas pequenas.

Na generalidade, os que se hão occupado de costumes nortistas cahem em continuos erros, faltos de bastante convivio com a gente que procuram estudar, carecidos de permanencia sufficiente no meio physico que pretendem descrever.

Na serie dos animaes domesticos do sertão, desde o bovino paciente e o cavallo de campo tão fallados até o bóde mal cheiroso e o *barrão* das *ipueiras*, roneador e enlameado, occupa posição em evidencia o *cachorro*, o cão, *canis* no latim zoologico das classificações, já pelos serviços que presta, já pela sua vida cheia de soffrer.

O cão sertanejo não tem raça determinada, nem origem certa. Não é braque, nem pointer, nem gozo ou perdigueiro. E' a resultante de uma mistura ethnica, incapaz de decifração. Ha-os de todos os typos, de todos os feitios e tamanhos, focinhos curtos ou longos, orelhas cahidas ou de pé.

São multiplas e varias tambem as suas aptidões. Uns são farejadores eximios, perseguidores incansaveis das raposas, dos féros e astuciosos *canis brasilienses* e *vellutus;* outros são *bons* de gado, guarda fieis da casa e do *chiqueiro*.

Na maior parte são pequenos, ossos á mostra, fulvos, arrepellados, gafeirentos, selvagens e valentes. O seu olhar esverdeado, sempre desconfiante, segue-nos anciosamente os gestos todos.

As suas pituitárias sentem o guaxinim ao longe; os seus ouvidos percebem o estalar de um graveto sob a pata forte do gado, no recesso dos *carrascos*.

São caçadores e pegadores de gado. Ninguem nunca os educou; jámais os ensinaram. Fizeram-se por si na selvatiqueza da *catinga*, no descampado escaldante das varzeas tristes.

Quando o inverno enche de paz e fartura a mansão sertaneja, devoram ás goladas fartas o sôro dos potes de coalhada, ás dentadas ferozes restos impresta veis de uma rez abatida; lambem o ultimo resquicio de sangue no barro do logar onde esfolaram um boi; roem um osso, aproveitam uns rebutalhos de *gerimun* cosido e de *pirão;* e engordam um poucochinho.

Assim mesmo não fartam as exigencias da nutrição, pois as sobras do sertanejo são parcas mal chegam para as gallinhas, os capótes e o *capado* do *chiqueiro*.

Na estação secca, quando nem mais uma folha morta o vento acha no solo para escurraçar e sómente o juazeiro, esplendidamente verde, ri da desolação da terra resequida; quando o gado emmagrecido vae beber agua ás leguas de caminhada e só encontra umas farripas de *mimoso* amarellado em um rincão deserto de escondida capoeira; nessa quadra horrorosa morrem á fome esses lebréus da miseria.

O que o dono tem em casa é pouquissimo; nada lhes póde dar. Resta-lhes o matto garranchento e esqueletico; fica-lhes a varzea estorricada, onde o vento nas frondes acinzentadas dos carnaúbaes sussurra plangente e dolorido.

Elles então *cavam a vida* famintamente pela selva.

O *tejubu'* e o *tejuassu'* gostam de se aquentar ao sol de meio-dia. Elles sabem os seus logares predilectos. Espreitam-nos dias a fio. Pegam-nos ás vezes de surpresa. Pilham-nos geralmente após carreiras furibundas atravez os mattagaes crestados. Embora feridos nos estrepes das unhas de gato, das juremas e dos juás, embora chicoteados pelo rabo forte do calangrão, ferram-lhe os caninos ás guelas, rasgam-lhe raivosamente o couro escamento e duro. Despedaçam-no. Nesse dia almoçam ou jantam...

A's raposas matam sempre; mas, por maior que lhes ande a fome, não as comem. Matam'as por odio de officiaes do mesmo officio. Eliminam aquelle concurrente de caçadas, esfaimado sempre e sempre astucioso, comedor de juás maduros á sombra folhuda dos juazeiros. E' a necessidade imperiosa da **concurrencia vital.**

Caçam todos os animaes que podem. Nada lhes escapa, nem a *tejubina* verde, fugidia e esquiva, nem a *maritacacá* fedorenta. Tudo lhes serve. Seguem o brocardo matuto— *o que não mata engorda.*

Dormem ao relento no terreiro, dos casaes, uivando ao pisar longinquo de um animal suspeito, ladrando ao vulto veloz de um cavalleiro fugindo pela noite escura; e nas noites de lua fazem-lhe serenatas... A's vezes com os pescoços magros estirados sobre as patas ossudas dormem placidamente, o focinho no chão. Chovendo, abrigam-se na alpendrada.

São salteadores. Roubam pela visinhança o conteudo de um alguidar descuidosamente esquecido no *giráu* de uma cozinha, um pedaço de tripa a seccar de uma vara. Furtam até o bolão de sebo que o vaqueiro deixou enganchado aos *mourões* da porteira após ter curado o gado das *bicheiras*, esfregando-o quente do fogo.

E o que é inacreditavel: comem as alpercatas que o vaqueiro deixou sobre um banco, devoram um cabresto de rêlho pendurado de um *cambito* mais baixo que puderam alcançar.

Podemos a esse respeito narrar um facto engraçado.

Conversavamos com o dono de uma fazendola, no Muquém, o Xico Domingues, bebericando café á sombra do alpendre. Foi na estação secca de 1908. De repente uma grita de meninos surprehendeu-nos. O Xico chamou os filhos: vieram suados, vermelhos, chicotes e cacetes em punho, e o mais velho explicou o que havia:

— Foi, papae, aquelle cochorro branco do Joaquim Theodoro que ia carregando as alpercatas novas que o papae botou pr'a seccar na beira do forno, lá na casa de farinha.

De uma feita, o anno passado, iamos em viagem, e ao passarmos em frente de uma taverna, em uma logarejo chamado Feijão, vimos diversas pessoas correr em pós um cachorro que levava á bocca um cabresto de rêlho. Roubara-o de uns comboieiros arranchados alli e ia-o manducar pelos matos.

O cão sertanejo quasi desconhece o agrado; quasi nunca lhe fizeram uma caricia. Põem-no fóra de casa para que não furte alguma cousa, nem encha os quartos de pulgas. Além disso elle tem originalidades: gosta de enroscar-se dentro dos *cassuás*, de cochilar sobre as mantas dos cavallos, de se alojar nas liteiras.

Tratam-no sempre ás chicotadas e aborrecendo-o, dizem que está *damnado* e matam-no ás pauladas. Quando precisam do seu auxilio assobiam-lhe e elle vae alegre e satisfeito, balançando a cauda: nunca se nega. Vae á caça e nada lhe dão do producto. Pega ao nariz os asperos novilhos, mette a boiada no curral. Persegue os porcos da visinhança que vêm chafurdar-se nas cacimbas do gado, toldando a agua. Nada recebe em paga. Não se revolta. O seu olhar manso só lampeja na *péga* do gado, só rebrilha ao avistar a raposa damninha, o *guaxinim* atrevido. E' humilde, obediente, triste e desconfiado. Desconfiado é ao extremo. A sua vida quasi selvagem lhe imprimiu esse caracter.

Quando os sertanejos comem sentados ao chão sobre o couro rude de um boi elle segue a comida com a vista desde que deixa o prato até o ultimo ruido da deglutição. Se um pouco de farinha espalha-se pelo chão, elle lambe aquella parte do solo até arrancar o ultimo carocinho.

A nós que muita vez assim comemos, sentados em um rude couro, um pouco de ovelha cozinhada com *pirão*, parecia o seu olhar ter a potencia dos Raios X e varar-nos o intimo, acompanhando o alimento pelo esophago até o estomago...

Ficavamos penalisados. Atirava-mos-lhe um pouco de comida. Comia e mais confiante ia-se approximando: com os olhos tristes e anciosos pedia mais. Dávamos. Quasi sempre o sertanejo intervinha:

— Ora, *seu* moço, deixe esse *preguiça*. O matto *tá* cheio de bichos. Em vez de ir caçar *tá* aqui *acerando* a *janta*. E levantando o braço:

— Vae te embora, *cachorro!*

"Fon-Fon" - 9-7-910

Cartas Cortantes

Rio, Junho.

Sympathico "Fon-Fon"

Uma coisa ha muito tempo preoccupa a curiosidade deste seu creado. E' nada mais, nada menos que a lugubre tristeza do illustre senador Chico Salles. Com effeito, o illustre senador mineiro destaca-se physionomicamente entre os grandes vultos de nossa politica por essa sua expressão triste, tão triste que não a sei qualificar. Além disso elle ainda põe aquellas duas sombras escuras dos vidros negros do seu inseparavel pince-nez. O Sr. Chico Salles parece afé uma coruja, tem um ar de agoiro. Não sei ao que se possa attribuir essa sua hypocondrica expressão.

A's vezes, juru-vos, *Fon-Fon*, cogito disso seriamente. Será a nostalgia da verdura? Devê-la-á ás reminiscencias de factos politicos que já esmaecem no horizonte do passado? Não sei. E o meu perspicaz *Fon-Fon* acho que tambem me responderá: — Não sei.

Ora, eu tenho a mania das comparações. Gosto de comparar tudo. E, portanto, tenho remechido cá os alfarrabios do bestunto á cata duma comparação adequada á tristeza do illustre senador por Minas Geraes. Eu que já comparei o Sr. Lopes Trovão a uma machina de *meetings* e a barba do Sr. Capristrano a um museu de bichos raros, empaquei. Só me sahiram da cabeça comparações indignas da augusta melancholia de S. Ex. E isto mesmo a muito custo.

— Tristeza de quiabo secco. Melancholia de boi manso. Triste como um xuxú maduro. Sorumbatico como um repolho pôdre, E o que sei mais.... Só me sahiam verduras, nabiças amarellaças, bringelas machucadas...

Ora, eu como não desejo melindrar a susceptibilidade de S. Ex. com uma comparação offensiva sahi a pedir um termo conveniente aos meus mais illustres amigos do Rio de Janeiro, todos elles grandes talentos, formidaveis erudições.

O Sr. hierophante Mucio Teixeira, consultou o seu gato sem bigodes e o seu xofrango de olhar vitreo, e cabalisticamente segredou-me:

— Tristeza de palmeira do Mangue fenecendo suavemente no calor do asphalto.

No vasto e rubro gabinete do Ministerio da Agricultura, num grande gesto, após ter dado umas ordens ao Werneck. bradou-me o Sr. Rodolpho Miranda:

— Meu grande amigo, o homem é triste como um indio *poreci* pensando em ser cathechisado!

O Dr. Bulhões cofiou o bigode, depois encarou-me e doutrinalmente pontificou:

O Chico Salles?.... O Chico Salles é triste como uma prata falsa no bolso dum *pindahyba*.

O general Pires Ferreira emittiu o seguinte e justissimo parecer:

— Com aquelles oculos escuros o senador fica lugubre como uma chaleira sem bico.

Nenhuma destas respostas me satisfez.

A do Sr. general Pires Ferreira foi a que me produziu melhor impressão. O Sr. general é philosopho. Tem respostas profundissimas que hão de servir de ensinamento ás gerações vindouras.

Fui ao Cattete. O Sr. Nilo me grasnou que o homem era triste como a casa do Backer. Fui ao Itamaraty. O Barão estava de máo humor. Garantiu-me com um murro na mesa que fez estremecer o Araujo Jorge, que o Chico era triste como o focinho do Zeballos.

Já eu andava embezenado, teimando em comparar a tristeza do homem com alguma cousa. Não almoçava e nem jantava. E vae a minha cozinheira alvitra:

— Patrão, diga que o *seu* Chico é triste como uma *ruma* de pratos sujos.

Qual nada! berrei. Isso serve lá para a tristeza dum senador por Minas!

Até o Sr. Cahen lá da casa de penhores, ao sopesar-me o relogio na palma da mão, aventou:

— Triste como uma gaveta arrombada sem nem um vintem dentro.

Parece-me tambem estar vendo ahi o meu amigo *Fon-Fon*, ironico, a aconselhar-me:

— Triste como uma lata de gazolina vazia e machucada.

Nem mesmo isto me serve. Escrevi a um meu compadre lá dos sertões. Hontem recebi a resposta.

"*Cumpadre*, o *tá* de *seu* Chico é triste *cuma* cabrito das *premêra chuvada* doente de *derréa*".

Não serve! rugi, amarrotando a carta. Quero coisa melhor p'ra tristeza do senador Chico Verdura... oh! meu Deus! Chico Salles. Ainda não encontrei nem mais sei o que faça.

Seu et nunc et semper

SPENDIUS.

O CAPITÃO PERIGOSO

Pelas ruas da misera villa sertaneja errava um bafo quente que se desprendia do sólo abrasado. O sol faiscava na profundidade longinqua de um azul sem macula. Ao longe, na campina, o ar tremia na vista; no incessante subir das camadas de ar aquentadas junto a terra e no incansavel baixar das ainda frias estava a explicação physica daquelle tremor que ottendia a retina.

Na escura e lobrega sala da taverna do Manoel do Olho d'agua conversavam seis ou oito roceiros com precauções, baixo e confidencialmente—como esculcas mediévos na clareira de espessa selva, por noite calada, ou conspiradores á sombra de edificio em ruinas. Versava exclusivamente a ciciada palestra sobre os feitos do Capitão Perigoso e suas *estrepolias*. Cada qual sabia de uma de arrepiar cabello, de eriçar gaforina, de dar faniquitos em mulheres nervosas.

O Capitão Perigoso era um desses officiaes dos corpos de policia do imperio, tarimbeiros rudes, ignorantões, asperos no trato, impiedosos na disciplina, que se largavam pelos sertões em fóra aterrorizando as populações pacificas, recrutando os matutos timoratos para as guerras longinquas e cruentas do Uruguay e do Paraguay, que elles tolamente appellidavam de guerra do Vidéo (*) e guerra do Lopes.

Na sala da taverna os sertanejos contavam que o famigerado recrutador havia enviado nos ferros, para a Capital, os dous filhos da viuva do Cunegundes, o neto da pobre Xica Conga e até o sobrinho do Zé das Quebradas — um menino quasi.

Disseram que ao Caetano Baptista ameaçára com o calabouço, o pelourinho da casa da Camara e o tronco; e ao Antonio do Evangelista descompuzera em pleno mercado, num dia de feira: chamara-o de *cabra ruim*, de *individuo* e de semvergonha!

Um sentenciosamente concluio que o Capitão Perigoso mesmo...

Neste ponto, o taverneiro, que se presumia de valentão, interrompeu-os, dizendo com voz forte, que destoava do timido parolar dos outros, esmagando-os de espanto:

— Uma dessas é que eu não aguentava! Cá o filho de meu pai não pega em pão com formigas! Commigo ninguem tira leite com espuma, nem admitto *paluxios* p'ra minha banda! Estão muito enganados: commigo era outro cantar!

Eu não aguentava esses desaforos nem que fossem diante da tropa de bayonetas caladas! E dirigindo-se ao filho, um garoto de dez annos, ordenou:

— Vá para a porta, João, e veja se vem alguma pessoa.

O pequeno tornou, após ter interrogado a rua erma e triste:

— Não vem ninguem, meu pai.

— Eu não aguentava as *implicanças* desse patife! esbravejou.

Não aguentava: está dito! Menino, vem alguem?

— *Inhô* não.

—Escutem. Dizia-lhe na *fuça* o que elle nunca pensou ouvir em dias de sua vida; anarchisava-o; punha-lhe os pôdres na rua! Dizia-lhe...

E ficou suspenso, com um gesto de arrogancia, a saborear o medo dos circumstantes: todos o fitavam mudos e assombrados: e de quando em vez um ou outro lançava á porta um olhar assustado.

Depois de recommendar ao filho que reparasse bem, proseguio mais forte e mais altaneiro:

— Dizia-lhe bôas, ora se não!... Quando me puzesse de *cabra* mim, dizia-lhe: —*Seu* capitão Perigoso! E alteava a voz: *Seu* capitão Perigoso!... Menino, meu filho, repara... repara se vem alguem!

— Ninguem, meu pai.

— *Seu* capitão Perigoso, vosmincê!...

Os matutos não lhe despregavam os olhos de cima, avidos, estaticos, amedrontados — como se daquella bocca fôsse cahir a sorte de uma raça ou o destino de um paiz.

E o tendeiro, gosando aquelle triumpho, esvurmou mais damnado:

— *Seu* capitão Perigoso, vosmincê!...

— Papai, papai! berrou o menino recolhendo apressado: o homem vem alli, na esquina!

O vendeiro sentio um suor frio untar-lhe os membros; tremeu e pôz-se para logo da côr de cêra.

Então todos, comprehendendo-lhe a tibieza de animo, escarninhos e mordazes apezar do mêdo, instigaram-lhe os brios:

— Vamos, *homo!* Vossê não diz que é o bicho; pois diga o que é que vossê dizia. Diga agora!

— Eu?... eu?... resmungou o Manoel. Eu dizia-lhe: *Seu* capitão Perigoso, vosmincê... E arrancou: vire a sua bocca p'rá lá!...

O vulto do capitão assomou â porta, contendo a gargalhada que ia explodir, ironico, charuto a fumegar, a pêra branca espetada orgulhosamente para diante, de fardêta azul, cabelleira esgrouviada, sobraçando um espadagão *rabo de gallo*, faiscante como um raio de sol. Rosnou entre duas baforadas um bom dia rançoso e aspero.

Os roceiros descobriram-se respeitosos.

E o taverneiro curvando-se até o chão:

—Muitos bons dias, *seu* capitão Perigoso. Bons olhos o vejam! Póde entrar; a casa é pobre, mas é sua...

JOÃO DO NORTE.

(*) *Montevidéo.*

"Jornal do Commercio" 5 - Julho - 1910 (Edição da Tarde)

1 "A Republica", Ceará, Fortaleza, (1906)
2 "A Fortaleza", " " " "
3 "O Regenerador", " " " " (meu)
4 "O Demolidor", " " " "
5 "Jornal do Ceará", " " " "
6 "O Gaiolo" " " " " (meu)
7 "O Tico-Tico", Rio de Janeiro.
8 "O Malho", " " " "
9 "A Leitura para todos", Rio.
10 "A Gazeta", Rio de Janeiro.
11 "Revista Escolar", Fortaleza, Ceará.
12 "O Gymnasial" Petropolis, E. do Rio.
13 "Fon-Fon!" Rio de Janeiro.
14 "Jornal do Commercio" Rio.
15 "Gazeta de Noticias", " ". (Meu)
16 "O Auxiliar Perfeito", Fortaleza, Ceará.
17 "O Jornal do Brasil" Rio de Janeiro.
18 "Folha do Dia" " " " "
19 "Imprensa" " " " "
20 "Evolução Literaria" " " "
21 "Diario de Noticias" " " "
22 "Vasourense" - Vassouras - E. do Rio -

"Jornal do Ceará"
1006
8-Março-1909

Febronio.

o lôrpa da «Republica» será porv ntura o celeberrimo e genial «h mem do Tejo»?

Será o mesmo sujeito que fez a Argentina produzir tomates?

Eu *sófócava*... de riso, si ou beese.

FRITZ.

Pelo Theatro

Quinta-feira, 4 do corrente, foi levada á scena pela companhia Alves da Silva, em primeira recita de assignaturas, a espirituosa comedia—«O outro sexo».—Todos os artistas desempenharam bem os seus papeis. Mereceram, porém, francos elogios pelo gosto e correcção que mostraram na interpretação das personagens -Renata e Pontigirard a sympathica Adelina Nobre e o magistral Alves da Silva.

Acima de todos collocamos a individualidade sympathica, grotesca quase e mais do que desopilante de Meur. Cascadier.

***

Sexta-feira, 5, assistimos á representação do drama «A tomada da Bastilha», que nos deixou bôa impressão.

H. Miranda desempenhou regularmente a sympathica personalidade do almirante Franville, faltava-lhe, porém, o «aplombado militar e o desembaraço do marinheiro.

S. Sacramento foi impeccavel no papel do conde de Dalmau, o fidalgote de «smart», affeminado, pretencioso e eivado de pergaminhos e preconceitos.

Como, sempre destacou-se Alves da Silva, encarnado em Guilherme Londry, o operario honrado, que nas barbas da fida guia jactanciosa e imbelle explode as coleras do povo, reivindica os seus direitos.

Adelina, como sempre, tambem nos encantou no sympathico papel de Rosalia, a filha adoptiva do povo, que se descobre ser filha de nobres e que, pelo amôr, prefere ficar com o povo.

Os demais artistas regularmente desempenharam os papeis que lhes foram confiados.

"Jornal do Ceará"
1010
17-Março-1909

Gino Calza

Assistimos, segunda-feira ultima, no salão do "Club Iracema", a conferencia do joven e intelligente poeta italiano Gino Calza.

Profunda, perduravel e agradabilissima foi a impressão que nos deixou.

Abriu a conferencia o dr. Eduardo Saboya que em poucas palavras apresentou ao auditorio o sympathico artista. Gino, após curta allocução, explicou em resumo o assumpto do canto XXV do Inferno de Dante.

Então foi admiravel ao recitar os tercettos do amante de Beatriz.

Arrebatou nos a sua dicção clara, vibrante, plena de sentimento, suave, tornando ainda mais doce, mais suave o doce idioma em que Ariosto descreveu as coleras de Rolando e o Tasso cantou "A Jerusalem libertada".

Nunca vimos tanta precisão de gestos, tanta belleza de pronunciação.

Quando Dante mostra-nos o roubador insubmisso, que atirava enraivecido á face de Deus figas e mais figas, enleiado por duas serpes que lhe tolhiam a voz e o movimento, Gino foi perfeito, impeccavel, surprehendente.

Gino Calza não declama, não recita, faz mais: encarna-se nas personagens da poesia, apodera-se de todo sentimento do autor e atira-o á face do publico na perfeição do seu gesto, nas modulações de sua voz.

Dante, si o ouvisse, não lhe negaria applausos.

Após o canto de Dante, declamou algumas poesias de Carducci; e naquella em que o poeta, seu compatriota, mostra a czarina da Moscoxia, tresvariada, delirando ao pé do leito do filho, julgando vêr corvos nos balsões flammejantes dos seus regimentos, descargas mortiferas nas salvas de alegria, mostrou-se na altura da sua reputação, conquistando uma salva de palmas maior ou igual ás que já havia recebido desde o começo da sua conferencia.

Recitou "Trilussa", explendia producção de sua lavra e a versão admiravel em italiano do "Caçador de Esmeraldas" de Bilac, em que encarnou e lançou sobre nós todo o profundo sentimento de Fernão Dias, Paes Leme agonizando entre as lianas, no sereno sombrio da floresta.

Porém o *clou* da festa foi a sua poesia "Falla o Accusado".

Declamou a Gino Calza com a perfeição e sentimento que lhe são peculiares; mas, quando o pae conta ao juiz a triste historia da deshonra de sua filha e diz que matára o ladrão de sua honra, num momento de raiva, que o trouxéra ás costas e que o atirára aos pés do grabato miseravel onde a filha agonizava—foi divino de expressão. A sua alma fundiu-se com a daquelle pae, que sua imaginação creára; a sua voz exprimio toda a dôr, toda a queixa, todo o fel que estúa no coração dos desherdados.

A Gino Calza, portanto, enviamos as nossas effusivas felicitações, desejando-lhe sempre os maiores triumphos e agradecendo-lhe a gentileza que nos dispensou, proporcionando-nos tão agradavel serão.

Lamentamos unicamente o nosso pouco conhecimento do italiano, que não nos permittiu melhor apreciar o sympathico poeta.

Assis Nogueira

Veio hoje á nossa redacção o nosso jovem amigo e correligionario, Assis Nogueira, que segue amanhã, no vapor "Pará", com destino á Bahia, onde vai concluir seu curso de Pharmacia.

Ao distincto e intelligente moço auguramos feliz e bonançosa viagem.

"Jornal do Ceará"
1012
22-Março-1909

Que Policia!

Em França, no hospital de Santo Omer, um individuo que se achava em tratamento estrangulou um enfermeiro, do qual não gostava, ferio diversas pessôas e guardas, e refugiou-se no telhado. De lá atirava tijollos e telhas em quem quer que se atrevesse a escalar o refugio.

O sub prefeito e o substituto do procurador da Republica subiram, com grave risco, ao telhado.

O louco pegou, então, dum tijollo para derrubar o procurador; este julgou se em estado de legitima defesa, sacou do rewolver e fez fogo, attingindo o rebelde em uma das pernas.

Pois bem, o sub prefeito e o substituto foram condemnados, pelo jury de Santo Omer, a prisão, como incursos nos crimes de uso de armas prohibidas e de ferimentos.

Bello exemplo de respeito á lei!

Aqui dá-se, infelizmente, o contrario.

No dia 2 de Fevereiro proximo passado, quatro guarda-civicas, sob o commando do cabo Israel, prenderam, no Bemfica, a Zacharias Coelho, que se achava completamente embriagado, e o esparcaram desde a Fundição Cearense até a praça de Pelotas. O infeliz tão ferido chegou á presença do delegado Sampaio que o enviou immediatamente para o hospital.

"Jornal do Ceará"
1016
31-Março-1909

Os sicarios tinham-lhe dado num braço cinco golpes de ponta de sabre, profundos, produzindo hemorrhagia externa abundantissima, um no alto do frontal, offendendo bastante o couro cabelludo e seis ou oito nas espaduas.

Foi dada queixa ao commandante da guarda que se limitou a dizer que o preso havia reagido e que, portanto, os policias haviam feito o seu dever.

Não é de admirar essa resposta, porque dum individuo completamente ignorante em materia de direito, como, com certeza, em tudo mais, guindado áquella posição pelo bafejo da politica, é o que se póde esperar.

O delegado Sampaio limitou-se a dizer, quando á sua presença veio o ferido:

« Soldado foi feito pr'a metter o páo em paizano. »

Que criterio!

Poucos dias ha que as ordenanças do Secretario da Justiça espancaram na porta da residencia do mesmo ao inoffensivo e epileptico José Candido, que os garotos vaiam diariamente, indignando o publico, sem que a policia tome a menor providencia, e que, coitado! ha tempos já foi terrivelmente espancado e ferido por soldados de policia.

E dizem que vivemos num paiz civilizado!...

E' o caso de dizermos, como o disse, dolorosamente, o operario protagonista do drama « A Tomada da Bastilha »:

—Então não ha leis que nos protejam?!

Pode se tambem, com razão, parodiar Voltaire:

—Toda a nossa fraqueza faz toda sua força...

"Jornal do Ceará"
1020
10-Abril-1909

Filhos de Iracema

O nosso sympathico amigo Luiz C. Carvalho communicou-nos que acaba de ser fundada nesta capital, uma sociedade de fins dançante, com a denominação de "Filhos de Iracema".

Agradecemos a gentileza da communicação.

Espancamento

Sabbado, ás 7 1/2 da noute, o cabo Joventino e outra praça da guarda civica espancaram barbaramente a um ebrio, na praça do Livramento.

—O infeliz que mal podia se pôr de pé somente fazia gritar:

—*Mané Diano*, me acóde!

Me acóde qu'eu não vou!

Os sicarios deram-lhe tanto que lhe puzeram a blusa em farrapos e as costas em sangue De longe ouviam-se as pancadas dos sabres, tão fortes eram.

Si não fosse a benefica intervenção do vago mestre do «Batalhão de Segurança», maior teria sido a surra.

O cabo Joventino sahiu dizendo:

—Deixa-te estar, diabo, que no quartel levas uma surra de *vergalho*!

E foram abolidos os castigos corporaes!

E somos uma republica democratica!

Um dos nossos companheiros assistio a todo o facto, desde a prisão que foi effectuada entre as esquinas das ruas General Sampaio e 24 de Maio, na travessa do Livramento, até a intervenção do inferior da policia.

De proposito, para melhor o espancarem, os dous soldados trouxeram o preso pelo boulevard Duque de Caxias e praça do Livramento, onde quasi ninguem transitava aquella hora.

Das poucas pessôas que assistiam ao caso, nenhuma teve coragem de intervir, tal o medo e terror que infundem esses cossacos do Cariry, ao serviço da prepotencia.

Aqui fica, porém, registado mais esse facto, para os dias melhores que não tardarão muito a vir.

"Jornal do Ceará"
1028
28-Abril-1909

Escrevem-nos:

O capitão reformado do Batalhão de Segurança Eloy, de sociedade com um tal Modesto Ayres, mantem uma espelunca onde se joga ao *jaburú*, na rua Senna Madureira, esquina da do Chafariz.

Ahi vão os miseraveis trabalhadôres da praia perder o seu mesquinho ganho e quanto vagabundo ha dos que infestam esta cidade.

A roubalheira é medonha.

Diariamente se dão rixas e disputas por causa de perdas e ganhos, obrigando as familias a se fecharem com medo e para não ouvirem os desaforos que proferem.

Um dia desses o socio Modesto sahiu á rua, revolver em punho, contra um pobre trabalhadôr que o accusava de lhe ter roubado, sete mil réis.

Chama-se a attenção da POLICIA para que tome providencias e não mais consinta os pregulçosos e inaptos para ganhar a vida explorarem o bolso dos incautos.

Talvês clamemos no deserto... que os sugeitos são cidadãos votantes.

"Jornal do Ceará"
1025
21-Abril-1909

"Jornal do Ceará"
1044
4-Junho-1909

(Noticia do Centro Academico)

Dada a palavra ao orador, sr. Gustavo Barroso, para saudar, em nome do «Centro» ao illustre collega paulista e agradecer a sua presença em nossa humilde séde, este no desempenho de sua missão, fez ligeiro historico sobre as condições academicas, em face da politica actual, especialmente do

(CEARA')

Contos e historietas

Segunda feira iniciaremos, sob a epigraphe supra, uma nova secção devida á penna do nosso collaborador João do Norte.

Para ella chamamos a attenção de nossos amaveis leitores.

"Jornal do Ceará"
1029
30-Abril-1909

Cossacos?...

Ante-hontem um guarda civico prendeu um pobre rapaz que se achava embriagado no bêcco de D. Pedro, e, conforme o seu costume de sicario, metteu-lhe o sabre a torto e a direito.

O pae do infeliz, pobre velho; pedreiro que já não póde trabalhar por doença, veio em soccorro do filho, pedindo que não lhe fizessem aquillo, cheio de prantos. O sicario então em resposta deu-lhe com o sabre um golpe terrivel no nariz e trouxe-o até o posto, tambem, dando-lhe pannos de sabre, brutalmente, ao ponto do infeliz escarrar sangue

Que o saibamos o miseravel não foi castigado.

Talvez que va até promovido a sargento pelo acto de selvageria. De selvagens precisa a politica dominante para impor silencio ante os seus desmandos.

Mas o calice das amarguras talvez transborde um dia.

O futuro responderá.

"Jornal do Ceará"
1044
9-Junho-1909

ESTERIOPTICON

Terça-feira ultima assistimos, na casa Palhabote, a estréa desse apparelho cinematographico pertencente á empreza Carvalho & Cª.

As fitas exhibidas muito agradaram pela sua fixidez e magnifica luz.

O programma variado, constando de explendidas fitas comicas attrahio á casa Palhabote grande numero de espectadores.

Optima foi a impressão deixada.

—

Hontem houve mudança de programma, havendo tambem bôa casa.

O apparelho, um dos melhores que temos visto, a bôa escolha das fitas e mesmo o local fresco e ventilado muito recommendam a empreza Carvalho & Cª.

"Jornal do Ceará"
1045
7-Junho-1909

ESTERIOPTICON

Com grande affluencia a empreza Carvalho & Cª tem realizado seus espectaculos, o que prova a acceitação que vae tendo o magnifico apparelho de que dispõe.

Sabbado já estivemos e melhor impressão não poderiamos trazer.

Do programma, escolhido a capricho, destacamos as fitas: —O Aventureiro e Ventania.

Incontestavelmente é o cinematographo da casa Palhabote, hoje em dia, o mais procurado pelo publico e mais o será quando o proprietario estabelecer assignaturas de fitas com as casas do Rio de Janeiro.

Contos e Historietas

Só na proxima edição podemos abrir a secção supramencionada, collaborada intelligentemente pelo nosso talentoso amigo João do Norte.

Esperem os estimaveis leitores.

"Jornal do Ceará"
1046
9 de Junho de 1909

Contos e historietas

No pieguismo dos escriptores é o nosso Ceará eterna e enfadonhamente appellidado—Terra da Luz, dos verdes-mares, da carnaúba e do canto da jandaia, que jamais foi canto e sim grito de arrebentar ouvidos.

Alguem já aventou a idéa de chamar o Ceará terra do *cacúlo da lavagem*, porque, na verdade, quem passa demanhã pelas ruas de Fortaleza, verá, em cada porta, a dona da casa grunhir para o leiteiro:

—Freguez, bote o *cacu linho da lavagem*.

Mas, terra do jogo, da jogatina desenfreada é que o Ceará é.

E isso é facil, facillimo mesmo de se provar.

Bastas vezes já o "Jornal do Ceará" tem danunciado á policia uma espelunca onde se joga ao *jaburú*, na rua Senna Madureira e a policia continúa de ouvidos tapados.

Ahi vive um celebre Eloy, capitão reformado, que se não peza de marear os galões, vivendo do jogo, de parceria com individuos escuros.

Em frente ao mercado ha outra espelunca no sotão dum tal Honorio, onde vão perder escassos tostões meninos, engraxadores, mariolas e até soldados de policia.

As autoridades disso sabem, mas ellas tambem jogam no *bicho*...

No Ceará se joga do solar á choupana; joga o menino e joga o magisrrado.

Abertamente se vende *bicho* nos cafés; abertamente se compra; e abertamente se escamoteia o cobre alheio.

No *bicho* muito legalhé tem feito fortuna; do *bicho* vive muito pé-rapado de hontem, bebendo cerveja na Rotisserie, sustentando mulheres como pachás.

E' que o ganho é facil, o lucro seguro e a policia céga.

Nas estalagens da praça da Estação se joga desde o *cara e c'roa* até á roleta e o *baccarat*.

E' uma prostituição.

Para jogar os moléques furtam nas compras do mercado, os meninos no collete dos paes, e muita mulher tem mettido a mão na burra do marido.

Pobres e infelizes mulheres do povo, impellidas pelo vicio, tem empenhado a machina de costura, a banca da sala, o ultimo vestido, para maior gaudio dos cervejeiros que bancam *bicho* e dos agiotas, negociantes de *bric-a brac*.

O interior já está infestado pela peste do *bicho*: em Baturité vi creançaa de seis annos jogarem...

E' uma miseria!

Denuncia a imprensa a espelunca do Eloy; continúa aberta; mostra o mal que produz o jogo do *bicho*: e elle prospera.

Peor cégo é aquelle que não quer vêr. E' verdade que o *bicho* já pode ser considerado —instituição nacional.

Foi a unica cousa que inventaram os brasileiros, a unica originalmente sua.

Essa gloria lhes pertence.

A jogatina no Ceará já invade o lar...

Muitas vezes passaes, despreocupado leitor, por uma casa e vêdes lá dentro bailhar uma luz.

E' uma beata no seu oratorio recitando orações; é o quarto dum doente, pensaes,

Não, te respondo eu, não

E' o dono da casa com cinco ou seis figurões jogando o *baccarat*...

E' preciso pôr um termo a isso.

Deve a policia tomar providencia, pois é seu dever pro

hibir que charlatães desbriados e vagabundos vivam e enriqueçam á custa de quem não tem a força moral de reagir contra o vicio que o estertora.

Fort. 1909. João do Norte

"Jornal do Ceará"
1047
11 - Junho - 1909

"Filhos de Iracema"

Pede-se o comparecimento de todos os membros dessa associação para a sessão a realizar-se domingo, 13 do corrente, na rua General Sampaio nº 74.

Visto tratar-se de assumpto de importancia espera-se que todos compareçam.

Estereopticon

Quarta feira exhibiu, com bôa casa, a empreza Carvalho & Cª novo programma, constante de explendidas fitas comicas.

Delle destacamos as seguintes projecções: Comida dos chuvas e Concurso de carêtas.

Hontem houve exibição de novas fitas e domingo haverá nova mudança de programma.

Domingo, da segunda secção em deante, exhibirá o «Estereopticon» da casa Palhabote a magnifica projecção—Hamlet, drama de Schekspeare—

1082
1º-Setembro-1909

Ora, seu Jovenço

Seu Jovenço, então vossê foi *ovado* pelos estudantes!

O mundo é assim, meu orador afamado.

Quem è vivo sempre apparece.

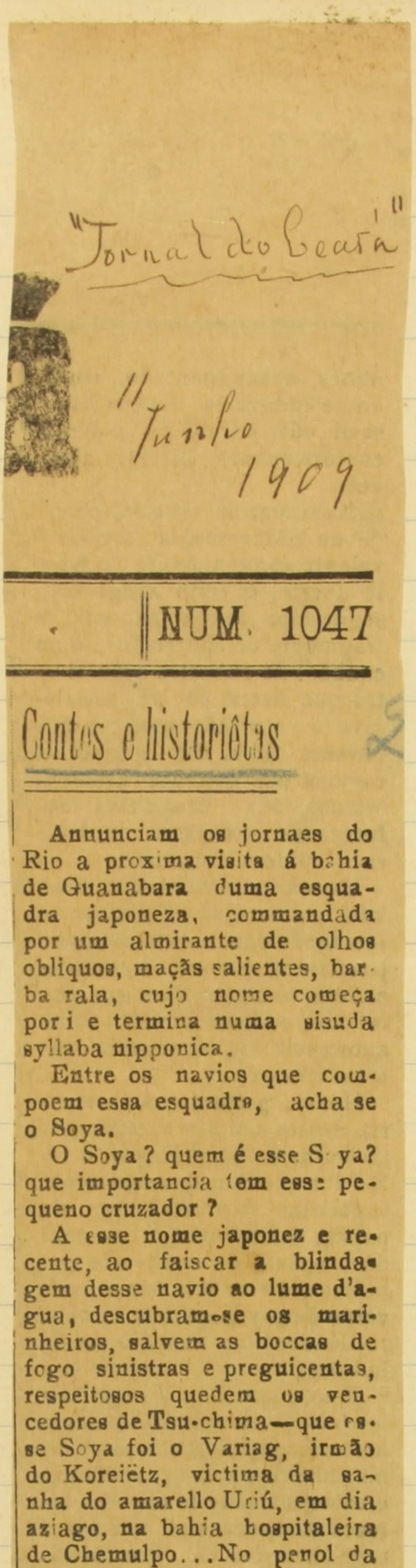
Quem tem merito é recompensado..

Zé do Abysmo

Pergunta innocente

Seu Targino, vossê jantou hontem no "Iracema" com o Zé Pinto? Comeu mui o?

O' Chaleirista, misero suíno
Que te fazes de cão ladrando á lua,
Fica na lama vil do teu destino
O' chaleirista pifiio da "Gazúa."



NUM. 1047

Contos e historiêtas

Annunciam os jornaes do Rio a proxima visita á bahia de Guanabara duma esquadra japoneza, commandada por um almirante de olhos obliquos, maçãs salientes, barba rala, cujo nome começa por i e termina numa sisuda syllaba nipponica.

Entre os navios que compoem essa esquadra, acha se o Soya.

O Soya? quem é esse Soya? que importancia tem esse pequeno cruzador?

A esse nome japonez e recente, ao faiscar a blindagem desse navio ao lume d'agua, descubram-se os marinheiros, salvem as boccas de fogo sinistras e preguicentas, respeitosos quedem os vencedores de Tsu-chima—que esse Soya foi o Variag, irmão do Koreiëtz, victima da sanha do amarello Uriú, em dia aziago, na bahia hospitaleira de Chemulpo...No penol da carangueija do mastro militar desse barco, tremula hoje victoricsa, drapejando, rubra e faiscante, a bandeira japoneza; nas paredes da sua praça d'armas luzem os sabres recurvos desses marinheiros escolhidos das Kurilas e das Aleutes: mas ali ja farfalhou ao vento do mar da Koréa, esfuracada, a bandeira branca esquartelada pela cruz de Santo André e entre aquellas amuradas já passaram rôtos, ferozes, ensanguentados, no afan do combate, os marujos barbudos do Baltico.

Pisando brutalmente o direito das gentes, o almirante Uriú, commandando quinze navios, surgiu, na vespera da declaração de guerra, na entrada do porto neutro de Chemulpo e intimou aos commandantes do Koreiëtz e do Variag que saissem da bahia, se rendessem, ou desembarcassem as tripulações, desarmando os navios.

Surpresos pela inesperada aggressão, postos entre a espada e a parede, os heroicos moscovitas sairam para o mar alto onde os esperava a esquadra covarde do feroz Uriú. Então o que ali se passou, foi horrivel.

Os quinze navios de Uriú cercaram os dous cruzadores russos e as guélas negras dos seus canhões cuspiram schrapnells e obuzes, num diluvio de fogo, sobre elles.

Muito tempo durou o combate; e quando os dous navios reentraram no posto, lassas as tripulações, os cascos fazendo agua; os pavilhões rôtos, tinham escripto com seu sangue os bravos defensores a mais bella pagina da historia da guerra naval nos mares da China.

As assignaturas feitas com as espadas, tintas de sangue pelos commandantes do Koreiëtz e do Variag em Chemulpo valem mais que as de Skoydloff nos cruzeiros do mar do Japão e de Rodjestrvensky na heroica travessia da infeliz esquadra do Baltico.

Uriú foi festejado pela victoria obtida, mas della devia antes se envergonhar, pois victorias assim nada representam.

As aguas do porto Coréano se fecharam avidas sobre os restos fumegantes do Koreiëtz incendiado; e quando os nipões se apoderaram do Variag encontraram-no em destroços, rôtos os pavezes, cahidas as torres, silenciosos os ca-

1048
14 - Junho - 1909

Contos e historiêtas

De certo tempo a esta parte saem do Rio de Janeiro, em demanda do Norte, á cata de dinheiro, individuos sem valôr algum, viciados na ociosidade da Avenida central e dos cafés, costumeiros a passar a vida entre actrizes, no *dolce far niente* dos desoccupados de profissão.

O meio de que se servem esses *cavadores* para arranjar *cobres* é o que alguem já chamou impropriamente

—mania das conferencias.

Avultam entre esses Joães Ninguem—Sebestião Sampaio e Duque Estrada, o *sóvado* da «Provincia do Pará»

São os mais asnaticos e disparatados possiveis os assumptos que essas nullidades escolhem para dissertar em suas *xaropadas* litterarias, pre edidas de annuncios espalhafa osos como os das companhias de magros te reles saltimbancos.

Mas ou menos affectam sempre estas formas:

—O dr. Bestião Legalhé, encarregado de proceder a uma *enquête* sobre os estados do Norte, pelo Diario Universal, dissertará sobre o thema: Os luares verdes da ponta b anca do Mucur pe encarnado em relação psychologica com a mulher cearense.

—O sr. Estrada da Cavação, em *tournée* litteraria pelo norte do Brazil, fallará hoje sobre a origem historica dos pregos, das agulhas, dos leques e da banha de porco.

—O professor *Mané de Soiza* em excursão scientifica e astronomica no norte do paiz, fará uma conferencia sobre o seguinte assumpto: O ninho dos três ovos azúes do beija-flôr perfumoso do pesc ço torto, *enxarcado de pó.*

Confesse-se que este meio de *lapiar* o cobre alheio é muito torpe.

Todos esses *conferenceiros* tem a amarella desculpa de procurar auxilio para as publicação dum livro de costumes; mas, quando, por um bamburrio, dão á luz a um monstrengo, encadernado ou brochado, a sua imbecilidade fica comprovada na estulta pretenção de quererem descrever costumes, que requerem annos de acurado estado e observação, em duas pennadas, tendo se demorado nas capitaes maritimas justamente o tempo de *abiscoutar* os nickeis, rabiscando, portanto, tolices, babujando asneiras, vomitando neceda-des.

julgam todos elles que nós, provincianos, nortistas, nada entendemos, nada comprehedemos, nada sabemos.

Enganam-se. Si muitos cahem na armadilha com seu rico cobre, muitos não largam um vintem de esmola e riem-se desdenhosamente desses aventureiros de meia tigéla.

Conferenceiros, quando tirardes do bolso os magros reaes extorquidos a esse pobre povo, victima eterna das sêccas, em arrôtos de ricaços, entre as cantoras dos cafés—concertos, lembrai-vos, que fóra do meio dos imbecis que vos endeusaram, longe dos papalvos que vos deram o seu dinheiro, ficou muito vulto limpo e altivo rindo-se de vós!...

Pensaes que tendes algum merecimento nos asnaticos livros que publicaes?

Mentira! Não sois cearenses, nada sentis da infelicidade de nossa terra, não a amaes, não a conheceis—como podereis escrever sobre ella,

Deixae-vos disso que melhor figura fareis: porque urrar em rethorica de taverna o canto da jandaia, Iracema, os verdes mares, as praias argenteas, os luares, a fronde da carnaúba e quejandas asnatices não é fallar do Ceará muito menos descreve-lo, é impingirnos um *Rubinat* impresso em typo seis, num livreiro do Rio, a terra dos que não tem que fazer e vivem, pilheriando nas esquinas, por falta de bengalas que lhes esquentem os lombos...

Vão trabalhar, litteratêlhos, deixem de mais esse negocio que jà rende pouco e é *systhema conhecido.*

Fiquem sabendo que não mais se amarram cachorros com linguiças.

E aqui, no Ceará, emquanto puder, estará sempre de apito em punho, na brecha, de lança em riste contra os *cavadores* o

JOÃO DO NORTE.

Estereopticon

Com verdadeira enchente exhibiu hontem a empreza Carvalho & Cª, no Cassino Cearense, a deliciosa fita —Hamlet.

A todos que assistiram o espectaculo de hontem, lhes proporcionou a empreza esplendida noitada:

Hoje será de novo exhibida a magnifica projecção, que muito recommendamos aos nossos leitores.

Em todas as três sessões de hontem ficou cheio a não mais poder o theatrinho do Cassino.

Aventamos, porém, á sympathica empreza que deve, de outras vezes, não exceder a venda de entradas além do numero da lotação, para que se não repita a enorme affluenciu de hontem que torna quente o seu embora fresco e ventilado pateo, pois nãe é para menos a grande agglomeração.

Recommendamos ao publico o estereopticon da empreza Carvalho & Cª especialmente o—Hamlet.

Gremio Sportivo

Realizou hontem esta sympathica sociedade sportiva nova corrida de bicycletas na pista de sua propriedade, no «Sport Cearense». Foi bastante concorrida, notando-se a presença de innumeros cavalheiros e gentis senhoritas. Durante todos os pareos reinou a melhor ordem e grande animação.

Nossos parabens aos distinctos moços do Gremio.

1049

16-Junho-1909

PATEK

Com o titulo supra foi-nos hoje gentilmente offerecida uma walsa para piano pelo snr. Adolpho Siqueira, agente, nesta capital, da importante casa de relogios PATEK, Philippe & Cª.

Gratos ficamos á gentileza da offerta.

Chronicas e historiêtas

«.... O ouvido attento
No silencio da campa nada escuta....
E Socrates não diz se novo alento
Achou bebendo a gelida cicuta...»

Não é hoje mais que um pouco de pó aquelle que se chamou Affonso Augusto Moreira Penna, ex-ministro, conselheiro do Imperio e actual presidente dos Estados Unidos do Brazil.

Foi o primeiro chefe da nação que morreu sustendo as redeas do governo.

Prostrou-o o ridiculo em que o puzeram, quando talvez fossem os traidores que o cercavam, feitores dos desmandos de que o accusavam; mataram-no os duros e ultimos choques da crise politica que atravessamos.

No alto e importante cargo que exercia não o respeitou a morte, implacavel e carteira, mais que a outro qualquer de inferior gerarchia; porém, para elle, se illuminarão as cathedraes, salvará a artilharia e os soldados passearão com as armas em funeral ao estralejarem os pendões, a meio dos mastros, enlaçados em crepe: será a unica e passageira differença...

Depois, quando passados forem os annos por sobre a frieza da sepultura, e somente o calcareo resistir á decomposição chimica dos elementos constitutivos de sua biologica organização, nada encontrarão os vindouros que faça se differençar a sua ossada carunchosa e amarellecida da dum filho espurio da lama das viellas...

Nivellamento final, egualdade absoluta é essa da mudez gelada da materia sem o reactivo mysterioso que da combinação de elementos chimicos heterogeneos faz nascer a vida, por muito tempo julgada o sopro de um Deus!

Hontem tinha inimigos; hoje todos calaram seus odios: as fauces do sepulchro impriemem respeito; a morte sempre foi solemne.

Abafem-se, pois, os desprazeres, cessem as iras politicas e sobre a recordação de sua personalidade publica desça o sudario da paz e do esquecimento!

Infeliz foi, e muito.

Perdeu o prestigio do seu nome; vio derrocar-se a sua popularidade; carpio a morte dum filho muito amado; morreu, emfim, coitado, pungido de acerbos desgostos.

No meio dos seus é essa perda irreparavel, pois pae de familia exemplar sempre o foi; nesse ponto era grande e virtuoso.

Seu espirito era fraco: nessa monção de scepticismo que sopra sobre a humanidade, perdida a bussola da crença, não encontrada a praia da convicção scientifica, encapellado o mar da incerteza, segurara-se medroso á taboa da religião.

Era bom catholico.

No Brazil, as circumstancias, a occasião, fizeram-no tudo; teve a maior posição a que pode aspirar um homem; hoje nada mais é: vive delle unicamente a saudade na memoria dos que o estimavam.

E' o caso de se dizer, como o disse o fecundo e gigantesco genio que scismou tão longas horas nas falesias de Jersey:

—Curto e mesquinho o sopro o das bôcas humanas!...

JOÃO DO NORTE.

NOTA: Em a chronica do ultimo n. sabio, por engano, ao em vez de "Folha do Norte"—"Provincia do Pará". Pequena alteração fizemos hoje no titulo desta secção, porque a achamos mais conveniente á direcção que a mesma vae tomando.

J. N.

Incendio

Hontem, já quasi pela manhã, foi a nossa capital despertada pelas notas sinistras do rebate que annunciava qualquer cousa de anormal.

Era o incendio do estabelecimento commercial do sr. Antonio Miranda, estabelecido á rua Senador Pompeu, em dois predios contiguos, de ns. 205 e 207.

O prejuizo foi total, devorando as chammas em pouco tempo o grande deposito de mercadorias que, segundo nos informam, era avultado.

O estabelecimento se achava seguro por cincoenta contos de reis na companhia nacional «Equitativa», inclusive o valor dos predios, o que não dá para cobrir os prejuizos consideraveis.

A' voracidade das chamas conseguio-se apenas subtrahir os predios vizinhos, em um dos quaes reside com sua familia o proprietario, ficando ainda assim damnificados pelo serviço de salvação.

A policia (armada de carabinas!) compareceu quando já não havia o que salvar. não obstante o continuado trillar dos apitos, devendo-se á iniciativa particular quanto se fez.

Entretanto bem perto fica o quartel do batalhão de Segurança!...

1050
18-Junho-1909

Estereopticon

Hontem, com grande affluencia, exibio a empreza CABRAL & Cª no Casino Cearense a fita — Vida, Paixão e Morte de Christo que bastante agranou.

Haje haverá repetição da mesma fita que recommendamos ao publico.

Por toda a vindoura semana serão exibidas as fitas vinda do Rio.

Pergunta innocente

— Mas, seu Targino, quem foi que disse que eu chorava?...

X.

1051
21-Junho-1909

Chronicas e historiêtas

Ha poucos dias foram distribuidos pelas ruas e publicados pela imprensa official editaes sobre o lixo.

O intendente municipal, procurando apparentar a *limpesa* de nossa cidade, nelles prohibe que os residentes em Fortaleza deitem caixões com lixo nas ruas, durante o dia; quer que ahi os ponham ás nove horas da noute e os retirem, quando vazios, ás 6 da manhã, depois de *feita a limpeza* nas horas caladas pelos preguiçosos carroceiros do preguiçoso Cabral, dono dos conhecidissimos burros que se alimentam de vento, papel pardo, panno sujo e sombra de saeco de milho...

Tudo isso é muito bom e bonito; porém quem recebe as queixas das pessôas que dizem não amanhecer nas portas os depositos vazios, que dirá?

O seguinte: muito bom, facil e seguro meio de vida!

Um pequeno caixão vazio actualmente se vende por 400 rs. Supponhamos que todas as noutes desappareçam, no minimo, vinte caixões—tem o *industrial* uma media de 8.000 rs. diarios, ou sejam 240.000 rs. mensaes.

Bom ordenado, melhor que o de promotor, official de secretaria, ammanuense, etc. A quem se deve attribuir essa *brincadeira*?

Ao burro da carroça?

Não; porque, apezar da fome, taboa de pinho é dura como o diabo, e, além disto, o pobre bruto não anda só, tem o companheiro de duas patas...

Aos leiteiros, padeiros, apagadores de candieiros?

Não; porque têm mais que fazer, são empregados e têm medo de ser vistos.

Aos *sergents de ville* do capitão-Carapanan?

Não; porque estão aproveitando, nas esquinas, a somnéca da manhã.

Um unico conselho podemos dar:

Cada inquilino mande fazer um caixão apropriado e amarre-o na porta da rua por grossa corrente, pois o que nos parece é que os diabos dos caixões estão criando azas, ou então, ha por ahi algures novo Raymond fazendo-os caminhar pelo mundo em fóra.

Só magia!

O que é certo é que os jacarés levam-nos nos dentes: porém um dia, *seus* jacarés, a lagôa ha de seccar...

Si podessemos passar um ciscador nos pelludos bigodès de muita gente, sahia caixão até p'ra encaixotar cento e quinhentos fiscaes....

JOÃO DO NORTE.

Pergunta innocente

Aquella perguntinha a seu Targino se relacionará porventura com o martyr da ingratidão?

Estereopticon

Magnifica foi a enchente do Cassino Cearense nas tres secções cinematographicas de hontem. Escusado será dizer que bastante têm agradado ao publico as fitas exhibidas. Para hoje tem a empreza organizado a capricho magnifico e attrahente programma.

Portanto é de esperar que de novo regorgite o arejado e fresco pateo do Cassino Cearense.

Sport

OS PAREOS

Accedendo á gentileza do convite que amavelmente nos endereçou o distincto sportman sr. João da Rocha Moreira, director da corrida de hontem, fomos ao Sport Cearense.

De todas as corridas até hoje ali realizadas, graças aos esforços do sympathico director, foi talvez a mais animada, desafiando a curiosidade o pareo de amazonas, o primeiro que houve nesta capital, no qual tomaram parte gentilissimas senhoritas.

Durante toda a corrida reinou a melhor ordem e grande animação.

O pareo de amazonas foi o *clou* da festa, e para elle convergiram todas as attenções.

Foi denominado —Senhorita Esther Gondim.

Nelle tomaram parte as distinctas senhoritas:

D. Edith Farias, d. Clarice Barbosa, d. Didya Emygdio, d. Morena Barcellos, d. Alice Farias e d. Esther Lopes.

Em primeiro logar chegou a gentil amazona—d. Edith Farias; em segundo, d. Clarice Barbosa; em terceiro, d. Didia Emygdio; e em quarto, d Morena Barcellos.

Duas amazonas deixaram de correr.

O proprietario do Sport offereceu á vencedora do pareo uma linda e rica pulseira de ouro.

A exma. senhorita d. Esther Gondim offertou para o segundo logar um custoso e bellissimo broche.

A's senhoritas que chegaram em terceiro e quarto logar offertaram os proprietarios de con delarias um magnifico porta-joias e um esplendido album para retratos

A distancia que percorreu o pareo foi de 863 metros e o tempo de duração do percurso —103" e 4/5.

No primeiro pareo—«Alfaiataria Amancio», 500 metros, conquistou o primeiro logar o paretheiro Pyrilampo e chegou em segundo o Itú.

No segundo—commandante Severino Maia, 600 metros, foi vencedor em primeiro logar—Aventureiro, em segundo—Neptuno.

Iguatú teve o primeiro logar no terceiro pareo—"Casa Villar», 700 metros; em segundo decidiram os juizes que fosse classificado S Paulo, embora visivelmente houvesse ganho o velox Leviathan.

Dewet e Neptuno foram os vencedores do quarto pareo—«Companhia Cruzeiro do Sul». 600 metros.

O quinto pareo foi o de amazonas.

No sexto «Café do Commercio», 1200 metros, venceu Soberano em primeiro, Santos em segundo; Leviathan fez *forfait*.

No setimo e ultimo, «Fabrica Proença», 700 metros, chegou em primeiro Monarcha e em segundo Rio Branco.

Agradecendo a nimia gentileza do sympathico director, felicitamo-lo pelo exito que hontem teve a corrida do Sport.

BONDS

Lamentamos o pessimo serviço da companhia de bonds para o Sport. Os burros eram cançados, os carros insufficientes, os tirantes quebravam se por vezes, emfim um pessimo, porco e detestavel serviço. Esperamos do gerente daquella empreza providencias necessarias.

Accresce mais que tendo descarrilhado o carro n.º 24, no desvio do Sport, ahi demorou uns 15 minutos, emquanto procuravam pol-o nos trilhos, e durante todo esse tempo levaram conductores e boleeiros a vociferar e soltar nomes obscenissimos.

E' preciso dizer que alli estavam familias: portanto ahi fica a nossa reclamação.

DESAFIO

Por ter ganho vantajosamente o pareo foi o bello parelheiro Soberano lavado a champagne pelos seus proprietarios. Nessa occasião um desses bradou:

Desafiamos até trez Van Dicks!

Ouvindo isto o joven sportman Pedro Philomeno descendeu das archibancadas e respondeu:

—Acceito o desafio com o Van-Dick, a 200 metros, aposto-lhe o que quizerem.

Os proprietarios da «Smart» porém, não acceitaram.

1052
25-Junho-1909

Bôa policia!...

Hoje pelas 7 e 1|2 da manhã travaram-se a pauladas e sôccos, na calçada do "Café do Commercio", dous vendedores de jornaes.

Durante mais de dez minutos lutaram, ferindo-se e contundindo-se, em presença de umas duzentas pessôas, sem que por ali apparecesse um só guarda-civico.

Da porta do quartel a sentinella e outras praças olhavam o pugilo.

Os soldados estavam, talvez, tomando café...

Depois que já iam longe os dous contendores é que appareceu um guarda esfregando os olhos, de cigarro na bôcca (a policia do Ceará fuma em serviço!)

Em plena praça do Ferreira, no logar mais publico de Fortaleza, um facto destes é exemplar.

Depois nós somos pasquineiros...

Pergunta innocente

A quem foi que seu Targino deu hontem, no Java, um bouquet de flôres?

azinha qualquer, num theatrinho de fundo de quintal, que iamos gostosamente assistir, porejando enthusiasmo nas declamações *phoóós*, gargalhando destemperadamente nos gracejos mal ditos.

D'outras ainda, iamos embando para a casa do Amarilio, no Trilho de ferro, ouvir os violões que choravam no acompanhamento das modinhas e tomar sorvete de maracujà, contemplando os pontos rubros dos balões que fugiam nostalgicamente no negrume do céo.

Adeus a isso tudo!

Hoje nos róe o verme do scepticismo, destruindo nos aos poucos todas as ideaés constrncções que no nosso espirito deixaram a cozinheira com a historia do Pollegar e o padre com o cathecismo na escola cousas mentirosas, porèm que nos acalentavam a simplicidade e singeleza d'alma.

Agora só nos resta a saudade.

Tudo já ruio por terra; foi-se primeiro a firmeza e veio a oscillação; depois fugio a crença, a pouco e pouco: emfim tombou pavorosamente o vulto agigantado desse Deus antropomorphico, que julgavamos accocorado na trév do infinito...

Hoje temos outras ideas e differente modo de pensar.

Não mais achamos sabor no aluá; não mais gostamos dos contos da carochinha; não mais podemos supportar o purgante d'uma representação de theatrinho.

Temos outros gostos outras opiulões, outras aspirações.

« Tudo passa sobre a terra. »

Barbaras, ridículas, sem razão de ser, achamos essas usanças; julgamos até que a policia, por muitas razões devia prohibir as fogueiras

gua; e atormentavamos a cozinheira para que nos contasse a historia do Pequeno-pollegar ou do Barba-azul.

A' noute nos enrolavamos nas redes, medrosos das almas e da cabra-cabrida...

Bom tempo!

Depois veio a adolescencia com o seu cortejo de roseas illusões.

Então iamos ás casas dos amigos que festejavam S. João. Bebiamos aluá, fumavamos, ás escondidas, um charuto, palestravamos sobre a proxima *composição* do Lyceu.

Por vezes, quando mais endinheirados, compravamos buscapés de limalha ao Padre-Nosso e sahiamos aos pares, pelas ruas em fóra, jogando-os a torto e a direito, com o descuido e a ousadia que nos davam a pouca edada e a parca educação. Iamos perseguir, tambem, as mãos cheias de traques fulminantes, os turcos da feira quando passavam nos bêcos.

D'outras vezes era á representação duma comedi-

Escrevem-nos:

Pedem os moradores do Boulevard Rio Branco em frente da estação de bonds ao sr. inspector de hygiene que faça com que os donos daquella empreza limpem as baias, desinfectem a estação e queimem o estrume, pois não ha quem possa supportar o máo cheiro que dali sáe produzindo doenças e incommodos.

1053
25-VVNHO-1904

Chronicas e historiêtas

O sol irradiava ouro no verde do mar. Soprava rijo o terral. Curvavam-se, chiando, ao sopro do vento os coqueiros frondosos, altos, robustos e verdes, d'um verde que alegrava a vista.

Na praia, sobre rolos toscos, as jangadas descansavam, as velas abertas seccando ao sol.

Era dia santo; ninguem ia á pesca.

Os telhados vermelhos e pardos das casas do povoado, vermelhos os das de telha, pardos os das de palha, destacavam se nitidamente no fundo prateado que as dumas formavam; e mais branca ainda que a areia dos morros era a fachada da egrejinha humilde, sem torres, com um simples frontão caiado, o sino pendurado sob um tejadilho trepado no alto de dous troncos de carnaúba com uma escada encostada.

Pescadores palestravam, cerca da praia, sob uma latada coberta de palhas de coqueiro, sentados em rudes páos, affeiçoados para a construcção das jangadas pelo gume forte da enxó.

Fumavam cachimbo ou cigarro, galrando e rindo, lembrando uma pescaria feliz, na *risca*, donde haviam voltado com os *samburás* abarrotados, ou a occasião inolvidavel em que, pescando cavallas nas *trinta e tres* se haviam visto abarbados com a perseguição terrivel dum monstruoso tubarão, que lhes surripiára bôa parte do peixe.

Numa volta da costa, crianças se banhavam, brincando a *gallinha cheia*, jogando *cambapé*.

Outros pescadores teciam tarrafas á sombra dum bote adornado: alguns entrelavam, *corregendo*, as *poitas* dos *taussús*: ao longe, na costa, piavam maçaricos.

Voejavam bandos de gaivotas por sobre o mar, que soluçava, na praia branca, muito branca, o rythmo triste dum poema da velha Noruega.

***

Dirigia se á praia, *qu'manga* ás costas, *cabuça* ao hombro, vestido de algodão grosso que o *murcy* tingira de pardo escuro, joven e forte pescador.

Ao passar pela latada, caminho da praia, saudou os que conversavam; mais adiante deteve-se e com um novo *bons dias* cumprimentou a um dos que teciam tarrafas junto ao bote adornado,—um velho alto, magro, espadaúdo.

O velho ergueu se, bateu a cinza do cachimbo apagado na carena do barco e rosnou:

—Onde vaes, Lucas?

—Onde vou? respondeu o outro como que admirado. Vou pescar.

—Pescar hoje! dia santo! dia de Finados! exclamou o velho.

E os outros deixando as tarrafas, grunhiram:

—Hoje! dia de Finados!

Um a si persignou se.

O velho accrescentou:

—Não vás Lucas; póde te acontecer alguma cousa ruim. O dia de hoje é o dia das almas; é um grande dia.

O Lucas nao respondeu. Partio.

Cria lá em *busões*. Tinha vontade de pescar: ia. Que lhe importavam crendices. O que não estava era para passar o dia em casa, só no alpendre, deitado na rede, cochilando, teimosa. Si ao menos fosse domingo e o Antonio Grauçá fizesse um joguinho de vispara ou trez-setes, vá lá.

Chegou na praia, preparou o seu pequeno *paquete*, empurrou o, pôl-o a nado, abrio a véla, retezou a escota, segurou o remo, empunhou a *cuia* e foi-se.

Os pescadores reuniram-se em um só grupo, commentando a partida Lucas, a sua teimosia.

—Até parece herejo, credo! disse um.

Na egreja o sino badalou a chamada para a missa e os pescadores, dialogando, demandaram o povoado. Alguns, de quando em vez, voltavam-se para o mar.

Na serenidade do azul longinquo se apagava pouco e pouco a vela da jangada.

*
* *

Chegou a noute, noute negra, humida e tetrica, e a jangada não voltou

Debalde, desde a tarde, os pescadores haviam interrogado o mar: a jangada não apparecia.

Quando escureceu retiraram-se.

A jangada do Lucas não voltára, embora o vento soprasse do oceano.

Nuvens pesadas, logo á tardinha, se amontoaram ao nascente.

Ao olhar dos homens do mar aquelles e outros signaes annunciavam a borrasca.

Noute já, ella cahio, com o nordeste feroz, convulsionando o mar. Clarearam os relampagos a treva da noute; ribombaram trovões galopando furiosos pelo espaço; gemeram as frondes dos coqueiros, funebremente, ao vergasto do tufão; e no interior das choupanas abaladas e tremulas, quasi mortas de pavor, as mulheres murmuravam orações á Santa Barbara e a S. Jeronymo.

*
* *

No dia seguinte pela manhã o céo era puro e limpido. Algumas jangadas cahidas de lado, fóra dos rolos, um ou outro telhado damnificado, areias revolvidas—eram os unicos rastos que deixara a violencia dos elementos em furia.

Longe do povoado, numa volta brusca da costa, coberta de recifes, encontraram os pescadores os destroços duma jangada e entre elles, cahido por sobre pontas agudas de rochas odacentas, o cadaver tumefacto e gelado do Lucas.

Trouxeram-no para o povoado numa rede e o sepultaram no cemiterio, ao pé das dunas prateadas.

Desde então, nas noutes de luar, quem descuidoso passar pela costa, o pescador que fôr tarrafiar no recife, ou pescar á linha os bagres entre as pedras, avistará lá na ponta do rochedo, sentado, immovel, a roupa tinta de muricy, o chapéo de palha grossa, destacando-se na luz diffusa e branca da lua, o vulto dum pescador fitando a vastidão marulhosa do mar, que soluça, na praia, o rythmo melancolico dum poema da Scandinavia.

JOÃO DO NORTE.

Pergunta innocente

Seu Targino, porque vossê nunca mais foi áquella casa, cuja dona lhe mandou fazer umas compras?

1054
28-Junho-1909

Policia de chanfalho

Sexta-feira, ás sete horas menos cinco minutos, passando um dos nossos companheiros pela calçada da secretaria de Justiça ouvio gritos e gemidos dentro do posto policial.

Parou e escutou.. Lá dentro davam bolos numa pessôa que muito fallava e gritava com metal de voz effeminado.

Não podemos saber quem foi.

Está agora o sr. Rogerio como os antigos prebostes de Paris,—executor de alta baixa e media justiça.

Já se arranca (que democracia?) as confissões dos criminosos com *vergalho* e bolos!

Davam surras assim os barões da Edade-media, para arrancarem das escudellas dos bufarinheiros de Genova, que passavam nas estradas, os escudos do cunho real.

Mas, hoje, delles o que resta?

Nem, ao menos, a lembrança...

Quem com muitas pedras bole uma lhe dá na cabeça...

Pergunta innocente

Seu Targino, que era que vossê andava fazendo *isturdia* nas areias da Bôa vista, hein?...

Phenix Caixeiral

Commemorando o 18º anniversario de sua installação, a distincta e benemerita Phenix Caixeiral promoveu quinta feira ultima, 24 de Junho, brilhante festival, ao qual gostosamente comparecemos, levados pela gentileza de amavel convite.

A's sete e meia horas da noite, em presença de grande e luzido numero de distinctos cavalheiros e gentilissimas senhoritas, foi aberta a sessão commemorativa da auspiciosa data, sob a presidencia do coronel José Candido Cavalcante, presidente do Conselho de Honra.

Lido pelo 2º secretario, o expediente, que constou de grande numero de officios de socios ausentes cumprimentando á Phenix, foi dada a palavra ao talentoso orador snr. Miguel Cunha, que discorreu brilhantemente sobre o papel relevante que, em nosso meio, ha produzido a Phenix, comparando a antiga situação do caixeiro com a actual em que é sustido, amparado e instruido pela benemerita associação.

Seguio-se-lhe, na tribuna, o academico Quintino Cunha.

Terminando este o seu discurso, foi inaugurada a orchestra da sociedade, que executou bellissimas peças sob a competente direcção do maestro Magalhães.

A todos os presentes muito agradou a magnifica orchestra que, tendo unicamente 12 ensaios e 45 dias de organizada, conquistou estrondosa salva de palmas pelo garbo, pericia e correcção com que se houve.

Após a inauguração da orchestra foi servida ás commissões de diversas sociedades e aos representantes da imprensa uma taça de champagne,

Deram-se começo, então, as danças que duraram, sempre animadissimas, até uma e meia da manhã.

Incontestavelmente é a Phenix a sociedade mais em evidencia no Ceará, não só pelos inestimaveis serviços que ha prestado aos empregados no commercio, como pelo conceito e nome que tem conseguido firmar em torno de si.

Desde a sua fundação por uma pleiade de intelligentes e esforçados moços tem sabido manter a mesma linha de conducta.

Aos distinctos phenixtas nossos parabens; á Phenix-caixeiral—triumphos e triumphos sempre na senda do progresso.

Estereopticon

As duas primeiras sessões de hontem foram bastante concorridas. A terceira sessão constou do seguinte programma:

Os gralhas, o capacete de segredo, engenharia moderna, Pia de Tolomei, o antro da feiticeira, o ke-nak forçado e a ceia da dos acrobatas.

Muito agradou esse bem escolhido progamma, que hoje ainda será exhibido. Nestes dias será exhibida a esplendida projecção—Funeraes do Dr. Affonso Penna, para a qual chamamos a attenção de nossos leitores.

Filhos de Iracema

Assistimos, sabbado ultimo, á segunda partida mensal, dessa novel aggremiação, para a qual fomos gentilmente convidados.

De lá trouxemos optima impressão.

Animadissima e muito concorrida foi a partida, prolongando se as danças até trez e meia da manhã,

Aos distinctos socios da sympathica sociedade os nossos parabens pelo realce que souberam dar á sua segunda partida mensal.

1055
30-Junho-1909

Estereopticon

Estiveram animadissimas as trez sessões de hontem, agradando muito ao publico a deliciosa projecção—Pia de Tolomei.

Hoje será repetido o programma da terceira sessão de hontem, que é escolhido a capricho

Tornamos a chamar a attenção do publico para as fitas que brevemente serão exhibidas, vindas do Rio de Janeiro, destacando-se entre ellas—Os funeraes do dr. Affonso Penna, bellissima fita do natural.

Pergunta innocente

Seu Targino, porque é que vossê passa o tempo, na janella de palacio, *acerando* as creadinhas que passam?

Club Iracema

O club Iracema, com uma soirée dansante, festejou ante-hontem, 28 de Julho, o 25º anniversario de sua fundação.

Começaram as danças ás dez horas da noute, terminando ás trez da manhã.

No intervallo das duas ultimas quadrilhas foi offerecida pela novel e sympathica directoria uma taça de champagne aos representantes de outras sociedades e da imprensa, trocando-se por essa occasião diversas saudações.

Num meio pobre e estiolante, como é o nosso, em que todo e qualquer tentamen é abafado, quase ao nascer, por circumstancias diversas, vinte e cinco victorias grandiosas, obtidas á custa de penosissimos esforços: portanto, ao Club Iracema nossos parabens por mais este triumpho e longa vida de grandeza e prosperidade.

—

Hontem houve o classico *enterro dos ossos*, enchendo-se, de novo, o vasto salão do club de gentilissimas senhoritas e distinctos cavalheiros, prolongando-se as danças, sempre animadas, até mais de trez da manhã.

A directoria do Iracema, pelo realce que soube dar ás suas duas partidas, nossos sinceros parabens.

1056
2 de Julho de 1909

ESTEREOPTICON

Têm agradado muito ao publico os ultimos programmas exhibidos no Cassino Cearense pela empreza Carvalho C'a.

No de hontem destacámos as seguintes fitas: O refem e apuros dum viajante.

Hoje será mostrada ao publico a importante projecção—Funeraes do dr. Affonso Penna.

———

Club Iracema

Deve-se ler desta forma o ultimo periodo, da noticia que em nossa ultima edição demos do anniversario do sympathico Club Iracema:

...vinte e cinco annos de existencia representam vinte cinco victorias grandiosas, obtidas á custa de penosissimos esforços: portanto ao Club Iracema, etc..

Chronicas e historiêtas

Desde sabbado ultimo que é meu hospede, tendo chegado do Joá, onde reside, pelo horario das seis, o Zé Falcão, meu compadre, pois levei-lhe á pia baptismal o *caçúla* da ninhada.—o Xico, que a comadre Benta, toda lamecha, chama—Xicute.

Para mim é um companheirão o Zé, já porque o meu espirito se diverte em observar os costumes e o senso rustico do nosso sertanejo, já porque me proporciona bôas anecdotas.

O Zé Falcão é impagavel.

Hontem a conversar commigo deu a tréla sobre as cousas de hoje, as novidades, as invenções como chama tudo o que lhe é desconhecido.

—Cumpade, failou, no meu tempo minha vó dizia:

Isso é andá o carro a diante dos boi. Agora cumpade, a coisa é outra,—já anda carro sem boi e sem nada cuma o otómove de seu Julio Pinto, que a gente paga tres mil reis a seu Raphael, pru mode caminhar no bicho. Credo!

Anda ligeiro, mas só falta, pru via das buraqueira do calçamento, fazê a gente arrotá os figo, os bofe e os testinos. No tempo do difunto Ferreira, aqui a cidade do Forte era uma lindeza, mas agora... cadê? Mas porém nesse tempo se chamava a cambra e agora se chama intendença. Tá hi no que dá as mudança!

Num inore eu tê dito testino, mas agora só se diz assim, ninguem sabe mais o que é tripa.

Já mudaram inté os nomes das doença...

De premêro a gente morria do é do vento, ave Maria! agora diz que é de congestão. Nouto tempo se tinha catarrão amalinado, adepois viraram pra influença, agora é uma tal de gripa.

A gente as vezes tava doente de urina dôce, agora é de diabeta. Isso é lá sero, se mudá os nome pra atrapaiá o proximo.

Só obra do cão.

—Qual o que, respondi, acalmando o muttuto que já se exaltava, vossê sabe que hoje é Republica e que as cousas são differentes.

—Seio, seio sim, meu cumpade.

Botaram o reis pra fora pra mode furtarem, que isto é uma canaia! No tempo do

impero a coisa era outra, quando um sujeito robava ia pra cadeia, bom cuma mio; agora não, os sujeito furtam, passam cedras falsas e vivem na rua.

Pra que coisa mió que essa historia que os jornal da imprensa do Rio deram noticia. O tal de seu Leonço tá solto, passando vida grossa, mas a poliça achou o nome delle nas carta dum intaliano da côrte. Tahi!

Isso é uma safadeza!

O mundo tá perdido, cumpade!

Nisto interrompeu-nos a prosa um sugeito que me procurava e que o creado mandára entrar pra sala.

Era o dr. Art. *Rocha* que vinha dar-me um abraço, por ter de ir pra S. Paulo, dizer-me, desempenhar a ardua e espinhosa tarefa de representar a classe academica.

—Venham de lá esses ossos, João.

—Venha de lá este costado.

Rocha! Adeusinho! Bôa viagem.

O *Rocha* sahio enxugando os olhos ao lenço.

Passados momentos que se fôra, interroga-me o matuto:

—Cumpade pronde vai aquelle typo, que tem assim um geito de boi reboleiro, quando está cum a alcatra coberta?

—Vae pra o congresso dos estudantes.

—Ah, sim! E quem é elle?

E' o Art. *Rocha*.

—Cumpade eu o conheço já: é aquelle home que já fez um discurso de riba do chafariz do mercado, num foi?

E é aquelle que vai fallar no S. Paulo! Pru mode fazê cumpanhia a seu dotô Besteira num precisa mió..

JOÃO DO NORTE.

Consulado da China

Previne-se a todos os diplomatas convidados para a conferencia de hontem que esta só terá logar amanhã, (sabbado), ás mesmas horas, quando se espera o comparecimento de todos. Outrosim, que tendo sido removido, para a agencia consular do Maranhão, o addido E. Rib. foi substituido neste cargo pelo sr. A. B. Sobr.

Pelo mandarim-consul

E. A. secr.

1057-5-Julho-1909

Pergunta innocente

Seu Targino, de que vossê vive?

1058
7-Julho-1909

Chronicas e historiêtas

Frei Martinho de Liorne ia pregar, após a missa da manhã, na egreja de S. Sylvestro.

O pregador era afamado e conhecidissimo o assumpto do sermão, de muita importancia: dahi a grande affluencia de beatas, *catholicões*, mocinhas e petimetres na egreja, naquella manhã clara e estival.

Quando o frade appareceu no pulpito, a nave central e as lateraes da egreja estavam abarrotadas de gente, os varandins das tribunas idem, o côro então estava atufado a não mais caber um alfinete.

Sob o pulpito o Xico Resmungão, soldado da tropa de linha, encostado á columna, fingia que escutava o que o barbaças do capuchinho esvurmava, mas, ao contrario, namorava a Maria do padeiro, que soltava *foguetes* para elle lá da grade do altar-mór, onde se ajoelhára.

O assoalho do côro era muito velho, gemia, estalava sob o peso das beatas; estas, porém, tão alheias estavam, escutando o que urrava o pregador, que não davam por isso.

De subito desprega-se, com sinistro estralejar, uma das velhas taboas e deixa patente larga brecha, com as fauces hiantes.

De medo as beatas ajoelharam-se rezando.

Todo o povoléo das naves virou-se para aquelle ponto.

Pela brécha cahira de cabeça para baixo uma beata ainda moça e bonita, ficando dependurada dum pé que enganchára algures com as saias sobre a cabeça, no mais lastimavel estado —núa em pello, gritando de dôr.

O frade suspendeu rapido a sermonata e, estendendo as mãos por sobre o auditorio, estrugio:

—Todo aquelle que olhar para aquella mulher, fica á cego, para sempre, de ambos os olhos.

A multidão, apavorada, cahio de joelhos, murmurando:

—Amen!

O sachristão corria, com alguns trabalhadores a dar as necessarias providencias.

Então o Resmungão, tapando um dos olhos com a mão, voltou-se para a pobre mulher, gemindo lá para o pulpito, para o barbaças do capuchinho:

—Seu padre! seu padre! eu sempre arrisco um olho...

JOÃO DO NORTE.

Pergunta innocente

Seu Targino, que apito vossê toca em palacio?

1060
12-Julho-1909

Pergunta innocente

Seu Targino, p'ra que vossê assignou dous numeros na rifa do corte de vestido, da loja Emygdio?

FOLHETIM (1)

(Original para o JORNAL DO CEARA')

NOVELLA SERTANEJA

"O João Ferreira"

por

Gustavo Barroso

Eram três horas da tarde. Sombria quietação pairava pelo espaço. Não se movia uma haste de junco, nem sussurrava uma fronde de carnahubeira na extensão descampada da varzea.

Ardente exhalação evolava-se da terra e os raios de fogo do sol faziam lascar, por effeito do intenso calôr, o barro sêcco dos «massapês», onde não o protegia o tapete verde gaio, entrançado de junco e «quebra-panella», matizado de florinhas brancas.

Aqui e ali voava celere um passaro erradio em busca do abrigo costumeiro: ao longe um teteo piava e, no recesso das moutas de «mofumbo» e «cipó-do-rio», os annuns grasnavam, roucos e sinistros.

A certa distancia o ar tremia na vista, no continuo vae-vem das camadas de ar aquecidas junto a terra a subir e das frias a descer. Nuvens escuras, nimbus esfrangalhados, pairavam no horizonte, ameaçando chuva.

Começou então a soprar um sudeste fresco, e aquellas nuvens pesadas e negras, como grande aguias de azas abertas, caminharam pela concavidade longinqua do firmamento, vagarosamente, escurecendo o ar, tapando a luz do sol e lançando um véo triste, plumbeo, morno na face das cousas.

Ficou tudo triste: á ardencia esbraseada de antes substituio aquelle véo de tristeza, com o sudeste a chicotear as frondes dos palmares.

Nessa occasião, no extremo da varzea desembocaram a galope três cavalheiros: um «empannado» e dous «encourados», como soem dizer os sertanejos.

O «empannado» montava forte «quartal» baio de «canos» pretos; era idoso já, largo de peito, fornido de membros, physionomia energica e antipathica, sobrancelhas espessas, barba grisalha cortada á brazileira.

Trajava fato completo de brim pardo chapéo de massa, com as abas largas, botas vermelhas de sôla da terra.

Do arção do seu «ginete de campo» pendia uma dessas armas de repetição, fabricadas pelos americanos, tão vulgarizadas no sertão com o nome de "riffles".

O mais moço dos «encourados» era um mancebo alto e espadaúdo, nariz quase aquilino, olhos rasgados e negros, e um tom energico no conjuncto das feições.

Montava, com pericia, possante garanhão castanho escuro, «arregaçado» de branco.

Era de bom couro de «capoeiro» o seu «fato de campo» e de prata as espôras e os botões do «guarda-peito».

Winchester e no cinto a «parnahyba de arrasto».

O outro era um mestiço de feições chatas, armado tambem do mesmo modo, typo perfeito do «cangaceiro,» do sequaz mercenario dos donos de fazenda.

Ao meio da varzea o joven estendeu a mão em sentido horizontal como a ver se já chuviscava e recolhendo-a, perolada de pingos d'agua, tocou ao de leve o braço do velho e fallou:

—Meu pae, estamos perto de casa, porém a chuva não tarda: apressemos os animaes.

E os três a um tempo picaram os cavallos.

Envoltos em uma nuvem de poeira, sumiram-se na catinga, no outro extremo da varzea. Nisto forte ventania, silvando temerosamente, passou por sobre os mattagaes, torcendo as vergonteas altas das «aroeiras» e «catandubas», rodopiando no descampado, como uma tromba, levantando espiras de poeira e folhas seccas.

Seguio-se-lhe o aguaceiro escurecendo varzeas e «catingas;» depois o bocejo vermelho dum relampago; e, após, o reboar do trovão, que o echo repetio lá lugubremente, lá ao longe, nos «mocozaes,» nas covoadas e nos precipicios da serra dos Francos.

II

Quando os três cavalleiros appareciam na varzea, dous homens, rompendo com precaução o matto da catinga, se escondiam, sob copado joazeiro, á margem da estrada, que dava para a varzea. Desse «joazeiro,» por entre as ramas dos «marmeleiros,» que rolavam o caminho, descortinavam a estrada até um ponto em que se sumia, em rude curva, por entre troncos de «paús-brancos,» «catingueiras» e de «sabiás».

Eram ambos em ademanes, traje e feições perfeitamente semelhantes.

Um, porém, usava chapéo de couro, «quebrado» segundo o «estatuto» da «ribeira;» o outro usava-o de palha, tranças superpostas, vulgarmente chamado «casco de peba». Ambos tinham no cinto a faca de arrasto.

O de chapéo de couro apertava nas mãos, febrilmente, a coronha duma dessas carabinas Minié, vetustas e pesadas, que, dizem os sertanejos, mataram na «guerra do Lopes».

O outro trazia clavinote e garruncha, passada no cinto.

Nos olhares que lançavam á estrada se lia que, com sinistros intentos esperavam alguem.

—Maldita chuva! resmungou o do chapéo de couro aos primeiro pingos d'agua.

O outro tocou-lhe o braço, zumbindo:

—Mais baixo! Ahi vem elles! Ligeiro tropel resoou no barro duro do caminho e na curva, entre os troncos de arvores, os três appareceram. Os «cabras» saltaram, então, na estrada, armas em punho, fecharias estalando.

Os cavalleiros chegavam a galope.

(Continúa)

1061
14-Julho-1909

FOLHETIM (2)

(Original para o JORNAL DO CEARA)

NOVELLA SERTANEJA

"O João Ferreira"

por

Gustavo Barroso

Ao avistaram os dous curvaram-se espantados sobre os arções, aperrando os "riffles".

Neste momento abrio se por sobre o vulto negro da serra distante o bocejo vermelho do relampago: um raio doudejou nos ares: e o trovão estralejou, repercurtido mil vezes nas «quebradas» da montanha.

Os cavallos empinaram-se, nitrindo de medo, e os cabras dispararam as carabinas.

De cima do cavallo empinado o velho abrio os braços e tombou de costas, no barro, borbotando sangue do peito membrudo; e o «cangaceiro» cahio de lado sobre o solo, escabujando nas vascas da morte dentro da agua que a chuva misturava ao sangue das feridas. O cavallo do jovem, ao atirar-se sobre os atacantes, impellido pelo amo, topou numa raiz e falseou, raspando o sôlo com as ventas, atirando o cavalleiro fóra, por sobre a cabeça, erguendo-se depois a bufar, joelhos escacalavorados, orelhas em pé, arreios em pedaços.

Lesto, porém, póz-se de pé o «encourado» e atirou-se, livido, olhos em fogo, faca em punho, sobre os dous «cabras», trovejando:

—Arora, nós!

Topou no primeiro arranco o do chapéo de palha, e, na furia tigrina daquella colera terrivel a extravasar-lhe do peito desordenadamente, enterrou no peito do inimigo a «parnahyba» até o cabo, respingando-lhe o sangue alheio a face palida, o gibão de capoeiro com pespontos brancos.

Mas o desembaraçado inimigo, que restava, correu sus a elle e sumio-lhe ao mesmo tempo, tambem, nas costas a faca até o «enterçado,» rangendo os dentes.

O cabra e o mancebo cahiram.

Só, de pé, intacto, sem um arranhão, a face, a camisa de algodão branco, manchadas de sangue, fronte erguida, cenho feroz, ficou o mestiço do chapéo de couro, labios crispados, murmurando num espasmo de raiva satisfeita, de orgulho selvagem:

—Arre, diabos! Viram para quanto presta o João Ferreira! Mande-me «estrumar» agora os teus cachorros, coronel!...

Um riso de desdem pairou-lhe nos roxos labios.

Demorou-se ainda um instante, contemplando aquelles corpos hirtos e o do «cangaceiro» que ainda se mexia, na orla do matto, e, depois, pegando ás costas o cadaver do companheiro, apanhando a sua Minié, embrenhou-se na «catinga».

A trovoada estralejava pelo espaço: a chuva augmentva de força: e os biatos vermelhos dos relampagos clareavam, sinistros, o vulto negro e distante da serra dos Francos.

(Continúa)

Chronicas e historiêtas

Hoje é o dia 14 de Julho, dia do anniversario da tomada da Bastilha,—esse grandioso acontecimento, que foi o levantar do panno que encobria o scenario gigantesco da grande revolução.

No dia 13, á noite, os *kaiserlites* e os dragões de Lambesq varreram o povo de Pariz, que em andôres conduzia pelas ruas o busto de Necker, a gume de espada e a pata de cavallo.

No dia 14 veio a reacção, que foi atiçada pelo verbo de Camillo Desmoulins,—esse genio que orava nos *carrefours*.

A Bastilha representava em França o poder oppressor do rei, era a prisão do Estado, em cujas enxovias apodrecia esquecido de todo quem lá tivesse a infelicidade de haver entrado. Era feroz e sinistra.

Fôra uma porta fortificada contra as correrias dos borguinhões; transformára-se depois em castello real: e Luiz 11 habitou a.

Tinha soldados nas quadrellas, de mosquetes apontados, falconêtes e colubrinas nas setteiras, ponte levadiça, carcova, barbaran, fossos e ameias, e suissos armados até os dentes; mas ao sopro da Revolução que nasci, tudo isso se desmoronou.

Os camponezes que no começo da idade-media haviam exigido, de foices em punho, a liberdade das communas, fizeram retroceder os batalhões dos reis; os pés-núa e os revoltosos da Jacqueira venceram as hostes dos barões.

Quando o povo se levanta nada ha que possa resistir-lhe.

Desse acervo de cadeias, vexações, impostos, infamias, servidões, miserias, bastonadas, glébas, guerras intestinas, saques e roubalheiras, amontoado por muitos seculos, desencadeou-se esse tufão que se chamou Revolução Franceza, e que teve principio no dia em que as espadas dos dragões de Lambesq tiniram no dorso da multidão e o enthusiasmo de Camillo fallou ao coração do povo.

Vinha de longe a necessidade duma reorganisação social.

As communas, os pésnúa, a Jacqueria e a Fronda mostraram que o povo sabia luctar; Luthero demonstrou a fraqueza do poder papal, a sua vulnerabilidade; Voltaire estragou a arvore da religião; a Encyclopedia derramou luz nas trevas de então; a independencia da America incutiu enthusiasmo á mocidade; e o vulcão eruptou, dejectando torrentes de sangue, homens titanicos, monstruosos, monstros e genios.

Romperam-se as hostilidades da parte do povo e do rei.

Reuniram se os Estados Geraes, para que Mirabeau desrespeitasse a autoridade real, atirando á face livida do marquez de Deux Brezé a phrase formidavel:

—Aqui estamos pela vontade do povo e só sairemos na ponta das bayonetas!

O regimento de Flandres recebeu um banquete em Versailles para que nelle Maria Antonietta pisasse aos pés o laço tricolor e mandasse que os soldados usassem nos chapéus o laço preto dos imperadores de Vienna.

Maria Antonietta era orgulhosa e cheia de rancor; era, emfim, austriaca, dessa raça de Habsburgo-Lorena, cuja mais celebre mulher, sua mãe, era assim denominada pelos magyares:

—Nosso rei—Maria Thereza.

Luiz 16 era um pascacio, um comilão.

Resistencia, portanto, nenhuma encontrou a grande revolução que derrubou o throno, o altar, deus, os costumes, os habitos, as modas, e até mudou o nome das côres e dos baralhos: azul de rei se chamava azul de tyranno.

Invadiram, então, as nações européas o territorio francez; mas a resposta levou tempo a escrever-se: Valmy, Jemmapes, dez de agosto, dois de setembro a decapitação do rei e da rainha, e quatorze exercitos que Carnot mandou para as fronteiras, derretendo as estatuas e os sinos para fazer canhões, foram as palavras dessa phrase cyclopica.

Os homens do passado todos sumiram-se ante o clarão das novas idéas: Brunswick, militar de fama, ficou reduzido a um general derrotado; Melas e Alvineczi, guerreiros austriacos, soffreram sempre revezes; e Pitt não passou dum intrigante infame.

Do vulcão surdiram tintureiros e creados de servir, estudantes e carniceiros, caixeiros e alfaiates, que foram generaes como Massena, Lannes, Hoche, Championnet e Jourdan, conventionáes como Valazé, Verguizud, Robespierre, Danton e Marat.

A Convenção Nacional foi o sol que brilhou sobre o mundo do píaculo da gloria. O directorio começou-lhe a decadencia.

Em 18 de brumario Napoleão, o Bonaparte de Toulon, fructo gigante dessa mãe robusta, deu-lhe golpe mortal; em 4 de dezembro de 1804 ultimou-a.

Era finda emfim a monstruosa revolução que durou de 1789 a 1804, luctando incessantemente, a escorrer em sangue, roida por um cancro,—a Vendéa, abraçada com um polvo,—a Europa.

Napoleão tinha de matal-a para atirar-lhe os principios atravéz o mundo.

E assim terminou, emfim, essa revolução titanica, a maior que já houve no mundo, e que foi grande até mesmo no crime.

Honra, portanto, hoje que é o anniversario de seu inicio, aos infelizes operarios de Paríz, que de espingarda em punho, brigaram heroicamente, com os suissos barbudos, nas pedras da alcaçova da negra e lugubre Bastilha!

JOÃO DO NORTE.

1062 16-Julho-1909

FOLHETIM (3)

Original para o JORNAL DO CEARA'

NOVELLA SERTANEJA

"O João Ferreira"

por

Gustavo Barroso

III

João Ferreira era «morador» do coronel F., isto é, habitava nas terras da sua fazenda chamada S. Miguel, terras que se extendiam por três leguas, a contar da raiz da serra dos Francos para a margem do Riacho do Sangue.

Occupava, com sua mãe, seu irmão e uma irmã, pequena casa de «taipa» e telhas, á margem do riacho do Bom-gordo.

Durante a semana trabalhava nas «limpas» e «brocas» dos «roçados», nas cacimbas de gado e nas «empreitadas» de cerca.

Aos domingos intervava-se no mato, serra acima, e nunca era de volta ao rancho sem trazer cheia a bolsa de couro de «maracajá». Era caçador emerito, atirador afamado; sabia até de «mandingas», diziam.

Não havia caça que lhe escapasse: nem os «carões» sempre alerta no barranco dos açudes, nem os «jacús» espantadiços, de madrugada, no recesso da «catinga», nem mesmo os «garapús» e «capoeiros» na «cama», ou na «bebida». De «mocós» trazia «rodas», pois paciencia tinha para esperar que puzessem o focinho fóra da «toca» e arma sabia para os atrahir.

Quasi a mesma vida era a do irmão.

A irmã, Luiza, Luizinha, como a chamavam, era uma «mulata» de olhos vivos, bem feita, bonita, com requebros no andar, que faziam andar a roda a cabeça da rapaziada dos arredores.

Muitos já a haviam pedido em casamento, mas a todos recusara a doçura dum sim.

Até mesmo, com grande pasmo de todos, fora recusado o Xico da Miquelina, filho de rica viuva, que, possuia bastas terras, gados, «animaes» e muita «criação».

Chagas, o filho do coronel, era dos que faziam a côrte aos negros olhos da mulata.

Não havia novena em que ella cantasse, «samba» ao qual fosse, que elle lá não estivesse, apertando-a de encontro ao peito no rodopiar da valsa, atirando-lhe olhares no sapatear do «baião» ou do «xerem», agradando aos «cantadores» para que a «louvassem».

Quando sahia a passeio, ou quando andava na caça, era ponto obrigado,

para o descanço do sol ardente de meio-dia, a casa da Luizinha, onde ella era sempre só no «copiar» trocando os bilros na almofada, estando os irmãos no mourejar do trabalho e a velha, sua mãe, a dormir a sesta na rêde da alcova.

Meia hora de palestra, uma chicara de café, que ella lhe servia, eram para elle o preço das correrias que déra, agachado pelo leito sêcco do rio, atraz dum «barrão» espantadiço na vargem a espreitando um gavião vermelho, um carcará; da ardencia estival do sol que supportára, da fazenda até o rancho, pelas «veredas» em fóra; do tempo que passára sem a ver, ferroando-lhe a carne desejos imperiosos de possui-la, que os jejuns a que o obrigavam as dificuldades amorosas da vida sertaneja mais e mais acendravam.

Já o povo éu rosnava áquelle respeito, falava daquellas visitas, daquellas palestras demoradas, attentava mesmo a fama de que gosava o Chagas em negocios de amôr.

E desde o dia em que o Conrado Patuca encontrara os dous a conversar, na entrada da varjota do Fonseca, ella, com o pote dagua descançado no chão, e elle, curvado sobre o pescoço do cavallo, as mãos enlaçadas nas della, em outra cousa não se fallava na ribeira toda.

Aquelle povo que nunca perdia um incidente, que não esquecia uma particularidade de facto algum, que sabia quantas rapaduras o coronel comprava por semana e quantos kilos de carne aos sabbados, e quantos ovos o João Socó apanhava por dia no xiqueiro das gallinhas, deu a tréla e em nada mais fallou, a não ser o namôro «desavergonhado» do Chagas e da Luiza.

Ao João Ferreira não passou despercebido o que se rosnava algures, os modos e a assiduidade do filho do fazendeiro.

Conhecendo os precedentes do rapaz, prevendo as consequencias, apprehensivo, um dia ao voltarem ambos duma «broca» que acabavam de fazer no serrote do Bóde, nas terras do Xico da Miguelina, disse para o irmão o que havia e mostrou-lhe a ingente novidade de vigiar a irmã, de modo efficaz, até de todo afastar pela impossibilidade o galanteador, já que doutro modo não podiam fazer, vista a sua posição.

E combinaram entre si o que haviam de fazer.

Desde então nunca mais sahiram os dois para o serviço; sempre em casa ficava um, embora que ahi trabalhasse, tecendo esteiras de «junco», ou lavrando paús para «porteiras», «virgens» para prensas.

Baldados foram, porém, os seus empenhos.

Dentro em poucos dias começou a Luiza a queixar-se, a sentir incommodos.

Passaram-se mezes e cada vêz mais ella ficava pallida e adoentada.

Emfim um dia se viu obrigada a tudo confessar, rorejada de lagrimas, estertorada de soluços:

—Elle lhe promettera casar, numa alluvião de pedidos, de protestos ardentes, de juras vehementes... Não se podéra esquivar. Falleceram-lhe as forças para tanto...

Amava-o emfim.

Soluçara essas desculpas aos pés de sua velha mãe, sob o olhar do irmão afogueado de raiva, scintillante de indignação.

A velha era cardiaca de ha muito, o chóque matou-a.

O João recalcou no intimo do peito todas as suas dôres e dirigiu-se, dias depois, á fazenda do coronel.

O coronel era um matutto boçal, ignorante, arrogando-se preconceitos e honrarias na sua qualidade de chefe politico, do ricaço, cheio de prata, rodeado de «cangaceiros».

(Continúa)

Chronicas e historiêtas

O Joaquim Guimarães vivia de plantar mandioca e desmanchar farinha, lá p'ra lagôa Redonda, no municipio depauperado de decadente e velha Mecejana.

Exhausto de trabalhar sem proveito, cançado de luctar contra a agrura das seccas, foi para o Amazonas, a cata de melhores lucros,

Além de ser impellido pela necessidade urgente de procurar fora do seu caro torrão vida mais facil, era cearense e, portanto, tinha a predestinação da raça,—havia de ser emigrante.

A's objecções de sua velha mãe que lhe supplicava que esperasse simplesmente respondera, resignado e calmo, indifferente e fatalista:

—Os paús de fazer espera já a secca matou. Quanto ao negocio de morrer, se morre em toda parte; e mais vale morrer de barriga cheia do que viver com ella vasia.

E foi.

Passados annos voltou.

Fôra feliz. Ganhára dinheiro.

Gozava saúde; voltava robusto e forte como havia ido.

Foi para a Lagôa Redonda abraçar a mãe e lá, dias depois, comprou ao Zé Facão uma posse de terra.

Trouxera uns centos de mil reis e impafia muita, que a ignorancia augmentava, pois nem ao menos lêr sabia.

Ia aos domingos á missa na matriz da villa, fazendo chegar agua no bico aos roceiros invejosos.

Trajava de cheviote azul, chapéo de palha trançada, imitando a do Chile, que um especulador lhe vendera, em Manáos, por cento e vinte bagos.

Do collete pendia-lhe grossa cadeia de prata, com um sol boliviano encastoado, todo galvaniado a ouro.

Os dedos grossos e rudes eram cobertos de pesados e largos aneis de prata e de plaquê, segurando das cravações vidros azues, encarnados, amarellos e verdes.

Na missa ajoelhava junto a uma columna, numa das naves lateraes com as mãos cruzadas sobre o cabo do guarda-sol os dedos encarçados de joias falsas, a cabeça erguida orgulhoso, sem ao menos olhar para as cabeças, que o bispavam de esguêlha.

Os roceiros escutavam-lhe as conversas, onde narrava grandezas incalculaveis, mentindo descaradamente.

Só se falava, nos arredores, na riqueza que trouxera o Guimarães; muitos a calculavam em quarenta contos.

—Só os aneis!... diziam.

A rapaziada da villa, costumeira a lidar com gente da capital, sabida e desembaraçada troçava do Joaquim, ridiculisava-o, contava anedoctas em seu nome, pregava-lhe peças.

Durante a missa o Joaquim matava o tempo a puxar o relogio, olhal-o, sopezal-o a vista de todos, na palma da mão e guardal-o, após, no bolso do collete.

O relogio era um tacho, uma cebola monstruosa, de plaquê ordinario, envolta nas malhas duma bolsa de seda com borlas.

Nunca lhe dera corda: não sabia ler as horas.

A rapazeada sabia disso; e um domingo, na missa, quando o Guimarães puxa o tacho, dous ou tres se approximam delle e perguntam sardonicamente:

—Quimquim, que horas são?

O Joaquim guardou a cebola no bolso e, voltando-se para um dos rapazes, franzindo a testa, arrebitando o nariz meio achatado, aborrecido, respondeu:

—Tem inveja ... Beba agua!..

JOÃO DO NORTE.

1064

21-julho-1909

Pergunta innocente

Seu Targino, vossê é mettido a namorado?

Pergunta innocente

Seu Targino, porque vossê anda sempre com uma flôr no peito?

1063
19-Julho-1909

Ora, seu Jovenço

Em uma roda, ha dias, o Jovenço externou a seguinte opinião, si é que elle póde ter isso :

—A opposição do Ceará não tem o menor criterio, pois entrega uma secção do seu jornal a um individuo como o João do Norte. Macaco não olha p'ra seu rabo (d'elle).

Sem criterio é o «conferenceiro» réles que cantarola enfadonhamente louvôres á egrejinha branca do Curú, no mais puro «cassange» conhecido e, tendo sido opposicionista, é hoje professor de mathematica, no Lyceu, sem saber as quatro operações.

Criterio não tem quem numa manifestação publica a um procere da nação pede a palavra para vomitar necedades, ouvindo chufas até dos «molhados».

Criterio não tem o poeta «fobó» que publica na revista «Fortaleza» nº 11 um soneto sobre o titulo —Noite hiemal e ante hontem o reeditou n'*A Rpueblica*, com a epigraphe—Metamorphose, julgando, assim, enganar aos outros e fazer-se passar por intelligencia productora e poeta de «talento»...

Esse systhema é conhecido: mas que o Jovenço da «Manifestação» fosse tão bêsta é que não sabia.

Ora, seu Jovenço!...

Vae corrigir a porcaria que, com pretenções a soneto, publicaste n'*A Jangada*, e, sabes que mais, antes que me esqueça:

—Vae catar pestanas no olho da rua!...

ZE' ABYSMO

Consulado da China

De ordem do snr. mandarim-consul faço publico, para conhecimento do côrpo diplomatico d'esta côrte, que é a seguinte a lista do pessoal do supradito consulado, de accordo com a ultima ordem emanada do Filho do céo: Consul-Gust. B.; secretario de 1ª classe — Eucl. Ayr.; ammanuense da legação—Antº B. Sob.; addidos—Raym. B. Cela e Fr. Evang.; outrosim que foi recebida uma missiva do addido, ora no Maranhão, na qual apresenta seus respeitos a todos os diplomatas presentes n'esta imperial côrte da Pavuna.

1064
21-JULHO-1909

Chronicas e historiêtas

Mostre-me um d'Assas neste tempo! Onde estão os cavalleiros de Fontenoy que saudavam antes de matar e os combatentes de meias de seda do assedio de Lerida e as famosas jornadas militares em que os penachos passavam como meteoros? Mostre me um novo senhor de Bacqueville morto na batalha, envolto nas dobras da *auflamma*, dizia, com as mãos na cava do collete, o olhar claro e calmo, ao commandante Gauvain o marquez de Lantenac, no calabouço do Tourgue, mostrando-lhe a pequenez dos homens da epocha e a grandeza dos avoengos.

Em relação ao momento actual de nosso paiz podemos paraphrasear o personagem de Victor Hugo; e assim diremos:

Mostrem me um Osorio, um Caxias, um *Moringue* neste tempo! Onde estão os velhos estadistas, que tão bem curavam dos negocios da republica, e os bravos que o machado paraguayo mutilou no convés da Parnahyba? Onde se encontrará um Marcilio Dias p'ra se fazer espicaçar, defendendo a bandeira desta Republica como defendeu a do Imperio.

Mostrem-me um Bento Gonçalves combatendo dez annos por um ideal gigante, um Porto-Alegre, em grande gala, evitado pelos peleuros, passando como um meteóro pela frente dos batalhões!...

A differença entre as duas epochas de nossa historia é grande: e isso assim é porque a moralidade baqueou, reduzindo a lei a um farrapo, o direito a uma ficção.

Não temos mais homens publicos que sejam limpos e curem da Republica honradamente; salvam-se raros, e esses raros é que dão ainda algumas esperanças á nação estiolada.

Quando reinava o velho Pedro II a moralidade das cousas publicas ia até os concursos de qualquer natureza que fossem: por essa razão sabem todos que Rebouças foi escolhido lente e Benjamin Constant, tambem.

Hoje não é mais assim.

Farias Britto consegue o 1º lugar, Euclydes da Cunha o 2º. O escolhido é Euclydes da Cunha, que embora seja homem de raro talento e erudição, não se assemelha a Farias Britto, especialmente em Logica, ou Philosophia; mas Euclydes è bafejado pelo officialismo e Farias Britto, não...

Até nestas mesquinhezas o Brasil se apouca.

Aos homens de hoje só nos competo dizer, como disse Hugo:

Andem! Andem! Sejam homens novos. Tornem-se pequenos!

JOÃO DO NORTE.

1065
23-Julho-1909

FOLHETIM (4)

(Original para o JORNAL DO CEARA')

NOVELLA SERTANEJA

"O João Ferreira"

por

Gustavo Barroso

Valêram-lhe aquella posição as actas que falsificara nas eleições para agradar ao governo, os telegrammas bajulatorios que passava para a capital, aos senhores da terra, por qualquer pretexto futil.

Tinha sempre uma duzia de «cangaceiros», armados até os dentes, com os quaes roubava as fazendas dos inimigos, salteava povoações, incendiava aldeias, depunha chefêtes de sua laia, tudo isso com solenne approvação da «governança» do Estado que o apoiava sempre que podia: era emfim, como diz o sertanejo,—um homem «levado do capêta».

Surras mandava-as dar nos desprotegidos por dá cá aquella palha; assassinatos, fazia-os sem conta á sombra da LEI e da politica.

Dahi o seu orgulho, a sua impafia de ignorantão chapado, de tyrannête brutal.

O João encontrou o coronel no alpendre, passeando, as mãos nos bolsos das pantalonas, o cachimbo na bocca, a desprender baforadas. Frente a frente com elle expôz-lhe todo o caso, allegou suas razões e terminou exigindo, calmo e energico, o casamento, como a unica solução áquelle negocio.

O fazendeiro gargalhou ironicamente e estrugio:

Grandississimo «cabra»! Que desafôro! Estão vosmê pensa que o meu filho casará com essa «deslambida? Qual o quê!...Vá pentear cágados, vá bater noutra porta e não se faça de caixas encouradas. Ora, quando eu digo!...Si á tua irmã não acontecesse isso com elle, acontecia com

1066
26-Julho-1909

principios da democracia aos quatro cantos do continente.

Combateram com Massena em Zarich, com Dssaix em Morengo, com Lasalle nos plainos da Hungria e com o Imperador em Montmirail.

Entraram em Roma, no Cairo, em Berlim, em Vienna, em Saragoça, em Madrid, em Lisbôa, em Moscow e foram expulsos da França.

Brune foi assassinado em Avignon; era o segundo marechal da lista. Ney foi fusilado em Paris. Labedoyère tambem o foi.

A epocha era de corrupção.

Succedera a um homem gigantesco, forte, militar, despotico, heróe e genio, um velho gordo, covarde, degenerado, hypocrita, bandido, irreluto, irmão dum rei, cuja cabeça a guilhotina ceifeou e que a historia, na serie dos Luizes, chama 16 e diz que era Bourbon e que comia muito.

A' nobreza da guerra, aos toneleiros—marechaes e palafreneiros que manobravam trinta mil homens como se manobra uma companhia; aos generaes que não sabiam lêr, mas que sabiam morrer e derrotar; ás duquezas—lavadeiras; a tudo isto succedeu a nobreza degenerada de pergaminhos amarellecidos pelo sujo das infamias, avermelhados pelo sangue do cadafalso, molle e doentia, composta de officiaes de salão, duques de mesa de jogo, condes de espinhaço curvo e fidalgas adulteras, casadas com fidalgos de *frontes inspiradas*.

E para que toda essa canalha enchesse o bandulho, satisfizesse odios, vingasse o escarro sanguineo que a Resolução atirara ao manto já esfarrapado da realeza—o bravo dos bravos morreu, com seis balas no peito, na esquina do muro do Observatorio, marechães infames presidiram ao julgamento de antigos collegas, o visconde de Chateaubriand votou a morte do rei, os heróes do Imperio foram licenciados, expulsos, vigiados e apunhalados.

Fez-se o congresso de Vienna.

A Europa teve paz. Os Bourbons governaram a França.

A Inglaterra deu leis ao mundo.

Dilapidaram-se os cofres publicos emfavor dos realistas; negou-se uma migalha aos mutilados de 1812 e 1815.

Deram-se postos a fidalgotes de buço louro e arrancaram-se os galões dos velhos granadeiros de Reggio, de Mondovi e da Favorita.

Vestiram bellos uniformes os militares da epocha e usaram velhas roupas civis aquelles soldados que, com as fardas ainda sujas da poeira dos campos do Borghetto, formaram em parada no pateo das Tulherias.

O Imperador era quem os protegia; este morrêra: agora eram sós e tristes, só lhes restava esperar a morte.

Luiz XVIII já era tão enlamiado que esses pingos dos maleficios de então nem ao menos se destacaram sobre a crosta grossa que já tinha ...

Mas, emquanto no dia 24 de Julho a sua mão papuda e tranca tremia ao assignar a lista, na prôa do "Bellerophon" as ondas vinham quebrar com um som cavo, levantando espuma até os patanazes, lá nos gurupés, onde um vulto firme contemplava o mar, com um olhar de aguia.

Esse vulto era o primeiro Napoleão, o homem gigantesco e tenebroso, mixto de ferocidade e brandura, de vicios e virtudes, de crimes e grandezas, ambicioso, neurasthenico, doente, e que chegou onde jamais um soldado chegará.

JOÃO DO NORTE.

Pelo Lyceu

O que se vai lêr não é anedocta nem conto da carochinha; é verdade e prova a desmoralização de nossa *decantada* instrucção publica.

Vejam lá:

Ha dias, no Lyceu, um tal Juvencio, que foi nomeado prafessor substituto da cadeira de Arithmetica e algebra, chamou á pedra um estudante e mandou que este ahi demonstrasse um certo theorema.

O meuino desenvolveu o theorema e quando chegou ao classico C. Q. D. disse maliciosamente ao professor:

— Seu Juvencio, o snr. se esqueceu de ennunciar a these.

O Juvencio conchegou os oculos ao carão trigueiro e sabem o que respondeu?...

—A these, menino?...A these eu dou na aula seguinte.

E sabe ou não sabe a mathematica do padre Coruja o *seu* Jovenço?

Pergunta inocente

Seu Targino, p'ra que vossê queria aquelle corte de vestido?

Antonio Figueredo

Está nesta capital, a passeio, o nosso devotado e distincto correligionario Antonio Figueredo, agricultor em Guaramiranga.

O «Jornal» cumprimenta ao destemido amigo.

1021-6-Agosto-1909

Conferencia

Sob o suggestivo thema—Exploração do Ceará,—realizou sabbado ultimo, no salão de honra da "Phenix Caixeiral" uma bella conferencia, que se prende à serie instituida pela benemerita sociedade, o nosso talentoso companheiro de lutas Gustavo Barroso.

A convite, a sessão foi presidida pelo nosso illustrado amigo, dr Theodorico da Costa.

Agradecendo á benemerita «Phenix Caixeiral» a fineza do convite que nos enviou, aqui exaramos a nossa impressão.

* * *

Antes de entrar no ponto capital de sua conferencia, disse o orador apparecer na tribuna, não para falar do «amor», do «leque», da «tuberculose» do «luar», do «grito da jandaia» do «céu azul», dos "verdes mares»; mas sim de um assumpto «arido como uma varzea do sertão calcinada pela secca» o Ceará, sob o ponto de vista historico, no dia consagrado officialmente á commemoração da primeira expedição aportada ás nossas plagas.

Discorreu ligeiramente sobre o grau de civilização de alguns principaes centros do continente Europeu.

Falou da febre de conquista da epoca: Colombo descobrindo o Novo Mundo; Vasco da Gama o caminho para as Indias e Alvaro Cabral o Brasil.

Descoberto o grande colôsso da America Meridional, impunha-se a exploração das diversas partes de sua extensissima zona.

A Espanha dominava; o Brasil se achava sob o seu dominio, em 1603.

Foi por esse tempo, em julho, que partiu da Parahyba a expedição de Pero Coelho de Souza, trazendo 200 indigenas e perto de setenta soldados, entre os quaes Martim Soares Moreno O Guerreiro Branco, que na epopéa de J. de Alencar foi amante de «Iracema, a vir-

gem dos labios de mel», que «nasceu, além, muito além daquella serra, que ainda azula no horizonte».

Falando da travessia da expedição, disse ter ella parado em um lugar que chamavam *Seará*.

Cái a ponto falar sobre a origem deste nome, e disse haver duas correntes: uma historica e outra poetica, seguida pelo immortal poeta de Iracema, que foi buscar a origem do Ceará no canto da jandaia.

Impugnando judiciosamente a corrente poetica, diz-se, com Theodoro Sampaio, Paulino Nogueira, Cunha Mendes e outros, adepto da corrente historica, baseado na tradicionalidade.

Accrescentou, porém, que nesse ponto falha até a tradição.

Há quem busque a origem do nome em *Sahara*, talvez porque a configuração primitiva do Ceará fizesse lembrar o gran de deserto da Africa.

Passou a tratar da exploração das costas, chegando a expedição á Ibiapaba que servira a Pero Coelho de scenario de lutas continuas com os francezes.

Pero Coelho, em luta renhida, tomou o reducto ao morubixaba, —Jarupary-assú; desalojou Irapuan, «o maior chefe da nação tabajara», e de victoria em victoria assenhoreou-se da Ibiapaba.

A sorte ainda lhe não sorria a realização de seus projectos; a terra lhe escondia as riquezas naturaes que tanto ambicionava.

Pero Coelho, embora ignorante, era homem emprehendedor, dotado de energia; desbravou impervias verêdas, percorreu accidentadas estradas, soffreu as asperezas do sol abrazador, travou lutas encarniçadas; mas não foi bem succedido em sua exploração na Ibiapaba.

Sua vida é uma iliada de martyrios.

O orador aqui fez um resumo: mostrou o procedimento de Pero Coêlho para com a sua guarnição já extenuada; seu abandono ao lado de sua consorte e filhos; sua partida pelo rio Jaguaribe. Pintou com naturalidade o quadro sombrio de seu percurso tristissimo, sob a acção desesperadôra da fome e da sêde. Foi nessa via dolorosa que lhe morrera o filho mais velho Em tão angustioso transe, Pero Coêlho achou resignação, vigor e fé no coração de sua esposa.

Antes de terminar disse:

«Coêlho comprou com a agrura de seu martyrio o direito incontestado de ter o nome entalhado no frontispicio de nossa historia. Acima de Coêlho, pela sua tempera de homem superior, está o fundadôr de nossa civilização, o iniciadôr da colonisação do Ceará, cearense, não de nascimento, mas de coração —Martim Soares Moreno, o legendario Martim, o amigo de Poty, que Iracema amou nos campos do Iguú e que, com Moacyr, o primeiro emigrante desta terra de emigrantes, abandonou a praia branca onde rolam as vagas verdes do Atlantico na jangada aventureira,— terrivel prophecia do destino duma raça infeliz, flagellada pela impiedade da Natureza e pela miseria dos homens.»

Fez habil peroração, onde enalteceu o papel do cearense nas cruzadas gloriosas da abolição, nas campanhas cruentas do Tuiuty, no Estero Bellaco e no Itororó; e sua valentia no desbravamento do Amazonas.

Eis em pallida synthese a conferencia do nosso distincto amigo que é incontestavelmente um bello talento, uma das mais promissôras esperanças da nova geração.

1073
11-Agosto-1909

Pergunta innocente

Seu Targino, que é que vossê andava fazendo hontem, ás 10 horas, por aquellas ruas prohibidas?...

1075
16-Agosto-1909

Ao chaleirista da "Gazúa"

Um *chaleirista*, que alinhava quatro linhas na «Gazúa», aproveitou-se dum simples engano de revisão numa nossa noticia, para dar-nos uma pretendida lição de historia, sciencia da qual se julga grande sabedôr,—novo Cantu, profundo como Plinio, chronista imparcial como Herodoto, synthetico como o grande capitão, que foi apunhalado na ágora parlamentar de Roma, ao pé da estatua magestosa de Pompeu, o soldado de Pharsalia.

O nosso engano foi o seguinte: ao em vez de Pio X, publicámos Leão X, engano facilimo de se dar numa noticia sem importancia, feita ás pressas.

Pois bem, aproveitando o ensejo, o *trouxa* publicou a succinta biographia desse papa da familia dos Medicis, que assignou a celebre concordata pela qual foi dado a Francisco de Angoulême e Valois o direito de fazer nomeações ecclesiasticas nos limites de seu reino, atirando-nos a sua pelle de burro. Essa biographia o *chaleirista* copiou algures, de qualquer diccionario encyclopedico, como já uma vez copiou *ipse litteris* o Mattoso Maia respondendo a alguns reparos que demos a honra de fazer sobre um bestialogico aranzel, que escrevinhou acerca da "Inconfidencia Mineira".

Pela segunda vez o honramos com uma lição de historia. Chamamos o quadrupede para que possa ser montado pelo nosso picador.

Lá vai, toupeira, já que fallaste de leve nas guerras do Milanez:

Si nos sobejasse tempo, iriamos mostrar-te a situação politica, economica, industrial, commercial, artistica, juridica, religiosa e moral da Italia ao tempo em que foram papas Julio II ou Juliano de La Rovére e João de Medicis ou Leão X; as luctas dos guelfos e gibelinos; as invasões dos sarracenos de Frederico II da Allemanha; o poderio maritimo de Veneza, que possuia quase todos os portos do Adriatico e do Jonico, desde Fiume até Cataro, até Candia e até a ilha de Escarpanto; quaes as pretenções dos imperadores da Germania, de Henrique IV, o mendigo de Liége, de Henrique V, de Othon e de Frederico II; qual o poderio e a riqueza dos Sforza, dos Visconti, dos Montefeltro e dos Medices.

Iriamos dizer-te porque modo Luiz XIII de França, o pae do povo, o rei «que não pingava as injurias feitas ao duque de Orleans» era neto de Valentina Visconti; quantas vezes elle, Carlos VIII e o prisioneiro de Pavia se assenhorearam do norte da Italia; quanto sangue e quanto dinheiro custaram essas guerras da Lombardia e do Milanez; como Gonçalo de Cordova, o grande capitão, desembarcou em Napoles, á frente de terços hespanhoes, como Pescaire cercou Genova e d'Harcourt assediou Milão; quaes os direitos que á casa de França, sobre o Milanez, advinham da de Anjou, que governára a Sicilia.

Emfim far-te-iamos saber quanto custou a Maximiliano Sforza cada alabarda ferrugenta dum soldado da Helvecia, cada lança pontuda dum estradiota da Dalmacia; qual a parte que os papas tomaram nessas campanhas da Italia; a que ficaram reduzidas

as anarchicas republicas aristocraticas e os ducados minusculos de Italia; de que modo do Leão X protegeu as artes e as lêtras; qual a preponderancia de Raphael e Miguel Angelo no Vaticano; e como nasceu sob o pontificado de Leão X o schisma de Luthero, punhalada formidavelmente vibrada no seio então robusto do poder religioso,—unico que até hoje foi verdadeiramente constituido.

Mais, muito mais te poderiamos dizer, si em historia não fosses asno e meio; por isto basta o que já dissemos.

Agora, si quizeres mais alguma lição, sellaste e vem, que o nosso picador está a espera de espóras e rebenque.... historiador de diccionarios encyclopedicos, critico de erros typographicos!

Malandros da politicagem tu nos chamaste, quando és um simples capacho, uma réles escarradeira, um sapo, emfim.

Sapo! chama, reune os biltres da tua estofa e o teu propio chefe jornalistico e salta na arena da historia que verás de quantos paus se faz uma cangalha.

Pergunta innocente

Seu Targino, aquella que chorava embarcou?

1077

20-Agosto-1909

Ao chaleirista da "Gazúa"

Nitriu o chaleirista da «Gazúa», esporeado e entalado, como o confessou, affectando calma, que não possúe, procurando fazer espirito, o que a sua mesquinheza intellectual nunca permittiu.

Maldisse a sua bisbilhotice

Bisbilhoteiro, em verdade dizem, é, e muito; por isso tem levado tundas de arrancar couro e cabello. Vae mexer no que não é de sua conta e sae-lhe o anno bissexto.

Em historia reconheceu sua insignificancia: nunca mais tugiu: e nem ao menos se defendeu de haver mal traduzido a biographia de Urbano VI, inimigo de Clemente VII, esse prisioneiro do condestavel de Bourbon, que luctou com os mais poderosos soberanos da Europa e que provocou o anglicanismo.

Em portuguez... moita!

E' verdade que nunca se viu cavallo saber historia ou grammatica. Si é bom de redea mettem-lhe estrada ou baralha e nada mais.

Acertaste em dizer que buliste numa caixa de maribondos Vae coçando as ferroadas, embora não tenham conseguido chamar a côr do sangue ás tuas faces torpes de farçante e histrião!

Não amedrontamos esbrugar-te, nem esfanicar-te. Poderemos porventura, esfanicar o que já é materia decomposta? Poderemos reduzir-te á mais vil cousa, que habitante desse alcouce, desse bordel, que, na porta, tem uma tabuleta com o nome dum jornal?

Entupigaitamos-te e duvidamos que venhas á imprensa discutir um ponto sério, sobre qualquer ramo do conhecimento humano: falleceu-te a competencia; de lama e lôdo são feitas as circumvoluções de teu cerebro rudimentar e neile não se passam os mais simples phenomenos dessa lei, que os philosophos chamam—«da associação das idéas».

Obscuro não és, porque para seres obscuro era preciso que existisses, e não existes Minto Existes no dia em que depões numa urna de folha uma chapa de *caixão*... As almas de porco têm o direito de votar.

Homunculos não somos, pois não temos a tua estatura enfezada, torta; a tua caraça lombrosiana, a tua adiposidade incipiente, com as nádegas rolipas denunciando o teu apoucamento psychológico.

Aeropago, como escreveste, burro, nunca foi o magestoso tribunal, onde S. Paulo falou aos archontes e um advogado celebre arrancou brutalmente a tunica de Phryné. Areopago é o que é.

Mentes, dizendo que sonhaste.

O sonho, esse phenomeno, que atemorisou o homem primitivo e fel-o acreditar na alma, não póde ser experimentado por um protozoario de tua especie.

Queriam *comer-me vivo*! rinchaste apavorado, suando e *sentindo a dôr*.

Quase foste comido, hein, chaleirista?... Tem cuidado com esses sonhos!... Um dia pódes sonhar que foste tambem *descomido*!...

Sabiamos já que nunca lêste Platão, o divino sonhador grego; Aristóteles, o excelso mestre do grande Macedonio; Homero, o poeta cégo, que, corôado de myrthos, a lyra em punho, cantava pelas cidades hellenas os versos bronzeos da "Illiada" onde o ferro de Achilles faiscava e a voz de Agammenon estrugia chamando as phalanges ao combate; sabiamos já que nunca ouviste falar em Socrates, o philosopho que sabia que nada sabia, e que foi morto pela cicuta; em Heraclito e Demócrito; em Eschylo Aristophanes e Anaximandro; em Anaximenes e Sophocles, Thales, Phidias e Apelles; todos luminares da Grecia.

Nunca abriste Lucrecio, Cicero, Cesar, Ovidio, Virgilio, Horacio e Tito Livio, gigantes do Lacio.

Não conheces Petrarcha e Dante, Schakespeare e Milton.

Nunca ousaste abrir Herculano e Resende, Campos Junior e Latino, Eça e Ramalho.

Não sabes quem foi Hugo, Balzac, Gauthier, Flaubert e Maupassant, como desconheces por completo Taine e Haggard, Macaulay e Longfellow Os livros dos homens de bem não podem ser folheados pelos Sganarellos e Arlequins: rasgar-se-iam por si mesmos!

Não te descompozemos nem te descompomos: applicamos-te unicamente a nomenclatura devida aos factos de tua conducta.

A ti calha o verso de Juvenal, nas «Satyras»:

Et propter vitam vivendi perdere causas.

De pagar caro o que dizemos, não temos medo.

Sobre qualquer ponto (intellectual e moralmente fallando) reduzir-te emos á expressão mais simples. Si queres, é só pedir por bôcca.

Physicamente não te receiamos.

Na rua viramos-te o rosto com asco; e, por preço algum, sujariamos a nossa dextra no teu focinho.

Ainda calha-te aqui as expressões de Th. Ribeiro, no D. Jayme, com pequena alteração:

«Chama um creado de nossa cavallariça e joga com elle o chicote. E' digno de ti».

Hoje já te mettemos a espóra a valer. Basta!

Deves estar cançado e faminto.

Vae, então, para a mangedoira e come o pouco de farello historico, literario e scientifico, que bondosamente te offertamos.

Excusado é dizer que sempre terás eguaes rações.

Agora vae rinchar pr'a longe e faça-nos o favor de não sonhar de novo que foi *comido*. Cuidado!

Depois, pódes voltar, que a sella, as espóras, o rebenque e o freio estão no cabide ás tuas ordens... pedaço vil de materia desorganizada.

Pergunta innocente

Seu Targino, vossê ainda gosta de chupar canna?

Eu tambem quero!...

1078
23-Agosto-1909

Ao chaleirista da "Gazúa"

Doeram as rosêtas de nossas espóras no vazio do sendeiro gafeirento que escoucinha na «Gazúa». Doeram e doeram muito. Dahi a furia tigrina do onagro, mal disfarçada em uma pretenção a espirituoso, qualidade que o lôrpa pensa ter, si é que tal cœlenterio póde pensar.

Copiou exactamente tudo o que dissemos sobre historia e impingiu aos seus poucos leitôres, como cousa muito sua.

Além de bêsta, o tal enche linguiça gosta de lançar mão do alheio.

Achaste bonito, hein, alma de porco?

Aos homens dignos e sérios sempre respondemos com urbanidade e delicadeza; mas para ti, que não és homem, nem és digno e nem sério, temos o acicate da troça, o vergasto do ridiculo e a nomenclatura devida ás tuas *bôas* qualidades: aos cães se responde com a tréla e o chicote.

Prepara-te, que de hoje em diante, te guarneceremos pouco e pouco, em pequenas dóses de prósa, verso e caricatura, a fechada lêdenta de escrofuloso moral com o rebôco do ridiculo.

Dizemos-te com o Ogro da Craveiga a Fernando das Duas Sicilias:

—Não perdes por esperar.

Por hoje, e em conta, toma:

Rosnaste em fidalguia. Tens razão. E's fidalgo e nós não o somos, porque nunca possuimos na parentela um geographo tão eminente, um engenheiro tão celebre que se atrevesse a mudar o Tejo para junto de Paris; um guerreiro tão illustre que, a muque, obrigasse a Argentina a produzir tomates.

Nesse ponto tens razão, *tejano*. Vamos agora, cretino, ao teu conceito.

Gozas, em verdade, dum conceito pyramidal: és o primeiro homem do universo, (depois de Eva) em pegar, carinhosa e convencidamente no bico da chaleira.

Si és o *chaleirista*! O teu conceito na imprensa é o que já te dão na rua: escrofuloso moral, pelas tuas bajulações; cavallo de matuto, porque riscas e saes esquipando sob a espóra, e não sabes nem os primeiros passos da estrada, posto que o nosso picadôr tenha quebrado um par de espóras no teu vazio.

Não nos abaixamos a odiar-te, porque és peor do que uma ponta de charuto que um soldado de policia joga fóra.

E's aquelle objecto chamado do mesmo modo que celebre general de Waterloo.

Demos-te a importancia de destampar te e disso já nos arrependemos por causa do máo cheiro que exhalas.

Viéste muito zangado, quinta-feira ultima, porque sonhaste que eras comido. Ante-hontem escoucinhaste mais raivoso. Certamente sonhaste que eras *descomido*.

Triste e ironica sorte é a tua, alma de porco! Comam-te num dia e *descomem te* no outro. Safa! que sorte madrasta a do escrofuloso!

E' verdade que para quem tem o unico direito de votar, pago com um réles emprego, é muita honra ser comido e *descomido*.

A tua educação bem sabemos qual foi e qual é.

Foi contar combustões pelas ruas, sem que o inglês pagasse; depois, a taverna e o lupanar. Hoje resume se: é CHALEIRAR, alma de chicharro, CHALEIRAR.

Ha muito tempo que a tua dignidade fugiu espavorida, e que só ficou o tempo a murmurar-te ao ouvido lugubremente, como o corvo de Edgard Pöe.

Nunca mais!. Nunca mais...

E's torpe como Pasquino; infame como Sganarello; bêsta como Budião.

Tens o cynismo de Marforio e possues escrofulas na alma como D. João.

Quizeste fazer espirito com a figura veneravel do autor da "Iliada".

E's muito infeliz, palhaço!

Ironicamente falaste do conhecidissimo caso do Areopago, que não soubeste escrever. Sabe, gato pôdre, que essa cortezan grega, modelo da Venus de Praxiteles, escolptural e divina, foi absolvida pela impressão que sobre os hellenistas produziu sua belleza. Vê, animal, procura nos almanaques que folheias e nas revistas que plagias, o quadro do celebre Gerôme, hoje no museu de Louvre

Não absolveriam os juizes, nem que lá fosses nú, por causa das tuas nádegas roliças, que o teu andar solavanca, e que denunciam o teu apoucamento moral e psychologico. Mandar-te-iam para Sparta, onde a lei de Lycurgo era impiedosa para os degenerados.

Sabes o que és, *chaleirista*?

E's um daquelles sêres infimos da escala zoologica, que assimilam e desassimilam pelo mesmo orificio: és um cœlenterio.

Por falar em zoologia veio-nos á lembrança o que disse um *fidalgo* de tua raça, num baile, vendo uma joven com o peito ornado de flôres:

—V. Excia tem no peito um jardim zoologico.

Esse *fidalgo* usava teu nome:

—C. Sabes o que quer dizer esta letra?

C significa cavallo: é o que és. C exprime chaleira: vives della,—chaleira; és *chaleirista*. Com C se escreve cachorro: é tua alcunha.

Esse C te define como cão, chicharro, como cadello e como canalha. C é ponto terminal do apparelho digestivo: é o que és, sem mais nem menos.

As caricaturas não tardam!

Havemos de arrolhar te com as tuas proprias nequices e com o que mereces, asqueroso verme, mais immundo que uma prostituta da velha Babylonia.

A proposito, *illustre*, sabes como já te appellidam na cidade, por causa do teu sonho?

—Phryné de calças frouxas.

Respondemos agora, e bem, o producto final da tua afamada educação:

Não fomos pára, não; porém fomos á... á tua...

1081
30-AGOSTO-1909

Nicoláu I

Por sobre a vetusta e sagrada Moscow cahia a tristeza da tarde duma tarde de inverno, caliginosa, fria, fazendo tiritar as sentinellas, envoltas nos capotes, salpicadas de neve, as cartucheiras de metal á moda do Caucaso, cruzadas sobre o peito.

O Kremlim avultava o conjuncto grandioso, negro, lugubre, na pouca, claridade da tarde que morria; e nas cruzes slavas de dous braços ao contrario, culminando as torres bojudas da cathedral de Pedro e Paulo, os ultimos raios do sol vinham chispar fagúlhas de ouro.

Lá dentro, num salão soturno, embaciado, triste, emmoldurado pelas negras armaduras dos duques de Kiew e Wladimir,—selvagens avoengas dos Romanoff, ladeado de retratos, entres os quaes dardejava o olhar leonino a face pallida de Inwan o Terrivel, passeava o czar Nicolau I, autocrata da Santa-Russia, senhor da Polonia, da Siberia, dos Samoyêdas e das regiões hyperboreas, cofiando as ruivas suissas, cabisbaixo, raivoso, pisando com furia as taboas do pavimento.

Pelos cantos, ao pé das armaduras, nos vãos das janellas, alguns grão-duques e generaes da casa militar, sentados em commodas e antigas poltronas de espaldares de couro bordado, aprumavam os bustos elegantemente cingidos nos verdes uniformes, em receiosa espectativa, que se denunciava no olhar assustado que punham no vulto febril, impaciente do czar.

1086
11-Setembro-1905

43

Numa das portas, prussianamente perfilado, mantinha-se um correio, uniformisado a hungara, de botas e esporas o largo peito do dolman vermelho trançado de alamares, matizado de poeira e pingos de lama.

Trouxéra despachos que o imperador amarrotava nas mãos pallidas, tremulas e febris.

Um grão-duque ergueu-se da poltrona, na penumbra dum vão de janella, e,deixando brilhar a luz baça do salão a farda azul de almirante, constellada de agulhêtas e condecorações ganhas nas bancas de jogo, de Monte-Carlo e Banden-Baden, atreveu-se a perguntar, entre curioso e timido :

—Magestade, perdão á minha audacia ; mas o que noticiam da campanha que tanto vos faz soffrer?

A fronte do tyranno annuviou-se.

—Os russos batidos completamente ha quatro dias, em Inkermann, rosnou, arrastando a voz rouca e raivosa.

Fez ligeira pausa, bateu com o tacão da bota, enraivecido, no assoalho marchetado, e continuou :

—Ah ! esta maldita guerra da Criméa quanto nos tem custado !

Os dias da campanha contamos por derrotas...Inepto Mentchikoff, poderias ter esmagado o lôrpa de lord Raglan na passagem do Alma, e não o fizeste ! Não sei o que tem esse maniaco Napoleão III que ver com a insoluvel questão do Oriente ! Nada, bem se vê, mas quer lavar nas aguas do Baltico e do Azof os estandartes do « Ogre da Corsega », que Kutuzoff manchou de sangue na retirada do Berezina...

Que a ambiciosa Albion interviesse, vá lá, pois a rainha Victoria talvez almente o mesmo desejo que Catharina II legou á raça de Holstein ; porém com que fim surgem no antigo Kipchak os piemontezes de La Marmora? Foram escravos austriacos ; hoje o são francezes ; não perderam o costume.

E, porque, Santo Deus, os meus generaes não vencem, quando commandam artilheiros como os cossacos do Kouban, granadeiros pesados e frios como os soldados de Vologda, cavalheiros explendido como os cossacos de Nertchine, de Semiplatinsk e os dragões de Kremorskoi,atiradores, emfim como os siberianos e os habitantes quasi selvagens da Transbaikalia,—os melhores soldados do mundo?

Porque ? !

Corja de imbecis ! Bonecos de salão !

O czar fallava calma e compasadamente como que dirigindo-se a si mesmo. Fez uma ligeira pausa, encolheu os hombros e disse em tom mais alto, o rosto virado para os cortezãos :

—Mas, apezar de tudo, juro-o eu, a Russia mostrará ao mundo que ...

Um ruido sinistro, atterradôr como o rugido do oceano encapelado, o ular da ressaca no rochedo, o interrompeu .

Todas as faces empallideceram ; e o czar parou esgazeando as fulvas pupillas.

Um vento frio gelou a sala agitando funebremente os pesados reposteiros de damasco : as negras armaduras dos selvagens avoengos dos Romanoff estremeceram no alto dos pedestaes de marmore com um ruido oronzeo : e um brado de alarma, abafado por confuso tropel de cavallos veio morrer no salão.

Os generaes sahiram pressurosos, assombrados quasi ; tiniram bainhas de espadas ao longe, echoaram vozes de commando.

O imperador atirou ao chão os despachos amarrotados e murmurou em tom sumido como si a si mesmo interrogasse :

—O que será ?

Volveu os olhos pela vasta quadra: num canto alguns camaristas, ajudantes de campo, officiaes da guarda conversavam em voz baixa os olhos no soberano, hirtos, tremulos, pallidos, angustiados.

O czar chegou á uma janella e olhou o pateo interior. Estava deserto.

O ruido continuava, ora diminuindo ora augmentando de intensidade.

Na porta, prussianamente perfilado, o correio não pestanejava.

Decorreram minutos longos como seculos. Ouvia-se, quando o ruido mais se apagava o tictac nervoso dum relogio e o som de passos dum granadeiro que passeava na corredoura.

Tiniu uma espada de encontro aos degraós da escada e um official do regimento de Preobradjensky assomou á porta, lançou um ávido olhar pelo salão e grunhio :

—O general Kropanoff me parece que sahio.

Rapido, ancioso, o czar dirigio-se a elle e estacou inquirindo a voz rouca, celere, indagadora :

—O que procura, senhor ?

O militar perfilou a estatura, levou a mão em continencia á pala da mitra de cobre e, calmo, replicou :

—O governador do Kremlim, magestade.

—Não está, tornou o czar apressadamente, mas o que ha lá fóra, que rumor é aquelle? Falle, senhor !

—Nada, senhor, tranquillize-se.

E' o povo de Moscow, em massa, quasi revoltado, que uiva pedindo a cessação da guerra.

Paz, pão e justiça, dizem elles ; mas os cossacos do Terk e os lesghianos, do Caucaso estão a cavallo. Esperam somente ordens para varrer essa canalha a knut ou a panno de sabre. O general Palitzine mandou pôr de promptidão os dragões da Imperatriz e os Uhlanos da Guarda ; e os artilheiros do Krenlim estão de morrões accêsos. Não ha nada, senhor.

Gustavo Barroso

Nicoláu I

O czar subitamente voltou costas ao official, atirou o olhar tigrino ao grupo medroso dos cortezãos e relampeou, tomado de resolução :

Ajudantes de campo, o meu trotador branco de Orloff, ajaezado em grande gala, ao pé da escadaria dos Strelitz, já !

Ergueu um resposteiro, passou a outro aposento e sua voz veio ainda echoar pelo salão :

—Camaristas ! Camaristas !

***

Lá fóra, desde os muros crenulados do Kremlim até a ponte do Moskowa, a multidão ululava um gemido unico, queixoso e triste.

Por vezes brados de revolta echoavam. O oceano humano tumultuava então e vinha ondular a ultima vaga no cordão de bayonêtas das sentinellas.

Erguia-se um brado unisono do povo em lagrimas :

—Pae ! Pae ! Morremos de fome e de frio, emquanto nossos filhos succumbem aos golpes dos francezes em Bomarsund e Sebastopol ! Ouvi, pois, soberano da Moscovia, as nossas supplicas ; escutae o pranto das viuvas, dos orphãos e das mães !..Fazei a paz com os estrangeiros : vós podeis.

Pae ! dae-nos uma migalha de pão; attendei aos nossos mensageiros ; não podemos pagar novos impostos ; o mujik já não tem pão, o operario não tem mais trabalho.

Pae ! tende piedade dos nossos, dos vossos filhos : Vossos funccionarios nos roubam, vossos soldados nos espaldeiram !...

De pé, á frente da arraia-miúda, alguns popes com strynges escuras e operarios de melhor categoria sustinham, nas mãos alçadas, requerimentos e memoriaes amarrotados.

Duas ou três sotnias de cossacos e lesghianos, em linha de combate, contidos pela disciplina, anceavam o momento de dispersar a populaça a panno de sabre e a golpes de knut, como o dissera o official ao Imperador. Eram cães costumeiros a ladrar na porta do senhor.

***

De subito, soaram trombetas e clarins, rufaram tambôres, os granadeiros apresentaram armas, os lesghios curvararam as pontas reluzentes dos sabres e os cavalleiros selvagens do Terk perfilaram a floresta das lanças.

Abrio-se de par em par o largo portão do velho solar dos descendentes de Rurik, e o vulto magestoso do czar appareceu.

Vinha só, a cavallo. Cingia a corôa imperial rutilante de gemmas ; empunhava o longo sceptro com a aguia bicephala cravejada de diamantes ; e o manto de purpura, franjado de arminhos, cahia-lhe das costas, tombando em largas pregas, sobre as ancas nevadas do branco corcel das steppes da Ukrania.

A multidão, ao vê-lo, tomada de assombro e de respeito descubriu-se. Do seu seio evolou-se um brado meio abafado, mil vezes repetido :

—O czar ! O czar !

Com a cabeça erguida, a despedir raios das fulvas pupillas, Nicoláo I dominou a massa popular, tómada de subito respeito e pavôr ante a magestade daquelle que sobre ella tinha illimitado poder, que nunca haviam contemplado de perto, cuja grandeza tinha seculos de altura, se encrustava nos normandos ferozes de Rurik, no vulto frio e monstruoso de Iwan IV, na bondade de Feiór, na fereza de Pedro Aleixowitch e nas paixões infames da sonhadóra sensual que havia sido Catharina II !

Profundo silencio pesou sobre a praça : ouvia-se unicamente o penoso arfar das bandeirolas nas lanças dos cossacos.

Por sobre o silencio da multidão echoou a voz rouca e raivosa do czar, fais-ante como o fuzilar dum raio :

—De joelhos, canalha ! De joelhos ante o vosso rei e senhor, ante o summo pontifice de vossa religião, ante o o vigario de Deus !

Instinctivamente, assombrado, o povo curvou a cerviz e ajoelhou pouco e pouco, vagarosamente, como um converso perante o milagre. Os mais exaltados ainda erguiam a cabaça esgazeando as ávidas pupilas.

A figura imponente do czar dominava a scena ; até os cossacos baixavam as cabeças coifadas de pelludos bonés brancos ; os granadeiros perfilados semelhavam estatuas.

E, por sobre a multidão ajoelhada e muda, destacando-se como uma massa escura no pallido reflexo do sol que se sumia, trovejou, de novo, a voz rouca e imperiosa do despota :

—De joelhos, canalha !

O povo baixou mais a cabeça, e o czar, virando redeas ao cavallo, recolheu ao Kremlim.

***

Parado a sombra duma parede um homem; unica excepção do povoléo não se havia ajoelhado.

Era um rapaz moço, louro, garboso.

Vestia simplesmente ; cingia-lhe a larga e alta fronte um boné de estudante. Teve nos labios um riso de despreso profundo quando a multidão ajoelhou ; e quando o czar entrava no Kremlim, avançou até o centro da praça que o povo evacuava, estendeu o punho fechado para os cossacos e explodio, todo indignação e desafio :

—Morra o tyranno !

Um official sacou a pistola do coldre, estendeu o braço e fez fogo.

O estudante cahio de costas, a cabeça despedaçada.

A sotnia de cossacos deu meia volta e entrou na fortaleza.

O ultimo raio do sol poente, filtrando-se por entre as torres do Kremlim, veio, então, oscular a fronte lisa, alta, larga do estudante tombado de costas sobre o gelo na margem do Moskowa, emmoldurado numa aureola de sangue.

E os cossacos, lá dentro do castello, bradaram ao pé da escadaria :

Viva o Czar !

Fort -MCMVIII FIM.

Gustavo Barroso

1087
13-Setembro-1909

Xaropes

Na antiga Roma fallava-se e escrevia-se livremente, sem que augures e pretores se incommodassem com isso.

No proprio theatro se cantava : *Post mortem nihil est, ipsaque mors nihil.*

O governo não prohibia o atheismo como tambem não prohibia que se consultassem as entranhas dos frangos sagrados.

Na idade média, as fogueiras inquisitoriaes e o guante ferreo do ladrão feudal estrangularam a expansão do pensamento. Então, cercado por todos os lados elle escapuliu-se pela janella ogival da architectura gothica. E assim, produziu a immensidade de cathedraes magestosos, que ornam a maior parte das cidades européas, construidas por poderosas communidades de pedreiros livres, sociedades fortes pelo saber e segredo, no limiar das quaes a garra adunca do jesuita, perseguidor de hereges e a manopla de aço do quadrilheiro de Philipe o Bello, assassino de templarios, recuavam com respeito e pavor.

Nos arcos, nos frisos dos entablamentos, nas portas, nos capiteis, nas cimalhas, nas gárgulas desses monumentos, o cinzel do artista entalhou caricaturas, esculpiu satyras, gravou motejos, escreveu sarcasmos contra o poder papal, a hypocrisia fradesca e os costumes da epoca : — ironia de granito que comprehendem e admiram os que sabem lêr esses livros de pedra.

Não havia imprensa, portanto não existiam jornaes ; não se podia manobrar a penna sobre o pergaminho, por temor á alabarda e á fogueira : gravava-se, então, na pedra, á sombra do poder, da sciencia das corporações e da ignorancia do rei sobre aquelle assumpto.

Hoje, em muitos paizes, em memoria do sangue que a guilhotina derramou, a liberdade de pensamento é quase uma verdade.

No Brasil (paiz quase civilisado) já se póde dizer alguma cousa, embora tenham vontade de cohibir essas expansões os augures e os pretores.

Apezar disso põe-se o coração ao longe e escreve-se, não na pedra como Guilherme de Paris, nem nas paredes do gabinete de alchimísta como Nicolau Flamel, mas sim sobre bom papel almasso portuguez e com penna de aço.

A excommunhão já não engorda, nem emmagrece ninninguem, como dizia Talleyrand ; e as sentenças dos pretores não tem a menor força moral.

Portanto fallemos e escrevamos ; riamos nos ás bochechas dos nescios ; façamos soar a campainha da ironia ás orelhas dos toupeiras.

E tu, leitor amigo, has de rir um riso são e puro, quando, despindo a farpella das citações historicas (não de diccionarios encyclopedicos) eu arrastar para a arena da critica sensata e cortante como o vento do Pólo, alguns desses bipedes sem rabo, que vegetam algures com a pretenção estulta de se julgarem homens.

Agora que já te expuz o meu desideratum, vou explicarte o titulo desta secção.

Sabes o que é um xarope ?

Certamente que sim ; mas, emfim, vou dizer-te :

Um xarope é uma bebida adocicada composta de mel e drogas, e nada mais.

Applicada a certos padres chama-se—Gibert ; aos outros homens conforme :

—Cambará ou Labasse, Silva Lima ou Gonzaga, Easton ou Deschien

O xarope é tão antigo quanto o mundo ; é historico ; teve amadores, teve apostolos e tem admiradores.

Sardanapalo bebia xarope de cerejas nas orgias de Babylonia ; Cleopatra refrescava-se com xaropes a bordo da sua aurea galeota, resvalando ao impulso de cincoenta remos sobre o azul triste do Nilo.

Xaropes de framboezas, de limões o de pistaches bebia-os Octavio Augusto nos terraços de Capréa, contemplando preguiçosamente o golfo de Parthenope e as velas brancas e longinquas dos barcos mercantes de Ostia, que se perdiam no azul do mar Thyrreno; bebeu-os Nero nos festins de Tigellinus, entre mulheres núas e escravos nubios carregados de vianda se amphoras gregas.

De xaropes era grande apreciador Frederico Barba-roxa, e por signal, que estava sempre com a barba melada: *si non é vero é bene trovato.*

Pedro o Grande e Carlos XII tomavam xaropes ; e este ultimo, na fuga para a Turquia, tomou até *paropadas.*

O xarope ás vezes é ironico : ri no seu frasco de christal da ignorancia da victima destinada ao veneno dos Borgias ; gargalha acidamente na orgia, ante os seios prostituidos.

Como vês o xarope é nobre ; tem arvore genealogica como a casa d'Austria, pergaminhos nobiliarchicos, como essa fa-

milia de Alba de Tormes Fitz James e Berwick, mistura do sangue dum assassino assalariado por Felippe II e dum bastardo da familia Stuart. Com xaropes enriquecem os boticarios; de xaropadas bajulatorias vivem os politiqueiros.

Mas não é por nada disto que appellidei esta secção.— Xaropes, nem, tambem, porque vais, leitor tomar, massantes *xaropadas*.

Não. E' porque tem tambem o direito de fabricar xaropes doces e acidos, amargos e deliciosos esse fabricante de xaropes escriptos que ha já bem tempo é teu intimo amigo.

JOÃO DO NORTE.

—o—

Cinema Rio Branco

Sabbado assistimos uma das sessões dessa nova e attrahente casa de diversões, propriedade dos sympathicos e gentis senhores, Muratori & Cª.

Magnifica foi nossa impressão, pois mais asseiado correcto e perfeito salão não ha, actualmente, em nossa capital,

As fitas exhibidas muito agradaram, destacando-se dentre ellas a artistica e esplendida projecção—«A torre de Nesle».

Torna-se uma agradavel distracção ir ao cinema «Rio Branco», porque não só os seus proprietarios cumulam o publico de gentilezas, como tambem se tem a satisfação de ouvir uma boa orchestra.

As tres sessões de hontem tiveram enchentes a cunho.

Muito agradou o seu novo e variado programma, especialmente—«Os caçadores de pelles».

Quinta-feira serão exhibidas novas e esplendidas fitas

Ao publico recommendamos o cinema «Rio Branco»

Tiro Cearense

Continúa animado o TIRO CEARENSE.

Hontem houve exercicio de evoluções, deixando de funcionar o tiro ao alvo.

Os distinctos associados mostraram-se satisfeitos e peritos no manejo d'arma, correspondendo assim os esforços dos seus dignos instructores.

Compareceram para mais de cincoenta moços e achavam-se divididos em duas turmas, uma commandada pelo Aspirante Tavora e a outra pelo 1º Tenente Collares Chaves.

—

Segundo ouvimos dizer o TIRO CEARENSE, será inaugurado no dia 15 de Novembro.

—

A linha de bond, em construcção, que vai ter a linha do Tiro está quase prompta.

—

Por iniciativa das gentis senhoritas Esther Gondim, Marciana Marques Porto e Dagmar Carneiro da Cunha, será offerecido pela familia Cearense, uma linda e rica bandeira ao TIRO CEARENSE, por occasião da sua inauguração.

1088
15-SETEMBRO-1909

Xaropes

Não é, nem nunca foi escrever sobre historia, rebuscar datas numa folhinha do anno e traduzir depois o que os diccionarios encyclopedicos dizem sobre ellas. Não. A historia tem necessidade de outros ramos de sciencias, que á ella se prendem directa ou indirectamente.

Para se falar ou se escrever sobre historia não basta folhear os livros didacticos, traduzir mal as noticias biographicas dos diccionarios e catar palavras, pouco usadas, nos lexicographos.

Precisa-se conhecer philosophia, para se autopsiarem as causas e as consequencias do facto; porque o seu simples conhecimento encarado de modo geral, ou com particularisações necessarias, sem um só conceito philosophico, bom ou máu, não constitue perfeito estudo.

Precisa-se ter uma opinião fundada sobre qualquer base philosophica; pois sem ella o espirito boiará, na investigação das causas e consequencias desnorteado.

Sem conhecimentos archeologicos, geographicos, linguisticos e ethnographicos, é impossivel o approximar da zona da historia.

As simples chronicas dos factos, sem um conceito geral a ornar-lhes as particularidades desenxabidas só podem agradar aos ineptos, só podem bastar aos imbecis.

O historiador necessita saber a que raça pertenceram os primeiros habitadores da Europa, si aos homens de craneo brachycephalico ou dolicocephalico, como as causas por que as aguas corroeram o antigo isthmo das columnas de Hercules.

Precisa conhecer os factos que presidiram á formação da terra, na hypothese de Laplace, como tambem a theoria de Davy sobre o calor central.

Deve saber qual a correlação que existe entre os braços toscos de uma forquilha da cabana dos Aryas e as volutas elegantes duma columna Ionica; qual a necessidade do lacrymal dum entablamento atheniense; quaes as embarcações em que os phenicios velejavam e os scandinavos vinham pilhar as margens do Sena, do Loire e do Escaida; o que representam as duas torres dum templo christão, e o que significa a linguagem escripta dos povos, desde a do homem quaternario, gravada nas placas do chifre das rennas, até os hieroglyphos egypcios dos *cartouches* reaes; até a dos assyrios em caractéres cuneiformes e até a dos chinezes, no seu symbolismo ingenuo, material e primitivo.

Deve ter lido o Ramayara, meditado sobre a Iliada e escismado sobre os tercetos da Divina Comedia.

Tem a obrigação de conhecer os periodos geologicos da formação da terra; de saber qual a lei que presidiu á evolução da tribu até o estado: de differençar o estado da nação; de discriminar quaes os factores das actividades sociaes e as instituições que produzem; de distinguir, emfim, as maçãs salientes dum Kairghiz do rosto oval dum circassiano, o nariz recurvado dum Onondaga das narinas achatadas dum Matabelês.

Precisa ter seiencia da situação da antiga Cimmeria, da velha Pannonia, da Propontida, como saber o que era um cataphractes de Marathona, uma phalange do Granico, uma legião de Pharsalia e de Alesia, um terço de Lerida, um regimento de Altenkirchen.

Dizer que Fulano nasceu no anno tal, que matou três pulgas e que morreu em tal tempo é fazer historia de Trancôso para meninos, ou asnatices para leitura de cretinos.

Equivale a preparar um xarope azêdo e repugnante e empurrá-lo pelo esophago dum freguez, pingando-o gota a gota na bôcca.

Para se falar ou se escrever sobre historia faz-se precisa grande somma de conhecimentos sem a qual só a falta de criterio conduz os lôrpas a escrevinhar os factos iscoteiros, que copiam algures.

Mas isto assim nunca foi nem será historia.

JOÃO DO NORTE.

Pergunta innocente

Seu Targino, vossê quer tomar "Saude da Mulher"?

E' bom, neguinho.

1089
17-Setembro-1909

Xaropes

O Manoel da tia Zéfa enriquecera a commerciar; era coronel da *Briosa*, commendadôr não sei de quê, mordomo da Santa Casa e irmão de S. Vicente; mas ficará sempre o Manoel da tia Zéfa, ignorantão, analphabeto.

Tinha uma chacara para os lados da Aldeiota,—seu unico passatempo nas horas de lazer, que a labuta diaria lhe concedia.

Della cuidava caprichosamente e em jarros, fructeiras, poços e cataventos gastava um dinheirão.

O Manoel da tia Zéfa tinha todos aquelles titulos e mais alguma cousa: tinha dinheiro, a móla do mundo; tinha dinheiro, portanto tinha, tambem, importancia; pois a importancia cresce na razão directa da bolsa.

Os presidentes do Estado e outras pessôas gradas iam á sua chacara, de quando em vêz, tomar um cafesinho, provar um vinhosinho de cajú, pedir uns cobrinhos emprestados...

O Manoel accumulava (nesse tempo não existia a maldita lei das accumulações) tambem essa funcção de banqueiro dos potentados, da qual bem poucos ricaços se esquivam.

Um dia foi fazer-lhe uma visita o presidente do Estado, o dr...(digo o quê!)

O ricaço mostrou-lhe a mulher, os pimpôlhos, os papagaios, a casa, o jardim e, emfim, o pomar.

O céu ameaçava chuva, estava cinzento, tetrico; dos morros do Cocó soprava um vento frio, impertinente.

Alguns pingos dagua cahiram, quando os dous passavam junto a uma jaqueira, bellissima arvore, possante, verde, pejada de grandes fructos de ouro.

O Manoel da tia Zéfa, embevecido com a belleza de suas fructeiras, rosnou para o dr., que, medroso da chuva, aconchegava á nuca a gola do paletó cinzento e abaixava as bordas do chapéu de massa molle sobre os olhos:

—Veja, *seu* dr.: isto é que é uma arvore bonita, uma arvore de mimo; isto é que é uma belleza!

E a primeira autoridade do Estado temendo o aguaceiro, investigando o firmamento, a cabeça alta, alheio ao pomar, grunhiu sem ouvi-lo:

—Oh! mas a atmosphera. está carregada! terrivelmente carregada!

E o Manoel, todo boquinhas para a sua amada fructeira, atalhou pressuroso, bajuladôr:

—E', *seu* dr., tem razão, está muito carregada mesmo; porém o snr. se admiraria mais ainda si a houvesse visto o anno passado. Nesse tempo, sim, tinha cada atmospherão deste tamanho!...

JOÃO DO NORTE.

Cinema Rio Branco

Tivemos hontem o prazer de assistir uma das sessões desse cinema, que foi muitissimo concorrida.

O programma foi o melhor possivel; constou das seguintes fitas:

« Carta a papai do céu », dramatica, commoventissima;

« Noite de nupcias », comica a valêr; «A noiva do low-boy», empolgante e dramatica vista de costumes dos vaqueiros americanos; « as atribulações dum prega-cartazes, comica, e o sensivel brasileiro. »

A empreza não exhibiu a « Tosca », visto como não chegou o vapor que a traz e que era esperado.

Domingo haverá novo e variadissimo progamma, para o qual desde já chamamos a attenção do publico.

Amanhã será levada a "Tosca" com magnifica orchestra, dando-lhe explendidos effeitos scenicos o «aparelho combinado. »

1090
20-Setembro-1909

Xaropes

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar a bellissima chronica, sobre a «Acropole» de Athenas, do nosso festejado e popular chronista João do Norte.

Da involuntaria falta nos desculpem os leitores.

CINEMA J. Pinto

Correspondendo á gentileza de amavel convite fomos antehontem assistir a uma das sessões com que foi inaugurado o cinema J. Pinto.

A impressão que nos ficou foi a melhor possivel.

O apparelho do cinema J. Pinto é dos melhores que temos visto e as fitas escolhidas a capricho, com gosto e intelligencia.

O programma exhibido agradou immensamente; delle destacamos as seguintes films: «Amado pela creada», comica e Finca pé, pr'a não mudar, comicissima.

A local onde funcciona o cinema já é bastante conhecido do publico pela sua commodidade e frescura; por isso nos abstemos de recommendal-o; sua recommendação está feita.

Hontem houve mudança de programma, com uma fita extraordinaria—« O cão de Montargis».

Em todas a sessões de hontem e de sabbado houve enchentes a cunho.

Visite o publico o cinema J. Pinto que não se arrependerá.

Cinema Rio Branco

Com o seu esplendido salão regorgitando de frequentadores, prova de que cada vez mais é preferido pelo publico, realizou, sabbado, a empreza Muratori tres sessões cinematographicas, cujo programma muito e muito agradou.

Dentre as fitas destacámos a «Tosca», exhibida com intelligencia, pericia, e magnifica orchestra, e «Vem buscar a licença deliciosa «film» comica.

Hontem houve duas sessões muito concorridas e uma de nove ás dez, com novo *soirée smart*, da qual destacamos a grandiosa fita—" O Cão de Montargis. "

Continuamos a recommendar ao publico o cinema Rio Branco como um dos melhores desta capital, conveniente, aceiado, fresco e, sobretudo, bem dirigido.

Pedimos ao dr. Delegado de Policia providencias, no sentido de prohibir que meninos e garotos batam palmas estrondosamente, sem motivo, durante as projecções, o que muito incommoda ao publico.

Esperamos ser attendidos.

Pergunta innocente

Seu Targino, pra que você quer essa flor no peito?

1091
22-Setembro-1909

Xaropes

« O bello é o esplendor do verdadeiro. »

(PLATÃO.)

Emile Boutmy diz o seguinte em sua magnifica obra — « Philosophia da architectura na Grecia » :

« Um monumento não é somente a obra do compasso e do esquadro e o seu estylo não depende unicamente dum certo gosto especial e profissional. Além dos instrumentos que talham o marmore e o granito, além do instincto do operario, entrevêm-se uma intelligencia geral, paixões e aptidões de alto valôr e necessidades importantes, que imprimem á architectura de cada epoca um caracter distincto. Para se poder comprehender uma arte monumental como a grega, é indispensavel estudar-lhe as origens intellectuaes, moraes, sociaes e politicas. »

Tem razão de sobra o velho mestre : a philosophia tanto explica o apparecimento ou desapparecimento dum orgão nos individuos do mundo biologico quanto os mais complexos phenomenos do mundo social ; tanto a flôr que desabrocha nas veigas quanto a origem duma columna egypcia das salas hypostylicas de Amenhotep.

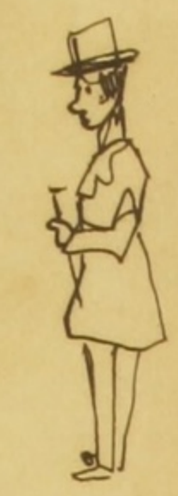
Só se póde estudar a architectura dum povo conhecendo a sua ethnographia, a fauna, a flora, os dados geographicos climatologicos e geologicos do seu habitat, os materiaes de que dispunha, a sua religião, crenças e lendas.

A arte grega galgou os cimos da perfeição na pujança da sua simplicidade.

« A civilização opera como a natureza : vae sempre do complicado ao simples, do disforme ao bello. A idéa dum deus com tromba de elephante e braços de polypo precede o Jupiter de Phidias como o mammouth precede o cavallo.

Economia de materia e harmonia de linhas : fazer muito com pouco é o sonho da natureza e da arte.» (Th. Gautier — Plastique de la civilisation)

Hoje o estudo da arte grega é mais profundo e perfeito do que foi em tempos idos, quando só se conhecia a architectura da Hellade atravéz das columnatas do « forum » romano, dos monumentos plagiados e deformados do Lacio, do hybridismo da Renascença, de Vitruvio e de Palladio



N'esse tempo, quase por completo, eram desconhecidos os artistas da Grecia : Libon, Ictinus, Muesicles e Callicrato. Só Hermogenes fazia excepção.

Vitruvio era tido como o pontifice da architectura. Era infallivel : por isto teve o desplante de dizer que os gregos não empregavam a ordem dorica nos templos. (Vitruvio — liv. IV — cap. III).

Hoje a architectura grega é estudada doutra forma : lê se Philostrato, Viollet-le-Duc, Garnier e Paccard; estudam-se os monumentos classicos, e constroe-se uma base philosophica.

O tempo do DECORAR, das narrações desemxabidas e das descripções de fancaria já vae muito longe.

A architectura grega, tão elegante e tão sublime, producto dessa civilização, que marchou do planalto central do continente asiatico para as costas da Achaia, ahi attingindo o seu apogeu, civilização que produziu Aristoteles e Demosthenes, Anacreonte e Homero, Milciades e Xenophonte, Miumendro e Praxitéles, que faiscou como o olhar de Jupiter nas lanças das phalanges macedonias e bruxoleou, com os Lagidas, em Alexandria ; a architectura grega, repito, não pode ser estudada assim a tôa, sem conceito scientifico, sem aptidão e sem nunca se haver visto Bosc e Beulé, Ramée e Garnier.

Fazer o contrario será profanar a arte divina da divina Grecia.

Os manes de Phidias e de Muesicles levantar-se-ão dos seus tumulos esquecidos nas praias ridentes da Ionia ou nos cerros abruptos da Doria, para anathematizar o sacrilego que a tanto se atrever ; e Socrates, envolto na strynge branca, sob os chorões, entre os restos dos capiteis esphacelados do Portico, bradar-lhe á, sombrio e lugubre :

—Nosce te ipsum !

Será *corajoso* de mais quem se atrever a fallar nos monumentos hellenos sem ter noções de arte, sem conhecer-lhes as partes de per si, desde a scotia ao abaco, dos triglyphos e metopes ao lacrymal, as suas significações, necessidades e origens.

Quem assim fizer merecerá que um tigante lhe dilacere o dorso como dilacerado ficou o do roubador audaz do sagrado *zaimph* de Tanit, a padroeira de Carthago. (Flaubert-Salambô).

Não é necessario dizer que nos estreitos limites desta chronica não cabem todas as apreciações que poderia fazer sobre tão magno assumpto.

45

Passemos, portanto, á Acropole ou Cecropia.

* * *

Dentre os mais celebres e conhecidos edificios da velha terra de Canaris e de Colocotroni, da anarchica republica de Capo d'Istria, da austera patria dos heróes de Missolonghi, da divina Hellade, emfim, destaca se a Acropole, cidadella de granito, quase destruida hoje, trepada no pincaro de ingreme collina, a contemplar nostalgica as ruinas de Athenas.

Fundou-a Cecrops, chefe dos pelasgicos : dahi seu velho nome Cecropia. (Pausanias — 1 — 26).

Primeiro conteve no seu seio a povoação nascente, fraca e mofina Depois transformou-se em guarda da povoação aninhada aos seus pés, que forte e numerosa expandira-se para o valle, onde já podia viver a descoberto, sob a egide da fortaleza. Emfim transformou-se na cidade por excellencia, na cidade alta ; e lá se representava sobre o theatro, se guardavam as alfaias do culto e os altares dos deuses principaes ; lá se encerravam os thesouros do estado, e se davam lições publicas de architectura e philosophia, se abrigavam os collegios sagrados, e lá ainda se enterravam os grandes homens.

Teve as suas dôres e os seus triumphos.

Viu os louros de Milciades e Cimon, os quaes por vezes a restauraram. (Thucydides — 1 — 90 e 93).

Os persas barbudos de Xerxes estragaram na ; as legiões de Sylla desmantelaram na ; os byzantinos transformaram-na ; os cruzados duques de Athenas modificaram na ; os venezianos bombardearam-na, os turcos profanaram-lhe a pureza do Erectheyon com o harem dos pachás.

Os ottomanos foram quem lhe fez maior mal : demoliram o bello templo da Victoria Aptere para montarem em seu logar uma bateria !

Dentro de seus muros erguiam-se monumentaes edificios : o theatro de Bacchо e o Erectheyon ; os templos da Terra, de Apollo, da Victoria, de Diana Brauronia, de Minerva Ergané, de Esculapio e de Ceres ; o Parthenon, do qual disse Th. Gauthier : as suas columnas parecem corpos de virgens pela leveza e elegancia; e os Propyleus, sobre os quaes disse tambem, um poeta gaulez que tinham : *Quelque chose de beau comme un sourire humain.*

O hellено comprehendeu que nada havia de mais perfeito que

o corpo humano : seu espirito não poude conceber forma alguma mais completa ; e dahi se este o ideal regulador de todos os ramos de sua arte. Na sua propria ceramica o ideal foi o mesmo : as amphoras tinham a fórma approximada duma pessôa e as azas semelhavam braços que mantivessem as mãos sobre a cabeça. (Th. Gauthier—Du beau antique et du beau moderne)

A Acropole continha muita estatua celebre, muito monumento de valor : o Apollo Parnopius e a estatua chryselephantina de Phidias ; as estatuas equestres dos filhos de Xenophonte, nos Propyleus ; o monumento choragico de Thrasyllus ; e os altares de Minerva Palliada e Jupiter-tonante.

As *Acropoles* se encontravam ás centenas na Grecia, Sicilia, Italia, Carthago e Asia-menor ; mas a celebre, a conhecida, a grandiosa, a artistica é a de Athenas, hoje, arruinada e decrepita, profanada e abandonada.

Infeliz Acropole, profanaram-te as bombardas venezianas e as odaliscas sarracenas e ainda hoje te profanam as descripções *phobós* das revistas de quotilhquê com illustrações de carregação ! Dize-me, caduca cidadella dos pelasgicos, como o corpo de Seleuco Nicator (o vencedor), rei da Syria, veio parar no teu recinto, já que Beulé, no seu optimo livro «A Acropole de Athenas» e Viollet-le-Duc, na sua minuciosa monographia, nada me dizem sobre isto !

O' manes de Phidias e Mnesicles, materializae-vos e vinde ouvir o que rosnam sobre a vossa Acropole, sobre a vossa caduca fortaleza de granito !

JOÃO DO NORTE.

1092
24-Setembro-1909

Xaropes

Dai graças aos numes, leitores !

Hoje não vos caceteio. Triturei drogas, moi substancias, combinei essencias...e nada do xarope prestar. Paciencia !

Na minha ultima chronica, no seguinte periodo : — destruiram o templo da Victoria Apére para collocarem nelle uma bateria, o typographo saltou fazendo-me dar, em vez dum salto, — um solecismo deste tamanho !

No original era assim : — destruiram o templo da Victoria Aptére para os artilheiros collocarem nelle uma bateria

Na revisão, não se notou o pedacinho cassange.

Si fosse um lapso meu mesmo era desculpavel, pois, quando se escreve (distracção ou pressa), é frequente o erro do emprego do infinito pessoal. O proprio Castilho errou : « Andavam pelo bosque a passearem...» (Recurso de poeta ; está ahi o Piú que o diga) *Errare humanum est.*

Isto vai á guisa de errata. Ha pobres de porta que juntam as maravalhas dos carpinteiros p'ra o fogo da manhã e ha pobres de espirito que juntam as esquirolas dos escriptos alheios para seu maior gaudio : é por causa desses ultimos infelizes que vai o cavaco. Coitados ! *Beati pauperes spiritu !*

JOÃO DO NORTE.

Os nossos chronistas

Acabamos de ler, transcripta no nosso collega «Diario de Natal», uma das brilhantes e espirituosas chronicas do João do Norte, o actual chronista do "Jornal"

O "Jornal do Ceará" tem tido incontestavelmente a primazia em chronistas nesta sàfara Fortaleza.

A' phrase ironica, cortante e fina do saudoso Jack, succedeu a indignação vibrante de Jacy Ubirajára, chicoteando as faces esqualidas dos truões com o vergasto da mordacidade, como o Jack chicoteou-as com o tagante de sua ironia desdenhosa e aguda.

Depois appareceu o João do Norte, cujas chronicas já viajam fóra do Estado. provando o seu merito, galhofeiras, espirituosas, tilintando os guisos da tunica da troça junto ao rosto dos imbecis, da troça e do ridiculo em que elle tem por costume vestir os ineptos e os desfructaveis

Os nomes de nossos chronistas já são conhecidos por ahi em fóra ; e isto vem provar o seu merito e valor.

Ao João, portanto, nossos parabens.

1093
26-Setembro-1909

Dr. Manoel Moreira da Rocha

NA DERROCADA actual do caracter e da dignidade tem ficado de pé, impassivel, muito vuito limpo, para quem a honra é um evangelho.

São dois os caminhos impostos ao homem : o do bem e o do mal. Ha homens que marcham pelo primeiro e ha outros que patinham no lôdo do segundo.

Dentre os homens, que, actualmente, arrostando tudo, mantêm-se illibados, abroquelando-se na rijeza do seu brio, destaca-se o dr. Manoel Moreira da Rocha.

Debalde a matilha dos assalariados lhe uiva aos pés, respingando no diccionario dos baldões os insultos mais soezes para lh'os assacar : elle caminha na rota traçada, desdenhando-os, firme e sereno.

O dr. Manoel Moreira da Rocha formou-se, após bellissimo curso, na Faculdade de Medicina da Bahia, onde sempre provou a sua grande aptidão para a arte que Esculapio presidia outr'ora na velha Hellade.

Foi interno de cirurgia do afamado operador cearense dr. Pacheco Mendes, que o estimava muito e nelle depositava a maior confiança.

Tem-se distinguido sempre nas lides da imprensa, foi redactor da «Revista do Gremio dos Internos» ; collaborou no « Diario de Noticias ; e, no « Jornal do Ceará», a sua penna tem cantado o hymno do trabalho e da verdade á face dos tartufos e ociosos.

Ganhou fóros de magnifico orador na festa da entrega do quadro dos bacharelandos, da Faculdade de Medicina.

Transcrevemos a seguir o trecho de um seu discurso, que vem mais uma vez pôr em destaque o seu raro talento e cultura :

« E'. pois, para a hygiene que devem convergir as vistas dos investigadores da medicina.

A hygiene para a posteridade representará um raio de um fulgor resplandecente, projectado dardejante no vasto ambito da sciencia medica.

Impulsionada, primeiramente, como veremos, se lançarmos um olhar retrospectivo para a historia da prophylaxia da variola, pela prodigiosa e grandisona descoberta do poder preventivo de Cow-pox, que levou Jenner ao pantheon dos genios e á veneração dos vindouros, a hygiene, desde então, encetou a progredir de par com o augmento sublime da erudição humana.

Foi depois de Pasteur, o patriarcha da Bacteriologia, um dos espiritos mais lucidos do seculo que passou, o investigador fragueiro, o mestre inimitavel, que na arte de conservar a saude e de prevenir a molestia », no dizer de Degruves, mais tem avançado no immensuravel delubro do Progresso.

O penetrar no mundo dos seres pequenissimos desvendou um largo espaço que a nuvem da ignorancia então obscurec

O achado inestimavel do grande sabio francez, trazendo para a medicina uma nova phase, deslumbrante pelo adeantamento e pela evolução que causou, attrahiu um avultado numero de scientistas notaveis, que se entregaram a taes pesquizas; e dahi Kock, notabilissimo professor allemão, mostrando ao mundo pensante a causa efficiente do terrivel flagello da humanidade, em todos os tempos e em todos os cantos do Universo — a tuberculose; Yersin descobrindo o germen productor do mal levantino; Laveran encontrando no sangue o animalculo do paludismo; d'ahi outras e outras descobertas, qual a mais esplendorosa em interesse, quer para a therapeutica quer para a hygiene.

De modo que cada dia mais se acerca do alvo da realidade a prophecia de Foussagrives: "a arte de conservar a saude não é distincta da de restabelecel-a, e a medecina realisará immenso progresso na epocha em que tiver destruido a fronteira arbitraria entre a hygiene a therapeutica. » E, Senhores, se isto é certo, não é menos verosimil que constitue a suprema aspiração da sciencia, que Hypocrates começou a ensinar sob os vetustos carvalhos da ilha de Cos, o encontro do infinitamente pequeno, protagonista de cada individualidade clinica.

Conhecido portanto o agente productor da entidade morbida, ter-se á uma orientação exacta do seu tratamento e principalmente no emprego das medidas prophylaticas.

Que affirmem as devastações feitas pela peste negra, que no velho continente ceifou vinte e cinco milhões de vidas, um quarto de seus habitantes, naquella epocha, antes da memoravel descoberta do immortal Yersin!

Que attestem os estragos occasionados pela variola anteriormente a Jenner!

Que documentem as invasões da febre amarella, quando desconhecidos seus modos de contagio e sua prophylaxia! »

E' dos melhores medicos operadores do Ceará: tem sciencia, pericia e aptidões incontestaveis.

Tem praticado dezenas de operações com desenlaces felizes.

E' humanitario, bondoso e caritativo no afanoso mister que se propoz seguir. A sua numerosissima clinica que o attoste.

Seu nome já é conhecido fóra do Estado e alguns de seus artigos sobre medicina e therapeutica têm sido transcriptos.

Hoje é o dia de seu anniversario; e todos nós, os desta casa, nos associamos de bom grado ás alegrias que enchem o seu lar.

Que elle queira acceitar as expressões de amizade e respeito que lhe tributamos e os nossos votos — para que os seus olhos vejam raiar o sol deste dia por muitos e longos annos.

G. Barroso.

"O Gymnasial"

Fortaleza, 20 — Cahiu, apodrecido, um fiapo da barba do sr. Accioly. Grande consternação na cidade.

Fortaleza, 21. — Amanheceu amollecido o queixo do Zé Gorgeta, centesimo nono filho do sr. Accioly.

Telegraphista.

46

Transcripto da "Evolução Litteraria" do Rio de Janeiro.

Petropolis 3-Julho-1910

42 A

O Alexandre de Oliveira Lima foi uma das creaturas mais tôlas que conheci e com quem privei.

Travei relações com elle numa fastidiosa e longa viagem de caminho de ferro, ao atravessar o comboio, por entre nuvens de pó, sob a ardencia do sol, a vastidão erma dos sertões do norte.

Deus lhe fale n'alma, pois já passou desta para melhor nas fauces sinistras dum jacaré, no torvo e volumoso Xingú.

Por mais que houvesse vivido em um meio adiantado e em boa convivencia, nunca perdeu a estupidez nata que o caracterizava: era bruto como um jumento de carga, bruto como um gallêgo de carroça.

A' cata de recursos foi para a Amazonia, terra de illusões, de riquezas faceis e de sonhos doirados que deslumbram a mente de muita gente tôla e de muita gente sabida...

Para lá partiu no «Planêta», a carroça mais ruim do «Lloyd», calhambeque môfento e caduco. Como unica bagagem levava uma mala de coiro crú, com fechadura antiga, chamada de *bróca*, e pregaria doirada, traste sertanejo da ultima metade do seculo dezoito, forte, pesada e feia. Na tampa pregára um rectangulo de papel almasso, branco, com tres LLL em letras maiusculas, muito negras e muito vistosas.

Perguntei-lhe ao embarque o que significavam aquellas três letras tão negras e tão orgulhosas. Respondeu-me, enrolando o grosseiro cigarro, que eram as suas iniciaes, as primeiras letras do seu nome por extenso.

— Do teu nome! exclamei.

— Sim; que duvida! Do meu nome por extenso! Do meu nome: Lixandre Liveira Lima. São tres LLL, pois não são?!

Nessa mesma occasião dei-lhe o meu cartão de visita com o endereço: João do Norte, Barão de Mesquita, 42 A. Pedi-lhe que me escrevesse mandando noticias suas e de outros camaradas meus, rudes pioneiros perdidos na selvatiqueza do Acre e do Juruá

No fim de quatro mezes recebi uma carta com o carimbo longinquo de Puerto-Alonso. Ao abril-a estoirei de riso. Ri! Ri loucamente, furiosamente!... Era do Alexandre, e o sobrescripto rezava assim: João do Norte. Barão de Mesquita AAAA... Virei o *enveloppe*: os AA não haviam cabido dum só lado, rodeavam pelo outro, em linha, negros, rigidos, firmes, graves e mudos como soldados em parada. Num canto uns ascendiam abeirando a carta. Tive a pachorra de contal-os. Eram quarenta e dois! Quarenta e dois, Deus do céo! Nem um um de mais, nem um de menos!...

João do Norte.